

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ISABELA VIANNA PINHO

**CASA DE MULHER:**

os circuitos cotidianos de cuidado, dinheiro e violência em São Carlos/SP

São Carlos

2019

ISABELA VIANNA PINHO

**CASA DE MULHER:**

os circuitos cotidianos de cuidado, dinheiro e violência em São Carlos/SP

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia da Universidade Federal  
de São Carlos para obtenção do  
título de Mestra em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel de  
Santis Feltran

São Carlos

2019

Vianna Pinho, Isabela

Casa de mulher: os circuitos cotidianos de cuidado, dinheiro e violência em São Carlos/SP / Isabela Vianna Pinho. -- 2019.  
201 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Gabriel de Santis Feltran

Banca examinadora: Rodrigo Constante Martins, Gabriel de Santis Feltran, Camila Pierobon Moreira Robottom, Luana Dias Motta

Bibliografia

1. Sociologia Urbana. 2. Etnografia. 3. Gênero, cuidado, dinheiro, violência. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS


Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

---

### Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Isabela Vianna Pinho, realizada em 12/04/2019:




---

Prof. Dr. Rodrigo Constante Martins  
UFSCar


---

Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran  
UFSCar



---

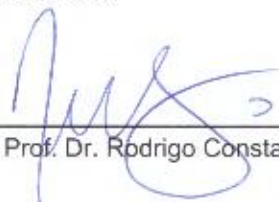
Profa. Dra. Camila Pierobon Moreira Robottom  
CEBRAP



---

Profa. Dra. Luana Dias Motta  
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Gabriel de Santis Feltran e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.



---

Prof. Dr. Rodrigo Constante Martins

*À Maria, Bela, Ana, Rosa e a todos os seus familiares.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Maria, Bela, Ana e Rosa por me deixarem entrar e permanecer em suas casas. Vocês me inspiram e me ensinam muito, sobretudo as formas de reabitar a vida ordinária a cada novo acontecimento. A força de vocês é gigantesca. Agradeço aos seus familiares, às crianças, aos maridos, filhos, netos e genros, às noras e vizinhas. Sou grata também a todas as outras moradoras das *casinhas do Abdelnur* que convivi. Um agradecimento especial à Dani e Flávia, funcionárias da Prefeitura de São Carlos, que apesar de não entrarem na dissertação, ajudaram-me quando foi preciso.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo auxílio financeiro imprescindível para a execução da pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar), agradeço por toda acolhida institucional. Aos professores deste departamento que tanto me ensinaram e me inspiraram para seguir essa carreira. Em especial ao professor e coordenador da pós-graduação, Rodrigo Constante Martins. À Silmara Dionísio, secretária do programa, pela disponibilidade e eficiência de sempre. Também agradeço ao departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (DCSo/UFSCar) que me formaram como bacharela deste curso. À Universidade Estadual Paulista de Araraquara (UNESP) que permitiu que eu cursasse a licenciatura. Ao Centro de Estudos da Metrópole pela qualidade e estrutura oferecida a mim enquanto pesquisadora júnior.

Devo dizer que desde meu ingresso em 2013 no curso de Ciências Sociais da UFSCar até aqui, fui privilegiada por participar de aulas e debates de muita qualidade. Finalizar a dissertação em um contexto político como esse, em que se tornam cada vez mais raras e incertas as possibilidades de trajetórias acadêmicas como a minha, faz com que eu seja grata pelos bons momentos que vivi nas universidades públicas no Brasil. Agradeço, então, a quem esteve e está na luta para construí-las e transformá-las em espaços mais democráticos e igualitários.

Sou grata à banca de qualificação composta por mulheres incríveis: Adriana Vianna e Luana Dias Motta. Agradeço pela leitura do texto e pelos comentários essenciais que deram norte à esta dissertação. À Camila Pierobon, por ter aceitado o convite de participar da defesa, obrigada desde já.

Agradeço imensamente ao meu querido orientador e amigo, Gabriel Feltran. Já se foram alguns anos de aulas, palestras, reuniões, orientações e muitas conversas. Eu não me canso de ouvi-lo, também não cessam os aprendizados sobre a sociologia, a etnografia e a vida. Sou grata pela atenção e suporte de sempre. Muito obrigada pela confiança nesses anos, por me fazer acreditar no meu próprio potencial e pela parceria ao longo dessa caminhada. Valeu mestre, seguimos juntos!

Aos companheiros do Núcleo de Pesquisas Urbanas NaMargem, meu muito obrigada. As discussões qualificadas me formaram enquanto pesquisadora e muito do que trago neste texto é fruto disso. Os encontros proporcionados pelo grupo extrapolam os limites da academia; os bares, viagens, churrascos e as conversas nos tornaram amigos e companheiros de profissão e de vida. Um agradecimento especial às queridas Deb, Lu, Jana, Domi e Ana. Aos queridos André, Evandro, Greg, Lucas e Felipe (praticamente um agregado do grupo).

Sou eternamente grata às amigadas que a universidade me proporcionou, desde a graduação até o fim do mestrado. Primeiramente quero mencionar os laços que se iniciaram lá em 2013 e que permanecem fortes: Mayara, Marina, Geórgia, Douglas, Giza e João. Muito obrigada, os anos de graduação ao lado de vocês foram inesquecíveis. Também agradeço aos amigos e colegas que fizeram parte da intensa caminhada em São Carlos: Gui, Aninha, Palm, Brunão, André, Rafael, Dionys, Marco, Tamires, Dayane, Hasani, Larissa, Pedro e Fernanda. A todos os colegas de turma do mestrado, em especial Paula, Nati, Vivis e Jade. Aos ‘rolezeiros’ que tornaram o ano de 2017 inesquecível: Pina, Tarcísio e Milena. Às amigas queridas que a experiência do ‘habitar com’ me trouxeram: Bia e Monique. Por fim, às irmãs que não tive, aquelas com quem compartilhei casas: Brenda e Cris. Obrigada pela parceria, permanecemos juntas onde quer que estejamos.

Aos amigos de Santos que mesmo distantes sempre se fizeram presentes nesse processo: Paulo, André, Luísa, Pitico, Ana, Renata, Dedé e Mayara. Um agradecimento especial ao Felipe, que tanto me ouviu e acompanhou o desenrolar da pesquisa. À minha terapeuta Maria Cecília pelo suporte psicológico e por estarmos juntas na luta por um mundo mais justo para nós, mulheres.

Às minhas avós, Rose e Lucinda, mulheres que tanto me inspiram. Ao meu avô Armando, ao meu falecido avô Eduardo. Às minhas queridas tias: Salete, Emília, Paula, Adriana e Isabel. Aos meus tios: Marcos, Feliciano, Júlio, Álvaro e Eduardo. Às minhas primas maravilhosas: Mariana, Maria Angélica, Bia e Pri. Aos meus primos mais novos que hoje já curtem a juventude: Leandro e Victor. Um agradecimento especial à Ana,

obrigada por nos ajudar em casa durante todos esses anos. Ao meu companheiro não humano, Raul. Obrigada a todos vocês por compreenderem a minha ausência, principalmente durante o mestrado.

Por fim, agradeço aqueles que são a base de tudo, sem eles nada seria possível. Agradeço ao meu querido irmão mais velho, Rapha, que detém do abraço mais acolhedor desse mundo. Sua racionalidade e praticidade me encantam. Você mal sabe, mas me faz ter pés no chão e ambição para seguir em frente. Ao meu irmão Henrique, meu parceiro de vida, de discussões acaloradas e de profissão. Espero que em algum momento próximo nosso coração fique mais leve, que a gente consiga ver um mundo mais justo e com menos ódio. Meu muito obrigada, irmãos amados.

À minha querida mãe, queria agradecer por me fazer enxergar os minuciosos detalhes da vida, bem como a imensidão daquilo que não é palpável. As cores, os pequenos objetos e gestos, os desenhos, a arte, a lua, o mar. Esta dissertação jamais seria tão densa se não fosse seu olhar que me faz enxergar aquilo que muitas vezes não é sequer notado. Você não deve imaginar o quanto desse texto tem de nós. Obrigada por todo o cuidado comigo.

Ao meu amado pai. Não existem palavras que expressem o quanto sou grata. Muito obrigada pela leitura de cada página, pelos comentários, por se mostrar tão interessado por essas histórias. Sou grata por todo o suporte psicológico e financeiro,

pelo apoio e incentivo a estudar quanto tempo for preciso. Tê-lo em minha vida é um privilégio! Há anos atrás você se propôs a escrever uma dissertação de mestrado sobre as mães da Praça de Maio. Hoje, eu escrevo sobre as mães do Abdelnur e este título de mestra que vou conquistar é para você.



*“Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias,  
Mahins, Marielles, malês...”*

*Samba-Enredo Estação Primeira de  
Mangueira (RJ - 2019)*

## RESUMO

Pinho, Isabela. *Casa de mulher: os circuitos cotidianos de cuidado, dinheiro e violência em São Carlos/SP*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2019.

Esta dissertação nos mostra como estado, gênero, economia, parentesco e família se produzem e se conectam no cotidiano. Aqui, analiso as formas que Maria, Bela, Ana e Rosa habitam a vida ordinária. Moradoras de um bairro promovido pelo programa federal Minha Casa, Minha Vida em São Carlos/SP, as quatro mulheres também são (ou foram) titulares do programa Bolsa Família. A pesquisa mostra que as duas políticas constituem um entre outros universos possíveis de sentido pelos quais as moradoras se movem. O texto está dividido em duas partes. Na primeira, argumento que os processos de vida e de casas, bem como as formas de habitar e viver se emaranham nos cotidianos; também demonstro como o passado se embebe no presente e os eventos extraordinários se embebem no ordinário. Num segundo momento, argumento que a casa só pode ser pensada em configuração, isto é, só existe em relação. Desse modo, nos últimos capítulos descrevo três circuitos cotidianos – de cuidado, dinheiro e violência - que conformam mutuamente a configuração de casas. Ao olhar para tais circuitos, é possível analisar os fluxos de objetos e pessoas, bem como as relações de violência e conflito dentro e entre as casas. Ademais, os circuitos demonstram que existe intersecção entre supostas antinomias como, por exemplo, dinheiro e intimidade; domínio econômico e do afeto; vida e economia; casa e trabalho; reprodução e produção. Como estratégia metodológica e analítica, defendo que uma etnografia de ‘casa de mulher’ em configuração permite enxergar o ‘entre’; ou seja, possibilita captar os fenômenos sociológicos de forma relacional. O que se verá aqui serão linhas que expõem as miudezas postas em prática por Maria, Bela, Ana e Rosa para tornar o mundo reabitável a cada novo acontecimento.

Palavras-chave: Cuidado. Dinheiro. Violência. Vida ordinária. Casa de mulher.

## ABSTRACT

Pinho, Isabela. *Woman's home: everyday circuits of care, money and violence in São Carlos/SP*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2019.

This dissertation shows us how state, gender, economy, kinship and family are produced and connected in everyday life. Here, I analyze the forms that Maria, Bela, Ana and Rosa dwell to ordinary life. Residents of a neighborhood promoted by the federal program Minha Casa, Minha Vida in São Carlos/SP, the four women are also (or were) holders of the Bolsa Família program. Research shows that the two politics are one among other possible universes of meaning by which they move. The text is divided into two parts. In the first, I argue that the processes of life and of houses, as well as the ways of living and houses, are entangled in everyday life; also show how the past are embedded in the present and extraordinary events are embedded in the ordinary. In a second moment, I argue that the house can only be thought of in configuration, that is, it only exists in relation. Thus, in the last chapters I describe three everyday circuits - of care, money and violence - that mutually shape the configuration of houses. By looking at such circuits, it is possible to analyze the flows of objects and people as well as the relationships of violence and conflict within and between houses. In addition, the circuits demonstrate that there is an intersection between supposed antinomies such as money and intimacy; economic domain and affection; life and economy; home and work; reproduction and production. As a methodological and analytical strategy, I argue that an ethnography of 'woman's house' in configuration allows one to see the 'between'; that is, it makes it possible to capture sociological phenomenon relationally. What will be seen here will be lines that expose the offal put into practice by Maria, Bela, Ana and Rosa to make the world habitable again with each new event.

Keywords: Care. Money. Violence. Ordinary life. Woman's home.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

CadÚnico – Cadastro Único

CEMEI – Centros Municipais de Educação Infantil

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

EMEB – Escola Municipal de Educação Básica

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

HIS – Habitação de Interesse Social

PBF – Programa Bolsa Família

PMCMV – Programa Minha Casa, Minha Vida

PMCMV-1 – Programa Minha Casa, Minha Vida Faixa 1

PROHAB - Progresso e Habitação de São Carlos

SMCAS – Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social

UBS – Unidade Básica de Saúde

UFSCar– Universidade Federal de São Carlos

UNESP – Universidade Estadual Paulista

USF – Unidades de Saúde da Família

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Apresentação.....	13
A organização da dissertação.....	16
Algumas palavras sobre estado e gênero .....	19
Casa e (re)configuração de casa.....	22
PARTE I - FORMAS DE HABITAR A VIDA ORDINÁRIA.....	30
CAPÍTULO 1 - PODE ENTRAR, ISABELA .....	31
1.1 A minha trajetória até as <i>casinhas do Abdelnur</i> .....	33
1.2 As entradas em ‘campo’ .....	38
1.3 As alianças com Maria, Bela, Ana e Rosa .....	40
CAPÍTULO 2 - PROCESSOS DE VIDAS E DE CASAS.....	57
2.1 Maria .....	59
2.2 Bela.....	65
2.3 Ana .....	76
2.4 Rosa.....	87
2.5 As formas de habitar e de viver.....	98
2.6 As memórias.....	100
2.7 O passado embebido no presente, o extraordinário embebido no ordinário ...	101
CAPÍTULO 3 - A VIDA SOCIAL DAS CASINHAS DO ABDELNUR .....	103
3.1 O Residencial Eduardo Abdelnur.....	103
3.2 A questão social brasileira, o PBF e o PMCMV-1 .....	119
3.3 Os “novos” programas sociais e as relações de gênero.....	124
PARTE II – CASA DE MULHER.....	126
CAPÍTULO 4 – CIRCUITOS DE DINHEIRO .....	127
4.1 As trocas de objetos, alimentos e dinheiro.....	128
CAPÍTULO 5 - CIRCUITOS DE CUIDADO .....	146
5.1 Os fluxos de crianças, pessoas e cuidados .....	148
CAPÍTULO 6 - CIRCUITOS DE VIOLÊNCIA .....	171
6.1 As circulações de conflitos e violências.....	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	186
Os paradoxos do estado no cotidiano .....	186
Os fios que teceram a dissertação .....	191

As mudanças políticas no país e na pesquisa.....	192
REFERÊNCIAS .....	196

# INTRODUÇÃO

## Apresentação

Esta dissertação nos mostra como estado, gênero, economia, parentesco e família se produzem e se conectam no cotidiano. Como objetivo principal, a pesquisa buscou analisar os modos que Maria, Bela, Ana e Rosa reabitam a vida ordinária. O que o leitor encontrará aqui serão várias pequenas histórias do cotidiano de suas casas e de outras inter-relacionadas.

*É pouco, mas ajuda*<sup>1</sup> é uma expressão habitualmente usada por elas, moradoras do conjunto habitacional Eduardo Abdelnur, quando dizem sobre o benefício do programa Bolsa Família (PBF). *Mas só de ter a minha própria casa* é outra expressão recorrente quando fazem referência às suas casas, promovidas pelo programa Minha Casa, Minha Vida faixa 1 (PMCMV-1) na periferia de São Carlos, cidade localizada no interior do Estado de São Paulo.

Quando iniciei a etnografia em abril de 2018 neste bairro, buscava compreender - a partir dos cotidianos - os diferentes sentidos de expressões como as mencionadas acima por titulares do PMCMV-1 e do PBF. Como se sabe, as duas políticas são reconhecidas como grandes realizações dos governos Lula (2003-2011) e Dilma (2012-2016), tendo marcado as cidades e as populações pobres brasileiras de formas indelévels. E atingiram, especialmente, os cotidianos das mulheres que são alvos preferenciais nos dois programas. Mas de que forma as atingiram?

As chaves das *casinhas do Abdelnur* foram entregues no final de abril de 2016. Assim, as famílias precisaram reabitar a vida. O bairro não oferecia – e ainda não oferece - equipamentos públicos coletivos como, por exemplo, escolas, creches e postos de saúde. Interessada em entender como, então, as titulares do PBF faziam para cumprir as condicionalidades, dei início a pesquisa de campo. A questão específica que pretendia

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto, serão utilizados nomes fictícios para todas as pessoas com o objetivo de preservar seus anonimatos. Além disso, serão utilizados os seguintes critérios gráficos: termos, expressões, categorias êmicas/nativas serão indicados em itálico, já as reproduções de falas mais longas no corpo do texto estarão entre aspas duplas. As palavras, expressões ou citações que fazem referência a conceitos, categorias, fontes bibliográficas ou outras fontes documentais escritas virão da mesma forma: com aspas duplas acompanhadas das devidas referências. As aspas simples indicam palavras e expressões minhas que indicam ironia, coloquialidade, problematização, suspeita. O sublinhado diz respeito às ênfases de minha autoria.

analisar era: dadas as condições do bairro, como as titulares cumpriam a condicionalidade da educação imposta pelo estado<sup>2</sup>?

De certa forma a dissertação responde tal questão, mas levanta várias outras, já que levar e buscar os filhos nas escolas é uma das atividades dentre tantas outras que as moradoras realizam no dia a dia; esta era mais uma situação a ser lidada, gerida e negociada no cotidiano. No decorrer da etnografia e posteriormente na escrita deste texto, os assuntos que eram de meu interesse, por exemplo como faziam para cumprir as condicionalidades, acabaram se diluindo no emaranhado de outras questões, lutas, necessidades e prioridades do cotidiano das interlocutoras. Nesse movimento, o que passou a me interessar era o que elas queriam me falar. Passei a observar, então, os pequenos gestos, a capturar as redes de relações, permiti acompanhar os diferentes problemas que tecem suas vidas ordinárias<sup>3</sup>.

Dito isso, o objeto central da pesquisa se alterou. Não que eu tenha deixado de olhar para as políticas e, especificamente, para condicionalidades nos cotidianos; mas elas paulatinamente se tornaram contextuais. Isto é, elas aparecem no texto como um ‘pano de fundo’ sobre o qual as interlocutoras estão inseridas. Como a dissertação mostrará, as políticas constituem um entre outros universos possíveis de sentido pelos quais as moradoras se movem.

Ao permitir que os dados do campo me mostrassem o que aparecia mais ou o que era mais relevante, as casas e as relações entre casas saltaram aos meus olhos. Logo me atentei que uma série de pessoas desempenhavam múltiplos papéis na produção cotidiana da domesticidade e, devido a isso, resolvi analisar as casas em configuração, não somente

---

<sup>2</sup> Utilizo a grafia de estado em minúscula para diferenciá-lo da definição mais usual de Estado como somente um conjunto de instituições públicas ou aparatos ideológicos. O caráter de estado objetivado é pensado aqui com referência a teoria Weberiana, “[...] devemos conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território - a noção território corresponde a um dos elementos essenciais do Estado - reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física” (WEBER, 1968, p.56). O estado é ao mesmo tempo um agente, produzido no curso e como resultado de suas ações. Abrams (2006) nos mostrou a dificuldade de estudar o estado dada sua complexidade e processualidade; propôs levar em consideração a dimensão de Estado-sistema, sem descartar a dimensão Estado-ideia. Os trabalhos de Das (2004; 2008) levam a sério esse esforço de não pensar o estado como unidade; sua proposta analítica de olhá-lo a partir das margens permite que nele se produza fissuras e que se quebre sua suposta solidez. Vianna (2014) e Vianna e Lowenkron (2017) trazem análises dos processos de estado, em movimento, atentando para seu fazer-se progressivo e seus momentos reificados. Discutirei mais essas questões na próxima seção.

<sup>3</sup> A vida ordinária não é o lugar do óbvio, do garantido, da repetição; é o lugar da reabilitação a cada novo evento, ou seja, a cada novo acontecimento as pessoas recriam as relações, se reconstituem enquanto sujeitos com raça, classe, gênero, corpos e subjetividades (Das, 2005; Pierobon, 2018).



as mulheres. Em suma, serão as casas os fios condutores que ligam todos os capítulos do texto.

Com essa escolha, ao olhar com atenção para as casas e a partir delas pode, então, observar os modos de reabitar a vida ordinária; pode analisar as relações sociais, as trocas cotidianas, os laços, as redes, os fluxos e as circulações. Como se verá a seguir, essas relações entre casas são construídas cotidianamente e ao longo do tempo; estão em constante transformação e envolvem interdependências, cooperações, solidariedades, afetos, moralidades, obrigações, proibições, assimetrias, reputações, conflitos, etc.

A etnografia das casas, portanto, é a estratégia metodológica utilizada para dar conta de uma sociologia do cotidiano, do ordinário. Foram pelo menos quatro meses de pesquisa de campo mais intensa no bairro Eduardo Abdelnur em São Carlos/SP. A dissertação se valeu de procedimentos já consagrados nas etnografias urbanas, isto é, aqueles que privilegiam três frentes associadas de investigação: as visitas e encontros de observação reflexiva de atividades cotidianas e rotineiras; a realização de entrevistas em profundidade e a coleta de documentação de interesse. As informações empíricas serão organizadas, trabalhadas e apresentadas no decorrer do texto a partir dos “processos de vida e de casas” e de “cenas descritivas”.

As mulheres geralmente são as principais agentes na gestão deste universo social das casas, são elas as responsáveis por colocar em movimento grande parte dos circuitos e trocas. No entanto, como pretendo deixar claro no decorrer do texto, elas não estão ligadas à casa em oposição a um suposto espaço público; na realidade estão ligadas através de práticas cotidianas que muitas vezes são a base da economia e do estado, por exemplo. Também ficará evidente que a questão de gênero aparece a todo momento nas descrições como constitutivas das tessituras da vida ordinária.

É fato que as mulheres reabitam a vida ordinária de formas distintas e evidentemente não foi possível trabalhar em detalhes todas elas. Acredito, porém, que na composição de práticas bem diferentes, que se entrecruzam no mesmo local, as formas de reabitar puderam ser razoavelmente qualificadas e matizadas aqui. Desse modo, ao longo do texto, o objetivo será de desdobrar o sentido que a expressão ‘formas de habitar a vida ordinária’ nomeia. Esta que tenta informar acerca dos esforços para tornar os mundos habitáveis, ou seja, as estratégias de vida, as formas de gerir e manter as casas, ganhar e gastar dinheiro, planejar o futuro, cuidar dos filhos e familiares, administrar o tempo, lidar com a violência e com o estado.

‘Casa de mulher’ é o objeto de investigação central desta dissertação. Argumento aqui que, ao olhar para as casas e a partir delas, é possível compreender os modos pelos quais moradoras do Abdelnur habitam a vida ordinária, desse modo, este termo dá inteligibilidade aos seus cotidianos. Ademais, ‘casa de mulher’ permite uma abordagem relacional, combinando aspectos físicos e sociais, materiais e simbólicos. Ou seja, é um objeto sociológico que permite romper com dicotomias e, por outro lado, demonstra que no cotidiano existem fluxos, circulações, relações entre o universo público/privado; de produção/reprodução; da vida/trabalho; da casa/economia; do espaço doméstico/não doméstico, etc. Em suma, o leitor verá adiante que diversas dimensões da vida social estão entrelaçadas no cotidiano, como a economia, família, gênero e estado. A lógica econômica, por exemplo, é inseparável das relações de afeto, das obrigações entre as casas e das moralidades que as unem. A representação analítica ‘casa de mulher’ permite qualificar as formas pelas quais essas dimensões sociais estão emaranhadas no cotidiano.

Defendo que ‘casa de mulher’ só existe em relação, em “configuração” e elas se reconfiguram ao longo do tempo; logo, estão em constante transformação, em movimento. Cada uma delas é, portanto, relativamente autônoma, mas dependente de outras. São as trocas ocorridas entre elas que constituem a “configuração”. E são as circulações de objetos, alimentos, dinheiros; cuidados, crianças, pessoas e violências que exemplificam tais trocas e que sustentam a “configuração” de ‘casa de mulher’. Em resumo, nos fluxos, circulações e transformações que o arranjo ‘casa de mulher’ e seus elementos se constituem mutuamente.

O que se verá aqui serão linhas que expõem as miudezas postas em práticas por essas mulheres para tornarem seus mundos reabitáveis a cada novo acontecimento. São gestos que muitas vezes são considerados minúsculos, quase invisíveis e nada heroicos que tecem suas vidas ordinárias. Ao mesmo tempo que o leitor verá histórias de sofrimento, dor, tristeza, perda; também verá histórias de luta, resistências, enfrentamentos e coragem.

## **A organização da dissertação**

A dissertação está dividida em duas partes principais: ‘Formas de habitar a vida ordinária’ e ‘Casa de mulher’. Cada uma delas possui três capítulos. No primeiro, ‘Pode entrar, Isabela’, apresento: (1) a minha trajetória enquanto estudante pesquisadora até a chegada nas *casinhas do Abdelnur*; (2) as mudanças de estratégia de entradas no ‘campo’

e, por fim, (3) as alianças com as quatro interlocutoras principais e como conheci cada uma delas. A ideia deste capítulo inicial da dissertação é situar o leitor sobre a pesquisa de campo, isto é, mostrar ‘de onde eu falo’, como me apresentei ‘no campo’, qual a metodologia utilizada, como a etnografia foi feita, quais as técnicas complementares, como estabeleci as alianças com as interlocutoras e como as conheci.

O capítulo 2, Processos de vida e de casas, descreve a sucessão de configuração de casas que as interlocutoras fizeram parte ao longo da vida até chegarem às *casinhas do Abdelnur*. A casa é tomada como fio condutor para descrever os processos de vida de Maria, Bela, Ana, Rosa e de seus familiares. Existem dois argumentos subjacentes neste capítulo, como sintetizo no final dele. Primeiro, os processos de vida se relacionam com as casas e os modos de habitar e de viver estão emaranhados. Segundo, as memórias passadas das casas são fundamentais para compreender as formas de habitar o mundo hoje; como ficará evidente, o passado se embebe no presente e os eventos extraordinários se embebem no ordinário.

O capítulo 3, A vida social das casinhas do Abdelnur, tem a pretensão de contextualizar as casas de Maria, Bela, Ana e Rosa. Ou seja, interessa mostrar ao leitor qual o ‘pano de fundo’ em que suas casas estão situadas. Na primeira seção debato o PMCMV faixa 1 em São Carlos e apresento uma visão do bairro: onde está localizado; qual tipo de transporte público existente; quais os trajetos para as escolas, creches, postos de saúde e comércios mais próximos, etc. Em seguida, discuto sobre a questão social brasileira de forma mais geral e o PBF e o PMCMV-1 em específico. Por fim, a última seção traz uma discussão breve sobre os “novos” programas sociais latino-americanos e as relações de gênero. A ideia deste capítulo é apresentar as características do território que realizei a pesquisa. Mais do que isso, pretende-se com este capítulo fazer um estudo social sobre as *casinhas do Abdelnur*, estas que são produtos de uma obra, de uma política social. Evidentemente que o bairro analisado é um exemplo que pode ser comparado a outros promovidos por políticas de habitação social no Brasil, sobretudo na última década. É interessante perceber aqui que as casas produzem o mundo social (e vice-versa).

Já na parte II, os capítulos que a compõem se referem aos cotidianos das *casinhas* de Maria, Bela, Ana e Rosa e de outras inter-relacionadas. Ao olhar atentamente para elas e a partir delas, três conjuntos de questões centrais emergiram: o “*dinheiro da casa*”, o cuidado e a violência. No cotidiano, elas evidentemente coexistem e estão conectadas, porém como forma organizativa serão agrupadas em três universos de sentido e, conseqüentemente, em três diferentes capítulos. Estes universos de sentido exemplificam

as trocas, circulações e fluxos entre casas que constituem uma “configuração”. A escolha da noção de ‘circuitos’ é justificada porque neles se movimentam não só objetos como pessoas.

O capítulo 4, Circuitos de dinheiro, diz respeito às circulações de objetos, alimentos e dinheiros no interior das casas e entre elas. Estes circuitos também formam o que chamo aqui de ‘casa de mulher’ em configuração. Neste capítulo, interessa mostrar como as mulheres mantêm as casas; como ganham e gastam dinheiro; como planejam o futuro; como o dinheiro, os objetos e alimentos são administrados, trocados e negociados. Os exemplos empíricos - como a noção de “*dinheiro da casa*” - apresentados durante o capítulo e as referências bibliográficas nos mostram que existem diversas intersecções entre, por exemplo, dinheiro e intimidade, domínio econômico e do afeto, vida e economia, casa e trabalho. O capítulo demonstra o argumento de que as supostas ‘esferas separadas’ coexistem no cotidiano, isto é, as pessoas fazem negociações que envolvem práticas econômicas e, ao mesmo tempo, envolvem solidariedades, relacionamentos, afetos, etc. Como se perceberá, os domínios econômicos e simbólicos estão emaranhados nas vidas ordinárias de Maria, Bela, Ana e Rosa.

O capítulo 5, Circuitos de cuidado, descreve as circulações de pessoas, crianças, bebês, maternidades e cuidados dentro e entre as ‘casas de mulheres’. Aqui serão apresentadas as formas de gerir e negociar nos cotidianos os cuidados com as crianças, com os familiares e com a casa, bem como a administração do tempo. Nele, argumenta-se que a categoria analítica do cuidado tem a potencialidade de: (1) atualizar as relações de parentesco; (2) questionar e repensar a infância enquanto uma categoria unívoca e dada; (3) exemplificar as trocas e circulações entre ‘casa de mulher’ em configuração; (4) dar inteligibilidade aos emaranhados nos cotidianos entre as práticas consideradas dos domínios das emoções, afetos, sentimentos e as práticas supostamente econômicas, do dinheiro, do trabalho.

Por fim, o capítulo 6, Circuitos de violência, apresenta outra categoria que surgiu das análises do material empírico. Entre diferentes modalidades de violência, a que mais apareceu nos cotidianos foi a doméstica praticada por homens contra um corpo que não é genérico: o de mulheres. E em alguns dos casos, contra crianças do sexo feminino. O capítulo apresenta como as mulheres lidaram com essas situações e como reabitaram o mundo após os acontecimentos. As ‘casas de mulheres’ também se constituem mutuamente enquanto configuração pelos circuitos de violência e conflito dentro delas e entre elas. Este capítulo demonstra que ao mesmo tempo que existem relações de

cooperação e solidariedade; também existem as moralidades e obrigações mútuas. A depender da situação, os laços dentro e entre as casas são rompidos e reconfigurados. Nos cotidianos das casas, também é possível observar as dívidas, os ciúmes e as fofocas.

Para resumir, os três últimos capítulos da dissertação apresentam as categorias-chave - dinheiro, cuidado e violência – como elementos que compõem as ‘casas de mulheres’ em configuração. Antes de dar início aos capítulos, segue abaixo alguns pressupostos teóricos sobre estado e gênero. Em seguida, apresento a discussão bibliográfica sobre casa e re-configuração de casas.

### **Algumas palavras sobre estado e gênero**

O livro “Antropologia nas margens do Estado” organizado por Veena Das e Deborah Poole (2004) propõe uma perspectiva interessante para repensarmos o estado. Nele, os diferentes autores dos artigos que compõem a coletânea nos mostram como a etnografia poderia ajudar na compreensão do estado a partir do que são consideradas as suas margens. As pesquisas partem de lugares normalmente analisados como portadores de estados fracos, incompletos, parciais ou recentes e se propõem a repensar os estados tidos como fortes, completos e antigos. Os autores não apontam para um “desvio” desses espaços ditos ‘nas margens’ ou uma etapa incompleta dentro de um suposto processo universal de desenvolvimento do estado. Os grupos que habitam às margens não são vistos no livro como insuficientemente inseridos nas formas de organização do estado; mas, por outro lado, como parte da construção desse. Isto é, as margens são vistas como forma necessária da construção do estado. O livro nos faz um convite a repensarmos os pressupostos dessa concepção mais universalista. Em suma, ao colocar em suspensão as concepções universais da teoria política, a discussão foca nas condições difusas, heterogêneas, em constante transformação do poder no estado.

A partir de uma perspectiva foucaultiana, o estado não poderia ser reduzido às questões jurídicas, nem institucionais. Apesar do filósofo francês não ter se dedicado a uma teorização propriamente sobre estado, suas contribuições sobre a analítica do poder (FOUCAULT, 2000) nos ajudam a deslocar a forma de concebê-lo e estudá-lo. Nesse sentido, a perspectiva de olhar o poder como não existente em um lugar ou ponto, em uma localização exata ou em uma instituição específica, nos faz pensar que o estado não é o detentor maior do exercício do poder. Além disso, a decisão teórica e metodológica de “abrir mão dos universais” (FOUCAULT, 2008), nos auxilia a conceber o estado como

um efeito, como um processo; não como uma essência, não tem interior, não existe nada intrínseco a ele. Essa perspectiva nos permite olhar para o estado na imanência, não na transcendência; olhar não somente para as instituições, também para as práticas, relações, agentes, documentos, etc. Importa observar os múltiplos lugares onde o estado pode ser reconhecido em seus efeitos. E olhar para as margens nos permite ver tais efeitos.

Os trabalhos de Das (2004; 2008) levam a sério esse esforço de não pensar o estado como unidade; sua proposta analítica de olhá-lo a partir das margens permite que nele se produza fissuras e que se quebre sua suposta solidez. Também parto dessa perspectiva da antropóloga de fugir tanto da imagem consolidada de estado somente como forma administrativa de organização política racionalizada, como da ideia de esvaziamento, menor articulação e enfraquecimento das formas de regulação e pertencimento que o constituem e que se crê não estar nas margens. Em contrapartida, a perspectiva adotada aqui é enxergar as margens como espaços em que o estado é formado continuamente na vida diária, ou seja, como as práticas políticas de vida nesses espaços moldam as práticas de regulação e disciplina do que denominamos como aparelho estatal e vice-versa. As margens são tomadas nesta pesquisa como pressupostos necessários à existência do primeiro e não como um espaço fora desse, não são simplesmente lugares periféricos, mas atravessam o interior do corpo político estatal como rios que fluem através do território (DAS e POOLE, 2008; DAS, 2004).

Dessa forma, na presente pesquisa o estado não é tomado como unidade fechada, estável, coesa e homogênea; sim como processo heterogêneo, como movimento. Ele deve ser tratado como ideia, como construto ideológico-representacional e, simultaneamente, como complexo de instituições, agentes, práticas, tecnologias de governo, complexo de aparatos de gestão, zonas de força, disputas de sentidos, tradições administrativas, etc. Sendo assim, é importante atentar-se para seu fazer-se progressivo e seus momentos reificados, “concebido ora como institucionalidade complexa, ora como entidade capaz de encarnar a instância última de regulação social” (VIANNA, A; LOWENKRON, L, 2017, p. 3).

Isto posto, não sigo as perspectivas que caracterizam as margens pela ausência do ordenamento estatal e nem que enxergam as periferias como homogêneas. Por outro lado, parto das estratégias analíticas que permitem uma perspectiva positiva das casas nas periferias e que se opõe às normatividades tipicamente presentes em visões externas das margens.

Como ponto de partida, a pesquisa também visa percorrer pelas desestabilizações de cada uma das categorias estado e gênero para não reificá-las. Desse modo, é necessário olhar para fluidez e instabilidade de tais categorias e para os processos de fixação e estabilização que constituem ambas<sup>4</sup>. Parte-se do pressuposto de que tanto estado quanto gênero não são homogêneos e apresentam um caráter processual; ademais, os dois são tomados como processos de regulação e, ao mesmo tempo, de disputa. Interessa observar como tais processos tecem conjuntamente possibilidades de produção de múltiplas subjetividades e, ao mesmo tempo, de múltiplas sujeições. Também interessa enxergar a circulação de estado e gênero em sua dimensão mais cotidiana. A ideia é analisar os processos complexos de fazer estado, fazer gênero, fazer vida.<sup>5</sup>

Além disso, a dissertação dialoga com a literatura das ciências sociais que busca compreender – a partir das margens - os efeitos das práticas contemporâneas de gestão do conflito urbano (compreendido aqui como soma de vários conflitos cotidianos como de gênero, classe, raça, sexualidade, geração, pertencimento territorial), sobretudo na dimensão da implementação das políticas sociais.<sup>6</sup>

Butler (2003) inicia seu livro “Problemas de Gênero” colocando em dúvida a existência da categoria mulheres como sujeito do feminismo, apontando o problema político da teoria feminista que tem presumido e assumido uma identidade comum, estável ou permanente compreendida pela categoria de mulheres. “A mulher é em si um termo em processo, um devir, um construir do qual não se pode dizer legitimamente que

---

<sup>4</sup> Como afirmam Vianna e Lowenkron (2017, p.49), “[...] como mostram os trabalhos apresentados, para compreender os processos de estatização do gênero e generificação do Estado é fundamental perseguir não só a permanente instabilidade e fluidez dessas categorias ou campos semânticos, mas também conferir a mesma atenção analítica e etnográfica aos múltiplos processos de fixação e estabilização que constituem simultânea e relacionalmente ambos”.

<sup>5</sup> O dossiê “Gênero e Estado: formas de gestão, práticas e representações” da revista *Cadernos Pagu* de 2017 (51) foi referência fundamental para pensar nas questões centrais deste texto, sobretudo a apresentação, o artigo “O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens” das autoras Adriana Vianna e Laura Lowenkron e, também, o texto “A categoria como intervalo – a diferença entre essência e desconstrução” do Gabriel Feltran.

<sup>6</sup> Amélia Cohn, Aldaíza Sposati, Walquiria Leão Rego, Lena Lavinias, Silvana Aparecida Mariano, Luciana Jaccoud, Renata Bichir, Alessandro Pinzani, Marcelo Cortes Neri, Isabel Georges, Yumi Garcia dos Santos são nomes de pesquisadores com diversos estudos relacionados ao PBF. Sobre os livros que traçam a trajetória dos dez anos do PBF, ver: Castro e Modesto, 2010a; Castro e Modesto, 2010b; Campello e Neri, 2013. Sobre as articulações entre o PBF e outras políticas de assistência social, ver BICHIR, 2016; JACCOUD, 2013. Estudos referentes ao conceito de família, ver MIOTO, 2010; SARTI, 2011; FONSECA, 2007. Sobre implementação das políticas e dos “burocratas do nível de rua” ver LOTTA, 2008, 2009; LIPSKY, 2010; BREDA, 2013, 2016. Sobre às políticas e as relações de gênero, ver MOLYNEUX, 2006; JENSON, 2012; CARLOTO E MARIANO, 2012; MARIANO, 2010; LAVINAS, L. et al, 2012; BRADSHAW, 2008; SORJ, 2014; FONSECA, 2007; NOVELLINO, 2004; GEORGES E SANTOS 2016; REGO E PINZANI, 2016.

tenha origem ou fim. Como uma prática discursiva contínua, ela está aberta à intervenção e à ressignificação” (BUTLER, 2003, p.33).

Gênero, para a autora, é uma sequência de atos; um “fazer”, não um “ser”. A filósofa defende que identidades de gênero são construídas e constituídas pela linguagem, não há identidade de gênero que a preceda. A linguagem e o discurso que produzem o sujeito e o gênero; ou seja, eles são efeitos, não causas. Butler (2003, p.25) afirma que “o gênero não é um substantivo, mas demonstra ser performativo, quer dizer, constituinte da identidade que pretende ser. Nesse sentido, o gênero é sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito que se poderia dizer que preexiste ao feito”.

Embora o gênero seja um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e esteja limitado pelas estruturas de poder no interior das quais está situado, existem as possibilidades de proliferação e subversão que se abrem a partir dessas limitações. Uma vez que os sujeitos vivem dentro da lei ou no interior de uma dada cultura, não há possibilidade da “escolha” ser inteiramente livre. A “escolha” do gênero ou subversão é restrita; elas não são livres, mas limitadas. Para Butler, a lei é caracterizada como múltipla, proliferativa e potencialmente auto subversiva em si mesma. Sara Salih (2012, p.86) afirma que Butler “insiste que a lei é geradora e plural, e que a subversão, a paródia e o drag ocorrem no interior de uma lei que proporciona oportunidades para a “encenação” das identidades subversivas que ela, ao mesmo tempo, reprime e produz”.

Gênero é pensado aqui como modo de regulação social que produz diferenças e hierarquias, ao mesmo tempo em que existem possibilidades de subversão. Como um processo, está aberto a intervenção e ressignificação a todo momento. Gênero constitui corpos individuais, coletivos e institucionais; atravessa todas as relações sociais. É interessante perceber que existe gênero tanto nas tecnologias e práticas de controle, como nas contraditórias cargas afetivas que atravessam o cotidiano de normas, contornamentos, performances e interações (BUTLER, 2003; VIANNA, 2017).

### **Casa e (re)configuração de casa**

A noção de “casa” (“maison”) como uma forma de organização social foi pela primeira vez trabalhada por Lévi-Strauss (1979) em um momento tardio de sua obra. Sua formulação se caracteriza pela tentativa do autor de articular princípios teoricamente inconciliáveis ou antagônicos. Isto é, ele afirma que na intersecção das concepções



antitéticas que se situa e se constitui a casa. Dessa maneira, defende a capacidade do conceito para conciliar forças contraditórias como: endogamia e exogamia, patrilinearidade e matrilinearidade, filiação e residência, descendência e aliança, hipergamia e hipogamia, direito divino e direito ao voto. Na sua perspectiva, entende-se por casa uma figura que transcende noções clássicas da antropologia do parentesco, como família, linhagem, clã (LANNA, 2005).

Casa é uma pessoa moral detentora de um domínio composto simultaneamente por bens materiais e imateriais e que se perpetua pela transmissão do nome, da fortuna e dos títulos em linha real ou fictícia, tida como legítima sob a condição única de esta continuidade poder exprimir-se na linguagem do parentesco ou da aliança e, as mais das vezes, em ambas ao mesmo tempo (LÉVI-STRAUSS, 1979, p. 154).

A partir desse insight original, críticas sobre a noção de “maison” de Lévi-Strauss se sucederam; no entanto, os autores que escreveram posteriormente sobre casa reconhecem-na como ponto de partida fundamental. Carsten & Stephen Hugh-Jones (1995) e Louis Marcelin (1999) são algumas das referências contemporâneas importantes que se utilizam da noção de casa de Lévi-Strauss, mas de certa forma a criticam, a reformulam e vão além. Para os primeiros autores, o mérito da proposta de Lévi-Strauss está no reconhecimento da importância dada a esta categoria nativa e sua fertilidade para entendermos os mundos sociais. O segundo autor também reconhece a contribuição do antropólogo em colocar a casa no centro como unidade sociocultural de análise, combinando seus aspectos físicos e sociais com uma abordagem relacional. Com essas discussões, o conceito de casa ganhou força inicialmente nos estudos sobre família e parentesco, ou seja, recuperou-se a categoria nativa de casa para compreender a construção cotidiana do parentesco e de família.

Com o olhar para as famílias negras da região do Recôncavo Baiano, Louis Marcelin (1999) observou que o tema da casa era o mais recorrente nos discursos e representações dos agentes. Sua pesquisa se destaca por pensar a casa enquanto um processo que ressoa com a ideia de transformação, de movimento. Esta perspectiva vai na contramão da construção de unidades fixas discretas nas esferas de parentesco ou práticas econômicas. Além disso, o autor está interessado em investigar – diferentemente de Lévi-Strauss – a gênese das casas, sua construção, “as condições para o surgimento da

casa e das práticas sociais que tanto a constroem como são construídas por ela” (MARCELIN, 1999, p. 97).

Dito isso, esta abordagem possibilita produzir descrições positivas das casas nas periferias<sup>7</sup> urbanas, uma vez que busca fugir da concepção “miserabilista” das classes populares e do “juridismo” teórico da organização social. Na visão do autor, as duas concepções juntas acabam por transformar “suas organizações familiares em mera variável da estrutura socioeconômica e os agentes familiares em seres incapazes de produzir um mundo e habitá-lo simbolicamente” (MARCELIN, 1999, p.31). Ademais, o autor critica as pesquisas que procuram identificar e estudar as estratégias de adaptação e a anomia da família trabalhadora (ou operária) e da família negra. Para ele, o paradigma estrutural-funcionalista é a mola mestra que está por traz dessa forma de pensar a organização familiar a partir de temas como produção e consumo, adaptação e estruturas de sobrevivência. Sua abordagem é interessante para analisarmos as experiências das casas nas periferias de outra forma que não trate as classes populares como anômalas ou que enxergue na casa a expressão da capacidade de adaptação a um contexto de privação (MOTTA, 2014, 2015). Marcelin define a casa, portanto, enquanto prática que só existe em relação:

A casa não é somente um bem individual transmissível, uma coisa, um bem familiar, uma ideologia. Ela é uma prática, uma construção estratégica na produção da domesticidade. Ela também não é uma entidade isolada, voltada para si mesma. A casa só existe no contexto de uma rede de unidades domésticas. Ela é pensada e vivida em inter-relação com as outras casas que participam de sua construção — no sentido simbólico e concreto. Ela faz parte de uma *configuração* (MARCELIN, 1999, p.36-37).

Desse modo, Marcelin propõe um modelo fundamentado na relação indissociável entre dois níveis - o da “casa” e o da “configuração de casas” – que conformam um sistema de sentidos a partir do qual a casa e a configuração se constroem. Os dois níveis se articulam por estruturas de tensão entre, por exemplo, “hierarquia e a autonomia, entre

---

<sup>7</sup> O termo periferias no plural faz referência aqui, tal como Gabriel Feltran (2009, p.15) o utiliza no contexto em São Paulo, “a ambientes situados no tempo e no espaço, em que as pessoas se relacionam entre si e com outras esferas do mundo social, de modo plural e heterogêneo. Por outro lado, e simultaneamente, o termo periferias ajuda a reconhecer as regularidades que se desenham nessas regiões da cidade e que demandam investimento analítico comparativo”. A coletânea “Sobre periferias, novos conflitos no Brasil contemporâneo” (2013) é referência importante para compreendermos a utilização desse termo. Nela os autores se empenham a utilizar e refletir sobre ‘periferias’, eles recusam o dualismo que opõe centro e periferia e, por outro lado, demonstram a pluralidade e complexidade desses espaços construídos socialmente como “periféricos”, mas sem fixá-los a priori.

o coletivismo e o individualismo, entre os mecanismos tradicionais de socialização e o *élan* pós-moderno de modos individuais de consumo” (MARCELIN, 1999, p.38). O primeiro nível, a “casa”, é uma referência permanente, um bem simbólico coletivo na qual nasce a coletividade familiar e os mitos de família.

A ideia de casa refere-se, na região estudada, não somente à construção física, mas também às relações estruturais dentro das casas e entre elas, às pessoas que as habitam e aos mitos que as fundam. Ela se refere ao universo familiar em perpétua transformação, a um lugar ontológico socioespacial que se define em termos identitários ou em termos de ligações afetivas, familiares ou domésticas (donde o sintagma “configuração de casas”). A casa, em sua configuração, é aqui construída como uma unidade sociocultural empírica e analítica de base. Ela nos permite explorar as formas das relações sociais que ela traduz, circunscreve e articula, assim como os modos de produção e reprodução de identidades e de hierarquias no local estudado (MARCELIN, 1999, p.54).

O conceito “configuração de casas” é utilizado como representação analítica de um dispositivo de posições articulando redes de casas que se dá em um “território” histórico e socialmente construído; é um conjunto de casas vinculadas por uma ideologia da família e do parentesco. O autor defende que o conceito não se refere a um conjunto imediatamente localizável, ele não tem seus fundamentos em valores exclusivamente holísticos; na realidade é uma conceitualização de “processos relacionais” entre agentes familiares originários de outras casas. Do ponto de vista do observador, as fronteiras da configuração de casas são confusas; já para os agentes são nítidas, “no qual se dá um processo contínuo de criação e recriação de laços de cooperação e de troca entre entidades autônomas (as casas)” (MARCELIN, 1999, p. 37). Em sua visão, um estudo da construção e do uso sociocultural dos modos de habitar dos agentes no meio popular é essencial para apreendermos os sentidos das relações sociais, sobretudo investidas na experiência da família e do parentesco.

Da gênese da casa à sua construção, desta ao exercício, no cotidiano, da experiência familiar, os agentes não se pensam e não pensam a vida doméstica a não ser no contexto das redes dentro das quais eles interagem. O processo de produção das casas, nos sentidos concreto e simbólico, a organização da vida doméstica no seu interior, o caráter ao mesmo tempo estruturado e não estruturado das relações entre as casas, fazem da casa uma unidade sociocultural na qual e pela qual o agente se realiza, um lugar no qual ele se identifica. Essas redes domésticas que se constroem no cotidiano, na periferia de Cachoeira e nos bairros populares observados em Salvador são produzidas a partir das referências espaciais que concretizam cada casa. A estas referências eu chamo de *configurações de casas* (MARCELIN, 1999, p.37).

A partir de uma pesquisa etnográfica em Aliança<sup>8</sup> - comunidade localizada no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro -, Eugenia Motta (2014, 2015) busca analisar quais os elementos que modulam a economia cotidiana na favela. Sua pesquisa se propõe a apreender a circulação de objetos e dinheiro, além das formas como as pessoas gerem as casas, planejam o futuro, ganham e gastam dinheiro e cuidam da família. A autora foge inicialmente de algumas perspectivas e visões sobre a favela como, por exemplo: da ideia de ausência ou falta de estado nos espaços periféricos; de tratar as favelas como espaços homogêneos e dos estudos sobre famílias nas classes populares no Brasil que analisam a partir do seu não enquadramento do modelo de família tradicional e burguesa.

Dessa maneira, ao abrir mão de modelos normativos que, por exemplo, afirmariam desorganização, desordem e anomalia nas favelas, Eugenia Motta nos mostra um mundo diverso e complexo. Mesmo que se trate de um lugar pobre sob diversas dimensões, a autora apresenta uma grande densidade de práticas econômicas. Sua pesquisa não parte, portanto, de temas mais gerais como “pobreza” e “informalidade” que afirma pautar geralmente as pesquisas sobre economia nos espaços periféricos; por outro lado, pretende “dialogar criticamente com visões da favela como lugar de ausência e da economia como esfera separada da vida” (MOTTA, 2014, p.118). A autora nos mostra, por sua vez, que no cotidiano as práticas econômicas estão entrelaçadas com diversas dimensões da vida social como práticas familiares, relações de gênero, moralidades, temporalidades e espacialidades.

Como estratégia analítica, Motta se inspira no uso feito por Marcelin (1999) de “casa” e “configuração de casa”, este que por sua vez se nutre da formulação já exposta de “maison” de Lévi-Strauss (1979). Embora se utilize dos conceitos de Marcelin, existem diferenças significativas no íntimo das duas propostas. Enquanto o primeiro autor demonstra de forma pioneira a produtividade de seu modelo para pensar família e parentesco, Motta por sua vez está interessada em “conceituar os elementos que modulam a economia”, ou seja, em sua pesquisa as casas são os elementos significativos que permitem dar inteligibilidade à economia cotidiana. Ademais, a autora demonstra que as relações entre as casas não são somente expressas pela linguagem do parentesco. Na realidade, afirma que outras linguagens como as econômicas também constituem as

---

<sup>8</sup> Nome fictício dado a comunidade que a autora fez sua etnografia.

relações entre as casas, da mesma forma que são constituídas por elas. E tanto uma linguagem quanto a outra são construídas relacionalmente no cotidiano.

Em Aliança, as casas relacionadas umas às outras não constituem unidades discretas e as relações entre elas nem sempre são expressas pela linguagem do parentesco. As relações entre casas só podem ser qualificadas tomando uma casa particular como ponto de referência. Os lugares ocupados pelas casas em uma configuração não são uma qualidade da própria configuração ou de uma casa, mas da posição de uma casa em relação a outras (MOTTA, 2014, p. 127, tradução livre).

Além disto, Motta critica o autor por considerar que sua formulação de configuração por vezes constitui uma unidade em si, tanto discreta quanto empiricamente verificável<sup>9</sup>. Ela considera que o uso do conceito por Marcelin não está especificado claramente no universo empírico e propõe, então, uma aproximação maior entre a formulação e a empiria. Na verdade, a autora frisa que as “configurações” não tem propriedades específicas, isto é, não são uma realidade concreta; elas só nascem nas posições que as casas ocupam umas em relação às outras. A saída utilizada por Motta é a de recorrer ao conceito de “configuração” (“*figuration*”) de Norbert Elias (1980) que busca fugir tanto do individualismo metodológico tanto da reificação da “sociedade” ou “grupo” para compreender o mundo social.

A autora utiliza-se desse conceito de configuração para analisar seu campo em Aliança, pois acredita que este permite enxergar através dos arranjos que somente são inteligíveis nas relações que os compõem. Para ela, portanto, a configuração de casas não tem propriedades específicas, mas só nasce e existe em relação. As casas não são entidades isoladas; são relativamente autônomas, mas dependentes umas das outras - elas possuem relações diversas e mutáveis entre si e constituem uma configuração. Para Motta (2014, p. 128, tradução livre), “a casa e a configuração das casas darão substância no nível analítico ao que a etnografia permite emergir através da observação das práticas cotidianas.” Ela demonstra que não é apenas no nível analítico que a casa relaciona parentesco e economia, as aproximações vão além da abstração, elas estão intrinsecamente ligadas nas práticas cotidianas.

---

<sup>9</sup> Araujo Silva (2017) igualmente afirma que ora Marcelin trata a configuração de casas ora como uma representação analítica, ora como uma realidade concreta.

São muitas as contribuições da autora para pensarmos a casa e para pensarmos o mundo social a partir da relação entre elas. Seguirei sua proposta de formulação de casa como “um arranjo complexo de pessoas, objetos e espaços construídos e que se constitui em relação a outras. Estas relações envolvem interdependência, assimetrias, afetos e conflitos visíveis por meio das trocas cotidianas, da comensalidade e do uso do dinheiro” (MOTTA, 2014, p.118).

Marcella Araujo Silva (2017) também se apropria posteriormente dessa discussão em sua tese. A autora parte da casa de Gê e Oliveira - um casal de trabalhadores urbanos do Rio de Janeiro – e analisa as práticas econômicas cotidianas. Como objeto sociológico, Araujo Silva investiga os “problemas domésticos” em sua dupla faceta: *manter a casa e ganhar a vida*. Com o objetivo de compreender os circuitos das obras urbanas e suas configurações sociais, a autora se propõe a analisar como se produz habitação social e como se distribui o acesso a ela.

A casa também é tomada em sua tese como objeto de investigação e a etnografia da casa é a estratégia metodológica utilizada para dar conta da sociologia dos mercados de trabalho e do cotidiano. Nesse sentido, faz uma etnografia econômica que não parte da oposição entre casa e trabalho, na realidade a autora demonstra como casa, moralidade e dinheiro estão imbricados no cotidiano. Araujo Silva também se utiliza da noção de “configuração de casa”, mas chama atenção aos momentos de “re-configuração”. De forma muito interessante, a autora afirma que as relações entre as casas estão sujeitas às mudanças ao longo do tempo e elenca quatro modos possíveis de re-configuração: quando novas casas são construídas; quando há mudança da distribuição dos cuidados ou do “dinheiro da casa”; quando há interrupção no fluxo de trocas e, por fim, quando há anexação ou incorporação de outras casas. A autora leva em consideração as transformações nos vínculos entre as unidades, além da questão do dinheiro.

Esta dissertação tem a pretensão de ser complementar ao debate posto pelos autores acima mencionados. Com o texto, espero contribuir nessa discussão teórica, propondo uma abordagem relacional da casa, ou seja, existe o argumento subjacente de que a noção de casa pode ser inteligível para pensar nas relações entre uma casa e outras - cada uma delas relativamente autônoma, mas dependente das outras. Isto é, elas só podem ser pensadas e só existem em relação, numa “configuração”.

É importante dizer que me apropriei de tal teoria no momento de análise do material obtido na etnografia; o tema da casa, portanto, não foi escolhido *a priori*. Nesse sentido, antes de iniciar a pesquisa de campo a casa não era objeto central; enquanto

analisava o material empírico, contudo, a casa surgia a todo momento, dada a recorrência nas falas e nas representações dos agentes. Da mesma forma, ao olhar para os cotidianos das interlocutoras, ficava difícil circunscrever todos os agentes familiares em uma unidade doméstica específica. As interlocutoras não se pensam e nem pensam suas vidas domésticas a não ser no contexto das redes dentro das quais interagem, também por isso o objeto de análise desta dissertação se centra na ‘casa de mulher’ em configuração e não nas moradoras.

## **PARTE I - FORMAS DE HABITAR A VIDA ORDINÁRIA**



## CAPÍTULO 1 - PODE ENTRAR, ISABELA

“Obrigada, Isabela, me desculpa qualquer coisa”

Após um abraço forte e apertado, foram essas as palavras ditas por Bela quando nos despedimos. Ou talvez tenha sido essa a frase que me marcou. Ela sabia que eu viajaria na manhã seguinte e me distanciaria (ao menos fisicamente) por dias para visitar minha família e escrever a qualificação do mestrado. Como versos de músicas que se repetem em nossas cabeças, nos dias que se sucederam eu me via sem querer repetindo aquelas palavras.

Eram mais de nove horas de uma noite fria no começo de julho. As ruas que costumavam estar cheias de crianças, cachorros e demais moradores, encontravam-se desertas. Talvez pelo horário ou pelo frio gelado. Todos provavelmente estavam aconchegados em suas casas. Meu fusca - cada dia mais fraco para subir a íngreme ladeira (o tal do *subidão*) que ligava o bairro Eduardo Abdelnur ao bairro Botafogo - me deixava apreensiva. O medo de parar era frequente nas últimas semanas porque ele estava ameaçando quebrar. O que trazia mais tranquilidade era poder ligar para alguma das mulheres caso acontecesse. Naquele momento, sentia uma mistura de medo, tristeza, angústia e saudades. Ao mesmo tempo, sentia certo alívio decorrente da satisfação que me atingia nos últimos dias pela imensidade de sentimentos, trocas e relações que resultaram da etnografia.

O *subidão do Botafogo*, como as moradoras chamavam, é uma estrada pavimentada, de dois sentidos, com velocidade máxima permitida de 60km/h, sem acostamento e com calçada em apenas um dos lados. Descendo, é possível avistar as *casinhas do Zavaglia* à esquerda e do Abdelnur à direita, bem como o bairro Jardim Medeiros e Antenor Garcia. Nas laterais, muita vegetação, terrenos vazios com animais de pastoreio, como vacas e bois. À direita, Bela gostava de uma árvore solitária no meio da vegetação, possível de ser contemplada do quintal de sua casa e na foto a seguir. Um outdoor do PMCMV anuncia mais um empreendimento habitacional que está por vir. Carros, bicicletas e pedestres se movimentam por ali. Embora os novos bairros Zavaglia e Abdelnur alargassem a faixa urbana da cidade, uma placa escrita ‘perímetro urbano’ ainda permanecia no fim do bairro Botafogo.

Foto 1 – A árvore de Bela



Fonte: autoria própria (2018).

Ali, as sensações provocadas em mim eram diversas e contraditórias. Eu geralmente sentia medo e desconforto na volta quando subia, tanto quando estava de fusca com medo dele parar, quanto dentro do ônibus. Voltava à noite cansada e com muitas coisas na cabeça, mas aliviada por ir para casa. Na ida me distraía com a vista e gostava do ‘chegar’; ao mesmo tempo era desafiador. É interessante que as moradoras também diziam sobre as sensações dali, principalmente medo e cansaço porque muitas faziam o trajeto a pé. O *subidão* liga os bairros Abdelnur e Zavaglia ao Botafogo e aos bairros próximos à Electrolux. Ele conecta, também, as casas à Unidade Básica de Saúde do Botafogo, às escolas Maria Ermantina e Gabriel Félix do Amaral e, mais adiante ao shopping, ao centro e à minha casa.

Naquela terça-feira, eu e a Bela passamos seis horas juntas no interior de sua casa na companhia de seus quatro filhos - o último deles com apenas doze dias de vida. Durante mais de quatro meses frequentando o bairro com bastante intensidade e envolvimento, partilhei momentos de sua vida e ela, da minha. Aquele dia simbolizava um deslocamento para nós duas e por mais que eu pretendesse voltar em breve, era perceptível que estávamos sensíveis. Não considerei uma despedida porque nada havia terminado; nós estávamos, na realidade, mais conectadas que nunca. Para conseguir entrar nas casas e chegar até este abraço caloroso na noite fria de julho de 2018, percorri um longo caminho que gostaria de descrever. E eu não poderia descrevê-lo sem dizer, primeiramente, como

tudo começou. Gostaria de mencionar minhas experiências iniciais em São Carlos, gênese de todo o processo que resultou nesta dissertação.

Na próxima seção, portanto, apresento o percurso que me levou até as *casinhas do Abdelnur*. Em seguida, mostro as diferentes estratégias de entradas em “campo”. A última seção traz uma discussão sobre as alianças estabelecidas com as quatro interlocutoras principais e, por fim, descreve os primeiros encontros com cada uma delas.

### **1.1 A minha trajetória até as *casinhas do Abdelnur***

Mudei de Santos para São Carlos em 2013 para cursar Ciências Sociais na UFSCar. Meus pais alugaram uma quitinete no bairro mais próximo da universidade e nela fiquei pelos dois primeiros anos. A pé chegava em quinze minutos na sala de aula, de bicicleta só precisava de cinco minutos. Dessa forma, passei os primeiros anos de graduação circulando, sobretudo, pelos territórios que rodeiam os campi da UFSCar e da USP. A distância maior que eu percorria era até o centro da cidade em situações eventuais, não cotidianas.

Minhas relações também se limitavam muito aos universitários moradores temporários da cidade (quase sempre naturais de outros lugares). Os únicos moradores de São Carlos que eu tinha certo contato era um ou outro comerciante de restaurantes e lojas que eu frequentava e os colegas universitários que nasceram e cresceram na cidade. De forma bem geral, por mais de um ano era essa a minha relação direta com os moradores e com a cidade. É evidente, porém, que indiretamente eu tinha relações. As fronteiras não são tão rígidas, mas tais conexões foram cada vez mais se alargando pelas experiências que tive durante os próximos anos.

No segundo ano de graduação, me inscrevi no processo seletivo de estágio superior da prefeitura de São Carlos. Eu e mais cinco estagiários fomos convocados no fim de julho de 2014 para exercer a função de entrevistadores na divisão do cadastro único<sup>10</sup>. Tal divisão está localizada dentro da sede da Secretaria Municipal de Cidadania

---

<sup>10</sup> Quando faço referência ao Cadastro Único, existem duas diferenças: o espaço físico de atendimento dentro da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social, o qual será nomeado neste texto com letra minúscula ou o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal que, segundo o site do Ministério de Desenvolvimento Social, “é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, permitindo que o governo conheça melhor a realidade socioeconômica dessa população”. Nele são registradas informações como: características da residência, identificação de cada pessoa, escolaridade,

e Assistência Social (SMCAS), na região central de São Carlos. Este espaço pode ser considerado a ‘ponta’ ou a ‘porta de entrada’ para políticas sociais de âmbito federal, estadual ou municipal. O contato inicial das pessoas com tais políticas se dá através dos CRAS<sup>11</sup> espalhados em diferentes regiões do município e pela já mencionada SMCAS que, além de abrigar também um CRAS, centraliza a divisão do cadastro único.

Durante os dois anos que ali estive por vinte horas semanais, foram muitos os aprendizados profissionais e ganhos pessoais. Desenvolvi reflexões mais aprofundadas sobre esse momento em Pinho (2017) que não caberia retomar aqui. No entanto, algumas das inquietações e questões que emanam desta experiência (e que vêm ganhando amadurecimento analítico com o tempo) são importantes para a compreensão do projeto que originou esta pesquisa. Enumero três conjuntos de questões que estão correlacionadas entre si e que interessa retomar nesse momento.

Primeiro, atuar no cadastro único me permitiu entrevistar e cadastrar milhares de pessoas – na sua grande maioria mulheres – consideradas em situação de “*vulnerabilidade social*”<sup>12</sup>. De modo geral, a relação que se estabelecia entre mim e a pessoa (ou a família) entrevistada era uma conversa de certa forma mecânica e rápida, de aproximadamente meia hora. Eram formas inevitáveis para um fluxo de atendimento geralmente muito alto. No entanto, por mais que as atividades rotineiras deixassem o trabalho e as relações mecânicas, era perceptível que alguns rostos, conversas, histórias e vidas me marcavam. Não existem dúvidas de que o estágio me colocou em contato com tantas outras mulheres que pareciam à primeira vista completamente distantes da minha realidade, do meu mundo, do meu cotidiano, da minha vida. E suas vidas passaram a importar para mim.

Meu contato com os moradores de São Carlos se tornou mais cotidiano. Não somente com as entrevistadas, também com as pessoas que trabalhavam nesta secretaria.

---

situação de trabalho e renda, entre outras. A partir de 2003, o Cadastro Único se tornou o principal instrumento do Estado brasileiro para a seleção e a inclusão de famílias de baixa renda em programas federais, sendo usado obrigatoriamente para a concessão dos benefícios do Programa Bolsa Família, da Tarifa Social de Energia Elétrica, do Programa Minha Casa Minha Vida, entre outros. Também pode ser utilizado para a seleção de beneficiários de programas ofertados pelos governos estaduais e municipais. Por isso, ele funciona como uma porta de entrada para as famílias acessarem diversas políticas públicas. Este último será utilizado aqui com a primeira letra maiúscula ou como CadÚnico.

<sup>11</sup> Atualmente existem os seguintes CRAS em São Carlos: Cidade Aracy, Santa Eudóxia, Santa Felícia, Sede (Centro), São Carlos VIII e Pacaembú.

<sup>12</sup> A categoria “vulnerabilidade social” é polissêmica, objeto de consenso e dissenso. A noção utilizada por Castel (originária da desfiliação por uma questão da transformação do trabalho) é distinta da noção de vulnerabilidade utilizada frequentemente no campo da proteção social, pensada em termos de risco social, mais associada à capacidade de cada pessoa fazer face aos riscos e superá-los (SANTOS, 2016). Breda (2016) faz uma análise minuciosa deste conceito. Motta (2017) também discute tal categoria em sua tese.

Meu horizonte de relações se ampliou, principalmente minhas relações com mulheres. Ademais, passei a conhecer parcialmente a rede de serviços e programas sociais no município, bem como alguns agentes envolvidos nesta rede. Entre elas, conheci Daniela, com quem trabalhei por mais de um ano e que possui cargo de chefia na seção dos programas de transferência de renda. Também tive contato com a Flávia, coordenadora municipal do Programa Bolsa Família na condicionalidade da educação<sup>13</sup>.

Outro conjunto de questões fazem referência à cidade. Durante o estágio, certas situações foram muito significativas como as épocas de cadastramento das famílias que ganharam as *casinhas* dos conjuntos habitacionais do programa Minha Casa Minha Vida faixa 1 (PMCMV-1)<sup>14</sup>. A quantidade de pessoas a serem atendidas aumentava enormemente, formando filas demoradas. Visto que o sonho da casa própria estava em jogo, esses momentos envolviam ansiedade, tensão, nervosismo e muita expectativa. Passei a ter outro olhar e outra relação com a cidade, ou talvez passei a conhecer uma cidade outra. Como estagiária, era necessário ter alguma noção (pelo menos) dos nomes de *postinhos* de saúde, UBS, USF, CRAS, escolas, creches e bairros da cidade. Cidade Aracy I e II, Jardim Gonzaga, Santa Felícia, Santa Angelina, Água Vermelha, Santa Eudóxia, Jardim Zavaglia, Planalto Verde, Eduardo Abdelnur, entre outros nomes de bairros que, aos poucos, tornavam-se familiares para mim. Ao mesmo tempo, aumentava minha curiosidade em conhecê-los presencialmente, sobretudo os últimos três empreendimentos habitacionais do PMCMV-1.

Lembro-me bem quando os visitei rapidamente pela primeira vez em 2014. Fui com uma assistente social do CRAS Cidade Aracy fazer visita domiciliar. No caminho, o motorista da prefeitura passou pelos bairros apontando cada um. Percorremos de carro as ruas estreitas do Jardim Gonzaga - bairro muitas vezes mencionado por moradores de São Carlos como *favela*<sup>15</sup>, já as assistentes sociais geralmente o definiam como de *alto grau de vulnerabilidade social*. Continuamos o caminho pela avenida Integração – espécie de estrada asfaltada que possui vista de cima dos bairros Cidade Aracy I e II e do conjunto

---

<sup>13</sup> As conversas no cadastro único auxiliaram nas dúvidas sobre a questão da condicionalidade e, além disso, pude observar parte do trabalho cotidiano das duas agentes estatais que lidam diretamente com a implementação do PBF. No entanto, pelas mudanças que ocorreram na pesquisa, tais conversas ficarão fora da dissertação.

<sup>14</sup> Na época que estava no estágio, cadastramos as pessoas do conjunto habitacional Planalto Verde e Eduardo Abdelnur. Mais informações nos links: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2016/169722-sorteio-dos-enderecos-abdelnur-domingo.html> e <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2015/169320-pla.html>. Último acesso em: 1/8/2018.

<sup>15</sup> Rosa (2008) faz uma contextualização história da formação desse bairro.

habitacional Jardim Zavaglia - até chegarmos à casa que faríamos visita. Foi a primeira vez que vi as *casinhas do Zavaglia* e esse dia ficou em minha memória.

Por fim, durante o estágio e os últimos anos de graduação, surgiram questões e inquietações que se transformaram em objeto de pesquisa. As inquietações diziam respeito, sobretudo, às condicionalidades do PBF, especialmente a da educação. Chamava-me atenção que em certos períodos do ano havia uma frequência considerável de mães em situação de *descumprimento* dessa condicionalidade. Além de ir ao cadastro único, elas atravessavam outros espaços e mobilizavam pessoas na busca de solucionar esses problemas, muitas vezes em vão. Não havia o que ser feito pelos estagiários, apenas conseguíamos ver no sistema os nomes e as frequências relativas a cada filho. Orientávamos que procurassem a pessoa responsável por essa questão na Secretaria da Educação (naquele momento Flávia trabalhava nesta secretaria, hoje trabalha no cadastro único junto com a Daniela). Após encaminhar a ela não sabíamos o que aconteceria em seguida e eu, particularmente, ficava bastante curiosa.

De forma geral, na monografia (Pinho, 2017) busquei analisar a condicionalidade da educação do PBF a partir da rotina no estágio, pelo cotidiano de técnicos ‘na ponta’ que implementam os programas e lidam diretamente com seu público-alvo<sup>16</sup>. Além de analisar as interações neste espaço, também fiz entrevistas com titulares<sup>17</sup> fora dele. No projeto para a seleção do mestrado pretendia dar continuidade às análises empreendidas na monografia, porém as duas pesquisas carregam diferenças significativas entre si no íntimo de suas propostas. No mestrado tinha a pretensão de exceder os limites do espaço institucional do cadastro único e focar, em especial, no residencial Eduardo Abdelnur. O olhar partia por outro caminho: pelo cotidiano de mulheres titulares dos programas Bolsa Família (PBF) e Minha Casa Minha Vida (PMCMV-1) que vivem nesse bairro.

---

<sup>16</sup> LIPSKY(2010) e LOTTA(2009) são referências importantes nesse sentido, para apreender as interações entre as titulares e os “burocratas do nível de rua”.

<sup>17</sup> As mulheres (quase sempre mães) “usuárias”, “sujeitos receptores”, “públicos-alvo”, “bolsistas”, “beneficiárias”, “responsáveis familiares” ou “titulares” são alvo e cumprem papel chave na implementação dos programas sociais brasileiros. Isto pode ser visto no próprio Decreto Nº 6.135, 26 de junho de 2007, artigo 6º que se refere ao Cadastro Único: “o cadastramento de cada família será vinculado a seu domicílio e a um responsável pela unidade familiar, maior de dezesseis anos, **preferencialmente** mulher”. A denominação “beneficiário” é a utilizada pelo MDS para pessoas que usufruem do programa, direta (enquanto menor dependente) ou indiretamente (enquanto membro adulto do domicílio) e é diferente do termo “responsável familiar”. Opto aqui, como fez GEORGES e SANTOS (2016) pelo termo “titulares” para evidenciar o fato de que elas não apenas recebem o benefício como devem cumprir às condicionalidades, além de que elas próprias não se identificam frequentemente com o termo do MDS. Por esses motivos expostos acima, utilizarei a desinência feminina.

E por que o residencial Eduardo Abdelnur? Durante o mês de maio de 2016, mulheres contempladas pelo PMCMV-1 e agora novas moradoras do bairro<sup>18</sup> foram ao cadastro para questionar sobre a dificuldade de seus filhos frequentarem as aulas - o que poderia comprometer o recebimento do benefício do Bolsa Família<sup>19</sup>. Não existia nenhum equipamento público coletivo no bairro e as escolas mais próximas não tinham vagas. A prefeitura não disponibilizava, ainda, transporte com destino às unidades escolares. Como nesse momento já me atentava à questão da condicionalidade da educação, resolvi ir até lá sozinha. Fiz duas incursões etnográficas em 2016 que renderam algumas entrevistas com moradoras. A partir daí escolhi ter como ponto de partida para a pesquisa do mestrado o cotidiano das moradoras daquele espaço.

Dessa forma, os três conjuntos de questões que emergiram no período de estágio e que foram amadurecendo no processo de escrita de textos se desdobraram no projeto. Nele, busquei reunir os três interesses acima mencionados, ou seja, (1) a partir da trajetória e cotidiano das titulares (2) moradoras do bairro Eduardo Abdelnur, (3) me interessava compreender em que medida (e como) cumpriam a condicionalidade da educação do programa Bolsa Família. Ou seja, o projeto se interessava por questões referentes à gênero, habitação e políticas estatais. Existe a norma, porém é difícil de ser cumprida se consideradas as condições específicas do bairro e das vidas das titulares. Como, então, tais mulheres fazem para levar e buscar seus filhos nas escolas?

---

<sup>18</sup> No dia 26 de abril de 2016, as chaves deste novo residencial foram entregues às 986 famílias contempladas. Disponível em: <http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2016/04/25/73841/chaves-das-casas-do-residencial-eduardo-abdelnur-serao-entregues-nesta-terca-feira> Último acesso em: 1/8/2018.

<sup>19</sup> Sobre as condicionalidades do PBF, na prática os responsáveis devem matricular todas as crianças e adolescentes de 6 a 17 anos na escola e a frequência escolar deve ser de, no mínimo, 85% para quem possui de 6 a 15 anos e de 75% para jovens de 16 a 17 anos. Já na área da saúde, as crianças menores de 7 anos devem ser vacinadas e fazer o acompanhamento do crescimento e do desenvolvimento. As mulheres gestantes devem fazer o pré-natal e ir às consultas médicas. O acompanhamento da frequência escolar é bimestral; já na área da saúde, é semestral. São aplicados efeitos gradativos nas famílias que se encontram “em descumprimento” das condicionalidades. Primeiro a pessoa recebe uma advertência que não afeta seu benefício. Se, no período de até seis meses, o descumprimento se repete, há o bloqueio do benefício (a família fica sem receber por um mês e esse pode ser sacado no próximo). Se depois de bloqueado, ocorrer novo descumprimento no período de seis meses, o benefício é suspenso por dois meses sem possibilidade de reaver as parcelas. O último e mais grave efeito é o cancelamento que só deve ocorrer após a família ter passado por acompanhamento da assistência social.

## 1.2 As entradas em ‘campo’

Era essa a questão central do projeto e foi ela que me norteou no início da etnografia no *Abdelnur* em abril de 2018. Ao me apresentar às primeiras mulheres que conheci, identifiquei-me como mestranda da UFSCar que pesquisava moradoras daquele bairro que são beneficiárias do PBF. Aos poucos fui me dando conta (não sozinha, também sob orientação do Gabriel) que essa estratégia de delimitar o campo à minha questão de pesquisa poderia prejudicar a própria etnografia. Fiz, então, rearranjos tanto na forma que me apresentava às pessoas quanto na própria metodologia. Como se verá a seguir, esse processo foi lento, estendendo-se desde as formas de entrada no campo até a escrita da dissertação. Entendo que tal processo faça parte do próprio fazer etnográfico, falarei mais propriamente sobre isso nessa e na próxima seção.

Maria foi a primeira interlocutora que fiz contato no início de abril 2018. Dizer a ela no dia que nos conhecemos sobre meu interesse em pesquisar as beneficiárias do programa Bolsa Família que moram no *Abdelnur* teve alguns efeitos. Somente com o tempo pude perceber e repensar essa estratégia que poderia mais fechar do que abrir portas; ela talvez delimitasse as relações que eu nem sequer havia começado ainda. Por exemplo, era perceptível que Maria havia mobilizado previamente sua nora. Ela tinha entendido conforme minha explicação que Bela seria ideal para minha pesquisa: é beneficiária do PBF; moradora do *Abdelnur*; está sempre lá para me receber e conhece muitas outras mulheres. Além da Bela, Maria também falou sobre mim para suas vizinhas mais próximas, caso eu quisesse conhecê-las. No entanto, ela entendeu que não me interessaria conhecer sua filha Fabi e sua nora Jéssica que também recebem o benefício do PBF, mas que não moram no *Abdelnur*. Ela compreendeu, tal como eu expliquei, qual era o foco, o que era central. Com isso, Maria mobilizou sua rede, delimitou conforme meu recorte e se preocupou em me apresentar à Bela, Verônica, Dona Leia e Cristina – todas recebem o benefício do PBF e são moradoras do *Abdelnur*, todas titulares do PBF e PMCMV-1.

Maria provavelmente falava de mim para outras pessoas como “a Isabela que pesquisa o Bolsa Família aqui no bairro” e, dessa forma, uma espécie de rótulo era atribuído a mim logo de início. Tiveram situações que são exemplos de reações à tal entrada. A primeira delas foi quando uma vizinha de Maria disse ter certo receio em relação a mim, porque estavam cortando muitos benefícios do PBF e eu poderia ser uma



espécie de ‘agente fiscalizadora’ que poderia fazer algo que as prejudicasse. Outra reação a essa entrada: por ter me aproximado muito de Bela, Maria disse para mim, com tom de ciúmes, “vou voltar a receber Bolsa Família para você vir me visitar mais viu, Isabela”. Logo fui percebendo que essa primeira estratégia de apresentação e entrada poderia ser repensada porque além do risco de causar certa ameaça a algumas mulheres, estava determinando os caminhos futuros do campo.

Também cheguei a mencionar meu interesse na questão escolar. Quando posteriormente conheci outras moradoras sem a mediação de Maria e Bela, resolvi seguir por esse caminho que trouxeram novos resultados. Era diferente de dizer do PBF porque não causava o medo da fiscalização, mas poderia gerar outro que eu não imaginava de início: o do Conselho Tutelar. Laura - uma criança de dez anos e filha de Ana - disse que correu para sua casa quando me viu, porque sua amiga havia lhe falado que eu fazia uma pesquisa sobre as escolas do bairro e, então, pensou que eu pudesse ser do Conselho. É interessante notar que para algumas mulheres e crianças minha presença era contraditória. Eu não representava uma ameaça por todos os códigos presentes em meu corpo, mas por esses mesmos códigos eu poderia apresentar outro tipo de ameaça, sobretudo como agente estatal. Muitas vezes fui confundida com assistente social, psicóloga ou conselheira tutelar.

Demorei para perceber que na realidade eu estava muito presa às questões de pesquisa e categorias estabelecidas a priori. Encontrei-me em um dilema quando, por exemplo, me aproximava cada vez mais de Bela que não se encaixava exatamente na minha questão inicial de pesquisa. Isso porque suas filhas que moram com ela ainda não têm 6 anos de idade, suas frequências escolares não são controladas e, portanto, não existe o risco de descumprir a condicionalidade da educação do PBF. No entanto, como Bela estava gestante, ficava mais em casa e podia me receber com maior frequência que as outras mulheres. Nós nos aproximávamos cada dia mais e eu fui deixando que isso acontecesse. Com o desenrolar de nossa intimidade, ela me permitia que eu acompanhasse seu cotidiano, de sua família e de suas vizinhas.

Desse modo, permiti que o campo me levasse e nesse movimento criava diferentes graus de intimidade com cada uma das moradoras que eu conhecia. Passei a anotar o que as mulheres queriam me contar, deixei que os temas que elas consideravam importantes aparecessem. E aquilo que elas queriam me contar passaram a ser o que me interessava saber. Nesse movimento, a vida cotidiana dessas mulheres passou a ser central, na realidade a vida de suas casas se tornou o foco.

### 1.3 As alianças com Maria, Bela, Ana e Rosa

“Já vai? Mas ainda está cedo, Isabela”. Mesmo que estivesse tarde da noite, era essa a frase que frequentemente ouvia quando anunciava que ia embora para casa. Consigo lembrar perfeitamente de cada rosto expressando essas palavras... de Maria, Bela, Ana e Rosa. Foi durante os meses de abril a julho de 2018 que fiz o campo mais intenso no bairro Eduardo Abdelnur. De início, planejei que o frequentaria pelo menos três vezes na semana sem delimitar quais os dias exatos. Contudo, já nas primeiras visitas notei que os domingos seriam importantes, porque era o único dia que Maria, uma das moradoras que eu tinha mais contato, não trabalhava e reunia sua família. Além disso, aos finais de semana havia maior sociabilização nas ruas do *Abdelnur* - o que era interessante perceber. Para me organizar e criar certa rotina com o ‘campo’, resolvi, então, que iria todos os domingos que conseguisse e pelo menos dois dias durante a semana. Tendo esse planejamento prévio, as moradoras também saberiam quando eu ‘estaria lá’ e, dessa forma, poderiam igualmente organizar-se para me receber. Durante esse período, também fui ao cadastro único três vezes para conversar com Daniela e Flávia, funcionárias da prefeitura, como já mencionado.

O tempo que permanecia no *Abdelnur* variou durante os meses. De início, pegava o ônibus no centro da cidade com destino ao bairro por volta de uma hora e retornava no fim da tarde. A partir de junho, passei a ir de carro e não dependi mais dos horários exatos dos ônibus. O tempo que demorava para chegar da minha casa ao bairro de ônibus era de aproximadamente quarenta minutos; de carro eu chegava em vinte. Geralmente ia nos horários próximos ao almoço, mas em algumas situações esperei até três horas da tarde para dar carona à Maria que saía do serviço essa hora. Optei por maior flexibilidade nos horários de ida e volta para captar as diferenças nas temporalidades e para deixar que a pesquisa fluísse conforme o ‘campo’ permitia. Assim, houve dias que retornei para casa às cinco da tarde e dias que voltei às oito ou nove da noite, por exemplo. De modo geral, o tempo que permanecia no bairro era de quatro a seis horas diárias.

Como se percebe, com esse planejamento de dias e horários dei início à etnografia em abril. Até certo ponto o segui até o fim, não como um cronograma fechado e imutável, mas como um calendário flexível que me guiava, dava-me um norte. Essa não fixidez permitiu eventuais mudanças e negociações durante o caminho da pesquisa. E tais mudanças ocorreram de acordo com o fluxo que o ‘campo’ e meu corpo permitiram.

É evidente, entretanto, que o ‘campo’ é mais do que isso, vai muito além das quantidades de vezes e de horas que ‘estive lá’ no *Abdelnur*. Tal como vai além das situações em que estive com as mulheres fora deste território: no ponto de ônibus localizado no centro da cidade; no trajeto do transporte escolar; no trabalho de Maria; na maternidade quando visitei Bela e seu filho recém-nascido; na ocasião que levei a Laura, filha de Ana, na UFSCar e na minha casa; ou, então, nos momentos que trocamos mensagens e áudios pela internet. Como pretendo demonstrar, a etnografia não se delimita ao espaço e ao tempo que ‘estive lá’<sup>20</sup>, as práticas do ouvir paciente de cada história e do olhar para os cotidianos inevitavelmente atravessam meu corpo e subjetividade, atingem o meu próprio cotidiano.

Nesse sentido, é importante mencionar algumas premissas: primeiro, não se deve partir *a priori* do olhar que concebe e naturaliza o distanciamento físico e analítico do etnógrafo e etnografado, como se existissem comunidades delimitadas, culturas homogêneas, fenômenos naturais e exteriores ao pesquisador. Ademais, o conhecimento sociológico ou antropológico não é privilegiado. Os insights presentes aqui surgem a partir da etnografia, pelo contato e diálogo com outras formas de conhecimento que não se sobrepõem, mas coexistem. Dessa forma, perceber as semelhanças e diferenças (e não as conciliar, adensar ou anular) de conhecimentos, ideias, sujeitos, artefatos é elemento constitutivo da etnografia. O texto etnográfico deve, então, reconhecer as vias complexas e entrecruzamentos entre diferenças e semelhanças. Há diversos elementos como os corpos e subjetividades que estão em fluxo contínuo. É na relação de alteridade, no encontro de subjetividades, no compartilhar de experiências que se produz o próprio conhecimento. Percebo a etnografia como algo que engloba aspectos epistemológicos, analíticos e metodológicos. Pode-se falar em experiência etnográfica, conhecimento etnográfico e, também, análise etnográfica<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> O “estive lá” realçado por Geertz (1989 [1973]; 2009) na década de 70 já foi colocado em questão, sobretudo pela antropologia no debate acerca da etnografia. O “estar lá”, “estar aqui”, “como entrei” e “como vim embora” podem reforçar a ideia clássica - das ciências sociais como um todo - de distanciamento entre o pesquisador e o pesquisado, do mundo do etnógrafo e do etnografado. No entanto, penso que o “deslocamento” não implica necessariamente na transformação dos interlocutores em Outros exóticos, num “campo” fetichizado, no “contar de uma aventura”. Acredito que é possível a relativização do conhecimento hegemônico ocidental, a escuta e valorização do que dizem os interlocutores, ao mesmo tempo em que se tenha consciência do posicionamento de perspectivas transmitidas a partir de situações socialmente e politicamente diferentes (GUPTA e FERGUSON, 1997; FONSECA, 2017).

<sup>21</sup> Como eu percebo hoje o ‘fazer etnográfico’ se deve muito às leituras durante a minha formação em Ciências Sociais e na pós-graduação em Sociologia. Mas se devem, sobretudo, às discussões que participei estando no grupo de pesquisas urbanas NaMargem desde 2014 até o momento. No segundo semestre de 2018, fui monitora de estágio docência na disciplina ‘Etnografia em Sociologia’ dada pelo professor e orientador Gabriel Feltran. Não poderia deixar de mencionar o quanto essas aulas e todas as outras que

É plausível dizer que nesse período não estabeleci uma relação instrumentalizada com as moradoras, não fiz uma ‘coleta de dados’ como se as relações que tecemos na vida cotidiana fossem capazes de serem traduzidas em dados passíveis de serem coletados. Considero que a etnografia também possui um caráter político de forjar laços entre os diversos possíveis saberes de diferentes sítios. No texto etnográfico - como uma reedição do contar certa história - implica numa série de opções não só éticas, mas também políticas, nas quais esboçamos linhas possíveis de aliança. E isso tem a ver com nossas convicções pessoais (éticas e estéticas), com nossas experiências de vida que vão além do ‘campo’ em si (FONSECA, 2017).

Penso que durante esses meses forjei uma aliança com Maria, Bela, Ana e Rosa. Tal como Araujo Silva (2017), considero “aliança” como uma relação de compromisso etnográfico, de forma que meus interesses de pesquisa vão ao encontro dos interesses de minhas interlocutoras, como uma relação que flui por esforço e vontade de uma parte e de outra. O meu interesse em escrever sobre elas se conectou ao interesse delas de que eu escutasse suas histórias, compartilhasse seus mundos, habitasse suas vidas cotidianas.

Escolhi escutar e participar dos problemas que tecem suas vidas ordinárias, acompanhar e escrever sobre os pequenos gestos cotidianos, sobre os minúsculos detalhes. Do processo de ouvir pacientemente aquilo que elas gostariam de me contar e do compartilhamento de mundo que fiz minha metodologia de trabalho, tal como Pierobon (2018) em sua tese sobre a vida de Leonor. Ao prestar atenção nos temas que elas pautavam como importantes, me vi numa densidade e complexidade dos mundos apresentados a mim por minhas interlocutoras e suas famílias. Ao habitar a vida dessas mulheres, também permiti que as experiências delas atravessassem e marcassem meu corpo e subjetividade.

Aqui, é interessante atentar-se às diferenças entre as alianças estabelecidas com cada uma das interlocutoras e, conseqüentemente, a diferença das técnicas de pesquisa utilizadas. Desde abril de 2018, estive mais próxima de Bela e Maria que possuem laço familiar como nora e sogra. Talvez pela circunstância de estar no fim da gestação e, portanto, por passar a maior parte do dia em casa, foi com Bela que passei mais tempo, com quem criei uma aliança mais forte. Acompanhei um pouco menos o cotidiano de Ana porque frequentemente saía de casa para *correr atrás*, por outro lado isso permitiu que eu me aproximasse de sua filha Laura. Como convivi bastante com as crianças de Ana,

---

assisti com ele desde 2013 me auxiliaram na compreensão do ‘fazer etnográfico’. Mais que isso: inspiraram-me a levar a sério tal ‘fazer’ e a me considerar hoje uma etnógrafa urbana.

utilizei os desenhos como técnica de pesquisa. Rosa foi a que menos convivi e a que tive menos contato, mas por outro lado foi a que mais fiz entrevistas gravadas e a que mais utilizei os desenhos.

Após quatro meses de convivência e já estabelecida uma relação de confiança e intimidade, fiz uma única entrevista gravada com Maria, Bela e Ana separadamente, no fim da etnografia. Com Rosa foi diferente: eu habitei muito pouco seu cotidiano, mas desde o primeiro dia que a conheci gravamos horas de conversa, então tenho muitos relatos gravados sobre sua vida. Todas as entrevistas foram presenciais, gravadas e transcritas integralmente. As incursões etnográficas foram registradas ou em anotações em caderno de campo ou em diários ditados ao gravador após os momentos de observação ou entrevista. Eles também foram transcritos integralmente.

Como fonte de dados secundários, fiz um levantamento das notícias relacionadas ao bairro do período de outubro de 2015 (quando aconteceu o sorteio das casas) a julho de 2018. Os três jornais digitais utilizados foram: São Carlos Urgente, EPTV São Carlos e Região e o São Carlos Agora. Os dados coletados em tais matérias não foram centrais na pesquisa; foram, de outro modo, complementares à etnografia. Além disso, os desenhos também serviram como técnica de pesquisa complementar. Sempre levava comigo folhas sulfites, lápis de cor, giz de cera e canetinha. Alguns resultados aparecerão no decorrer do texto.

Sobre essa técnica, existem antropólogos e sociólogos que se utilizam do desenho nas pesquisas de campo. Porém, o uso e o propósito nem sempre são os mesmos. Há toda uma infinidade de possibilidades e não há normalização de estilo, nem formalização em termos metodológicos ou expositivos.

Autores na sociologia<sup>22</sup>, por exemplo, defendem que o desenho, assim como a foto e a realização de oficinas com os interlocutores (de fuxico, boneca de pano, crochê, argila e mesmo de desenho) podem servir como estímulos e muletas da memória. Dessa forma, o pesquisador teria possibilidade de captar o indizível, o silêncio e memórias mais profundas. Argumentam também que o desenho e essas outros ‘objetos’ que materializam a memória, permitem acessar o campo das emoções, dos sentimentos, afetos, traumas, intimidades e subjetividades que, por vezes, a fala, a narração e a entrevista não acessam.

---

<sup>22</sup> O primeiro contato que tive com a possibilidade do desenho na sociologia foi durante uma disciplina do mestrado em 2018 chamada “Identidade e Memória” com as professoras Maria Moraes e Glória Bonelli. Caso interesse, o leitor pode procurar as referências: Silva, 2005; Andriolli, 2006; Silva, M; Melo, 2009; Bandini, C; Silva, M., 2011.

Já na antropologia, os autores dizem acerca das possibilidades do pesquisador enquanto desenhista. Isto é, do próprio processo de desenhar que poderia, por exemplo, ajudar nos insights da pesquisa. Os materiais utilizados podem ser variados e os estilos também, desde esboços e rabiscos no diário de campo até desenhos com técnicas mais aperfeiçoadas que, por exemplo, seguem uma narrativa desenhada.

Azevedo (2016) faz uma recuperação histórica<sup>23</sup> da relação entre antropologia e desenho até o momento atual. A autora afirma que “para alguns, o desenho é um verbo, um fazer, um processo, uma metodologia de pesquisa; para outros, o desenho é um resultado de pesquisa e uma forma, inclusive, de apresentá-la; para muitos, o desenho é ambas as coisas” (AZEVEDO, 2016, p. 22). A antropóloga Karina Kuschnir trabalha com o uso dos desenhos sendo ela própria a autora destes; além de que possui vários textos e discussões sobre o tema. Em um deles, apresenta um panorama rápido das ilustrações na antropologia e menciona que o desenho pode ser utilizado enquanto recurso de pesquisa e forma de descrição. Ou seja, enquanto um processo ou um produto final. É interessante que a autora menciona a aproximação dessa técnica com fórmulas vitais, sensíveis, fluídas. Para ela, o desenho permite uma investigação mais sensível, subjetiva, criativa e vivida (KUSCHNIR, 2016). Outra referência interessante é a etnografia desenhada de Kaito Campos Novais (2018) que se utiliza do desenho como produto. Ele analisa os traços como técnica de dizer coisas, produzir sentidos.

Muitos parecem concordar que não é tanto o resultado que está ‘em jogo’, mas o processo. Aquilo que o autor passa a enxergar e conhecer a partir da experiência de desenhar, como uma maneira de pensar. Parece ser consenso que a utilização dos desenhos por tais autores busca romper com uma forma de ciência moderna, cartesiana, objetivista, racional, ‘fria’ e materialista. Eles defendem que os desenhos nos permitem fugir disso, propondo aproximações com a emoção, magia, fantasia, sentimento, corpo, sentidos, etc.

Os desenhos podem ser utilizados, portanto, enquanto objeto de investigação, método de pesquisa e apresentação de resultados. Aqui, os desenhos apresentados não buscam somente ilustrar o texto verbal, como que para explicá-lo ou decorá-lo. Não acredito que os desenhos sirvam como meras ilustrações; defendo que sejam outra forma de narrar. Não é necessário fazer análises deles para vermos as potencialidades quando levados em consideração junto com os contextos sociais em que as pessoas estão

---

<sup>23</sup> Na antropologia fora do Brasil, duas referências que tratam dos desenhos são importantes: Michael Taussig (2009, 2011) e Tim Ingold (2011).

inseridas. Privilegio aqui o desenho como representação social, manifestação do universo de sentidos das crianças e adultos. É interessante nos atentarmos para a capacidade dessa forma discursiva de produzir inteligibilidade sobre um fenômeno, como a casa e a família.

Para finalizar esta seção e dar início a outra, é importante mencionar novamente que as escolhas das categorias, dos temas e dos capítulos não foram feitas *a priori*; pelo contrário, nem no texto da qualificação estava organizado dessa forma que está hoje. Somente na escrita do texto final que organizei o que considerei fundamental com base no que as interlocutoras consideravam fundamental. Decidi analisar com atenção o que elas me diziam e as categorias emergiram dessa análise do material etnográfico. Os pequenos gestos cotidianos compreendiam as formas de habitar o mundo, as casas em que viveram, os modos de gerir suas vidas, de manter as casas, de cuidar dos filhos, de lidar com a violência e com o estado.

### **1.3.1 Meu primeiro encontro com Maria na república**

Foi por um amigo - conterrâneo da mesma cidade que nasci e cresci - que ouvi falar de Maria pela primeira vez. Não foram raras as vezes que eu e ele percorremos juntos o trajeto entre São Carlos e Santos para visitar nossos pais e retornar aos estudos. Nessas idas e vindas ficamos mais próximos. Ouvi muitas histórias, conheci alguns dos seus amigos e passei a frequentar a república onde ele morava com outros estudantes de engenharia e onde Maria trabalha como empregada doméstica há sete anos.

Entre outras características próprias que a marcam, a cidade de São Carlos possui intensa atividade universitária e é reconhecida por isso. Com população estimada de 249 mil pessoas<sup>24</sup>, a presença da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), dos dois campi da Universidade de São Paulo (USP), do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e da Faculdade de Tecnologia (FATEC), além de uma instituição de ensino superior particular, o Centro Universitário Central Paulista (UNICEP) atrai graduandos, pós-graduandos e docentes de diferentes regiões do Brasil e mesmo de fora do país. Com isso, a população flutuante é alta: diversas pessoas circulam pela cidade, principalmente nos bairros mais próximos que rodeiam os campi. Para quem percorre por esses espaços, a tal “vida universitária” faz parte da dinâmica e do cotidiano da própria cidade. Parte do comércio e do serviço, do mercado imobiliário, do trânsito, do planejamento e

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-carlos/panorama> Último acesso em: 21/2/2019.

funcionamento da cidade e parte da economia do município está relacionada mutuamente com o mundo universitário.

Estudantes alugam apartamentos, quitinetes ou casas e muitos “dividem tetos” com outros universitários para baratear seus custos. Nesses casos, existem as chamadas repúblicas localizadas em propriedades grandes ou pequenas; recém-formadas ou bastante antigas com, por exemplo, mais de vinte anos de existência. Em algumas moram poucos estudantes; outras, por sua vez, abrigam até mais de quinze universitários. Tais repúblicas fazem parte do universo de significação das pessoas que conhecem São Carlos, daquelas que moram e, sobretudo, daquelas que residem em territórios mais próximos às universidades.

Longe de ser homogêneo, este universo de significação pode implicar sentidos valorativos muito distintos a depender do contexto e da experiência de cada morador da cidade e a depender da relação que estes estabelecem (ou não) com a universidade e com os universitários. O locador que aluga sua casa aos inquilinos universitários; a imobiliária que negocia o imóvel com os estudantes e proprietários; a senhora vizinha que escuta os barulhos de festas; o jardineiro contratado para carpir o terreno; a catadora de recicláveis que recolhe as latinhas jogadas pelos moradores; o advogado que lida com os processos jurídicos; o policial que é chamado durante as festas para mediar o conflito entre moradores e vizinhos; o pintor, encanador, eletricista; o motorista do carreto que carrega os móveis para novos lares; o traficante que negocia via whatsapp e entrega drogas nas repúblicas; o empreendedor que abre um comércio na região; os seguranças contratados para trabalhar nas festas; as celebridades que vêm fazer shows nos eventos organizados pelos próprios estudantes; as casas de shows da cidade alugadas para os eventos; os restaurantes que entregam suas marmitas; o motorista de ônibus e do uber; a faxineira que faz seu serviço de limpeza e a empregada doméstica contratada pelos estudantes... como é o caso de Maria.

Apesar de ter escutado falar de Maria diversas vezes, até então não a conhecia pessoalmente e não sabia que era moradora do *Abdelnur*. No fim de 2017, entre diversos assuntos que conversei com o Miguel (outro colega da república) surgiu o assunto da pesquisa de mestrado e o interesse no bairro. Para minha surpresa, ele o conhecia, pois já levou Maria em sua casa. Naquela situação, pedi que mediasse esse primeiro contato com ela, mas vieram as férias e deixamos isso pendente. Por algum motivo me sentia desconfortável e de certa forma ‘travada’ nesse momento inicial para começar o campo. Considerei que o contato com Maria pudesse me ajudar - e como ajudou.



Era uma quarta-feira no começo de abril quando fui até a república no horário do almoço para encontrá-la. Quando cheguei, Miguel me recebeu e gritou o nome de Maria que em instantes saiu de um dos quartos que limpava. Fomos na direção uma da outra, de modo que paramos nos degraus da escada. Nos cumprimentamos, me apresentei e por ali ficamos durante quase meia hora em pé conversando. Falamos sobre o bairro, a distância, os horários do ônibus, como ela ia e voltava todos os dias... Embora a conversa tenha fluído, era nítido que eu e ela estávamos desconfortáveis. Lembro de ter reparado em seus olhos cor de mel e nos fios de cabelo grisalhos, presos e esticados num ‘rabo de cavalo’ baixo, como geralmente usava. Apesar de um tanto tímida, sua simpatia e doçura se fizeram presentes já nesse primeiro encontro.

Expliquei rapidamente sobre a pesquisa que estava iniciando no *Abdelnur*. Disse a ela que já havia ido outras vezes ao bairro e conhecia algumas (poucas) moradoras, mas que fazia quase um ano que não voltava. Quando comentei que meu objeto era relacionado ao programa Bolsa Família, logo Maria falou da quantidade de moradoras do bairro beneficiárias: suas vizinhas, sua própria filha, suas noras, as vizinhas da nora... Ela própria já recebeu o benefício por muito tempo antes de trabalhar com carteira assinada. Disse a ela que a partir do próximo final de semana começaria a frequentar o bairro e perguntei, então, se poderíamos nos encontrar por lá. De forma muito simpática, Maria respondeu que sábado e domingo estaria em casa e que poderia me receber, também disse que conversaria com sua nora Bela para me ajudar porque, diferente dela, não trabalhava no momento. Como estava gestante de seis meses, ficava sempre em casa e conhecia muitas mulheres do bairro que poderia me apresentar. Assim seria mais fácil de encontrar Bela durante a pesquisa do que Maria que sai cedo de casa e volta só no fim da tarde. Combinamos, em vista disso, que me apresentaria à nora no final de semana. Fiquei animada, anotei seu celular e ficamos de nos falar para marcarmos nosso próximo encontro já em sua casa no *Abdelnur*.

### **1.3.2 Meu primeiro encontro com Maria, Bela e suas vizinhas nas casinhas do Abdelnur**

Dois dias após conhecer Maria, enviei uma mensagem via whatsapp perguntando quando ela preferia que eu fosse à sua casa, se no sábado ou no domingo, pois não gostaria de incomodá-la. Ela respondeu: “Oi pode ser qualquer dia, já falei com algumas pessoas, não se preocupe, não vai incomodar, o que você decidir está ótimo.” Preferi, então, ir

ao domingo. Para muitos, aquele não era um domingo qualquer, era final do campeonato paulista de futebol. E mais: era um clássico entre Corinthians e Palmeiras. Fui de carro em direção ao *Abdelnur* por volta das três horas da tarde. Antes passei na padaria e peguei um bolo para levar. Naquele momento, fazia dois anos que as chaves das casas foram entregues e mais de seis meses que eu não voltava ao bairro. Como era de se esperar: mais muros levantados; maior quantidade de paredes e casas pintadas; mais comércios nos quintais; mais cores e vidas.

Cheguei lá, foi um pouco difícil de achar, mas logo encontrei a casa. Maria estava do lado de fora com o marido, os dois sentados. O marido se chama Cláudio, eu acho se não me engano, parece um senhor, bem senhorzinho. (Diário de campo, ditado ao gravador, 08.04.2018)

Na citação acima, é interessante observar a primeira impressão que tive de Cláudio como alguém de muita idade. Hoje sabendo que possuí apenas 51 anos, é significativa a diferença do quanto ele realmente possui e do quanto eu imaginava de início. Desci do carro, cumprimentei Maria que me apresentou a Cláudio, a Fernando (seu genro) e, também, à sua cachorra vira-lata. Em seguida ela me convidou para entrar e perguntou se eu tomava café, disse que sim e começou a prepará-lo. Observei que Maria colocava as colheres de açúcar direto na água, antes de coar. Estranhei, já que estou acostumada a tomar sem adoçar, mas evidentemente não fiz qualquer comentário.

Enquanto tomávamos café, nós conversávamos. Lembro que em suas primeiras falas disse que Cláudio havia caído dentro de casa no dia anterior, bateu a cabeça e levou seis pontos. Diante disso, falou: “Que bom que você não veio ontem, ainda bem, porque a gente passou muito tempo dentro do hospital, ele tinha caído”. Já nesse momento me colocou a par da situação de que seu marido é alcólatra e está doente, *tem as pernas fracas*. Neste dia e nos outros que se sucederam, Cláudio estava com bastante dificuldade para se levantar e andar; então a família, com receio, se organizava para não o deixar sozinho em nenhum momento.

Após alguns minutos, seu filho Rafael e sua nora Luciana chegaram, me cumprimentaram e se sentaram no sofá da sala para assistir à final do campeonato; Cláudio, por sua vez, foi ver no quarto. Os três são corintianos e Maria disse não ligar para futebol. Rafael andava mancando apoiado em duas muletas, uma em cada braço. Perguntei à Maria o que tinha acontecido e respondeu que ele sofreu um acidente de moto no fim do ano passado e colocou três pinos na perna; está se recuperando em casa desde

então. Rafael trabalha em uma empresa de conserto de radiadores no centro da cidade; possui registro na carteira de trabalho e por conta do acidente encontra-se afastado. Além do trabalho formal, Rafael possui uma fonte de renda extra: vende pipas, rabiolas, linhas e carretéis no quintal. Já Luciana está desempregada. O casal e o Cláudio geralmente passam, portanto, o dia todo em casa.

Assistimos apenas dez minutos de jogo e fomos à casa de Bela, esposa do seu filho Bruno, que já nos aguardava. Enquanto caminhávamos pelas ruas do bairro, eu tentava entender a configuração familiar de Maria. Perguntei a ela sobre seus filhos e então explicou que tem três e mais dois *de criação*. Disse que minutos antes de eu chegar, a Fabi tinha acabado de ir embora com as suas netas, o que era uma pena, pois gostaria que eu as conhecesse. Sobre Luciana, sua nora que eu tinha acabado de conhecer, Maria disse que *não se dava muito com ela*. Os motivos que pontuou nesse momento eram os mesmos que em outras situações igualmente ouvi sobre sua nora: “Luciana não trabalha e não ajuda em casa; não faz nada e sobra tudo para Maria que chega do serviço cansada e ainda tem a louça do almoço para lavar, a janta para fazer e a casa para limpar”. Tal frase é a reprodução de uma frase comum que já ouvi, tanto de Bela como de Fabi.

Ao virar a esquina da rua da Bela e do Bruno, suas duas netas Belly e Dani vieram correndo na nossa direção gritando: “Vovó, vovó!” Fui apresentada à Bela e às suas filhas que brincavam com outras crianças no quintal sem me dar muita atenção. Verônica, vizinha de Bela, também estava com seu bebê de seis meses, o Ícaro. O Bruno e o Gustavo (marido da Verônica) estavam na casa do vizinho da frente assistindo ao jogo, no intervalo saíram e os cumprimentei de longe com a cabeça. Reparei que os dois eram bem tatuados. Além deles, outros meninos jovens circulavam por ali; depois pude perceber que era habitual tal circulação, principalmente naquelas proximidades.

Maria, Bela e Verônica contavam as novidades da família, do bairro e dos conhecidos ao mesmo tempo em que estavam atentas olhando as crianças; conversavam sobre diversos assuntos e um deles foi sobre à minha pesquisa. Elas perguntaram e eu me esforcei para explicar, não sei se com sucesso. Disse a elas que já tinha ido ao bairro outras vezes, mas que fazia bastante tempo que não voltava. Nesse momento, Bela foi enfática ao dizer que se lembrava de ter me visto. Fiquei impressionada, porque nas incursões etnográficas que fiz durante a monografia conversei com poucas mulheres e não me recordava dela. Apesar de ter sido simpática, a primeira impressão que tive de Bela era de ter um jeito mais cauteloso, reservado, talvez desconfiado.

Ficamos aproximadamente uma hora sentadas no pequeno muro que separa a casa da Bela e da Dona Leia, sua vizinha. Em dado momento, Maria disse à Bela: “Vai lá, chama a Dona Leia para a Isabela conhecer”. A nora negou, ela e sua vizinha estavam brigadas. Solicitou à Verônica que, então, atendeu ao pedido. Dona Leia apareceu na porta da sua casa e fez um sinal de não com a mão e em seguida apontou à Bela, como se dissesse que não queria ir até lá por sua causa. Diante dessa reação, Maria interviu: “Não, não é com a Bela, é com a Isabela. A Isabela está fazendo uma pesquisa, a Isabela quer te conhecer”. Resolvi levantar-me e ir em sua direção, dessa forma Dona Leia não precisaria se aproximar de Bela.

Naquela altura, eu ainda me apresentava como estudante da UFSCar que iniciava uma pesquisa com as mulheres beneficiárias do programa Bolsa Família moradoras do bairro. Foi o que eu disse quando conheci Maria na república e como me apresentei à Dona Leia logo após cumprimentá-la. “Eu recebo, é pouco, mas já ajuda bastante”, foi assim que reagiu à minha fala. Logo em seguida Dona Leia disse que cuidava de quatro netas pequenas, a maior delas tem dez anos. O seu filho Michel também reside na casa, ele é pai de três das quatro meninas, uma delas é somente filha de sua ex-mulher, mas ele e a Dona Gi criam todas. Conversamos rapidamente, me despedi dizendo que nos próximos meses frequentaria o bairro, portanto voltaria em outras situações para nos conhecermos melhor. Além de conhecer Bela, Dona Leia, Verônica e suas respectivas famílias, soube que Denise (uma das minhas interlocutoras da monografia) mora na rua de trás da delas. Fiquei aliviada, era reconfortante saber que se eu chegasse no *Abdelnur* teria um destino garantido: uma das três casas acima ou a de Denise.

Maria saiu de sua casa naquele domingo para mediar meu primeiro contato com tais mulheres, o que foi fundamental porque passei a encontrá-las quase todos os dias que fui ao bairro. Hoje sei o quanto é raro Maria ir até a casa da nora, principalmente aos domingos (único dia da semana que não trabalha). É muito mais comum que Bela e sua família frequentem a casa da sogra, como faziam quase todos os dias. Era perceptível que Maria havia mobilizado previamente sua nora e suas vizinhas para me ajudar e rapidamente conseguiu. Logo após nos despedirmos de Bela, Maria me contou: “Ela gostou de você”, fiquei feliz porque também havia gostado dela. Ali se iniciou minha relação com Bela que, aos poucos, foi se tornando cada dia mais próxima. Eu e Maria nos despedimos e seguimos caminhando para sua casa.

O jogo já estava no fim, mas iria para os pênaltis. Assistimos juntos na sala as cobranças e o Corinthians foi campeão, para alegria de muitos da família. Rafael saiu para

comemorar na rua com seus amigos. Eu, Maria e Luciana ficamos na sala conversando e um dos assuntos a que chegamos foi sobre crochê. Como fonte de renda extra, Maria vendia seus tapetes que, na verdade, fazia mais pelo prazer do que propriamente para lucrar. Ainda no domingo, ela me mostrou as peças que estavam prontas e à venda. Fez o caminho do quarto para a sala três vezes carregando os tapetes e os empilhou no sofá e na mesa da sala. Formou-se uma pilha bem alta que eu precisei levantar para olhar tudo. Não eram só tapetes, tinha porta papel higiênico e trilhos de mesa. Era uma variedade de peças com diferentes cores, barbantes, tamanhos e formatos; para sala, cozinha, banheiro e para mesa de jantar.

Como já estava escurecendo, me despedi de todos, mas não sem antes agradecer à Maria. Por mais que eu me sentisse aliviada de ter dado um passo importante para a pesquisa, ao mesmo tempo um enorme cansaço e desgaste me atingiam. Era o primeiro dia e muita coisa havia acontecido.

### **1.3.3 Meu primeiro encontro com Ana e sua vizinha Lara**

Mais uma semana de abril se iniciava. Peguei o ônibus com destino ao *Abdelnur* meio dia e meio - esse horário geralmente enchia de adolescentes voltando da escola. Cheguei por volta de uma hora da tarde, o dia estava muito ensolarado e quente. Como o bairro ainda não possui árvores altas a ponto de se ter qualquer sombra, poucas pessoas ficam nas ruas a essa hora quando o sol está mais forte. Portanto neste dia, elas estavam vazias. Decidi não ir nem na casa da Maria, nem da Bela porque sentia que devia dar um tempo a elas. Na semana anterior as visitei três vezes e me preocupava incomodar. Caminhei, então, sozinha pelo bairro. Desci no primeiro ponto de ônibus e segui sem rumo. Fui até a última rua, onde fica o esgoto a céu aberto. Nesse momento, fiquei um pouco apreensiva porque três meninos jovens andavam uma quadra atrás de mim. Eu sentia uma sensação estranha, principalmente porque era o começo, era incerto, possuía poucas relações ali. Não ter um destino definido e não conseguir conversar com ninguém me deixava preocupada. Tal preocupação também se intensifica porque no bairro existem poucos espaços de sociabilização, exceto pelo campo de futebol, pela igreja e por pequenos comércios informais nos quintais das casas. Naquele momento, eu não sabia da localização e tampouco da existência do campo de futebol e da igreja, por exemplo.

Na última rua, morava uma moça com quem conversei durante a monografia, quis encontrá-la e não obtive sucesso, pois as casas estavam diferentes e eu não me recordava

qual era exatamente a dela. Voltei caminhando até chegar no quintal de uma casa que estava com a porta da sala aberta, onde pude ver três mulheres e algumas crianças. A dona da casa, uma moça com no máximo 30 anos de idade, veio até mim. Naquele momento, eu ainda me apresentava explicando a pesquisa que iniciava no bairro, dizia sobretudo do interesse no programa Bolsa Família. Ao explicar, ela me cortou rapidamente, disse que não recebia e que também não tinha filho pequeno. Como me sentia ‘travada’ para continuar qualquer outro assunto e sem querer forçar uma situação incômoda, me despedi e segui novamente caminhando. Apresentei-me a mais uma moça na rua que seguiu o mesmo pensamento da anterior de que só tinha uma filha mais velha, então não poderia me ajudar. Depois, mais uma: essa disse ser beneficiária do programa e foi mais simpática, mas estava atrasada, falou que eu poderia passar na sua casa algum outro dia para conversarmos.

Agora um pouco mais entusiasmada com a simpatia da última moça que dialoguei brevemente, segui caminhando até chegar em outra casa. Duas mulheres conversavam enquanto uma delas varria a calçada; uma menina de aproximadamente dez anos brincava no quintal. Todas pararam e me olharam quando me apresentei, a que varria a rua parou o que estava fazendo e me deu atenção; a outra, por sua vez, praticamente não conversou e saiu dali sem que eu notasse.

Eu, Lara e sua filha Karina permanecemos conversando por mais de uma hora embaixo do sol forte na calçada da casa delas. Após escutar muito sobre a vida de Lara, Ana chegou acompanhada dos seus filhos Laura e Lucas – de dez e quatro anos, respectivamente. Era nítido que todos tinham intimidade; não demorou a Karina e Laura saírem correndo para longe<sup>25</sup>. Eu me apresentei a Ana que se mostrou interessada na pesquisa, perguntou-me algumas coisas, dentre elas: “Mas sua pesquisa vai trazer alguma melhoria para cá?”. Eu não sabia muito bem como responder à aquela pergunta, lembro-me que nesse momento expliquei com mais detalhes quem eu era, o que fazia ali e qual era o objetivo da pesquisa. Ela permaneceu atenta e curiosa.

Como naquele início me interessava observar como as mulheres titulares do programa Bolsa Família faziam para levar seus filhos na escola, conversamos sobre esse assunto. Lara me contou que passou a receber o benefício depois de ganhar a casa no

---

<sup>25</sup> Mais para frente em outra situação quando estávamos mais próximas, Laura comentou que naquele momento correu porque Karina havia falado que eu fazia uma pesquisa sobre as escolas do bairro. Com medo, ela pensou que eu pudesse ser do Conselho Tutelar.

*Abdelnur*. Ela nunca havia recebido, mas como fez o cadastramento para o sorteio<sup>26</sup> e está desempregada, tornou-se beneficiária. Ana recebeu por muito tempo, mas naquele momento estava cancelado pelo motivo de, segundo ela, “falta de filho na escola, né?”. Dadas as condições do bairro (sem escola e creche) e por trabalhar durante as tardes no salão de beleza, não conseguia levar e buscar os três filhos menores na escola. Quem a ajuda com isso é sua filha Laura. Lembro-me que quando tocamos nesse assunto, Ana logo disse que conhecia *todo mundo*, tanto do Conselho Tutelar, como da assistência social. Eles já foram na sua casa mais de uma vez. “Não tem jeito, que que eu vou fazer? Eles vão vir aqui dar leite para os meus filhos? Eles vão vir da comida? Não vão. Eles comem bem.” Segundo ela, única solução que encontrou foi essa, falarei mais adiante no texto sobre a rotina e organização de Ana e Laura para levar e buscar as crianças.

Já nessa conversa inicial, Ana me apresentava a situação dos transportes escolares, quais ônibus iam em quais escolas e em quais horários. Era muita informação e logo percebemos que eu não conseguiria compreender tudo naquele momento. Ana não sabia todos os nomes das escolas de cabeça e mais do que saber as escolas pelas quais o ônibus passava, era necessário entender todos itinerários e, para tanto, eu precisava de tempo. Obviamente que eu fiquei entusiasmada em conhecer Ana, ainda mais porque comentou que eu poderia conversar com a sua filha Laura quando eu quisesse e que Patrícia - conhecida no bairro por levar e buscar muitas crianças nas creches, *parquinhos* e escolas – talvez pudesse me ajudar. Ana se ofereceu a me apresentá-la algum dia no ônibus ou então, se eu preferisse, poderia passar na casa dela que era apenas duas ruas para trás. Ana precisou ir embora, eu achei melhor ir também, sentia que Lara queria entrar depois de ficar tanto tempo ali comigo. Despedi-me delas e segui para a rua de Patrícia naquele mesmo dia, uma vez que estava curiosa para conhecê-la. Falarei em detalhes sobre esse momento no capítulo 5, intitulado como ‘circuitos de cuidado’.

Ficamos eu, Patrícia e mais algumas mulheres na rua conversando por cerca de quarenta minutos até dar o horário de buscar as crianças, às 16h45. Conforme vai se aproximando desse horário, as mães começam a seguir em direção ao ponto que o ônibus passa. Fui andando junto com elas até lá e quando chegamos avistei Bela de longe, me dirigi a ela que me cumprimentou e disse:

- “Eu fiquei te esperando sábado, viu.”

- “Bela, desculpa, não consegui vir, tive visita no final de semana.”

---

<sup>26</sup> Como já mencionado, todos que ganharam as casas precisaram fazer o cadastramento no CadÚnico, que é o mesmo utilizado para o programa Bolsa Família e outros programas sociais.

- “Ah não, tudo bem.”
  - “Quis dar um tempo para vocês também, para não enjoar de mim, não cansar.”
  - “Não... Acha? Eu e a Verônica já falamos que a gente gosta de você, a gente dá risada, volta!”
  - “Na quinta-feira eu volto.”
  - “Eu vou esperar na quinta-feira.”
- (Diário de campo, ditado ao gravador, 15.05.2018)

Havia planejado de voltar no final de semana e optei por não ir, sentia que era necessário ter calma nesse início. Logo o ônibus chegou, nos despedimos após o diálogo acima e Bela seguiu para buscar suas filhas Dani e Belly. Patrícia, sua irmã e a amiga também buscariam seus filhos e os de outras mulheres. Combinei com elas que na quinta-feira voltaria e as acompanharia no trajeto do ônibus. Um alívio me atingia por ter escutado aquelas palavras de Bela. Segui para o outro ponto que passa o ônibus para o centro. Aguardei por dez minutos, enquanto isso pensava na quantidade de coisas que havia acontecido e nas mulheres que havia conversado no dia. Anotei algumas palavras soltas no caderno, logo desisti. Gravaria o diário de campo em casa.

Conheci Lara e Ana que são muito amigas; além da Laura e Karina que possuem a mesma idade e são da mesma sala e escola. Apesar de ter gostado muito de Lara e ter lhe encontrado em outros momentos, foi de Ana que me aproximei mais. Também conheci Patrícia e voltei em outras situações para acompanhá-la no ônibus. Como se verá durante o texto, não tive a mesma proximidade com Patrícia tanto quanto tive com Ana e Bela. Quando ia buscar as crianças com as mães em vários outros momentos no ônibus, encontrava a Patrícia e conversávamos rapidamente, mas não mantivemos tanto contato.

### **1.3.4 Meu primeiro encontro com Marta e Rosa**

Para relatar o dia em que conheci Rosa, antes preciso dizer rapidamente como conheci Marta, sua vizinha. Ainda no início de abril, subi no ônibus em direção ao bairro e me sentei ao lado de uma moça com cerca de 40 anos de idade. Resolvi puxar assunto, perguntei algo relacionado ao ponto que eu desceria no *Abdelnur*. Ela me olhou e perguntou: “Você não mora lá? Você nunca foi lá?”. Disse que já havia ido, mas que aquela seria a primeira vez de ônibus. Logo disse o porquê de frequentar o bairro, mencionei a questão da pesquisa. Foi a abertura para que iniciássemos uma conversa de 30 minutos, o tempo necessário para chegarmos ao *Abdelnur*. Na realidade, eu praticamente não disse nada, apenas ouvia atenta suas frases emendadas uma à outra.



Marta é beneficiária do PBF, mora com a mãe (já idosa e necessita de cuidados diários de Marta), com sua filha de 15 anos e dois cachorros. Ela dizia-me sobre a raça deles, como eram, as doenças que tinham, o bem que faziam para a sua mãe, etc. Sobre sua filha, afirmou ser muito estudiosa e que não falta na escola. Mencionou sobre os professores dela e das reuniões que ia e recebia elogios; ademais, disse valorizar muito a escola e que tenta sempre passar à filha o valor dos estudos. Chegamos ao *Abdelnur* e ela não disse nada sobre continuarmos conversando. Então resolvi descer no ponto mais próximo à casa de Maria. Nos despedimos e falei que gostei de ter lhe conhecido e que esperava encontrá-la em alguma outra situação.

No dia 23 de abril, desci do ônibus, passei na casa de Lara que me disse estar ocupada naquele momento. Toquei a campainha da Ana e ninguém atendeu. Continuei caminhando até que encontrei, sem querer, a Marta na calçada de sua casa. Ela conversava com Olinda, dona do *mercadinho* ao lado. A casa de Marta já tinha muros altos e um portão. “Oi, Isabela, entra aqui!”. Senti-me aliviada, pois era muito reconfortante ter uma casa para entrar.

Na sala estava sua filha que não foi à escola por estar com dores de cabeça. Conheci também sua mãe, uma senhora muito simpática que tinha certas dificuldades de audição e fala - sequelas de um AVC. Também conheci os dois cachorros que ficaram conosco na sala. Nós três conversamos sobre diversos assuntos por uma hora até Marta me perguntar se eu não gostaria de conhecer a Rosa – sua vizinha que dependia totalmente do PBF. Eu falei que sim e fomos até lá.

A casa de Rosa não tinha muros nem portão. Alguns pedaços de madeira e tecidos improvisavam uma barreira na lateral - que dá para os fundos e para a porta da cozinha. Marta gritou e Rosa abriu a porta para nós. “Essa aqui é a Isabela, ela faz uma pesquisa no bairro sobre o Bolsa Família”. Percebi que Marta já havia falado de mim. “Ah, Isabela, entra, não repara na casa”. Marta apenas nos apresentou e saiu.

Sentei-me no seu sofá e lá fiquei por duas horas. Ela me dizia abertamente sobre sua vida sem qualquer desconfiança. Olhava nos meus olhos e contava histórias e mais histórias. Eu tinha certa dificuldade em compreendê-la por seu jeito de falar, talvez pelo sotaque, também por não seguir uma ordem cronológica dos fatos rememorados. A relação com ela era diferente quando comparadas às outras entrevistadas em que tive qualquer experiência de pesquisa. Era a primeira vez que ela me via e me contava abertamente sobre sua vida íntima, em minuciosos detalhes. Eu estranhava e me pegava pensando: será que já estava acostumada com a presença de alguém desconhecido em sua

casa? Ou, ao contrário, talvez convivesse e conversasse com poucas pessoas? Por mais que Rosa falasse muito, sempre que eu dizia qualquer palavra, ela parava o que estava dizendo e me ouvia atenta. Não cortava o que eu dizia, em nenhum momento. A pobreza era materializada no pote de vidro da sala onde juntava moedas e logo esvaziava. Também em seu corpo a pobreza e a violência se fazia presente. Parecia-me que tinha marcas de uma pobreza rural. Seus fios de cabelos brancos, os dentes que lhe faltavam, as costas curvadas, as cicatrizes visíveis na perna quando sofreu o acidente na privada, no braço quando seu padrasto a agrediu e na testa causada pela facada do ex-marido. Todas essas marcas da vida faziam com que Rosa aparentasse ter muito mais que seus 35 anos.

\*

Como se percebe nesta última seção, a forma que abordei tais mulheres e como me apresentei no campo fizeram com que no primeiro dia conversássemos sobre o PBF. As mulheres mobilizam suas redes de conhecidas, amigas, familiares e vizinhas para me apresentar, levando em consideração que minha pesquisa era sobre o programa. Depois enquanto convivíamos, essa questão aparecia, mas entre tantas outras. Não é que as políticas sociais não estavam presentes em seus cotidianos, mas esse era apenas mais um universo de sentido entre tantos outros pelos quais as mulheres se moviam. Como já dito anteriormente, mais para frente repensei e mudei tal abordagem, porque percebi que poderia cortar a relação logo de início, como aconteceu em alguns casos. Ou, então, poderia ser uma entrada muito determinante, que enviesava onde eu chegaria. Enfim, as estratégias foram renegociadas durante a etnografia porque ela própria necessariamente implica em um emaranhado de relações cujos resultados são imprevistos e as possibilidades nos desafiam cotidianamente. E é evidente que me desafiaram.

A proposta deste primeiro capítulo foi de apresentar ao leitor ‘de onde eu falo’; como cheguei até o bairro; quais foram as estratégias de entrada em ‘campo’ e como elas mudaram no decorrer da pesquisa; quais foram as metodologias utilizadas e como concebo o ‘fazer etnográfico’; como as alianças com Maria, Bela, Ana e Rosa foram iniciadas e, por fim, como conheci cada uma delas. O capítulo seguinte dará continuação a este ao retratar em detalhes a vida dessas mulheres - que abriram as portas de suas casas e permitiram que eu entrasse.

## CAPÍTULO 2 - PROCESSOS DE VIDAS E DE CASAS

Neste capítulo apresentarei os “processos de vida” de Maria, Bela, Ana e Rosa, tomando como fio condutor suas “configurações de casas” em uma certa ordem cronológica. Seguirei a perspectiva de Araujo Silva (2017, p. 112) de “processo de vida” como “o fluxo da existência e nossas tentativas de lhe dar sentido”. A autora defende que analiticamente sua utilização possui a vantagem de acompanhar os projetos de vida e as moralidades nativas, diferente de “ciclos de vida” que podem apresentar um caráter normalizador, exterior e homogeneizador. Além disso, tenho a sensação de que “processos de vida” são mais fluidos, mais dinâmicos.

Aqui, interessa observar os marcadores das situações de vida pela situação das casas, ou seja, analisar como as formas de morar se relacionam com as formas de viver, como os processos de vida e de casas estão emaranhados. O capítulo descreverá uma sucessão de configurações de casas que essas mulheres fizeram parte ao longo da vida até chegar às *casinhas do Abdelnur*. Como já dito, a ideia de olhar com atenção para as casas não me ocorreu durante a pesquisa de campo, somente enquanto analisava o material, fazia leituras e escrevia o texto da dissertação<sup>27</sup>. Dessa maneira, não investiguei *a priori* com as minhas interlocutoras sobre quais eram as formas de habitação, as situações das casas, nem em que época exatamente habitaram cada casa. No entanto, por mais que eu não tivesse tais dados tão detalhados, faz sentido organizar dessa forma - articulando as vidas e as casas em um “processo de vida” compartilhado - pois elas pontuavam a todo momento as casas como marcadores no fluxo de suas existências. Ao analisar minhas anotações no caderno de campo e as transcrições das entrevistas, as casas - que habitaram, construíram, trabalharam, pagaram aluguel, desejaram ou não, que fugiram, que *foram mandadas embora*, que *lutaram para conseguir*, que *pediram a Deus* – sempre apareciam.

Eugenia Motta (2014, 2015) nos mostrou como a mutabilidade dos espaços e das construções são centrais na forma pela qual o passado é narrado e o futuro é imaginado. A partir de uma casa específica e de outras inter-relacionadas, ela apresenta como as histórias sobre eventos no passado mais distante são comumente narrados com construções como pano de fundo. Além disso, demonstra como as casas, sobretudo a possibilidade de transformá-las, são tomadas como pontos de referência quando as

---

<sup>27</sup> Agradeço a banca de qualificação que me ajudou bastante nesse processo analítico, dando dicas essenciais para seguir nesse caminho de analisar as casas.

peças falam de planos futuros. Da mesma forma, nas narrativas de minhas interlocutoras sobre o passado, suas casas marcam os momentos de suas vidas; além disso, os eventos como nascimentos e mortes fundem-se com as habitações e se tornam marcos temporais. As casas surgem não somente nas narrativas sobre o passado, como também nas falas sobre o futuro, nos planos de vida que são feitos, imaginados, desejados. Dessa maneira, acredito que as casas compõem um repertório sobre diferentes temporalidades. A partir delas, é possível observar a forma como o passado é narrado, o presente é pensado e o futuro imaginado. Ao dizer sobre as casas em que habitaram no passado, provoca-se um processo reflexivo de comparação de como era a vida antes, de como está agora e de como se imagina futuramente.

Dito isso, é importante perceber como a casa e a memória se relacionam. Por exemplo, é comum que a lembrança da casa funcione com um gatilho para o início de outras memórias do passado, ou seja, ao contar sobre alguma habitação, outras memórias são provocadas, sejam temporais ou afetivas. Além disso, para lembrar a data de outros eventos, muitas vezes as pessoas voltam nas lembranças da casa que moravam para dizer em que época o evento ocorreu. Quando perguntei à Maria em que época foi beneficiária do PBF, ela respondeu que morava em São Paulo, em seguida contou que cuidava de suas netas. Com a minha pergunta, ela recorreu à configuração da casa (física e de pessoas) que habitava naquele momento para se lembrar da época que recebia o benefício. Esse é um exemplo de como a configuração da casa e suas transformações dão sentido às histórias das minhas interlocutoras. Por esse motivo, neste capítulo optei por olhar com cuidado para as casas que as mulheres habitaram até chegarem nas *casinhas do Abdelnur*. As casas, portanto, foram tomadas como fios condutores para contar seus processos de vida. Essa escolha não foi somente minha, porque na realidade minhas interlocutoras assim faziam, também davam sentido aos seus “processos de vida” utilizando a casa enquanto marcador.

Hoje moradoras das *casinhas do Abdelnur*, Maria, Bela, Ana e Rosa seguem fazendo planos que envolvem mudanças para outras habitações ou transformações futuras nas suas próprias casas. Isso é perceptível nas falas que expressam o desejo de se mudar do bairro ou através das transformações imaginárias nas *casinhas* como, por exemplo, a construção de um muro, de uma edícula no fundo, de um espaço que servisse de comércio, de móveis no interior da casa, etc. No entanto, este capítulo se deterá mais aos “processos de vida” anteriores ao momento atual e não tanto aos planos de vida futuros.

Início a seção a seguir com os “processos de vida” de Maria por ser a primeira moradora que tive contato. Ela é parte fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, pois me ajudou na mediação com outras mulheres e sempre deixou as portas abertas de sua casa para que eu entrasse. Em seguida, falarei de Bela, nora de Maria, com quem eu passei mais tempo durante a pesquisa de campo e criei uma relação de amizade. Depois os “processos de vida” de Ana darão continuidade ao texto e, por fim, os de Rosa. É preciso deixar claro que me interessa menos discutir a veracidade das histórias que as mulheres me contaram e mais compreender o que acreditavam ser verdade, ou como escolheram me contar para, em seguida, aprender com elas as suas próprias formas de habitar o mundo.

As últimas três seções sintetizam os argumentos principais do capítulo. São eles: as formas de morar se relacionam com as formas de viver; as casas estão intimamente conectadas às memórias e, por fim, o passado se embebe no presente e os eventos extraordinários se embebem no ordinário.

## **2.1 Maria**

Foi no início de julho que gravei uma única entrevista com Maria, quando a busquei no serviço por volta das 15 horas da tarde e fomos conversando dentro do fusca em direção ao *Abdelnur*. Passamos na Bela e ela não estava, seguimos então para a casa de Maria. A primeira coisa que fez quando chegamos foi começar a preparar o café para comermos junto com o bolo que eu havia levado. Seu marido estava deitado no quarto como de costume; logo depois, o filho mais novo e a nora chegaram, me cumprimentaram, pegaram um pedaço e foram para o quarto. Sentadas no sofá da sala de Maria, começamos a conversar sobre sua vida. Como já frequentava sua casa há mais de três meses, algumas daquelas histórias eu conhecia, outras não. Perguntei se podia gravar e ela aceitou, com certa timidez. A seguir narro os “processos de vida” de Maria: utilizei tanto as anotações em caderno de campo, como a transcrição da entrevista.

Nascida em 1973 na cidade de Minas Novas/MG, Maria é a caçula entre seis irmãs e quatro irmãos. “Só peguei restinho, peguei todos os restos” foi o que me respondeu dando risada quando perguntei se era a mais nova entre os onze filhos. Os dois primeiros meninos faleceram ainda quando crianças e Maria nem chegou a conhecê-los. Lá em

Minas Novas - cuja população estimada hoje beira 32 mil pessoas<sup>28</sup> - passou grande parte de sua infância. De forma saudosa, ela se recorda de morar com seus pais e irmãos em um *sítio enorme* e de ter uma vida característica de quem *vive na roça*, como mencionou para mim enquanto falava de suas memórias típicas de uma infância rural. Lembra-se de seu pai plantando amendoim e cana-de-açúcar, da mãe fazendo sabão de coco e pegando peixe no rio com peneira, do leite de cabrito que ela e sua irmã tiravam para tomar.

Toda a família migrou mais de mil quilômetros de Minas Novas/MG para Tabatinga/SP quando Maria tinha nove anos de idade. Nessa época, já havia interrompido os estudos na metade da primeira série do ensino fundamental, o que prejudicou seu processo de alfabetização. Logo após a migração da família, seu pai faleceu, ainda no início dos anos 80. Localizada no interior do estado de São Paulo, a aproximadamente sessenta quilômetros de Araraquara/SP, Tabatinga contém atualmente cerca de 16 mil<sup>29</sup> habitantes. Como é peculiar desta região, a história da cidade é também marcada pelo cultivo de laranja - atividade que empregou Maria e seu atual marido, Cláudio, por anos. Considerada por ela como sua cidade, foi em Tabatinga que passou quase quinze anos de sua vida. Dos 9 aos 23 de idade, lá vivenciou momentos marcantes, a começar pelos primeiros trabalhos na agricultura e pelo primeiro *registro* na carteira de trabalho. Desde criança, Maria já ajudava sua mãe nas atividades de plantio. Com 13 anos começou a trabalhar na colheita de laranja e assim seguiu trabalhando, depois que “acabava a laranja, ia para o algodão. Acabava o algodão, ia para o café” e assim sucessivamente.

Da mesma forma que os trabalhos e as migrações aparecem nas narrativas de Maria como “processos de vida” importantes, o casamento e os nascimentos dos filhos e netos também o são. Com cerca de 17 anos de idade, no início da década de 90, conheceu seu marido Cláudio, já pai de Fábio e Fabi, hoje com 31 e 29 anos, respectivamente. Naquela época, segundo ela, “eles eram pequenininhos, o Fábio acho que tinha uns dois aninhos. A Fabi não tinha dois aninhos ainda”. Desde então, Maria passou a cuidar deles junto com o companheiro. No início as crianças mantiveram contato com a mãe biológica que fazia raras visitas, mas há muitos anos não sabem dela. Ainda na cidade de Tabatinga, Maria teve seus três filhos: em 1992 nasceu a primeira filha do casal, a Gabi; dois anos depois nasceu o Bruno; na terceira cesárea em 1996 nasceu o último filho Rafael. Depois dele, Maria fez a operação que a impossibilitava de engravidar novamente, como afirma:

---

<sup>28</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/minas-novas/panorama>. Último acesso em: 1/8/2018.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/tabatinga/panorama>. Último acesso em: 1/8/2018.

“Lá na minha cidade, se você fizesse 3 cesáreas já operava. Eu fiz 3 e operei.” Gabi, Bruno e Rafael hoje possuem 25, 23 e 22 anos, respectivamente.

Em 1997 quando tinha 23 anos de idade, Maria fez a segunda migração de sua trajetória, dessa vez dentro do estado de São Paulo. A distância percorrida foi bem menor: menos de cem quilômetros. Mudou-se de Tabatinga/SP com destino à São Carlos/SP na companhia de seu marido e dos cinco filhos. A família ficou na casa de sua cunhada, irmã de Cláudio, que já morava na cidade. Foram menos de três anos em São Carlos antes de retornar anos mais tarde. Maria diz se lembrar muito pouco desse curto período, pois não demorou a migrar novamente para outro município a quase 250 quilômetros. Já em Mairinque - cidade situada na região metropolitana de Sorocaba com população atual de 50 mil habitantes<sup>30</sup> - a família ficou durante uma década.

Maria tinha uma irmã e um irmão que já moravam em Mairinque e os ajudaram nesse início. Era a segunda migração que o casal enfrentava junto e que mobilizava suas redes familiares. Durante o período que lá ficaram, Maria e Cláudio trabalharam em chácaras de famílias que sua irmã os indicou: “Eu trabalhava em... deixa eu ver... eu limpava quatro chácaras. Fazia faxina. De uma o Cláudio cuidava por fora. Da outra também, cuidava da piscina, cortava grama, cedrinho. Fazia tudo”. Além das faxinas, Maria também cozinhava nas casas.

Nos anos 2000 em Mairinque, nasceram os primeiros netos, filhos de Fabi com seu companheiro na época. O primogênito deles nasceu no fim de 2004 e faleceu com um mês e meio de vida no início de 2005; logo depois nasceu a Grazi em 2006 e a Bia em 2007. As duas netas viveram sob os cuidados de Maria e Cláudio por alguns anos; segundo ela, até aproximadamente o ano de 2011. Foi na época que esteve em Mairinque que Maria perdeu sua mãe, falecida em Tabatinga. A partir de 2010 a vida começou a complicar para a família naquela cidade. As donas das chácaras que Maria trabalhava não queriam registrá-la e *Cláudio ficou doente, de cama*. Por esses motivos, familiares de seu companheiro (sua irmã e seu cunhado) foram buscá-lo em Mairinque e o levaram para São Carlos para fazer tratamento. Logo em seguida se deu a quarta e última migração de Maria. Quase toda a família voltou de Mairinque para São Carlos em 2010, excetos os

---

<sup>30</sup> Geralmente eles falavam sobre essa época que moraram *lá em São Paulo*. Depois fui entender que, na realidade, eles se referiam à Mairinque. Talvez eles se referissem dessa forma pela proximidade deste município com a região metropolitana de São Paulo. A distância entre Mairinque e Carapicuíba ou Osasco, por exemplo, é de no máximo sessenta quilômetros. Sobre informações de habitantes da cidade, ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/mairinque/panorama>. Último acesso em: 1/8/2018.

enteados: Fábio estava preso; Fabi e seu segundo marido lá permaneceram por algum tempo.

Figura 1 – Processos de vida de Maria separados por décadas

Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000	Anos 2010
Minas Novas/MG	Tabatinga/SP	Tabatinga/SP	Mairinque/SP	São Carlos/SP
		São Carlos/SP		

Fonte: Elaboração própria (2019)

Em 2011 nasceu em São Carlos a terceira filha da Fabi, a Pri. Logo depois, as netas Grazi e Bia que viviam sob os cuidados de Maria foram morar por dois anos em Itapevi com a mãe e seu segundo marido, padrasto delas. Enquanto conversávamos sobre tal momento que Maria ficou distante de suas netas, ela me disse que foi uma época *terrível*. Com um olhar saudosos ao me mostrar uma foto antiga das três meninas no celular, ela disse: “Aqui nessa época que a Fabi as pegou. Elas eram muito fofas. Ela ganhou essa menina (a Pri) e pegou as outras duas para morar com ela”.

No fim de março de 2011 em São Carlos, outro “processo de vida” importante: *o registro*, momento que Maria começou a trabalhar *nos meninos* com carteira assinada e lá permanece até hoje. Na época, uma colega (cunhada de sua sobrinha) trabalhava em uma república de estudantes e a indicou para fazer faxina em outra república recém-formada, como declara Maria para mim: “Todo mundo tinha ido para aquela casa naquela semana, eles tinham acabado de mudar, não tinham arrumado nada ainda”. Era uma sexta-feira quando Maria fez a primeira faxina na casa e quando foi entrevistada por um dos antigos moradores. Já na segunda-feira Maria foi contratada e começou a trabalhar na república, onde está até hoje. Ela sabe dizer exatamente o dia: 28 de março de 2011.

*Vivendo de aluguel* em São Carlos, a família morou em diferentes bairros até ganhar a *casinha* do *Abdelnur* onde residem atualmente. Foram algumas migrações entre bairros: no início ficaram na casa da cunhada de Maria no Santa Felícia por aproximadamente um mês até que “nós arrumamos uma casa, foi onde a Gabi conheceu o Fernando. Éramos vizinhos dele”, disse ela com um ar de reprovação, talvez porque logo depois sua filha Gabi saiu de casa para morar com ele. Sobre esse primeiro lugar que a família morou, não perguntei qual foi o bairro, nem entramos em mais detalhes porque



acabei me distraíndo com a sua reação. Pelo que pude entender, eles não ficaram muito tempo, pois logo em seguida mudaram para a *casa da Totó Leite*, localizada em um bairro mais central da cidade onde residiram por dois anos. De lá foram novamente para as proximidades do bairro Santa Felícia, onde também ficaram durante aproximadamente dois anos. A última casa que viveram antes da atual foi no bairro Santa Angelina em um terreno *invadido*.

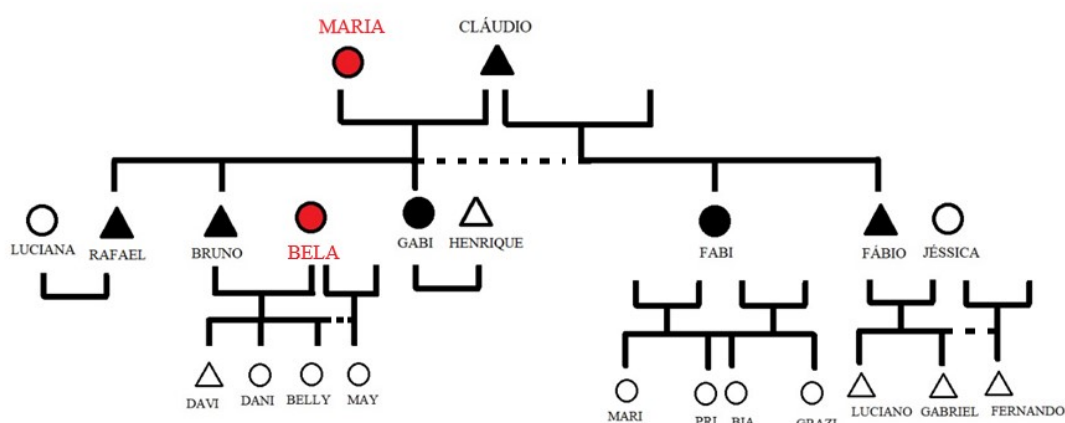
A Fabi e seu ex-marido foram os primeiros a construir casa *na invasão*. Depois deles, Maria e Cláudio com ajuda dos filhos construíram outra *de tijolo*; vi fotos deste momento no *facebook*, quando todos levantavam os muros da casa. Enquanto conversávamos, Maria enfatizou que a casa tinha ficado ótima, diferenciou a deles que é construída *de tijolos dos barracos de tábuas* ou das casas *sem alicerce* – tal como ela disse ser a da Fabi: “A dela não tem alicerce [...] Ele pegou os tijolos e pôs em cima. Ergueu a casa. Morro de medo daquela casa”.

A família, então, optou pela “autoconstrução da casa própria” em uma ocupação para *sair do aluguel*. Além da família se isentar do valor do aluguel, na *invasão* também não pagavam contas de água e de luz - o que durou pouco tempo, porque em abril de 2016 ganharam a *casinha* que vivem hoje. Maria disse que nem ela, nem sua filha Gabi e nem outras famílias do terreno precisaram participar do sorteio. Por esse motivo, algumas pessoas que nunca havia morado ali, construíram *barracos* como estratégia para conseguir a casa. Como já ouvi mais de uma vez nas conversas da família, a Fabi foi a única que mora no terreno a não ser contemplada com a *casinha*, isso porque não fez o Cadastro. Na casa autoconstruída de tijolos, hoje vive *de favor* uma colega da família.

Os anos foram se passando, as casas se reconfigurando e a família aumentando. O primeiro filho Fábio saiu da prisão e casou-se com Jéssica que já tinha um menino, o Fernando, hoje com oito anos de idade. Eles moram atualmente no bairro Jardim Gonzaga e o casal teve dois meninos gêmeos recentemente, no mês de junho de 2018. Fabi se casou duas vezes e atualmente está sozinha, ela ainda mora no terreno *invadido* do Santa Angelina com suas quatro filhas: Grazi, Bia, Pri e Mari, hoje com 12, 11, 7 e 3 anos, respectivamente. As duas primeiras são filhas do mesmo pai, as duas últimas do segundo marido de Fabi. Gabi se casou com Fernando e ainda não tem filhos, eles moram sozinhos em outra casa do *Abdelnur*. Bruno se casou com a Bela que já tinha uma filha, a May, de nove anos que mora com o pai. Agora o casal tem, juntos, três filhos: Belly com 4 anos, Dani com 2 e o último, Davi que nasceu no fim de junho do ano passado. Bela também ganhou a *casinha* do *Abdelnur* e lá reside com Bruno e as crianças. Rafael se casou com

a Luciana, eles não possuem filhos e moraram juntos com Maria e Cláudio durante todo o período que fiz etnografia. No entanto, no fim de 2018 o casal se mudou para uma quitinete no bairro Cidade Aracy. Não ficou clara para mim a situação formalizada do casamento de cada um dos filhos, se são *casados no papel* ou se apenas são *amigados*. Utilizo a palavra casados como eles geralmente usam para fazer alusão a morar juntos atualmente. O diagrama abaixo ilustra a configuração atual da família de Maria.

Figura 2 - Diagrama Familiar de Maria



Fonte: Elaboração própria (2019)

Estamos no início de 2019, nesse momento da trajetória de Maria, ela possui 45 anos de idade e Cláudio 51. Atualmente seis dos seus irmãos estão vivos: uma irmã e um irmão moram em Mairinque/SP, outra irmã voltou recentemente para Minas Novas/MG e as outras três continuam em Tabatinga/SP. Nos dias de hoje, como já dito, todos os cinco filhos do casal moram na cidade de São Carlos, dois deles em casas próprias no *Abdelnur* e três em outros bairros: Fábio no Jardim Gonzaga, Fabi no Santa Angelina e Rafael no Cidade Aracy. Ao todo, o casal possui onze netos, incluindo Fernando e May - enteados de Fábio e Bruno. Durante os meses que mais visitei a casa de Maria, além do filho Rafael e da nora Luciana, residia o marido Cláudio, uma cachorra, um papagaio, uma galinha e um galo. No entanto, após sucessivas discussões de Maria, Cláudio e suas filhas com a nora Luciana, o casal se mudou e a casa de Maria se reconfigurou.

A partir dos processos de vida de Maria, podemos pensar em diversos elementos interessantes e ricos para a análise sociológica. Em suas narrativas sobre o passado, os nascimentos, mortes, trabalhos, migrações, por exemplo, funcionam como marcos

temporais nos processos de sua vida e de sua família. Da mesma forma, as casas são apontadas a todo momento e funcionam igualmente como marcos, elas também dão sentido aos fluxos da existência de Maria. Desde o *sítio enorme* que morava com os pais e irmãos na infância até a *casinha do Abdelnur*, foram diversas as formas de habitação que Maria experienciou. Uma multiplicidade de nomeações possíveis dos modos de habitação são citados: o *sítio enorme*, a *chácara*, a *casa da cunhada*, a *casa na rua Totó Leite*, a outra no bairro *Santa Felícia*, as *casas que Maria pagava aluguel*, a *república*, a de tijolos construída pela família no terreno invadido, os *barracões*, a *casa da filha sem alicerce*, a *casinha do Abdelnur*...

Não são só as casas que habitou ou trabalhou que aparecem nas falas, mas também outras com as quais compara às suas como, por exemplo, os *barracões*, os *barracos de tábuas*, ou a *sem alicerce da filha*. Em suas falas, percebe-se que as tipificações e as qualificações das casas não são triviais, elas carregam sentidos morais divergentes. Nomeia-se como um ato de classificação, criam-se diferenciações e hierarquias. No cotidiano, as comparações com as casas das vizinhas são constantes e durante esse processo a imagem da própria casa vai sendo (re)construída, sempre em relação umas com as outras. Como mostrarei na parte II, a inter-relação entre as casas não se esgota somente nesse processo comparativo, na realidade elas fazem parte de uma rede de muitas trocas, afetos, cuidados, conflitos.

Ao contar sobre os “processos de vida” passados, Maria torna aparente a relação entre habitação e memória, especialmente quando fala que, ao retomar o lugar onde morava, ela consegue se lembrar em qual época recebeu o benefício do Bolsa Família: “Eu acho que eu recebi Bolsa Família, deixa eu ver, quer ver, fiquei um tempo lá em São Paulo, lá em Mairinque. Lá eu fiquei recebendo e eu mudei para cá, ainda acho que eu recebi um ano e um pouco aqui”. Para finalizar, é interessante também perceber as relações entre sua vida e suas casas. No desenrolar da sua trajetória, as habitações se emaranharam num “processo de vida” comum, em que as casas e as pessoas estão inter-relacionadas.

## **2.2 Bela**

Em meados de julho, após sucessivos adiamentos para fazermos uma entrevista, finalmente eu e Bela conseguimos sentar e gravar. Foi com ela que passei a maior parte

do tempo e com quem criei uma aliança mais forte. Eu tinha diversas anotações e transcrições de diários de campo sobre sua vida. Assim, não me preocupava tanto o fato de não termos nada gravado. Porém, Bela parecia fazer questão, talvez porque soubesse que eu gravei com as outras mulheres, tanto que me lembro dela dizer: “Comigo você não faz entrevista, né Isabela?”. Era como se tivéssemos algo pendente que postergamos, devido às circunstâncias, até o último dia que conseguimos. Então, ao que me parecia, Bela aparentava certa ansiedade e aguardava que eu a entrevistasse neste dia, pois sabia que na manhã seguinte eu viajaria para a casa dos meus pais para escrever a qualificação do mestrado e permaneceríamos algum tempo distantes após mais de quatro meses intensos em que eu frequentava o bairro.

Naquela tarde passamos praticamente todo o tempo no interior da casa, acompanhadas de seus quatro filhos. Estávamos no inverno e mantivemos tudo fechado para o vento gelado não atingir o bebê recém-nascido, com apenas doze dias de vida. Seu marido estava trabalhando e só chegaria tarde. Finalmente conheci neste dia a filha mais velha de Bela, a May, que hoje possui nove anos e mora com o pai em outro bairro. Ela é de cor parda, alta, magra, com cabelos cacheados, armados, um largo sorriso e um rosto lindo. Segundo Bela, a menina chegou em sua casa naquele mesmo dia para conhecer o novo irmão e, também, para ajudá-la, pois se recuperava da cesárea e da laqueadura.

Nós conversamos por muitas horas sentadas no sofá da sala, uma de frente para a outra. Paramos a gravação pelo menos cinco vezes, pois várias interrupções ocorreram. Durante esse tempo, duas vizinhas bateram na porta; o bebê acordava, chorava, mamava nos peitos de Bela, adormecia, era colocado na cama, no carrinho ou era passado de colo em colo: no meu, de May, da vizinha ou de Bela; com as meninas, a mãe dava broncas, tapas, também dava beijos e fazia carinhos; pegava brinquedos; trocava a calcinha molhada de xixi da filha mais nova; dava ordens para tomarem banho, escolhia as roupas, penteava e prendia seus cabelos; alimentava as meninas com pipoca, com danone; separava a briga entre elas, pedia para pararem de gritar, de chorar; como de costume, elas pediam meu celular, abriam e fechavam minha bolsa, pegavam e passavam meu batom, depois pegavam papel e canetas para desenhar, desenhavam, me mostravam o desenho, pediam mais folhas, pintavam o chão com canetinha; Bela dava mais broncas, elas cansavam e iam para outro brinquedo; Bela ligava a televisão, colocava na novela para assistirem, pegava cobertor e meias... Tudo isso acontecia enquanto falávamos de seus “processos de vida”. Quando reparei, já estava tarde, era mais de nove horas da noite e resolvi ir embora.

Este dia foi, para mim, um dos mais marcantes durante a pesquisa de campo no Abdelnur. Eu estava mexida e sentia que Bela também, pelo fato de que, após quatro meses intensos, eu viajaria na manhã seguinte e me distanciaria por dias. Nada de extraordinário ocorreu, este foi só mais um dentre outros que habitei o ordinário de Bela e sua família. Nada de novo, porém aquele dia representava uma despedida, por mais que eu promettesse voltar em breve. O bebê dormia todo agasalhado no carrinho, as três meninas estavam sentadas no sofá de dois lugares dividindo o cobertor e assistiam atentas a novela Poliana na televisão. Dei um beijo em cada uma delas enquanto a mãe pedia que ficassem dentro da casa, pois estava muito vento lá fora. Bela me acompanhou até o fusca, demos um abraço forte e apertado no quintal e segui para casa.

Bela nasceu na cidade de São Carlos no dia 24 de dezembro de 1990, portanto possui hoje 28 anos de idade. Ter nascido no dia anterior à data comemorativa do nascimento de Jesus Cristo não lhe agrada muito, isto porque diz que as pessoas esquecem de seu aniversário e, quando se lembram, ela tem a desvantagem de ganhar um único presente. Sua mãe biológica teve cinco filhos: dois meninos mais velhos antes de relacionar-se com seu pai e três com ele: Cris, Bela e seu irmão caçula. Já o pai teve sete filhos com três mulheres que ela saiba, pois não tem notícias dele há muitos anos. Com a primeira delas possui uma filha, a primogênita; com a segunda – a quem Bela frequentemente nomeia como madrasta e raramente como mãe – foram três filhos homens; por fim, com a última delas que era a mãe biológica de Bela, teve mais três crianças acima citadas, estas que nasceram uma seguida da outra e somente um ano diferencia suas idades. Além desses irmãos, sua madrasta teve mais três crianças que conviveriam sob o mesmo teto mais tarde, quando Bela fosse adolescente.

Desde o início de minha relação com Bela, ficou claro para mim que sua irmã Cris<sup>31</sup> significava muito para ela e o laço que possuíam era incomparável ao laço com seus outros irmãos, quiçá não se compara com qualquer outra pessoa marcante em sua vida. Vou me deter rapidamente a essa relação porque não faria sentido contar os seus processos de vida sem fazer alusão a tal laço logo de início. Por mais que tivesse falecido há três anos, Cris surgia a todo momento, seja ao olhar a única tatuagem de Bela com o nome da irmã visivelmente escrito no braço, ao ler minhas anotações do caderno de campo, ao me recordar de suas falas emocionadas e saudosas ou, então, ao ouvir suas lembranças na entrevista que gravamos.

---

<sup>31</sup> De todos os irmãos, resolvi nomear somente Cris porque ela aparecerá diversas vezes durante a dissertação.

Logo criança, Cris já sentia os sintomas desencadeados pela mesma doença que a mãe tinha, a anemia falciforme, o que fez com que Bela sempre a protegesse, lhe dedicasse cuidados exclusivos e tivesse uma atenção diferenciada para ela. As consultas aos médicos, os exames, as internações e os hospitais eram frequentes nas lembranças dos processos de vida de Bela, pois geralmente a acompanhava. Em vários momentos, Bela se referia à Cris como alguém frágil fisicamente, “na minha irmã ninguém põe a mão!” disse de forma enfática ao me contar mais um episódio em que brigou para defendê-la. Quando mais velha, Bela a ajudava financeiramente sempre que possível, dando algum dinheiro, comprando alimentos ou roupas. Também foram repetidas vezes que narrou situações de ciúmes da irmã com as amigas da escola ou da igreja. Seu falecimento é um rompimento no fluxo do curso regular de seu cotidiano, é um marco em seu processo de vida. É um evento extraordinário que habita sua vida ordinária e que está embebido em seu cotidiano. Falarei desse evento mais para frente.

Outro evento significativo e trágico que trouxe consequências imediatas na sua vida: quando Bela tinha apenas seis anos de idade, sua mãe biológica faleceu. Ao lhe perguntar o motivo de sua morte ainda quando jovem, Bela mencionou a saúde debilitada da mãe que também possuía anemia falciforme e diabetes, mas que sua saúde se agravou após beber soda cáustica com pinga na tentativa de cometer suicídio. A partir de então, houve uma reconfiguração na casa, na família, na vida de Bela e seus irmãos, filhos de mesmo pai e mãe. Eles não tiveram mais contato com o pai que, segundo ela, sumiu e não quis saber de nenhum dos filhos. Nessa situação, foram para um *abrigo* em Descalvado – cidade próxima à São Carlos com população estimada de 33 mil habitantes<sup>32</sup> - e logo em seguida foram adotados por familiares de seu pai. Embora separados em casas distintas, eles moravam perto e continuaram se vendo. No entanto, não durou muito para Bela retornar ao abrigo porque, segundo ela, tinha um jeito que me definiu como *atentada*, batia na filha da mulher que a havia adotado e se justificou para mim: “A menina queria me fazer de escrava. Queria que eu lavasse louça para ela? Nós já limpávamos a casa, ainda a parte dela queria que eu fizesse”. A morte da mãe, por mais que se tenha passado vinte anos, é também um efeito extraordinário que habitou o cotidiano dela e dos irmãos.

Distante de sua inseparável irmã Cris, Bela contou que na época ia ao fórum sempre que possível para pedir ao juiz que ficassem juntas, até que um dia sua irmã retornou ao abrigo - fato que conta com muita emoção e com enorme sorriso no rosto.

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/descalvado/panorama>. Último acesso em: 1/2/2019.

Por outro lado, com o irmão caçula elas perderam totalmente o contato, já que ele permaneceu desde os sete anos com os pais adotivos em Descalvado. Bela e Cris ficaram no abrigo até seus 14 e 15 anos, respectivamente, quando a madrasta pegou a guarda das duas e as levou para sua casa em São Carlos. Bela me disse que o juiz acatou o desejo de Cris que nesse momento conseguiria finalmente realizar seu sonho de ter uma família.

Para além da mudança de Descalvado para São Carlos e do abrigo para a nova configuração de casa (onde morava a madrasta, com suas filhas e os irmãos de Bela por parte de pai), outras mudanças significativas ocorreram durante esse período. Por exemplo, Bela menciona a diferença entre o colégio Sesi que estudava em Descalvado para o colégio Aracy Leite Pereira Lopes, no bairro Jardim Gonzaga em São Carlos. Sobre isso, desabafa com a frase: “Na primeira semana eu queria surtar, eu chorava. Não queria ir para a escola, chorava que não queria”. Num processo reflexivo sobre esse período, acredita que foi ajudada ao aproximar-se de Marleide - colega de sala que se tornou sua melhor amiga até hoje. Depois do estranhamento inicial, Bela diz que se sociabilizou melhor com os alunos da escola e começou a *dar trabalho*, conversava durante as aulas, bagunçava e *pegava castigo*: era obrigada a ficar na biblioteca durante a tarde atendendo aos alunos que retiravam e devolviam livros. A mudança de escola é uma situação crítica que põem em suspenso, se não rompem os planos de vida que orientavam o curso regular do cotidiano, fazendo emergir justificações, negociações, engajamentos (ARAÚJO SILVA, 2017).

A partir de então, as narrativas de Bela na entrevista remetem aos períodos de sua adolescência e juventude quando se refere, por exemplo, às paqueras e beijos, aos meninos, às amizades da escola e aos passeios. Nessa época, ela geralmente saía à noite com os irmãos mais velhos por parte de pai e com as duas filhas de sua madrasta (a quem raramente nomeia como suas irmãs) com idades próximas a dela. Eles frequentavam a matinê do shopping aos domingos, iam aos funks ou raps na praça. Como sua irmã Cris não saía tanto, juntas elas davam passeios mais tranquilos como ir à sorveteria, comer lanche ou pizza. Preocupada com a fama que as amigas atribuíam à Cris como devagar por não se relacionar com nenhum menino, Bela diz que *arrumou* seu cunhado para ela, um dos meninos mais bonitos da escola. Essa não foi a primeira vez que ouvi tal história que contava com tanto orgulho, já que foi a “cupido” que apresentou Cris a ele – que se tornaria futuro marido da irmã, pai de seus quatro filhos e com quem ficou até seu falecimento.

Em mais de um momento na entrevista, Bela demarca a diferença entre o bairro que morava na casa de sua madrasta, Cruzeiro do Sul, do bairro onde fica a escola, o Gonzaga, este que classifica como *favela*. Sua narrativa de distinção não fazia menção somente ao lugar, mas também aos alunos *favelados* que ali estudavam, independentemente de onde moravam. Tal rotulação que marca diferenciações e cria hierarquias foi mencionada enquanto me dizia sobre os meninos que se interessavam – sem sucesso – por ela. Enquanto conversávamos sobre suas relações com os meninos na juventude, Bela me explicava quais eram suas ponderações diante de um processo reflexivo que levava aos seguintes atos: por serem *favelados* e por não terem *onde cair mortos*, não ficaria com nenhum deles. No entanto, com David era diferente. Por mais que estudasse no mesmo colégio, ele tinha atributos consideráveis: *fazia Tiro de Guerra*<sup>33</sup>, era bonito e era amigo de seu cunhado. Bela, então, se interessou por ele e quando tinha 17 anos, o cunhado *agitou* e eles ficaram pela primeira vez. Começaram um namoro que não se manteve estável, pois frequentemente brigavam e se separavam. Os motivos dos conflitos eram, em sua visão, justificados pelas saídas escondidas, por ciúmes e desconfianças.

Aos 18 anos de idade, Cris saiu da casa da madrasta, casou e foi morar em Ribeirão Preto. Lá ficou com o marido por três anos e teve sua primeira filha. Também nessa época, Bela engravidou de David e teve May, aos 19 anos. Durante a gravidez, contudo, terminou o namoro porque descobriu que David foi à uma festa sem avisá-la. Bela não gostou e passou um tempo com a irmã em Ribeirão Preto, onde ficou até os seus seis meses de gestação. Depois retornou à São Carlos e, quando May tinha quatro meses de vida, retomou o namoro com David e foram morar juntos, mas não chegaram a casar *no papel*. A partir dessa idade, Bela mudou de casa diversas vezes: morou novamente na madrasta; na *casa da sogra* com ela, David e a irmã dele; em uma casa alugada por David, onde morou ele, Bela e a filha e, por fim, também morou sozinha com a filha em uma quitinete. Quando Cris voltava para São Carlos, passavam dias juntas na casa que ainda tinha no bairro Gonzaga. É difícil compreender quais foram as configurações de casa em cada momento da sua vida, porque terminou e voltou com o David algumas vezes, também foi e voltou para a casa da madrasta e da irmã. Tantas mudanças geraram certa confusão para mim e me impossibilitaram de colocar na ordem cronológica correta quais foram as casas que habitou.

---

<sup>33</sup> Frase que faz referência a quem serve ao exército.



Sobre suas fontes de renda, Bela disse que desde adolescente *olhava duas meninas* aos finais de semana e recebia uma quantia pelo trabalho. O seu primeiro registro na carteira foi do McDonald's, empresa que permaneceu por quase três anos. Contou que chegou a processá-los porque não pagaram suas férias e ganhou a ação trabalhista. Após sair desse emprego, foi contratada em uma lanchonete localizada na rodoviária de São Carlos, onde também ficou por quase três anos até pedir demissão. Também trabalhou numa loja de bijuterias por menos tempo e seu último serviço foi na cozinha de um restaurante no centro da cidade. As falas de Bela a respeito de sua situação financeira durante esse período era de que o dinheiro dava e ainda sobrava, mesmo quando morava sozinha e assumia as contas de casa: pagava o aluguel da quitinete, a conta de luz e de água. Ainda ajudava a irmã Cris com 200 reais por mês, pois ela olhava sua filha May e também ajudava na limpeza da casa. Era, portanto, dos empregos de carteira assinada e dos bicos aos finais de semana olhando as duas meninas que Bela se sustentava. Quando estava com David ele também a ajudava, *arrumou serviço* em uma empresa que vende cestas básicas onde está até hoje (há cerca de oito anos) e neste trabalho tem direito ao plano de saúde e dentista para a filha. Dessa forma, Bela narra situações em que podia gastar, ia à loja de doces, de sapatos, de roupas, etc. Ela conta desse período com certo ar nostálgico, quando se sustentava sozinha, não dependia de ninguém e podia fazer agrados com presentes às pessoas, diferente do momento atual.

No final de dezembro de 2012 quando completaria seus 23 anos, Bela tomaria algumas decisões importantes na sua vida. Primeiro porque *pediu as contas* na lanchonete da rodoviária onde trabalhava. O motivo, segundo ela, era que ficava muito pouco com a sua filha May. Como trabalhava o dia todo, a deixava sob os cuidados da sua irmã Cris e só buscava à noite. Depois passou a deixar May com a avó paterna, porque sua irmã passou a ficar muito no hospital. Por ter pedido demissão, também entregou a casa onde morava, já que não teria mais condições de pagar e voltou para sua madrasta. A segunda decisão foi o rompimento definitivo do relacionamento com David, pelo seguinte motivo: “Meu chifre era grande”, Bela atendeu uma ligação de outra mulher no celular dele. Logo depois de dizer isso, simulou para mim com certo tom de vingança o que disse para ele: “Eu era corna e não sabia, mas se eu fui corna, você também foi”, e depois reproduziu seu pensamento: “Se eu sou corna, nós somos juntos, né?”. Nesse momento nós demos risada e em seguida ela disse: “Só dei um beijinho só em um menino, ele era bonitinho, fui lá e beijei”. É interessante observar a escolha de cada fala e a ênfase nas palavras que me dizia, bem como a sequência delas que não parecem triviais. Em um processo

reflexivo desse momento de rompimento com David, Bela me explicava uma justificacão no presente para cada ato passado. Ela parecia querer me dizer que “não se saiu por baixo”, mas ao mesmo tempo existia um julgamento moral da traio. Ela então se justifica dando ênfase nas palavras “são um beijinho”, nada além disso.

Decidida a não voltar com David, Bela se ‘abriu’ para conhecer outras pessoas. A partir de então e muito rapidamente, Bruno entrou na sua vida para ficar até hoje. Tudo começou com a amizade de Cris e de Fabi, irma dele. Evangélica, Cris frequentava cultos aos domingos na casa de um pastor e Bela de vez em quando a acompanhava. Na igreja Cris e Fabi se aproximaram, bem como os maridos das duas. Bela contava isso com uma feio que eu já conhecia bem, tpica de quando sentia ciúmes de alguém. Naquela véspera de natal em 2012 (também seu aniversário), Cris e seu cunhado passariam a ceia na casa do casal de amigos: Fabi e seu marido. Bela resolveu ir junto, pois queria ficar com a sua irma. A família toda de Fabi estava lá: Maria com todos os seus filhos, inclusive o Bruno com 18 anos na época. E ali no bairro Santa Felícia foram trocados os primeiros olhares entre Bela e seu novo paquera. Na realidade, Bruno já a conhecia, pois a observava passando em frente ao seu trabalho<sup>34</sup> no fim da tarde quando Bela saia do serviço a caminho de casa. Assim simulou para mim o diálogo dos dois: "Eu te via, eu sempre te vi. Uma vez o Rafael foi mexer com você e eu não deixei. Como você passava de aliança, eu não sabia se você namorava ou não, se era são disfarce". E ela respondeu: "Eu era amiga da, agora eu não sou mais, agora eu sou livre para voar".

Após o natal, Bruno pegou o número de telefone de Bela e eles começaram a conversar todos os dias. No réveillon, os dois passaram juntos a virada de ano acompanhados de toda a família de Bruno. Ele também começou a frequentar  igreja aos domingos e depois do culto iam para a frente da casa de Cris, onde ficavam conversando até tarde. Bela diz ter demorado por volta de dois meses até dar o primeiro beijo nele e, então, começaram a namorar, depois foram morar juntos na casa de Maria. Em 2014, Bela engravidou de Bruno e teve sua segunda filha, a Belly. Em 2015 nasceu a terceira menina, Dani.

Também em 2015, ocorreu o evento que mais marcou a sua vida - o falecimento da irma Cris. A história que Bela me contou foi a seguinte: a irma teve três cesáreas de quatro filhos, na primeira ocorreu tudo bem; depois de sete anos engravidou novamente, teve os dois filhos gêmeos e precisou repor o sangue; na gestao do último filho em

---

<sup>34</sup> Bruno trabalhava com Rafael na empresa de radiadores de carros. Rafael está até hoje l e Bruno saiu porque brigou com o *patrão*.

2015, Bela disse que os médicos a “abriram” para a cesárea e depois fizeram outra operação, com a justificativa que estava com pedra na vesícula e na realidade não estava. Segundo ela, o hospital não teve a quantidade suficiente do tipo de sangue de Cris para doação. Para Bela, ocorreram dois erros médicos: primeiro por não ter o sangue necessário, segundo por fazer outra operação sem necessidade. Ela precisou ficar internada e após um mês do nascimento de seu último filho, Cris faleceu em maio de 2015.

Como se percebe, os processos de vida de Bela e de sua irmã se combinam nas linhas deste texto, era dessa forma que Bela me contava dos eventos. Nas suas falas, ela reflete sobre as situações e sobre seus atos quase sempre levando a irmã em consideração. Por exemplo, os pedidos insistentes que fazia ao juiz para ficar junto com a irmã; a volta para a casa da madrasta contra sua própria vontade após saírem do abrigo; as brigas na escola para defendê-la; o cunhado que a apresentou; a mudança para Ribeirão Preto; o natal que passou com a irmã na casa de pessoas até então desconhecidas para Bela; as ajudas financeiras, os presentes, cuidados, agrados, etc. Entre tantas outras falas, elegi algumas a seguir que demonstram o quanto ela ponderava suas escolhas pensando também em sua irmã: “Para você ter noção, eu tive oportunidade de tirar minha carta e não tirei para ajudá-la. Os outros falam: “Ah, você é tonta”, “hoje eu não me arrependo de nada”; ou quando terminou a relação com Lins, mas antes pediu cesta básica do trabalho dele para dar à irmã: “Antes de eu me separar vou ser esperta, vou ajudar a minha irmã, agora eu posso meter o pé na bunda, ajudou a minha irmã. Fui lá e separei”.

Desde o momento que Bela e Bruno foram morar juntos, May passou a viver com o pai. Quando tocávamos nesse assunto, Bela dizia sobre a situação confortável que a filha vive atualmente na casa dele e da madrasta, já que não precisa dividir nada com nenhuma irmã, tem tudo para comer, tem brinquedos. Uma das frases na entrevista evidencia isso: “Porque lá na casa dela, ela é sozinha. Então ela pinta e borda”. Também era comum queixar-se quando ficava muito tempo sem vê-la, dizia que sentia falta e reclamava de David por não levá-la à sua casa. Essa queixa também se refere ao deslocamento e impossibilidade de ir até o bairro que a filha mora. Todas as vezes que May ia até lá e eu não estava, Bela comentava feliz que ela havia ido e que era uma pena eu não estar. Sua visita era sempre uma novidade relevante, mas também era comum reclamar do quanto a filha é difícil.

Bela é titular do PBF há cerca de quatro anos, passou a receber o benefício em 2014 quando estava grávida da segunda filha, Belly, e atualmente recebe um pouco mais

de 400 reais por mês. Em 2016, ela e a família se mudaram para as *casinhas do Abdelnur*, fato que conta com orgulho, pois *foi atrás de tudo sozinha* e foi sorteada. O caso de Bela é diferente do de Maria, sua sogra, que não precisou participar do sorteio já que morava na ocupação e estava entre os casos prioritários do PMCMV. Quando o assunto do sorteio vinha à tona nas nossas conversas, era comum que Bela comentasse de sua cunhada Fabi e da concunhada Jéssica que *não foram atrás* e, por isso, não conseguiram a casa como ela.

Há processos de vida de Bela que não ficaram tão claros para mim. Por exemplo, ficou nebuloso o período entre o final de abril de 2016 (quando se mudou para as *casinhas*) e abril de 2018 (quando nos conhecemos). Sei que eventos ocorreram durante estes dois anos, mas suspeito que são questões íntimas, delicadas e que existe certo silenciamento por parte dela e da família. Aos poucos fui percebendo isso e não quis insistir em saber, mas acho que os silêncios e intimidades também nos ajudam a pensar nas escolhas que Bela fazia em me dizer com detalhes sobre certos períodos e eventos e não sobre outros. O que Bela comentava sem muita minúcia era que ela e Bruno brigaram, se separaram e ele foi morar na *casinha* de sua mãe, Maria. Também nesta época, ele começou a se relacionar com a vizinha da casa ao lado, colada à de seus pais. Depois Bela e Bruno retomaram o relacionamento e ele retornou para a casa que vivem juntos novamente. Sobre essa mulher que se relacionou com Bruno, Bela comentava frequentemente que era sua inimiga, mencionava xingamentos e contava do dia que bateu nela. Era comum me dizer, por exemplo, de quando “a manca” (dessa forma que a chama) foi atropelada, colocou pinos na perna e até hoje anda mancando ou, então, do dia que a polícia a prendeu e do outro dia que a soltou. Enfim, eram somente esses fatos que eu soube por Bela sobre esse período.

Maria comentou comigo outras coisas, uma única vez. Segundo ela, o Bruno quis se separar, foi morar com a mãe e nesse tempo a casa de Bela pegou fogo. Em razão desse acontecimento, ela e as duas meninas também foram morar com a Maria. “Elas tiveram que vir para cá, né, minhas netas, lógico que eu ia receber”. Maria desconfia que foi Bela quem colocou fogo na própria casa, pois queria chamar atenção de Bruno e queria que eles ficassem juntos. Por sorte, segundo Maria, a PROHAB reformou toda a casa e eles voltaram para lá. Maria também comentou sobre a briga entre Bela e a vizinha e disse em seguida que a nora não é fácil. No entanto, hoje em dia existe certo consenso entre toda a família que não gosta da vizinha e nem sequer se cumprimentam. Aos poucos, fui me tornando mais próxima de Bela do que de Maria e, devido a isso, acredito que não tocou

mais no assunto comigo. Existia um silêncio, mas, como eu disse, não é necessário investigar aqui a veracidade dos fatos e nem os tratar como diferentes versões da mesma história. O que interessa é analisar quais são os sentidos que minhas interlocutoras dão aos seus processos de vida, o que me contam ou não e como me contam.

Seguindo os processos de vida de Bela, no dia 28 de junho do ano passado, nasceu o último filho do casal, Davi. Depois de *lutar muito*, de algumas negociações com as enfermeiras e com a médica, Bela conseguiu fazer a laqueadura no mesmo momento da cesárea. Agora estamos no início de 2019: nesse momento Bela tem 28 anos de idade e seu marido Bruno possui 23. Eles moram atualmente na *casinha do Abdelnur* com os três filhos que tiveram juntos: Belly, Dani e Davi.

Como se percebe, os processos da vida de Bela e das pessoas ao seu redor também se relacionam com as casas. Ademais, suas memórias do passado se imbricam com as memórias das configurações de casas que viveu, trabalhou ou que mantinha relações de alguma forma. O abrigo na infância; as casas da família que a adotou e dos pais adotivos de seus irmãos; o abrigo novamente na adolescência; a casa da madrasta na juventude; as casas dos colegas de escola na *favela* do Gonzaga; a de Marleide, sua melhor amiga; a casa que fazia bicos olhando as crianças; a da irmã Cris em Ribeirão Preto e em São Carlos; a quitinete que morou sozinha já maior de idade com sua filha; a casa da mãe e irmã de David; a casa de Fabi onde conheceu Bruno; as diferentes casas de Maria; a de May, sua filha; a das vizinhas; das cunhadas; da irmã que também mora no bairro; a sua casinha do Abdelnur...

É interessante percebermos que quase sempre as menções às casas vêm acompanhadas de nomes femininos: casa da minha madrasta, da minha irmã, da minha sogra, etc. Nos processos de vida de Bela, as motivações para mudar de habitação estavam associadas, muitas vezes, aos conflitos entre mulheres no interior da casa. E esses conflitos eram justificados pela manutenção da própria casa como, por exemplo, problemas de limpeza e faxina. Bela citou isso quando foi para a casa da família que a adotou, também dizia das brigas que tinha com a filha da madrasta, depois com a mãe e a irmã de David. No convívio cotidiano, as formas de manter a casa eram divergentes ou, então, ficavam desiguais - uma fazia mais e a outra menos - e assim se davam os conflitos.

É evidente que as mulheres são centrais nas moradias e nas relações entre elas, são elas as principais agentes na gestão das casas, do cuidado e do cotidiano. Mas isso não quer dizer que as mulheres estão ligadas às casas em oposição a um universo 'público', que supostamente existiria. Na realidade, elas estão ligadas às casas por meio

de práticas ordinárias que produzem domesticidade e, da mesma forma, produzem as bases da economia cotidiana, da política cotidiana.

Os processos de vida de Bela também nos ajudam a visualizar novamente como as formas de viver acompanham as formas de morar (e vice-versa). E esse processo é contínuo, não cessa, estão em perpétua transformação. Não é porque agora são moradoras da *casinha do Abdelnur* e que possuem a casa própria tão desejada, que não seguirão buscando novas formas de habitar. Elas seguem cotidianamente nesse processo de (re)habitar casas, vidas, mundos.

O evento do incêndio na casa de Bela é emblemático. Pensando hipoteticamente que o fogo tenha sido causado por ela, podemos afirmar: por mais que se alcance o sonho da casa própria e tudo que envolve simbolicamente e materialmente essa conquista (difícil de ser mensurada), que se livre do aluguel, que se pague prestações muito baixas, naquele momento não foi isso que a prendeu à casa física. Isso porque a casa se refere não somente à construção física, mas também as relações estruturais e simbólicas dentro delas e entre elas, se refere às pessoas que as habitam. Ou, por outro lado, se pensarmos que o fogo foi acidental, a partir desse evento Bela também buscou estratégias possíveis, mobilizou sua rede de casas, de pessoas, para conseguir outra forma de habitar, de viver.

Araujo Silva (2017) nos mostra como algumas metáforas biológicas nativas utilizadas em seu campo apreendem dinâmicas relacionadas à vida humana e, ao mesmo tempo, às suas casas. A autora apresenta analogias de seus interlocutores que concebem a configuração das casas como um organismo vivo, exemplifica como as casas morreriam sem as ajudas que fluíam entre elas. No caso de Bela, romper a relação com o marido, com a família e com a casa de Maria seria, no limite, a morte de sua própria casa.

### **2.3 Ana**

Assim como fiz com Maria e Bela, gravei uma única entrevista com Ana depois de já criada certa intimidade e confiança. Também no início de julho quando finalizava o campo, nós conseguimos gravar uma conversa com duração de quase uma hora e meia, claro que com muitas interrupções. Três dos seus quatro filhos encontravam-se em casa: Laura, Lucas e Fernanda. De férias, o Ismael estava há quase uma semana na casa de um amigo. Entrei, mal sentei no sofá e Lucas e Fernanda já me pediam para desenhar. Tirei da mochila o lápis de cor, o giz de cera e folhas sulfites em branco. Já era noite e Laura

preparava a janta na cozinha. Ela serviu um suco *tang* e preparou o prato de sua mãe e irmãos com arroz e calabresa. “Quer jantar, Isabela?”, eu neguei e agradei. Mesmo tendo passado boa parte do tempo na cozinha, Laura permaneceu atenta à nossa conversa, comentando de tempos em tempos. Seus irmãos pediam a ela suco, comida, choravam e brigavam entre eles. Também paramos a entrevista em outros momentos quando vizinhos vieram até a porta da Ana, o que era bem comum. Nós sentamos uma de frente para a outra no sofá de dois lugares da casa. Nos primeiros segundos de gravação, Lucas reclamou sobre as cores dos lápis: “Ah, não tem azul escuro aqui!”, nós rimos e o constrangimento de início foi quebrado.

As falas de Ana traziam muita expressividade; ela utiliza os braços e tons de voz altos ou baixos a depender da história e, dessa forma, me envolvia totalmente em todas elas. Além disso, possui um jeito extrovertido que fez com que nossa conversa (mesmo com gravador) fluísse bem, com muito dinamismo. A entrevista foi marcada por gargalhadas e gritos, tanto dela como de seus filhos. Mesmo quando dizia histórias mais tristes que envolviam muitos sentimentos, Ana as contava em tons mais leves e demonstrava uma força incrível, sempre com falas de superação após o acontecimento. Descreverei a seguir marcos da sua trajetória. Nem tudo foi falado durante a entrevista, também menciono assuntos que conversamos em outras situações quando frequentei sua casa.

Ana nasceu nos anos 1990 na cidade de São Carlos. Seus filhos, irmãos, pais, tios e avós também nasceram na cidade. Ela nunca morou em outro lugar. E mais, Ana cresceu no bairro Jardim Gonzaga e por lá ficou durante muitos anos. Como sempre dizia: “Sou nascida e criada na *favela*”. Sua trajetória e de sua família, portanto, não é marcada por mobilidades entre estados, cidades, bairros e nem entre casas. Durante seus 27 anos, os únicos deslocamentos do *Gonzaga* para outros bairros foram somente dois: o primeiro deles muito rápido, quando se casou e se mudou com o novo marido para o bairro Antenor Garcia por seis meses; o outro se refere a experiência atual enquanto moradora do *Abdelnur*. Quando perguntei a ela porque mencionava o *Gonzaga* como *favela*, respondeu: “Porque lá é tipo uma favela. Não é igual favela lá de Santos, Rio de Janeiro, São Paulo. Chega nem perto, mas lá é um monte de ‘muquifo’, as casas ‘meia maloca’. Você vê usuário para rua, aí pegou o nome de favela”.

Alguns trechos da sua narrativa permitiram que eu reconstruísse uma trajetória breve de sua mãe biológica, ela que começou a trabalhar em uma *granja como catadora de frangos* com 12 anos de idade e ali se manteve por muitos anos, com o mesmo chefe.

Com 16 anos conheceu o pai biológico de Ana. Nessa época, em sua visão, a mãe se tornou usuária de crack por influência dele, como afirma “ela só entrou no mundo do crack por causa do meu pai, meu pai mesmo. Ele cheirava cola, fumava crack e ela queria fazer tudo que ele fazia para agradar ele. Ela entrou, ele saiu e ela não”. Em 1990, engravidou dele que não quis assumir a filha. No mesmo ano, conheceu o padrasto de Ana com quem ficou até o fim de sua vida, como menciona: “Quando minha mãe descobriu que estava grávida, meu pai abandonou ela. Ela conheceu o meu padrasto que começou a ficar com ela desde que eu estava na barriga”. É seu padrasto, portanto, quem Ana considera como pai. E quem ela chama de mãe é, na realidade, sua avó materna. Isso porque seus pais biológicos não a criaram. Quando Ana tinha dois meses de vida, ela passou a viver sob os cuidados da avó.

A minha avó me pegou com dois meses de idade, minha mãe “desandou” a usar crack, começou a roubar. Ela roubou e foi presa lá em Ribeirão Preto. Ela ficou seis meses presa e minha avó me pegou, teve que me pegar né porque dois meses que eu tinha nascido. Ela só tinha me largado lá para a minha avó dar banho em mim. [...] Minha avó me pegou e começou a me criar, desde então sempre morei com a minha avó. [...] Quando eu tinha uns oito para nove anos mais ou menos, a minha mãe resolveu sair do crack, conseguiu sair e quis voltar para a casa onde a gente morava. Então ela foi, construiu dois cômodos lá no fundo que eram os dois cômodos que eu morava e começou a morar lá, então foi essa convivência que eu tive depois dos dois meses de idade, foi só com oito anos. [...] Foi depois de oito anos que nós tivemos convivência, contato. Ela vinha me buscar, vinha me ver, mas eu não gostava de ficar lá, como ela usava “porcaria”, eu tinha medo [Ana].

Quando entrevistava Ana naquele dia 3 de julho de 2018, fazia exatamente seis anos que sua avó ou, melhor, sua mãe de criação, havia falecido. *Sempre trabalhadora*, por muito tempo ela varreu as ruas de São Carlos enquanto funcionária da empresa de coleta de lixo Vega<sup>35</sup>, até o momento que teve um derrame e Ana passou a cuidar dela. Aos poucos foi melhorando, se aposentou e passou a pegar reciclados na rua.

“Cinco tiros no peito. Não, quatro no peito e um na cabeça”. Foi dessa forma que seu pai biológico faleceu quando Ana tinha nove anos de idade. Antes disso, ela chegou a conhecê-lo, mas quase não conviveu com ele. Pelo lado materno Ana é filha única, sua

---

<sup>35</sup> Segundo o site da empresa, “A Vega faz parte do Grupo Solví, holding controladora de empresas de reconhecida competência que atuam nos segmentos de Resíduos, Saneamento, Valorização Energética e Engenharia. Há mais de 40 anos a Vega é pioneira no ramo de engenharia ambiental. Presente em diversos estados brasileiros, no Peru, Bolívia e Argentina, 17 mil colaboradores trabalham diariamente para melhorar a qualidade de vida de mais de 18 milhões de habitantes, por meio da coleta e tratamento de resíduos domiciliares e de saúde, triagem, compostagem, reciclagem e operação de transbordos, indústrias de valorização de resíduos (uma evolução no conceito de aterros sanitários), e muito mais.” Mais informações, acessar link: <http://www.vega.com.br/Institucional.html>. Data do último acesso: 8/8/2018.



mãe engravidou mais quatro vezes, mas perdia o bebê quando chegava nos quatro ou cinco meses de gestação. Pelo lado do pai, por sua vez, Ana tinha três irmãos mais novos que ela: a Jacque com 22 anos de idade, o *Negão* tem 20 e o caçula, Alisson, tem 19. Segundo ela, atualmente “um está preso por homicídio, 15 anos de cadeia, o outro é traficante e a outra é rapariga mesmo [...] Um mora no *Gonzaga*, outra mora aqui no *Aracy* e o outro está preso né? Mas o outro quando sair vai vir para a minha casa”.

Após me dizer as palavras acima, Laura, sua filha de dez anos que cozinhava e ouvia a nossa conversa atenta, entrevistou: “Coitado do meu tio, pegou 15 anos”. Já tendo cumprido dois anos em regime fechado, Ana disse que provavelmente ficará mais sete, período em que provavelmente seguirá com esperanças que ele volte para a sua casa. Era perceptível o tom carinhoso e saudoso carregado em suas falas quando se referia a este irmão. Quando perguntei a ela se tinha contato com os três, respondeu que sim. Mesmo o que está preso manda notícias e recados a ela por cartas. Com eles, Ana assume a posição de irmã mais velha, enquanto aquela que merece respeito, tem mais experiência, dá suporte, cuida e *xinga*. Sobre o irmão caçula, traficante morador do *Gonzaga*, ela mencionou que vai até lá, o xinga, ele a respeita e fica quieto. Somente uma vez que ele *bateu de frente com ela* e ela lhe disse: “Você me respeita que eu sou mais velha! Não é porque você está nesse mundinho aí, que eu já entrei filho... Não vem querer fazer graça comigo que eu te arrevento a cara! Abaixa a bola!”. Depois disso, Ana diz que ficou quieto e não a desrespeitou mais.

Como já dito, a partir dos oito anos de idade, Ana passou a conviver com sua mãe biológica e com o padrasto. Eles construíram dois cômodos nos fundos da casa da avó e para lá se mudaram. A respeito do relacionamento com a mãe a partir desse período, afirma ter sido difícil porque sofreu diversos tipos de agressões; já com o padrasto menciona boa convivência, como demonstra nessa fala e em outras:

Mesmo ela morando no fundo, ela bebia, ela me humilhava, jogava na cara comida... Tudo, tudo ela jogava na cara. Já o meu padrasto era ao contrário, meu padrasto me quis bem, me dava as coisas e tal e minha mãe não aguentava aquilo. Por isso eu falo para os outros e os outros não acreditam... Minha mãe, não pode dizer que ela foi uma mãe, eu não posso falar assim: “Ó eu tive um amor de mãe”. Não, mentira... Se eu falar isso eu estou mentindo. Eu gostava muito dela, mas ela me humilhou muito, eu sofri muito na mão dela. Ela me deixou com dois meses, com oito anos ela voltou para casa, depois de oito anos ela só começou a me espancar, ela me batia, “vixi fia”, ela me batia igual todo mundo bate... Era pancada, era fio, era soco na cabeça... Teve um dia que eu cheguei a desmaiar de tanto que ela me batia, eu tinha dez anos de idade. Eu sofri muito nessa minha vida. Eu falo para os outros, ninguém acredita, só quem sabe mesmo [Ana].

Diferentemente da forma como fala sobre a mãe, Ana traz elogios ao padrasto em suas narrativas. Exalta adjetivos como guerreiro e trabalhador, além de enaltecer características que fazem referência aos papéis sociais de homem provedor, chefe de família. Segundo Ana, quando era criança ele trabalhava na Faber-Castell<sup>36</sup> - uma das fábricas que existe em São Carlos e que atualmente emprega cerca de duas mil pessoas<sup>37</sup>. Hoje ele tem 47 anos, mora no bairro Jardim Embaré e se casou novamente com uma mulher mais velha, de 70 anos. Além disso, Ana disse que ele a ajuda financeiramente. Apesar de raros os momentos que o veem, ela e seus filhos ainda mantêm contato com o padrasto. Durante a conversa sobre ele, Laura novamente entrou no assunto e contou um sonho: “Mãe, eu sonhei que estava na casa do vô esses dias, sonhei que estava indo lá a pé, acredita? Pelo canavial, cheio de cana assim perto de mim... tudo descascada”. Na visão de Ana, o padrasto sempre foi um homem guerreiro, trabalhava muito e *não deixava faltar nada em casa* para sua mãe. “Isso aqui tudo é cacareco para ele, a casa da minha mãe era um luxo, filha. Eram dois cômodos, mas era um luxo, só coisa boa. Uma vez por ano minha mãe trocava de móveis, você não tem noção quanto esse homem trabalha”. As expressões: *não deixa faltar nada em casa* ou *bota comida na mesa* são comuns de ouvir e demonstram o quanto é importante socialmente que o homem seja o provedor do “*dinheiro da casa*”, tal atributo tem um valor moral relevante.

Com 13 anos de idade, Ana diz que entrou para o *mundo do crime*<sup>38</sup> e ficou por cerca de dois anos, principalmente na *contabilidade*. Diz que nessa época ganhou, juntou dinheiro e ostentou, pagava lanches para os amigos e pagava para entrarem na balada,

---

<sup>36</sup> Segundo site da empresa, “a principal subsidiária do grupo está localizada no Brasil, com cerca de 3.000 colaboradores, formada por uma unidade de produção em São Carlos, no interior de São Paulo, uma unidade de produção de mudas e operações florestais com industrialização da madeira em Prata (MG), uma unidade de fabricação de produtos plásticos em Manaus (AM) e uma área de preservação permanente em Morretes, Paraná (PR). [...] A Faber-Castell do Brasil, seguindo a mesma filosofia social e ambiental da matriz alemã, foi a primeira empresa a plantar suas árvores para a produção de lápis quando, na década de 50, importou as primeiras sementes de Pinus com o objetivo de ocupar antigas pastagens com o plantio de florestas que iriam fornecer a matéria-prima para a produção de lápis. O projeto no Brasil é pioneiro e o maior no mundo. Em São Carlos (SP) foram feitas as primeiras experiências ao final da década de 50 e anos 60.” Mais informações ver link: <http://www.faber-castell.com.br/Empresa/FaberCastellBrasil>. Último acesso em: 9/8/2018.

<sup>37</sup> Segundo reportagem de 2017 do G1, na unidade de São Carlos são cerca de dois mil funcionários. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/faber-castell-demite-290-funcionarios-da-fabrica-de-sao-carlos-sp.ghtml>. Último acesso em: 9/8/2018.

<sup>38</sup> Como se percebe na fala de Ana, o *mundo do crime* é uma noção êmica, por isso a utilizo em itálico. Tal como Gabriel Feltra nos mostra a partir de suas pesquisas nas periferias de São Paulo, *mundo do crime* é uma “expressão que designa o conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas e discursivas que se estabelecem, prioritariamente, no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos” (2009, p.19).

também sonhava em tirar a carteira de motorista, comprar um carro e uma casa. Apesar de muitos dos seus amigos usarem drogas, Ana diz que nunca gostou. “Entrei no mundo do crime? Entrei. Mundo das drogas? Nunca entrei”. Também nessa época, Ana conheceu e namorou com o homem que, como diz a todos, é o amor da sua vida até hoje: o Beto. Nesse momento, Laura mais uma vez comentou: “E ela vive falando dele viu, Isabela, aposto que é feio”, nós três demos risada. Ana diz que não foi Beto quem a incentivou a entrar no *mundo do crime*. Pelo contrário, mesmo que fosse *envolvido*, ele não a apoiava que ficasse, sempre pediu que saísse *desse mundo*. Concomitante a esse período, Ana interrompeu os estudos na sexta série.

Nessa época, seu namorado Beto fez um assalto e foi preso. Perguntei se ela o visitava e respondeu: “Não, só levava as coisas. Era trouxa, porque eu ainda estava no *mundo* ainda, no tráfico, bancava ele até umas horas, era com droga, com dinheiro, com tudo. As dívidas dele quem arcava era eu, com 14 anos de idade, porta de cadeia”. Nessa época, sua mãe descobriu que Ana estava no tráfico, bateu nela e, então, resolveu sair. Esse período também coincidiu com a descoberta de que Beto estava com ela e sua ex-mulher ao mesmo tempo, “para mim foi um choque”, ela disse. *Largou mão*, começou a *sair para baladinha* e passou a se envolver com Maurício.

“Depois eu conheci esse traste, não, esse abençoado né?”, foi com essa a frase em tom irônico que começou a falar sobre seu ex-marido. Laura entrevistou e defendeu o pai: “Esse traste... Esse traste aí é o Beto!”, Ana negou a acusação da filha, mas completou a frase dando gargalhadas e dizendo que tem *dedo podre* para homens. Segundo ela, sua relação com Maurício começou como amizade e foi se tornando mais forte aos poucos, até que Ana engravidou dele e *amigou*.

Foi um jogo que sorte que eu conheci ele, nós fomos morar juntos como amigos, porque eu não aguentava mais sofrer na mão da minha mãe. [...] Eu descobri que estava grávida e ele teve que assumir... Nós começamos a ficar, eu disse “vambora vai”. Então eu contei para a minha mãe porque ela disse que se um dia eu engravidasse, ela me colocava para fora. Eu peguei, falei com ela, nós falamos com ela, ele disse: “Mas nós já estamos indo embora, amanhã cedo eu já estou com o caminhão aqui para a gente ir embora”. Fui embora com o colchão que eu tenho até hoje, que é o colchão da minha cama. Era o colchão, a cama, comida e um botijão de gás. Mais nada. Não tinha fogão, não tinha geladeira, não tinha nada. Minha avó foi pegar a reciclagem de manhã, ela voltou com um fogão, uma geladeira. Ó, é Deus... E um *tanquinho*, tudo 220V. Então fui morar no Antenor Garcia, alugamos uma casa e fomos morar no Antenor Garcia. Fiquei seis meses no Antenor, peguei e voltei para cima de novo, porque não aguentei. Eu peguei e continuei a minha vida. Fomos tocando, eu fui gostando, aprendendo a gostar dele e tal, ter um sentimento porque gostar, amar, amar mesmo não [Ana].

Aos 16 anos, quando estava no sétimo mês de gravidez, sua mãe faleceu. O motivo: “Depois que ela morreu, a gente descobriu que ela estava com HIV. Teve um tumor no seio, arrancou, depois de uns cinco anos, o tumor voltou e foi para o estômago, então ela veio a falecer. Ela morreu dia 31 de agosto, vai fazer 11 anos”. Nessa época, Ana - que se autodeclara evangélica - disse que já “estava na igreja, tudo certinho, tinha começado a palavra. [...] Lutei por ela até o fim”. Logo após a morte da mãe quando ainda estava grávida, Ana enfatizou o próximo momento marcante: o reencontro com Beto quando saiu da prisão. Enquanto Ana me contava a história a seguir, era perceptível suas palavras carregadas de muita emoção, tons de voz mais altos, sorrisos. Na realidade, ela falou sobre esse fato em dois momentos distintos da nossa conversa, como se perceberá a seguir.

E quando ele... no dia que ele saiu da cadeia, no dia que ele foi lá em casa e descobriu que minha mãe tinha morrido? Nossa, ele me abraçava e chorava, chorava... Eu falava “para, vai embora!” e ele falava: “Que vai embora o que?! Minha sogra morreu! Por que ela não esperou?”. Eles tinham uma amizade muito grande. [...] Aquele lá que eu falei para você foi preso, ele saiu da cadeia e eu estava grávida da Laura, quase no finalzinho. Um mês depois que minha mãe faleceu ele saiu da cadeia. Ele gostava muito da minha mãe e minha mãe também gostava muito dele. Eu lembro que o Maurício trabalhava na Tecamsh naquela época, ele saía 6h15min da manhã para trabalhar, deu um beijo lá no portão como já era de rotina, foi trabalhar e o bonito me aparece na minha porta. Ai, menina! Eu peguei e falei: “O que você está fazendo aqui?”, ele falava: “Eu vim te ver, fiquei sabendo que minha sogra morreu”. Eu respondi: “Que sua sogra o que?! Ela não é nada de você!” Ele disse: “Nosso amor vai ser eterno, você não vai me esquecer nunca e eu também não vou te esquecer nunca. Eu posso casar com dez ‘muiê’, você pode casar com dez homens, mas nós nunca vamos nos esquecer”. E é verdade, viu? [I: E você nunca mais viu ele?] Ele está preso agora, pegou 26 anos. Em 2020 ele sai, de saidinha [risadas] [Ana].

Apesar de não o ter visto mais, ela ainda mantém o sentimento e alimenta a esperança de ficarem juntos; mantém também certo contato, ainda que indiretamente. Por exemplo, enquanto gravávamos essa conversa, um homem chamou Ana na porta de sua casa que estava aberta. Era o primo de Beto, também morador do *Abdelnur*, devolvendo um brinquedo das crianças. Além do primo, a ex-mulher dele (aquela que Ana descobriu que estavam juntos quando foi preso pela primeira vez) se mudou para o bairro recentemente e comentou com Ana que Beto ainda pergunta sobre ela. Enquanto falávamos disso, Ana imaginava o dia que Beto saísse da cadeia e, então, disse

gargalhando: “Ele vai vir direto! E eu vou falar: entra, amor, entra que a porta está aberta!”.

Em novembro de 2007, com quase 17 anos de idade, nasceu sua primeira filha com Maurício. Nessa época, eles moravam no bairro Antenor Garcia e gastavam com aluguel. Como a mãe de Ana havia falecido e o padrasto se mudou, decidiram voltar a morar nos dois cômodos do fundo da casa da avó para não gastar mais com moradia. Pesava também o fato de Ana não ter gostado do bairro. A partir de 2008, então, a família mudou-se para o *Gonzaga* novamente. Em 2011 nasceu o segundo filho de Ana, o Ismael.

No ano seguinte ao nascimento dele, outro marco em sua vida: faleceu a avó materna que cuidou de Ana. O que a ajudou naquele momento foi sua religião, como menciona: “Quando minha avó morreu eu também estava na igreja, mas já estava bem mais firme, conhecedora da palavra. Antes dela morrer, Deus me mostrou, Deus me mostrou em visão, em sonho”. Com 21 anos de idade, Ana já havia perdido seus pais biológicos e sua avó (mãe de criação), estava *amigada* e tinha dois filhos. Em 2014 nasceu o terceiro filho Lucas; a última das quatro cesáreas foi a de Fernanda em 2016. Hoje Laura, Ismael, Lucas e Fernanda têm 11, 6, 4 e 2 anos, respectivamente.

Em abril de 2016, Ana *ganhou sua casa* própria, tornou-se mais uma das titulares moradoras das *casinhas* do *Abdelnur*. Assim como Maria, Ana disse não ter participado do sorteio, mas a situação dela era diferente: passou pelo CREAS e pela casa abrigo há três ou quatro anos quando fugiu com seus filhos da casa que morava com Maurício, pois corriam riscos de morte. Segundo ela, as mulheres que passaram por lá tinham preferência para ganhar a casa do PMCMV, sem precisar participar do sorteio. A sucessão dos fatos que me contou foi a seguinte: Maurício a ameaçava dizendo que *tacaria fogo* nela e nos filhos até que certo dia Ana encontrou os litros de gasolina escondidos. Foi, então, em busca de ajuda de assistentes sociais e ficou na casa abrigo por quinze dias. Depois disso, o ex-marido saiu da casa e Ana voltou com os filhos para lá, no entanto perdeu todos os seus pertences, pois roubaram em sua casa.

Mais para frente, Ana voltou novamente com Maurício. Entre idas e vindas do casal, eles moraram juntos por doze anos, mas apenas no dia 15 de maio de 2017 às 14 horas e 15 minutos se casaram no civil. Exatamente um ano depois eu estava em sua casa, no mesmo dia e horário. Eu a escutava e observava sua feição triste ao me contar a seguinte história: na segunda-feira eles assinaram os papéis; na terça seu irmão foi preso; na quarta Ana estava no hospital com sua cunhada, irmã do marido, que deu a luz à um

filho prematuro; na quinta o pai do noivo (seu sogro) faleceu e, no sábado, dia 20, Ana teve uma das maiores decepções de sua vida: não realizou o sonho da festa de casamento.

Na narrativa de Ana, Maurício utilizou o falecimento do pai como desculpa para não se casar, porque, na sua visão, nunca foi a sua vontade. Ela, por sua vez, sempre fez questão e implorou, já que este era seu maior sonho. Segundo ela, os preparativos estavam prontos: vestido de noiva, bebidas, comida, convite... Eles tinham ganhado muita coisa para a festa que, por fim, não ocorreu. “Foi uma das piores coisas que aconteceram na minha vida”, dessa forma que Ana reporta tal fato. Todas as vezes que citava o ex-marido, a possibilidade de retomar o casamento ou quando seus filhos lhe pediam que voltasse com o pai, Ana comentava sobre a festa de casamento que não ocorreu. Era essa a justificativa que sempre dava quando lhe perguntavam dele: “Foi uma decepção muito grande, eu nunca esqueço”. Para ela, era um sonho não realizado, era um evento extraordinário que deixou marcas na sua memória. E o extraordinário está embebido e constitui o ordinário, a festa de casamento era constantemente lembrada e sentida por Ana. A partir disso, ela precisou reabitar o mundo, quis a separação e *luta* por ela.

Ana e seus quatro filhos seguiram habitando a *casinha do Abdelnur*. “Ah, mas nós vamos morar no *Gonzaga* mais uma vez!”, entrevi Lucas, seu filho de 4 anos, quando conversávamos sobre as diferenças entre os bairros. Era muito comum ouvir reclamações das crianças sobre o *Abdelnur*, a Laura, por exemplo, sempre me dizia que sentia falta da outra escola, do projeto que participava, das amigas, do movimento. Do mesmo modo, também era frequente que Ana comparasse os dois lugares, na entrevista disse que na *favela* podia contar com mais gente para cuidar dos seus filhos quando precisasse, as pessoas se ajudavam com comida, tinha mais amigos, familiares e sentia-se mais segura. No entanto, encerrou sua fala dizendo: “Mas só de saber que aqui eu tenho minha casa, minha porta... Eu morava em dois cômodos”.

Em 2018, Ana e as demais herdeiras de sua avó materna venderam a casa do *Gonzaga*, a mesma que morou por mais de vinte anos. Pelo que entendi, Ana pegou parte desse dinheiro em julho do ano passado e com ele foi para uma cidade próxima à São Carlos comprar cortinas e cobertores para revender e *fazer um dinheiro*. Além disso, finalmente construiu o tão sonhado muro de sua *casinha no Abdelnur*. Nessa época eu frequentava a casa e acompanhei em partes esse processo: primeiro Ana comprou o material de construção necessário, depois pediu ajuda para homens conhecidos do bairro que, juntos, levantaram o muro e pintaram a parte externa de azul. Ana chegou a me mostrar as fotos no celular que tirou desses dias, contava feliz e orgulhosa que não

precisou gastar com pedreiro. Outra vontade de Ana era de construir um comércio no quintal da casa, contava-me suas ideias como abrir um restaurante com música ao vivo, onde pudesse vender os salgados fritos que fazia antes.

“Não vejo a hora de levantar meu muro” ou “finalmente levantei meu muro” eram frases comuns de se ouvir pelo bairro. Já fazia tempo que Maria com a ajuda de seus filhos construiu o seu. Segundo ela, a família toda se juntou e fez tudo, a experiência anterior de levantar a casa na *invasão* ajudou. Ano passado também pintaram toda a parte interna da casa. Bela ainda não tinha o seu, mas sonhava com ele. Lembro-me de um dia, enquanto caminhávamos - eu, ela e seus filhos - pelo bairro, observávamos cada obra, cada muro, qual achávamos bonito e qual não.

No bairro existia toda uma multiplicidade de muros, desde muito altos, com portões elétricos e modernos até improvisados com paletes. O desejo de construir o muro pode ter significados diversos, mas os pontos mais tocados são: a possibilidade de ter maior privacidade e segurança. No caso de Ana, o muro a deixava mais segura, principalmente quando os filhos ficavam sozinhos, ou seja, a construção do muro e a transformação da casa estão intimamente relacionados ao cuidado com seus filhos. Um aspecto a ser considerado é que estas transformações são observadas e avaliadas pelos vizinhos diariamente, comenta-se a qualidade do serviço, o tipo de material utilizado, qual foi a mudança feita, se aumentaram a cozinha, se também levantaram o muro nas laterais e fundo, se sobrou ou não material, se gostaram ou não do resultado, etc. Com isso, alimenta-se a reputação das pessoas como trabalhadoras, por exemplo, e o muro costuma ser interpretado como um sinal de progresso. Comenta-se também que as transformações podem causar inveja, *olho gordo*.

Diversos marcos temporais são utilizados por Ana no presente para reconstruir às memórias passadas: os nascimentos, os falecimentos, as agressões, as casas. Se olharmos para os processos de vida dela, é evidente que não houve tantos deslocamentos entre casas físicas quanto Maria e Bela. No entanto, se analisamos com cuidado, ocorreram mudanças significativas nas configurações de casas e de pessoas em sua vida. As transformações das casas se relacionam com os ciclos domésticos, com os diferentes momentos na vida coletiva de um grupo familiar. Nos primeiros meses de vida, morou com a mãe biológica, mas logo sua avó materna (mãe de criação) passou a cuidar dela. Com oito anos de idade, a mãe e o padrasto construíram dois cômodos nos fundos da casa dessa avó e, a partir daí, Ana passou a conviver com eles. Quando estava grávida, foi morar no bairro Antenor Garcia com Maurício, ficaram apenas seis meses e retornaram para os dois cômodos no

*Gonzaga* com a filha Laura recém-nascida. Eles voltaram porque a mãe de Ana havia falecido e o padrasto foi para outra casa. Lá eles não precisariam gastar com aluguel e Ana voltaria para o bairro que cresceu e no qual se identificava. Depois nasceram seus dois meninos e a família continuou na casa. Em seguida sua avó materna faleceu. Ameaçada por Maurício, foi para a casa abrigo e ficou por quinze dias. Quando retornou, sua casa estava sem os objetos que antes tinha. Mais transformações: a volta com Maurício, o *ganho* da casa no *Abdelnur*, a mudança para lá, o nascimento da última filha, a separação, a construção do muro. Hoje com seus 28 anos, ela (re)habitou diversas configurações de casas e pessoas, de vidas e de mundos.

Motta (2014, 2015) nos mostra em sua pesquisa no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro como novas casas se constituem e como são construídos os laços entre as casas. Ou seja, como uma nova casa é fruto de outra(s) e a ela(s) permanece ligada. Por exemplo, aqueles que são cuidados muitas vezes constituem novas casas com a ajuda da casa dos pais, o que demonstra de certa forma o fim dos cuidados e o início da possibilidade de cuidar de outros: seus próprios filhos ou, mais para frente, dos familiares mais velhos. Vale lembrar que não necessariamente a lógica dessa relação é baseada no vínculo de origem (entre pai e filho), mas em relações construídas cotidianamente e ao longo do tempo. Com isso, a autora defende que o ideal de autonomia e as assimetrias das relações de cuidado são a base, o fundamento, a gênese tanto das relações que constituem a casa quanto da relação entre a nova casa e aquelas das quais se origina, nisso se inclui também moralidades e obrigações mútuas. Segundo Motta, a casa é fundada na interdependência entre aqueles que se importam e que são cuidados.

Embora sejam diferentes os casos empíricos que trago aqui dos de Motta no Complexo do Alemão - situações em que os próprios pais constroem casas para os filhos que se casaram ou para as filhas que engravidaram -, os processos de vida de Ana também exemplificam o argumento da autora. Pois bem, mesmo que avó de Ana não faça parte da construção em si, ela participa ativamente desse processo de constituição de uma nova casa para a própria filha e para a neta. Primeiro porque cedeu o terreno do fundo, possibilitando que a mãe e o padrasto de Ana construíssem os dois cômodos. Mais para frente, quando Ana estava grávida de Laura e se mudou com o ex-marido, sua avó os presenteou com os eletrodomésticos essenciais: geladeira, fogão e *tanquinho*. Depois permitiu que eles retornassem e morassem nos dois cômodos por anos. Por fim, é interessante pensarmos que até o dinheiro herdado da casa da avó possibilitou a construção do muro da *casinha do Abdelnur*. Isso demonstra – entre vários outros



exemplos que trarei mais para frente no texto - que as relações assimétricas de cuidado constituem a casa em si e a relação entre as casas, as formas de cuidado estão conectadas com as formas de habitar casas e vidas.

Outro ponto importante a ser mencionado aqui é que os processos de vida de Ana evidenciam que essa lógica de relação nas casas e entre casas - que envolve cuidado, obrigações, moralidades - não necessariamente está num vínculo de origem de pai e filho, mas em relações construídas cotidianamente e ao longo do tempo. Foi sua avó materna quem sempre lhe dedicou cuidados e quem a ajudou com os objetos, não sua mãe. Da mesma forma, até hoje se mantém o laço entre a casa de Ana e a do padrasto que a ajuda financeiramente. As trocas entre as casas são fundamentais para compreender que os laços de parentesco são construídos no cotidiano.

É interessante apontar o quanto combinam-se as ideias de casa enquanto espaço – material e simbólico - de autonomia e de cuidado. Somam-se a isso as moralidades, fofocas, reputações que acontecem em torno delas. Socialmente, espera-se por exemplo que a casa seja composta por pai, mãe e filhos; é desejável que primeiro se tenha uma casa para depois se ter um filho, etc. No caso de Ana, isso é evidente quando a mãe diz que a expulsaria de casa caso engravidasse e a partir daí existe todo um esforço, tanto de Ana, quanto de Maurício e sua avó de constituir uma nova casa que socialmente dê a aparência concreta de autonomia. Por ter engravidado, era desejável e se fez um esforço para que Ana constituísse uma nova casa com o pai da criança; no universo de possíveis, era isso que fazia mais sentido e foi dessa forma que a família agiu.

## **2.4 Rosa**

Quando Marta me apresentou a Rosa em abril, eu entrei em sua casa, sentei-me no sofá e iniciamos uma conversa que durou duas horas. Senti grande abertura dela comigo logo de início, pois Rosa dizia em detalhes sobre sua vida. Então resolvi perguntar se ficaria incomodada caso eu gravasse suas falas preservando seu anonimato, ela respondeu que não tinha problema algum. Diferentemente de Maria, Bela e Ana, com Rosa senti essa abertura incomum já no primeiro dia, pois era nítido que queria conversar com alguém, desejava que alguém a escutasse. Acredito que ajudar a minha pesquisa era pouco perto de ter em troca um ouvido e um olhar atencioso, mesmo que eu não dissesse uma palavra sequer. Como praticamente não saía de casa, a solidão era mencionada a

todo momento. E o medo também, já que diversos fantasmas habitavam sua vida e era disso que me falava. Quando eu batia na porta de sua casa, ela abria um grande sorriso, dizia algo como “quanto tempo, Isabelly”, me convidava para entrar e, então, contava-me histórias e mais histórias.

Era sufocante escutar os processos de vida de Rosa, ao mesmo tempo que era reconfortante perceber que minha presença fazia uma diferença enorme em seu dia. Eu me questionava a todo momento sobre o meu lugar nessa relação com ela e acredito que por isso não consegui ficar tão próxima, ouvir suas memórias demandava uma força psicológica que muitas vezes eu não tinha.

Nós fizemos quatro entrevistas longas gravadas em dias diferentes e geralmente estávamos sozinhas com os dois cachorros em sua casa, vez ou outra um de seus filhos mais velhos, o João, estava no quarto enquanto conversávamos. Nos dias que eu fiquei até mais tarde, cheguei a encontrar e conhecer seus filhos mais novos, mas convivi pouco com eles. Com Rosa e seus cinco meninos utilizei mais a técnica dos desenhos do que com as outras mulheres. De certa forma, eles me ajudaram a lidar com as angústias que sentia ao ouvi-la sem conseguir fazer muito por ela. Quando a visitava, deixava folhas sulfites, lápis de cor e giz de cera e depois quando retornava, Rosa me mostrava e explicava cada desenho feito por ela ou por seus filhos, contava a situação, rememorava cenas passadas e dizia sobre sua vida. Sentia que Rosa se animava com isso, principalmente porque se aproximava de seus filhos e os distraía.

Rosa nasceu em 1982 na cidade de Araraquara/SP e hoje, portanto, possui 36 anos de idade. Seus pais se separaram logo após seu nascimento e, então, diz não ter conhecido o pai biológico. Ela tinha esperanças de que aparecesse na porta de sua casa nas datas de seu aniversário, porém isso nunca ocorreu e a única notícia que teve dele foi por seu tio que disse ter sido “assassinado em Araraquara no meio de um canavial”. Rosa é a filha mais velha de sua mãe que, por sua vez, teve mais duas meninas: engravidou de *um ficante* com quem teve a filha do meio e por último teve a caçula que é filha de seu padrasto atual. A irmã do meio de Rosa nasceu com paralisia e faleceu aos 22 anos.

Quando Rosa ainda era criança, sua mãe conheceu o padrasto - com quem está até hoje. Eles não demoraram a mudar de cidade. Como sua avó morava em São Carlos, cedeu um terreno na sua própria casa para que Rosa, sua mãe e o padrasto morassem e, com isso, eles migraram de Araraquara para São Carlos. Rosa diz que desde criança já trabalhava ajudando a avó na colheita de algodão e sua mãe, na laranja. Como se mudaram para São Carlos, Rosa diz que muito de sua criação foi dada por seus avós maternos: a

avó, por exemplo, dedicou cuidados à irmã com paralisia. Em 1992, quando Rosa tinha dez anos de idade, o seu avô – por quem sentia muita estima e considerava como pai - faleceu aos 65 anos. No dia de seu enterro, Rosa tomou vários remédios fortes com a intenção de cometer suicídio. “Eu vi a morte secar na minha boca”, ela disse.

Em nossa primeira conversa, iniciei a gravação e não demorou nem um minuto para Rosa mencionar o primeiro e os sucessivos abusos sexuais e espancamentos realizados por seu padrasto. Contava-me em detalhes e mostrava-me as marcas em seu corpo, era agonizante escutar suas falas e choros sobre esse momento. “Eu pegava uma imagem de Nossa Senhora Aparecida para ele não me bater”, ela dizia repetidas vezes. Sobre a irmã caçula, disse que nasceu e passou a ter tratamentos diferenciados pelo padrasto que: “Tratava ela como uma princesa e eu era um lixo jogado [...] tratava ela que nem uma cinderela e eu para os cantos, tinha que trabalhar. Trabalhava na roça para comprar o meu caderno”. Até que Rosa viu o padrasto abusando de sua própria filha - da irmã caçula. Sua infância e sua adolescência são narradas em torno dessa relação violenta com o padrasto.

Com o decorrer do tempo, mais espancamentos até chegar um momento que Rosa não dormia mais, tinha crises de desmaio e aos 16 anos de idade fugiu de casa. Ela se recorda de um natal em 1998 em que ele a agrediu na frente da família e disse que sua avó a acalmava e pedia que ele parasse, mas não o denunciava por causa de sua filha casada com ele. Nessa época, conheceu Marcus através da irmã dele, casada com o tio de Rosa, irmão de sua mãe. Na época ele possuía 27 anos e morava em Águas de Lindóia. Quando o conheceu, Marcus lhe prometeu: “Ó, se você fugir comigo, eu vou te dar isso, vou te dar aquilo, vou te tratar como uma rainha”. Por não aguentar mais os espancamentos do padrasto, Rosa fugiu de casa e mudou-se com ele para Santo Antônio de Posse<sup>39</sup> – cidade que Marcus arrumou uma casa para eles morarem juntos e um novo trabalho na safra de laranja.

A partir daí é iniciada uma nova etapa na trajetória. Esse período, no entanto, inclui outros problemas que envolviam propriamente o relacionamento com a sogra e com a cunhada mais nova que também se mudaram com eles. Os motivos das brigas eram referentes à manutenção da casa, as tarefas desiguais de louça e limpeza, por exemplo. Elas também duvidavam que fosse dele a filha que esperava nascer, isso porque não

---

<sup>39</sup> Cidade localizada no interior do estado de São Paulo, com população no último censo de 20 mil pessoas (IBGE, 2010). Informações disponíveis no link: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/santo-antonio-de-posse/panorama>. Último acesso em: 1/3/2010.

demorou para Rosa engravidar pela primeira vez. Em uma passagem não menos triste que as anteriores, ela narra em minuciosos detalhes o aborto - sugerido que fora causado por excesso de esforço físico quando deslocava um colchão molhado - aos cinco meses de gestação daquela que seria sua primeira filha, Jéssica, aos 16 anos de idade.

Foi por pouco tempo que moraram em Santo Antônio de Posse/SP, cidade próxima à Holambra/SP<sup>40</sup>, pois logo eles se mudaram para Ouro Fino/MG<sup>41</sup>. A migração entre estado e cidades acompanha os períodos de oferta de trabalho na colheita do café, laranja, algodão, cana-de-açúcar e da produção e manejo das flores – atividades que Rosa e Marcus trabalharam. Ela sente falta da época em que mexia com crisântemos, bulbos, violetas e rosas em Holambra. Dizia-me até dos cheiros. “Para mim era uma alegria, na roça era minha calma, adorava trabalhar lá”, também dizia de forma positiva e nostálgica sobre os trabalhos *na laranja*.

Rosa engravidou novamente em Ouro Fino e teve em 2001 seus dois primeiros filhos gêmeos, o Pedro e o João. Quando estava grávida, Rosa lamenta que as agressões físicas de Marcus se iniciaram. Em 2003, o casal voltou para São Carlos, onde Rosa trabalhou novamente na safra da laranja enquanto sua sogra ficava com os netos. “Eu trabalhava na roça, ralava, menina”. Em outra passagem, Rosa faz menção a outro acontecimento marcante em sua vida no ano de 2005, relacionado ao nascimento de Bruno, terceiro filho do casal:

Ele (ex-marido) não acompanhou o nascimento do Bruno. Tive que pedir socorro para o taxista, o neném já ia nascer. O taxista segurava na minha mão: “Calma, segura, respira fundo, respira, respira”. Menina, quase que eu ganhei o Bruno no táxi. Me levaram para Santa Casa de Rio Claro. Quando foi ver erraram a maternidade e me levaram pra Santa Casa. Quase que eu *ganhei* ele em pé. Nasceu o Bruno, ele não dava atenção, não ia para ver se era filho, sabe, se precisava de algo, para trazer roupa, para mim, para as crianças, para o Bruno. Para as crianças, ele nunca dava atenção [Rosa].

Depois o casal migrou outra vez para Ouro Fino/MG e Rosa teve em 2007 seu quarto filho, Miguel, hoje com 11 anos de idade. Segundo ela, sua sogra duvidou

---

<sup>40</sup> Cidade localizada no interior do estado de São Paulo, com população no último censo de 11 mil pessoas (IBGE, 2010) e população estimada de 14 mil (IBGE, 2018). Informações disponíveis no link: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/holambra/panorama>. Último acesso em: 1/3/2010.

<sup>41</sup> Cidade localizada no interior do estado de Minas Gerais, com população no último censo de 31 mil (IBGE, 2010) e população estimada de 33 mil (IBGE, 2018). Informações disponíveis no link: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-fino/panorama>. Último acesso em: 1/3/2010.

novamente que a criança que esperava fosse de Marcus - como nas outras gestações –, o que gerava grandes conflitos na família. Em seguida, a última migração: retornaram à São Carlos e a partir daí não mudaram mais de cidade, somente de casas.

Figura 3 - Processos de vida de Rosa por décadas

Anos 80	Anos 90	Anos 2000 - 2010
Araraquara/SP	São Carlos/SP	Holambra/SP - Ouro Fino/MG - São Carlos/SP - Ouro Fino/MG – São Carlos/SP

Fonte: Elaboração própria (2019)

Em 2012 nasceu o último filho do casal, Leo, que hoje está com sete anos recém-completados. Como mencionado, ao todo Rosa teve cinco gestações: na primeira delas perdeu a menina, depois teve os cinco filhos homens. É impossível escrever sobre os processos de vida de Rosa sem escrever sobre eles, porque praticamente todas suas falas giravam em torno dos *seus meninos*. Como ela dizia, sua preocupação com eles sempre vinha antes da preocupação com si mesmo: “Você vê, eu tenho 35 anos, estou em um corpo de 50, porque são meus filhos em primeiro lugar”.

Dessa maneira, nas falas sobre seus processos de vida, as crianças eram sempre centrais, os marcos em sua trajetória muitas vezes se referem aos eventos ocorridos com um dos cinco meninos. Foram várias as histórias que me contou de nascimentos, hospitalizações, internações, cirurgias, doenças, acidentes de bicicleta, atropelamentos... Muitas dessas situações vivenciadas sozinha porque, segundo ela, *o pai deles nem tchum* - assim era percebido o ex-marido em várias passagens dramáticas de seu relato. Tal expressão remete ao seu comportamento frente aos nascimentos, doenças e acidentes que ocorreram com os filhos. Como por exemplo, às quedas de um dos gêmeos, Pedro, na bicicleta em alta velocidade nos *morros* de Ouro Fino, onde feriu o rosto por volta de 2011 e depois a cabeça em atropelamento de bicicleta em 2014, quando já estava separada:

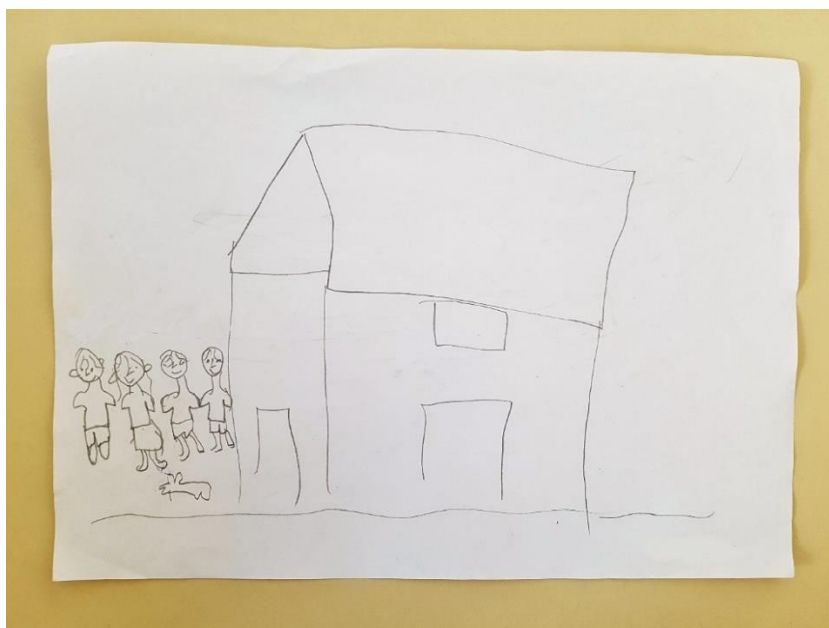
Todo mundo lá gemendo de dor e ele aguentando a dor. E aqui em São Carlos também, o mesmo acidente, mas quase morreu. Já estava separada do pai dele. *O pai dele nem tchum* [...] Eu só lembro que eu estava descendo a rua, quando foi ver o carro pegou ele por trás, jogou ele longe e jogou o de 12 anos. O de 12 anos escapou, ele não, bateu a cabeça. Até hoje, eu falei: “Pedro, levanta a mão pro céu, porque você escapou da morte três vezes”. Esse menino quase morreu. *O pai dele nem tchum* [Rosa].

A partir de 2014 a situação do casamento só se agravava. Rosa significava esse momento como um processo com etapas sucessivas: Marcus passou a chegar tarde, o “*dinheiro da casa*” começou a faltar, ela cobrava a comida e a atenção aos filhos, ele ficava nervoso, as agressões contra ela se tornavam constantes e cada vez mais fortes, até o momento que tentou matá-la com uma faca. “Eu já sabia, ele estava me traindo”, ela dizia, pois chegar tarde e faltar dinheiro em casa já eram evidências claras para Rosa de que ele mantinha relações extraconjugais.

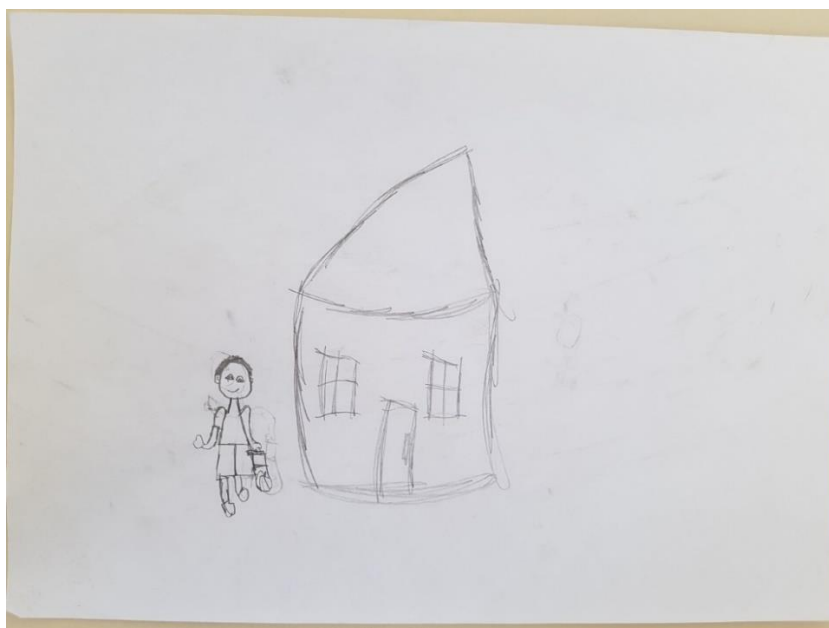
Quando Marcus assumiu que estava se relacionando com outra mulher, ele impôs que Rosa saísse de casa. Ela se negou, chegou a pegar uma *extensão*, enrolar em seu próprio pescoço, ameaçando se matar na frente de todos os filhos que viam a discussão, até que o ex-marido chamou a polícia. Em seguida, relata outro evento: a facada que Marcus lhe deu na testa. Rosa havia saído com o filho mais novo para fazer exames e quando retornou para casa o ex-marido tinha sumido com suas roupas; ela, então, disse a ele que não gostava que mexesse nas suas coisas. Logo após essa discussão, ele foi em sua direção com a faca e a acertou na testa. Rosa acredita que ele planejava matá-la, mas com ajuda de seu filho Bruno que o enfrentou, conseguiram sair da casa e ir ao hospital.

A crise no casamento trouxe à tona a questão do “*dinheiro da casa*” (Motta 2014, 2015) quando fica evidente nas falas de Rosa que existiam definições, obrigações e proibições sobre o sustento da casa. Como nos mostra Motta, uma das acusações mais graves à honra de um homem é a acusação de *tirar o “dinheiro da casa”* para dar à amante, mais do que a própria traição e o adultério. Socialmente se espera da mulher casada muitas obrigações; do marido, é esperado que pelo menos se “coloque comida na mesa” ou que “não deixe faltar nada em casa”. “Ele trazia ela para dentro de casa” foi outra frase dita por Rosa que também traz uma normatividade - o espaço doméstico também carrega consigo pressupostos de como se deve ser.

A partir daí Rosa significa outro processo de sua vida: Marcus a expulsa de casa com quatro dos cinco filhos (João é o único que fica com o pai) e começa a habitar diferentes casas. Os desenhos a seguir ilustram esse momento que saíram de casa, de autoria de seu filho Miguel de 11 anos. O diálogo abaixo das ilustrações é parte da transcrição do áudio que gravei enquanto Rosa explicava os desenhos dos filhos. Eu não os vi fazendo, apenas deixei as folhas sulfites e uma caixa de lápis de cor e retornei na outra semana. É importante dizer que não há nenhuma cor nos desenhos porque os irmãos Miguel e Bruno não se dão bem. Bruno pegou os lápis de cor e não emprestou ao irmão.



Autor: Miguel, filho de Rosa, 11 anos (2018).



Autor: Miguel, filho de Rosa, 11 anos (2018).

N: Ele falou assim: "Mãe, eu vou desenhar a casa", como eles não sabem desenhar como desenhista. Ele desenhou eu, o Pedro, ele e o Tobi (cachorro). [I: Acho que falta um irmão, né?] N: Falta o João. [I: Ah tá]. O Miguel não desenhou o João. N: Esse aqui foi um tema quando o pai deles nos expulsou de casa, foi o tema que o pai dele falou: "ou eu ou as crianças". Foi o tempo que nós pegamos... Nossa, pegamos o colchão, nós tínhamos poucas coisas na época. Ele desenhou isso aqui que ele lembra muito. [I: Ele que quis desenhar?] N: Ele que quis. [I: E o que é isso na mão dele? Você sabe?] N: É tipo uma mala, uma bolsa, a alça e a bolsa. Foi um tema chocante, o pai dele não teve dó, colocou nós na rua [Rosa].

A primeira casa no bairro Cidade Aracy I, onde Rosa e as quatro crianças foram no final de 2014, “era pequeninha, era uma prisão, não tinha como respirar, era só uma janelinha assim, cheio de poeira”. Rosa chorou ao me dizer que fazia frio, ventava e que a casa não era segura. Segundo ela, a proprietária e seu namorado “eram drogados, eles pegavam fugitivos e deixavam no corredor, mexiam com cocaína, tinham aqueles tubinhos”. Enquanto moravam nessa casa, Rosa também se recorda das ajudas que tiveram; a primeira, de uma amiga sua que considera como mãe de criação, “trouxe os *Vicentinos*<sup>42</sup>”. Não só nesse momento, mas em vários outros da entrevista Rosa relata a ajuda, o apoio e os conselhos deles. O valor do aluguel da casa era de 250 reais e, pelo que pude entender, era Marcus quem pagava. Rosa e os filhos ficaram ali até dado momento que a CPFL cortou a luz, “nós ficamos no escuro”, ela disse. Os proprietários não pagavam nem a conta de luz nem a de água com o valor do aluguel e, então, Rosa tentou a “força social na assistência social<sup>43</sup>” e não conseguiu. Uma vizinha a ajudou nesse momento, como relata abaixo:

Uma vizinha veio, levou minhas coisas para casa da minha mãe, implorou para minha mãe deixar eu morar lá. Mas minha mãe falou: "Ó, Rosa, você tem que se virar". Eu falei: "Mãe, eu vou me virar, mas não sabia que ele [Marcus] ia aprontar essa cachorrice comigo". Uma vizinha foi lá e arrumou essa casa onde eu estava. Era 400, eu pagava 200 e minha mãe e meu padrasto ajudavam a pagar. Veio essa casa aqui [Rosa].

Na frase acima Rosa sintetiza a sucessão de casas que passou após a separação de Marcus. Sua mãe e o padrasto negaram que ela e os filhos fossem morar com eles, mas aceitaram pagar metade do aluguel da nova casa que a vizinha encontrou no bairro Cidade Aracy II. “Era calmo”, ela disse, mas não contou em detalhes da nova casa, pois logo lembrou e disse entusiasmada sobre o momento que foi sorteada e ganhou a *casinha do Abdelnur*:

Foi no ginásio, fui eu e minha irmã. Estava tendo o sorteio da casa. Começou do A, foi B, C... Eu sou quase no final. "Ai meu Deus e agora? Será que sou eu?" Minha irmã que trabalha na Faber Castel, com um sono, querendo sair

<sup>42</sup> Rosa faz referência à Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) que é “uma organização civil de leigos, homens e mulheres, dedicada ao trabalho cristão de Caridade”. Em alguns momentos da entrevista mencionara os nomes de cada pessoa, mas geralmente se referia a eles dessa forma: “os *Vicentinos*”. Mais informações ver: <http://www.ssvpbrasil.org.br/a-ssvp/>. Último acesso em: 6/2/2019.

<sup>43</sup> Acredito que se refira ao cadastro de baixa renda da CPFL e do SAAE.



logo, aquele monte de gente e eu roendo a unha. Eu fazia aquelas loucuras quando está agitada. Chegou lá, tinha representante da Dilma que a Dilma não foi na época. Chegou lá e falou assim: "Rosa"! "Sou eu, sou eu. Agora me livre de dormir no chão, agora vou dormir na cama!" Assinei, apertei a mão do Paulo Altomani [prefeito de São Carlos na época], do representante da Dilma que veio aqui para entregar as casas, veio para mostrar no telão, não sei se você lembra. Mostraram um telão, a Dilma... Eu vim ver minha casa. Nós gostamos, só que não tinham esses negócios de colocar as tomadas. Tive que correr atrás. Só que na época era bom, na época aqui era bom. Era tudo amizade, um brincando com o outro... Eu desabafava com os outros. Só que aconteceu esse negócio [Rosa].

“Esse negócio” a que se refere Rosa na citação acima é mais um evento que habita sua vida em exceção ordinária. Utiliza-se também de outras palavras para adjetivar o momento mais recente morando na *casinha do Abdelnur*: tormenta, pesadelo, inferno. Não era somente um acontecimento específico que habitava seu cotidiano e o deixava mais difícil, eram vários. No entanto falarei primeiramente de um que ela constantemente mencionava para mim.

Queria acordar e voltar minha vida normal, trabalhar... É assim, queria que esses meninos não me atormentassem mais. [...] Voltaram ontem à noite, mexeram com a cachorra. Eu falei: "Não vou brigar, não vou brigar", porque me contaram o que esses meninos fazem, que era de madrugada, que esses meninos eram integrantes deles. Contou para o meu menino que faziam todo dia de madrugada, vinham pra pular porque essa pessoa queria que eu saísse daqui para a pessoa morar aqui. Eu não vou sair. Eu falei: "Eles não vão pagar aluguel para mim. Essa casa é o único teto para eu morar. Foi uma luta, milagre que eu consegui esse teto. Senão eu estava na rua, dormindo na rua". [I: Você acha que querem te tirar daqui?] É, para colocarem uma pessoa. Que a pessoa que estava integrante. Começou esse inferno desses meninos. Eu falei assim: "Ah, agora vamos dormir aqui". Não teve jeito. Acostumamos a dormir aqui [na sala]. A vontade minha era de estar lá no quarto, mas não tem como. Faz a maior barulheira, sabe? [...] Não temos cobertor, nós temos que estender no chão, no colchão. E a dor nas costas que dá? As crianças têm que dormir comigo, porque embaixo aqui da porta entra um ar gelado que Deus me livre. As vezes fica gripado, o Leonardo também, o Pedro. Toda hora fica assoando o nariz. Tem hora que eu olho no pano dele tem sangue. É assim. Eu falo que "meu sonho é acordar desse pesadelo"[Rosa].

A interpretação de Rosa era a seguinte: uma mulher que antes era sua amiga mandava “uns meninos” todas às noites no quintal dos fundos de sua casa. Eles mexiam com a sua cachorra, faziam barulhos, quebravam coisas como seu *tanquinho*, sua campainha, enfim, a incomodavam e tiravam seu sono há meses. Por esse motivo, hoje

em dia ela e os filhos dormem todos juntos na sala. A razão que Rosa atribui a essas ações é de que querem tirá-la de sua casa para, então, a *invadirem*.

“Meu sonho é acordar desse pesadelo” era uma frase dita constantemente por Rosa. São muitos os fantasmas que habitam sua vida em exceção ordinária e ela me apresentou diferentes interpretações sobre seu cotidiano que hoje se resume basicamente a ficar dentro de casa ou no máximo no quintal. Mesmo que não saísse, Rosa lidava com diferentes pessoas: os *Vicentinos*, os *Salesianos*, a assistente social, a psicóloga, a conselheira tutelar, professores e diretores das escolas dos filhos, sua família e os vizinhos. As justificações por não trabalhar e por não sair de casa são variadas, e ela as expõe de acordo com as interpretações que tinha sobre as pessoas com quem conversava. Acredito que sua relação comigo era assim, por mais que eu dissesse a ela quem eu era, era difícil que não me associasse a uma psicóloga que frequentava sua casa, por exemplo.

Em suas falas, portanto, são várias as razões que apresenta para não sair. Uma delas por exemplo é o medo de quebrarem sua máquina de lavar que ainda paga as parcelas: “Eu tenho medo de deixar sozinha a casa, por causa da máquina de lavar [...] Minha avó que retirou para mim na loja, eu estou pagando com o Bolsa Família, eu fiz uma promessa pra minha avó que eu ia zelar a máquina”. Ela também mencionava outras razões, como as ameaças feitas por sua ex-cunhada, irmã de Marcus: “Um dia ela fez ameaça no *facebook* que ia me pegar, falando que eu tinha ameaçado o irmão dela”. Outro medo que sente é de deixar seus filhos sozinhos, porque dois deles não se dão bem: “Não tem como deixar sozinho. O Bruno é perigoso de matar o Miguel. E aí como é que eu vou fazer, menina? Eu vou levar culpa?” Rosa também diz sentir medo do ex-marido, do “estuprador do Abdelnur<sup>44</sup>” e de outros homens que a seguiram.

Tenho medo de morrer, medo de sair na rua. Porque uma vez, um rapaz veio correndo atrás de nós. Falou para mim que me achava bonita. Eu falei para ele que não queria nada com ele. Começou a tirar foto, sabe? Tirar foto. [...] Ele sumiu, ele mudou de cabelo. Pintou o cabelo, era preto, pintou de amarelo. Tinha um cavanhaque assim. Um dia que eu fui levar eles para o pai, eu fui para a casa da minha mãe. Eu fui virar, ele estava atrás da casa do meu ex-marido. Eu saí correndo. Eu peguei trauma disso. Eu não saio mais. Eu só saio com as crianças. Depois, no dia que eu vim trabalhar também, que eu trabalhava na casa da minha mãe, chegava aqui 22h, 23h da noite, veio um homem me seguindo [Rosa].

---

<sup>44</sup> Rosa se referia a um caso específico ocorrido no bairro. Mais informações ver a notícia disponível em: <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/12/mecanico-e-presos-em-sao-carlos-sp-suspeito-de-estuprar-crianca.html>. Último acesso em: 1/3/2019.

Rosa tem uma cicatriz grande na perna de quando era jovem e sofreu um acidente, sente dores até hoje e não consegue trabalhar, somam-se às dores físicas todos os medos que já foram apresentados. O que ela fazia para se ocupar e conseguir algum dinheiro extra era ajudar sua mãe e avó na limpeza de suas casas, mas desde que se mudou para o *Abdelnur* isso se tornou inviável dada a distância até o Cidade Aracy. De vez em quando Rosa ganha cesta básica de seu padrasto que trabalha na prefeitura; ela recebe uma quantia de 250 a 300 reais por mês da avó e Marcus ajuda com alguns alimentos para as crianças. Ademais, Rosa conta com o dinheiro do Bolsa Família, cujo valor total é de 426 reais. O “*dinheiro da casa*” que recebe vai para as despesas fixas que atualmente são: parcela da casa, conta de luz, água, IPTU, SKY (internet e televisão) e parcela da máquina de lavar que é aproximadamente 200 reais por mês. Era comum que dissesse do quanto essa parcela pesava, que só terminaria de pagar em maio do próximo ano, mas que não tinha o que fazer, pois quebraram seu *tanquinho*: “Vou fazer o que? Lavar roupa de joelhos como fazia antigamente?”. Dificilmente Rosa consegue comprar algo para os filhos além de comida, o pouco dinheiro que sobra das contas fixas vai para alimentação que por vezes chega a faltar.

Dito isso, é evidente que a casa de Rosa está inter-relacionada a outras casas e que só sobrevive nessa *configuração*. Ela reza para que sua avó tenha saúde e continue ajudando, pois Rosa compreende que não conseguiria manter a casa sem ajuda e, então, iria para a rua. Os móveis, televisão, eletrodomésticos e roupas foram todos doados à família por instituições de caridade ou por uma rede de pessoas – sobretudo de mulheres - que fizeram parte de seus processos de vida. Isso fica claro na fala a seguir quando me apontava para cada objeto da casa: “Isso aqui foi a dona Dora que deu, esse foi a dona Solange, esse foi a professora do Leonardo, a geladeira foram os *Vicentinos*, esse aqui foi uma amiga do Pedro, da secretaria que ajudou. Mas não tem uma coisa que ele [Marcus] ajudou”.

Nas linhas acima também temos exemplos de como as memórias de Rosa estão conectadas às casas, bairros e cidades que habitou; além disso, ela recorre às memórias das casas que viveu para facilitar a lembrança de outros eventos. Por exemplo, após dizer sobre o atropelamento de seu filho Pedro perguntei a ela em qual ano isso havia ocorrido e ela me respondeu: “Olha, eu não lembro. Faz muito tempo já. Eu morava... Foi em

2014, eu estava na Aracy I, em 2015 eu estava aqui no Aracy II, no final do Aracy I. É, a gente estava quase chegando em 2016. Faz bastante tempo”.

Mais uma vez vemos nos processos de vida de Rosa o ideal de autonomia que uma casa traz consigo. Também podemos observar como as assimetrias das relações de cuidado constituem as relações dentro de sua casa e nos laços entre a sua casa, de sua mãe e padrasto, e de sua avó. Quando ficou sem luz e recorreu a mãe, esta negou que voltasse a morar em sua casa e lhe disse: “Você tem que se virar”, mas a ajudou no valor do aluguel da próxima habitação.

Para concluir, geralmente escutava reclamações das moradoras que ali vivem, seja do transporte, da distância, por não ter supermercado, escolas, etc. E é comum que essas reclamações sejam completadas com as frases: *mas só de não pagar aluguel* ou *só de ter minha própria casa...* Como se todo o esforço no final valesse a pena. Porém isso não é visto igualmente para todas, nem sempre vale a pena e nem todas as mulheres do bairro seguem vivendo lá, algumas alugam a casa, trocam, se mudam, abandonam ou vendem. Como vimos com a Rosa, o sonho da casa própria pode virar um pesadelo, mas pesadelo maior é ficar na rua, sem qualquer teto.

Porque o meu pesadelo é ficar na rua. Quando dá aquela chuva, aquele raio... Eu já fico pensando: "Meu Deus, dá saúde para minha avó porque na rua eu não quero ficar". Porque... ele, meu ex-marido já jogou em casa que era um pesadelo para mim. [E aqui você acha que não melhorou? Ou melhorou?] É... uma parte sim, uma parte não. A parte não é por causa da paz. Eu fico trancada aqui. Tem que ficar trancada. Se eu sair é só problema. Se eu ficar aqui dentro, eu fecho a janela, meu mundo. Não tem ninguém para te humilhar, não tem ninguém para te pisar. É meu mundo aqui. Eu não saio porque eu não quero ser pisada. Eu já fui muito pisada. Pisada desde os oito anos até agora [Rosa].

## 2.5 As formas de habitar e de viver

Neste capítulo quis apresentar inicialmente as situações de entrevista com Maria, Bela, Ana e Rosa. Com os relatos no caderno de campo e com as conversas gravadas, juntei informações e as apresentei aqui, sobretudo seus processos de vida e de casas em certa ordem cronológica. Ademais, pretendi mostrar como as casas que passaram se emaranham num processo de vida comum, em que casas e pessoas estão inter-relacionadas, ou seja, pessoas e casas se misturam em processos de vida imbricados.

Argumento aqui que suas formas de habitar são fundamentais para compreendermos suas formas de viver.

Apoiada principalmente nas leituras de Das (2015), Pierobon (2018, p.37) afirma que “o cotidiano de pessoas que vivem em exceção ordinária não é o lugar do óbvio e da repetição, mas o lugar em que eventos extraordinários acontecem no dia a dia e fazem com que as pessoas precisem reabitar o mundo a cada novo acontecimento”. Pierobon (2018) nos mostra como Leonor, sua interlocutora, reabita o mundo após a devastação e como as violências ficam embebidas no seu cotidiano. Dessa maneira, acredito que as quatro mulheres vivam em exceção ordinária, mas em diferentes graus. Embora todas morem atualmente as *casinhas do Abdelnur*, existem nuances entre suas formas de habitar o mundo. Nas minúcias de suas vidas existe muita densidade e complexidade, bem como diferenças significativas entre elas. O cotidiano de Rosa claramente é embebido a todo momento por eventos extraordinários violentos e reabitar o mundo a cada novo acontecimento se torna cada vez mais difícil. As possibilidades praticamente se esgotaram a ponto que hoje Rosa vive somente dentro de casa, lá que é o seu mundo habitável, ou seja, a exceção ordinária encontra-se quase no limite, como no fim da fala que encerrou a seção anterior: “Eu fico trancada aqui. Tem que ficar trancada. Se eu sair é só problema. Se eu ficar aqui dentro, eu fecho a janela, meu mundo. Não tem ninguém para te humilhar, não tem ninguém para te pisar. É meu mundo aqui.”

Por outro lado, os processos de vidas e de casas das quatro mulheres têm pontos em comum e suas trajetórias de certa forma se cruzam hoje em dia. Por exemplo, todas são moradoras das *casinhas do Abdelnur* e são (ou foram em algum momento de suas vidas) titulares do PBF. Ademais, podemos encontrar semelhanças nos processos de vida de Maria e de Rosa – ambas foram trabalhadoras rurais que migraram de cidades, estados e casas conforme as ofertas de trabalho. Há uma questão geracional que também as aproximam e, por outro lado, as divergem de Ana e Bela que são mais jovens e tiveram uma trajetória mais urbana. Apresentarei no próximo capítulo outras questões que são comuns entre as interlocutoras, suas famílias e casas. Importa por enquanto mencionar que nos processos de vida dessas mulheres, as formas de habitar e de viver estão relacionadas, como vimos aqui. Além disso, as memórias passadas, sobretudo das casas e pessoas, são importantes para compreendermos as formas que habitam a vida cotidiana.

## 2.6 As memórias

Foi o sociólogo francês Halbwachs, muito influenciado por Bergson e Durkheim, quem inaugurou os estudos da memória no campo da sociologia, apreendendo o aspecto social e coletivo constitutivo dela. Para ele, a memória é uma reconstrução do passado, porém tal reconstrução necessariamente precisa recorrer às lembranças de outras pessoas e se transportar a pontos de referência exteriores ao indivíduo, determinados pela sociedade. Qualquer memória individual só é possível com instrumentos como as palavras e as ideias que, em sua visão, não são inventadas pelo indivíduo sozinho, mas que toma emprestado de seu ambiente.

Pollak (1989) posteriormente avança na discussão de memória, tece críticas ao Durkheim e Halbwachs no que tange suas percepções da memória coletiva e sustenta que, ao privilegiar a análise dos excluídos, a história oral acentuou a relevância das memórias subterrâneas; ressaltando, dessa forma, o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva oficial ou nacional. O autor exemplifica casos de lembranças que estavam confinadas ao silêncio, que são transmitidas pouco a pouco, de uma geração a outra oralmente em redes de sociabilidade afetiva e/ou política. Tais lembranças se opõem a mais legítima das memórias coletivas, a memória nacional. Na sua visão, “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p.3).

Como sustenta Amado (1995), a memória possui a capacidade de trazer o passado até o presente, recriando o passado e projetando o futuro. Ela transita livremente, portanto, entre os diversos tempos. Em sua pesquisa sobre a Revolta do Formoso - importante movimento de posseiros de Goiás da década de 50 e 60 – a autora nos mostra que as memórias de seu entrevistado reelaboram a história da Revolta, associando-a a outros elementos e conferindo-lhe significados novos. A memória, portanto, seleciona e reelabora componentes da experiência, ela torna as experiências inelegíveis, conferindo-lhes significados. Além disso, partindo por outra perspectiva que não as que desprezam os depoimentos “mentirosos”, Amado (1995) demonstra a relevância da mentira e do aspecto simbólico na história oral. Em sua visão, esta “permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm” (AMADO, 1995, p.135).

Embora eu não utilize propriamente a história oral, acredito que as contribuições dos autores acima mencionados são muitas e eles me ajudaram a analisar os processos de vida e de casas de minhas interlocutoras. Tentei captar e me atentar às memórias subalternas, ao indizível, ao não-dito, aos silêncios e, também, às mentiras. Acredito que é de suma importância atentar-se, tal como fez Silva (2012) analisando as mulheres trabalhadoras rurais, a captar elementos que podem estar escondidos, reprimidos, no campo do indizível e do silêncio. Este campo pode estar atravessado não somente por traços relativos ao gênero (demonstrando uma memória sexuada), como também de classe e raça.

## **2.7 O passado embebido no presente, o extraordinário embebido no ordinário**

As vidas cotidianas de Maria, Bela, Ana e Rosa – assim como as nossas – ficam ainda mais complexas quando levamos em consideração que o passado se constitui como experiência embebida no presente. Das (2007) trata mais propriamente de como grandes eventos de violências coletivas (a partição da Índia em 1947 e o assassinato da primeira ministra Indira Gandhi em 1984) se inscrevem na vida cotidiana de pessoas e comunidades particulares. O livro narra a vida de informantes profundamente enraizados nesses eventos e descreve como estes anexam seus tentáculos e se desdobram no cotidiano. Muito embora eu não trate propriamente de memórias de grandes eventos coletivos - mas de violências no interior da família, muitas vezes dentro de suas próprias casas por familiares -, Das (2007) ainda assim serve como referência importante para questões tocadas neste capítulo.

O conceito de “embeber-se” é interessante de ser mencionado aqui. O sentido foi trabalhado primeiramente por Das (2007), mas Ferreira (2015) e Pierobon (2018) também nos ajudam a entendê-lo. Ferreira menciona o termo para pensar o trabalho de campo enquanto um processo de: abrir-se gradualmente às experiências do outro, absorvermos nos nossos corpos tais experiências, deixar-se afetar e decidir permanecer ali. Como se percebe, esse processo de embeber-se envolve também uma experiência corporal.

Embeber envolve um aspecto gradual de absorção através dos poros e é interessante por abranger tanto um aspecto passivo de “estar embebido”, que respeita à questão da atenção, como uma forma de entrega, quanto um caráter reflexivo de “embeber-se”, bem como ainda um caráter ativo de embeber, ou seja, fazer um líquido penetrar e ser absorvido por outra matéria. É delicado,

porém também preciso e incisivo, pois outro dos sentidos é “introduzir (-se) abrindo; cravar(-se), enterrar(-se)”. Então parece envolver dois aspectos: a decisão de introduzir-se, penetrar e depois a de ali permanecer, deixando-se afetar por aquela atmosfera (FERREIRA, 2015, p. 163).

Nesse sentido, Pierobon (2018) nos mostra, por exemplo, como as mortes de jovens assassinados por policiais militares no Rio de Janeiro ficam embebidas no cotidiano, ou seja, as mortes estão constituindo as relações e sendo assimiladas em diferentes níveis. Dito de outra forma, este evento extraordinário está embebido e constitui o ordinário. O que Pierobon (2018) apresenta é como a complexificação do passado e seu emaranhamento nas experiências do presente, nos leva a compreender as formas como as pessoas habitam a vida cotidiana, como explicam suas decisões, ações e sentimentos.

Acredito que estas autoras nos ajudam a pensar nos processos de vida que vimos aqui. Cada uma a sua maneira, Maria, Bela, Ana e Rosa tiveram que reabitar o mundo entrelaçando eventos ordinários e extraordinários. Neste capítulo descrevi situações de como o passado se emaranha nas experiências do presente, existem memórias de violências que estão inscritas nos corpos de minhas interlocutoras, nas suas relações familiares, nas relações dentro das suas casas e entre as casas. Existem fantasmas da memória que habitam, tecem e se entrelaçam às suas vidas ordinárias. Neste capítulo me atentei mais às memórias, em como o passado embebe, constitui, tece e complexifica o presente. A partir do próximo tratarei mais do tempo presente, do cotidiano, do ordinário.



### **CAPÍTULO 3 - A VIDA SOCIAL DAS CASINHAS DO ABDELNUR**

O objetivo deste capítulo é de apresentar o contexto no qual *as casinhas* de Maria, Bela, Ana e Rosa estão inseridas. Interessa mostrar ao leitor, portanto, qual o pano de fundo atual em que as moradoras estão situadas. Primeiramente será discutido o PMCMV faixa 1 em São Carlos; depois, será apresentada uma visão geral do bairro dizendo onde está localizado, qual tipo de transporte público existente, quais escolas, creches, comércios, quais *postinhos* de saúde estão mais próximos, etc.

Para apreender todas as informações que serão apresentadas, utilizei diferentes fontes como, por exemplo, notícias de jornais online, mapas e bibliografias referentes ao programa e à cidade de São Carlos. Ademais, uso também as anotações do diário de campo, as fotos, os desenhos, as conversas com as moradoras, motoristas de ônibus e agentes do estado e, sobretudo, a observação dos cotidianos que me auxiliaram nesta seção, como se verá a seguir. Por fim, o capítulo se encerra com uma breve contextualização história da questão social brasileira e das políticas do PMCMV e PBF.

#### **3.1 O Residencial Eduardo Abdelnur**

Como mostrado no capítulo anterior, Maria, Bela, Ana e Rosa foram contempladas pelo programa Minha Casa Minha Vida faixa 1, *ganharam as casinhas do Abdelnur* e desde abril de 2016 ali vivem com suas respectivas famílias. É evidente que existe uma delimitação territorial clara do residencial com outros bairros da cidade e é notório que o espaço foi produzido em um território isolado geograficamente. Mas cabe dizer de início que a ideia aqui não é a de afirmar o quanto essa população está distante; até porque, como veremos, existem vias de conexão com outros espaços da cidade que são interessantes de serem percebidos. Acredito que as mesmas forças que firmam os limites territoriais do *Abdelnur* também fornecem sementes para subverter qualquer demarcação nítida.

O espaço urbano das periferias de São Carlos se reconfigurou radicalmente em menos de cinco anos, sobretudo a partir de 2010 com a implementação de novas políticas urbanas e habitacionais. Para ser mais exata, de setembro de 2011 a abril de 2016, tal

município entregou 2792 novas unidades habitacionais de interesse social (HIS)<sup>45</sup> através do Programa Minha Casa, Minha Vida - Faixa 1. Isso sem contar os empreendimentos também construídos no âmbito desta política, mas que aderiram a outras faixas, cujas rendas familiares mensais são mais altas<sup>46</sup>.

Quase 3 mil casas foram entregues nos três empreendimentos habitacionais através do PMCMV-1: o primeiro deles foi o Jardim Zavaglia em 2011; depois o Planalto Verde em 2014 e, por último, o Residencial Eduardo Abdelnur<sup>47</sup> em 2016. Vale lembrar que os dois últimos tiveram a incorporação do programa Casa Paulista através de aliança com o Governo do Estado de São Paulo (PSDB) que acrescentou R\$ 20 mil por unidade. Optei por fazer a pesquisa de campo no *Abdelnur* por ser o mais recente, menos consolidado e que não possui nenhum tipo de equipamento público coletivo. Ademais, como já mencionado, interessava-me compreender as condicionalidades do PBF naquele território, além de que a entrada já iniciada facilitava a execução da pesquisa.

Instituído no governo Lula pela lei nº 11.977 de 2009, o Programa Minha, Casa Minha Vida teve desde o início um duplo viés: configurou-se como uma política social de grande escala ao mesmo tempo em que foi uma das principais reações do governo federal frente à crise econômica internacional. A proposta era de garantir o desenvolvimento do setor imobiliário e da construção civil, ao mesmo tempo que gerava empregos e reduzia o déficit habitacional. Muitas críticas afirmam que tal política foi regida por uma lógica empresarial desde sua formulação, sem qualquer conexão com políticas urbanas, sendo a iniciativa privada sua principal protagonista, já que o subsídio público é destinado à oferta e produção direta por construtoras privadas. Nesse sentido, o programa coloca em cena o setor imobiliário, o da construção civil e entidades empresariais, revelando fortes vínculos entre o mercado financeiro e o mercado

---

<sup>45</sup> “O Programa Habitação de Interesse Social, por meio da Ação Apoio do Poder Público para Construção Habitacional para Famílias de Baixa Renda, objetiva viabilizar o acesso à moradia adequada aos segmentos populacionais de renda familiar mensal de até 3 salários mínimos em localidades urbanas e rurais.” Disponível em: [http://www1.caixa.gov.br/gov/gov\\_social/municipal/programas\\_de\\_repasso\\_do\\_OGU/habitacao\\_interesse\\_social.asp](http://www1.caixa.gov.br/gov/gov_social/municipal/programas_de_repasso_do_OGU/habitacao_interesse_social.asp) Último acesso em: 1/8/2018.

<sup>46</sup> Além das unidades da HIS, outros empreendimentos foram lançados na categoria habitação de mercado. Como afirma Breda (2018), cerca de sete mil unidades habitacionais foram produzidas e financiadas pelo PMCMV-2 e 3 em São Carlos. Ao todo, portanto, aproximadamente 10 mil unidades através do programa em menos de dez anos.

<sup>47</sup> Informações disponíveis nos links: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2011/160951-barba-entrega-250-casas-no-zavaglia.html>, <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2011/160402-zavaglia-familias-recebem-chaves-das-moradias.html>, <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2015/169320-pla.html>, <http://g1.globo.com/sp/saocarlos-regiao/noticia/2016/04/986-residencias-do-minha-casa-minha-vida-sao-entregues-em-sao-carlos-sp.html>. Último acesso em: 1/8/2018.

imobiliário, apontando para uma política pública em um negócio altamente rentável (SHIMBO, 2010; ROSA, 2014; RIZEK, 2014).

Sobre a operacionalização do programa, sua divisão é feita em quatro faixas de rendas (ou “públicos-alvo”)<sup>48</sup>. A Faixa 1 - que interessa propriamente essa pesquisa – é destinada às camadas da população com rendas mais baixas, com renda mensal bruta de até R\$ 1.800,00<sup>49</sup>. A produção habitacional destinada para essa faixa conta com subsídio público (através do uso de investimentos a fundo perdido oriundos do Orçamento Geral da União) do valor do imóvel de até 90%, sendo as prestações mensais limitadas a 10% da renda por um período máximo de dez anos, sem juros. Além disso, vale mencionar que para esta faixa, a produção é realizada por oferta. Sob a “parceria” com governos municipais, são as construtoras que definem os terrenos e projetos. O papel dos municípios limita-se ao cadastramento da “demanda” e da criação de condições que facilitem a produção, seja por meio de doação de terrenos ou pela isenção tributária e desburocratização nos processos (ROSA, 2014).

O município aderiu ao programa tão logo ele foi lançado. Em 23 de abril de 2009, o prefeito na época Oswaldo Barba (Partido dos Trabalhadores, 2009 – 2012) assinou a adesão ao programa<sup>50</sup>. Desde então, a provisão de HIS no município tem-se feito exclusivamente através dele. No mesmo ano, a PROHAB - órgão operador das políticas habitacionais do município que se constituiu legalmente em 1985 como empresa mista<sup>51</sup> - já passou a fornecer os cadastros às construtoras<sup>52</sup>.

Somente no bairro Eduardo Abdelnur foram entregues 986 casas no dia 26 de abril de 2016. O residencial se localizada na constelação sudoeste da cidade, em territórios que

---

<sup>48</sup> Referências sobre operacionalização do Programa, ver Shimbo (2014). Para o caso de São Carlos, ver Rosa (2008; 2014) e Breda (2018). Sobre a modalidade “entidades”, “sua produção dessa modalidade é contratada não por construtoras, mas por organizações populares, associações, cooperativas, que compõem o universo de ‘entidades’ que se responsabilizam integralmente pela indicação das famílias e por todo o processo de produção — da pesquisa do terreno à entrega das chaves, passando por desenvolvimento e aprovação de projeto e execução das obras civis. Trata-se, de um lado, de uma produção ínfima em termos quantitativos, se comparada a toda produção do programa; de lado, a presença e permanência dessa modalidade tem uma dimensão política paradigmática, apoiando-se na tradição de políticas habitacionais autogestionárias, envolvendo os mais representativos movimentos de luta por moradia e reforma urbana do país” (RIZEK, 2014, p.60).

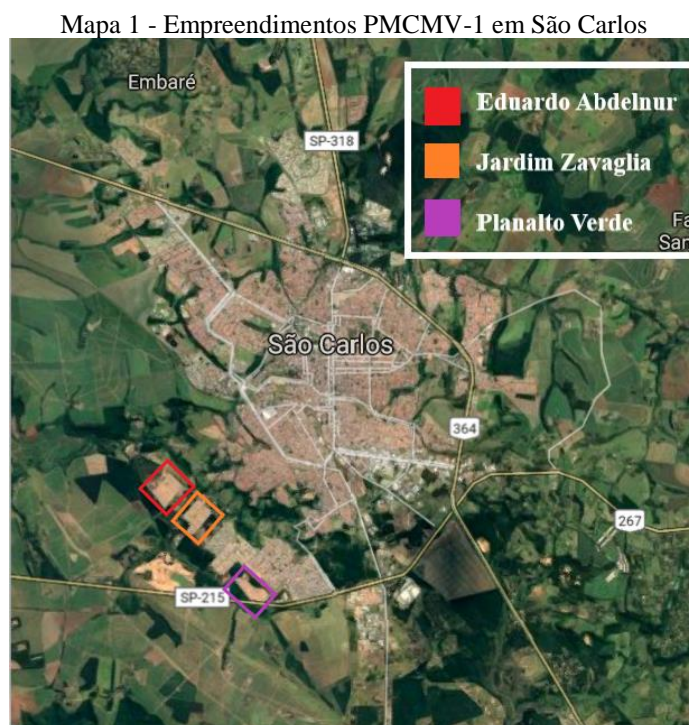
<sup>49</sup> A renda mensal bruta familiar aumentou para R\$1800,00, antes, quando os bairros foram construídos em São Carlos o valor máximo era de R\$1600,00.

<sup>50</sup> Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2009/154427-barba-assina-adesao-ao-programa-minha-casa-minha-vida.html> Último acesso em: 1/8/2018.

<sup>51</sup> Análises sobre a PROHAB ver Rosa (2008; 2012), mais especificamente sobre a trajetória dessa instituição ver Rosa (2014). Para uma reflexão sobre o desenvolvimento dos Planos Locais de Habitação de Interesse Social (PHHIS) e a concomitante implementação do Programa Minha Casa, Minha Vida em São Carlos, ver Pulhez (2012).

<sup>52</sup> Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2009/155841-prohab-fornece-cadastro-as-construtoras-do-minha-casa-minha-vida.html> Último acesso em: 1/8/2018.

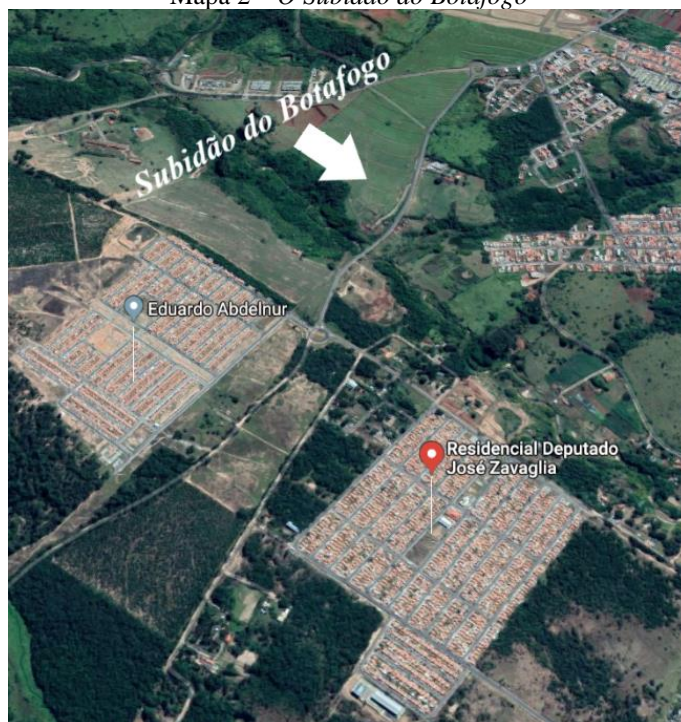
podem ser considerados como segregados geograficamente, dada a distância da malha urbana consolidada, bem como a vegetação e grande acidente geográfico que o separa de outros bairros e de centralidades do município, como é possível visualizar no mapa abaixo.



Fonte: Google Maps. Elaboração própria (2018).

Existem dois acessos ao bairro: o acesso leste passa por uma serra pavimentada nomeada como avenida Integração que liga o bairro Monte Carlo à Cidade Aracy I, depois é preciso seguir pelos bairros Cidade Aracy II, Antenor Garcia, Jardim Zavaglia até chegar ao Eduardo Abdelnur. A distância total do bairro Monte Carlo até o *Abdelnur* é de mais de seis quilômetros. Pela distância e tempo de deslocamento maiores, os moradores utilizam mais o outro acesso a oeste que passa pela região do Botafogo. Era este caminho que eu também percorria, seja de fusca ou de ônibus. O mapa e as fotos a seguir mostram o *Subidão* que liga o bairro Botafogo ao Abdelnur e Zavaglia.

Mapa 2 – O Subidão do Botafogo



Fonte: Google Maps. Elaboração própria (2018).

Foto 2 – O Subidão do Botafogo e a vista do Abdelnur e Jd.Zavaglia



Fonte: autoria própria (2018).

Foto 3 – *Subidão do Botafogo* de ônibus

Fonte: autoria própria (2018).

O nome do residencial faz referência ao empresário Eduardo Abdelnur. Falecido em 2010, era um dos sócios e neto do fundador da empresa “Toalhas São Carlos”, além de ter ocupado o cargo de diretor do Departamento de Ação Regional da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). O conjunto foi projetado pela RPS Engenharia em terreno vendido pela família Abdelnur. Entre o bairro Jd. Zavaglia e *Abdelnur* existe uma faixa de terreno “vazia” onde já foi aprovado mais um empreendimento (o qual será nomeado como Eduardo Abdelnur II) pela Câmara Municipal. Serão aproximadamente 800 unidades habitacionais, também promovidas pela RPS e provavelmente em parceria com PMCMV, mas com a diferença de agora ser faixa 1,5, de incorporação imobiliária<sup>53</sup>.

Esse modelo de expansão do espaço urbano periférico que ocorre em São Carlos se assemelha muito ao modelo de desenvolvimento urbano descrito por Kowarick (1979) na grande São Paulo em meados do século XX. O processo de expansão aparenta ser uma lógica da desordem, mas, na realidade, é um planejamento estratégico. Entre a faixa urbana consolidada e os novos loteamentos, valoriza-se a terra intermediária para beneficiar o capital imobiliário. Produz-se um novo lote distante do anterior e o que está

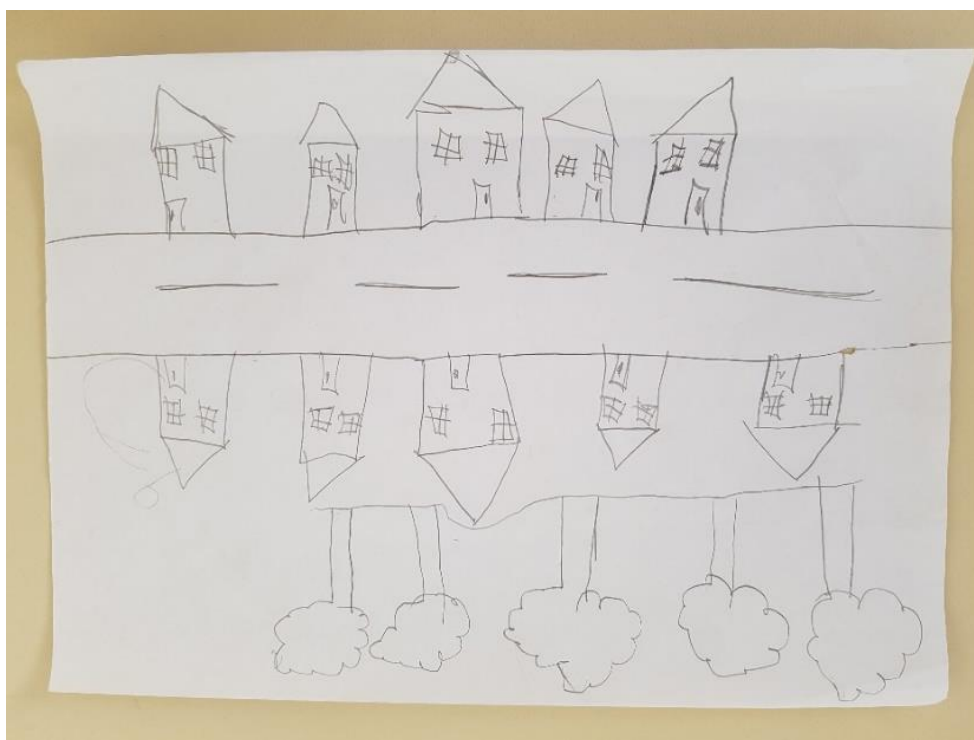
---

<sup>53</sup> “Com 781 lotes, o conjunto deverá ser vinculado ao programa do governo Minha Casa, Minha Vida.” Disponível em: <http://www.saocarlosagora.com.br/noticia/camara-aprova-construcao-do-conjunto-habitacional-eduardo-abdelnur-ii-com-781-lotes/95189/> Último acesso em: 01/08/2018.

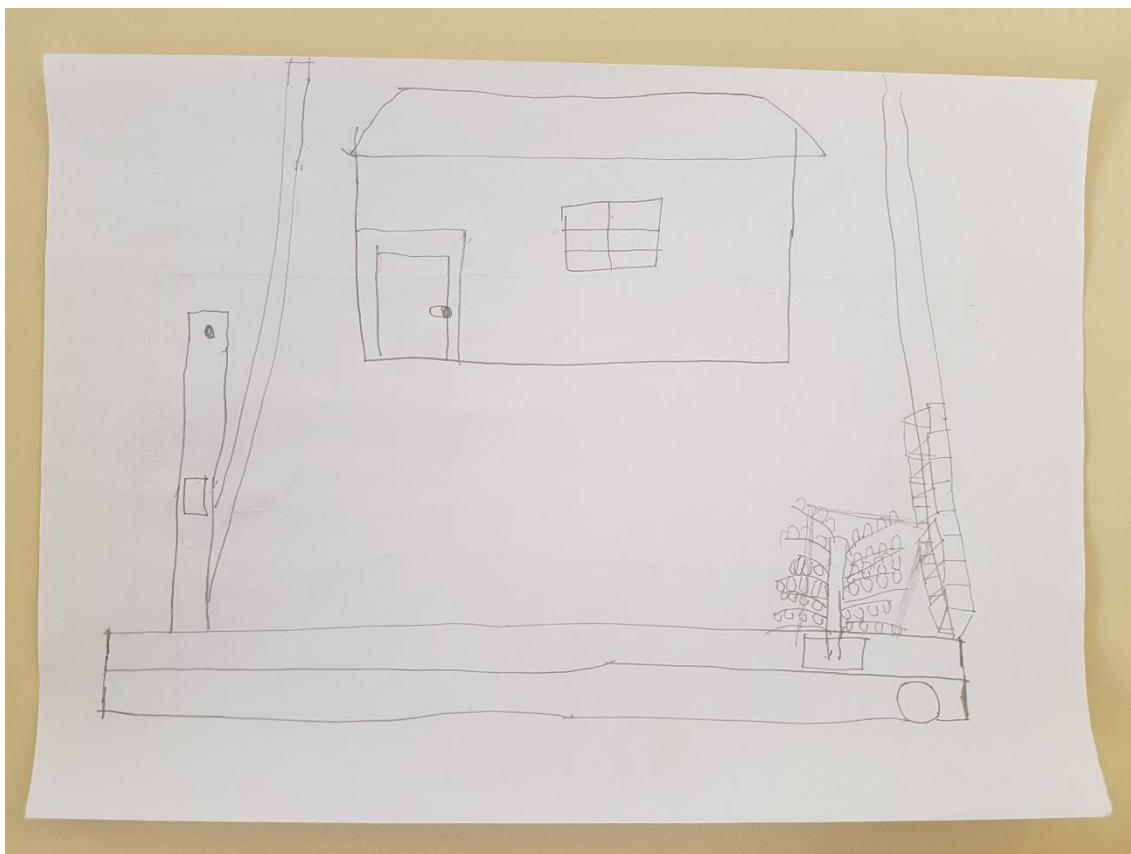
“entre” os dois - “ocioso” - aproveita-se de todas as infraestruturas já estabelecidas, como transporte e equipamentos coletivos.

O estado é fundamental nesse processo de periferização, já que ele financia inicialmente os investimentos urbanos, gerando a valorização da terra, a especulação imobiliária, a segregação social, a criação de bairros dormitórios periféricos - produtos da relação estado, mercado imobiliário e construtoras. Kowarick (1979) nomeou esse modelo de desenvolvimento urbano como “espoliação urbana”. Além dos pontos mencionados acima, soma-se a isso a precariedade de serviços e infraestrutura, segregação socioespacial, más condições de trabalho e deslocamento urbano. É plausível dizer que o Abdelnur passa por processo parecido, tendo nesse caso a construção do novo bairro Eduardo Abdelnur II uma comprovação ainda maior desse processo.

O padrão habitacional do bairro é bastante homogêneo, com ruas e quadras geograficamente planejadas e tamanho dos lotes iguais. Com o tempo, essa homogeneidade vai se alterando, criam-se identidades: as construções surgem, os muros são erguidos, as casas são pintadas, os comércios informais aparecem nos quintais, etc. Esse padrão homogêneo de construção também pode ser visto nos desenhos abaixo.



Autor: Miguel, filho de Rosa, 10 anos (2018).



Autor: Miguel, filho de Rosa, 10 anos (2018).

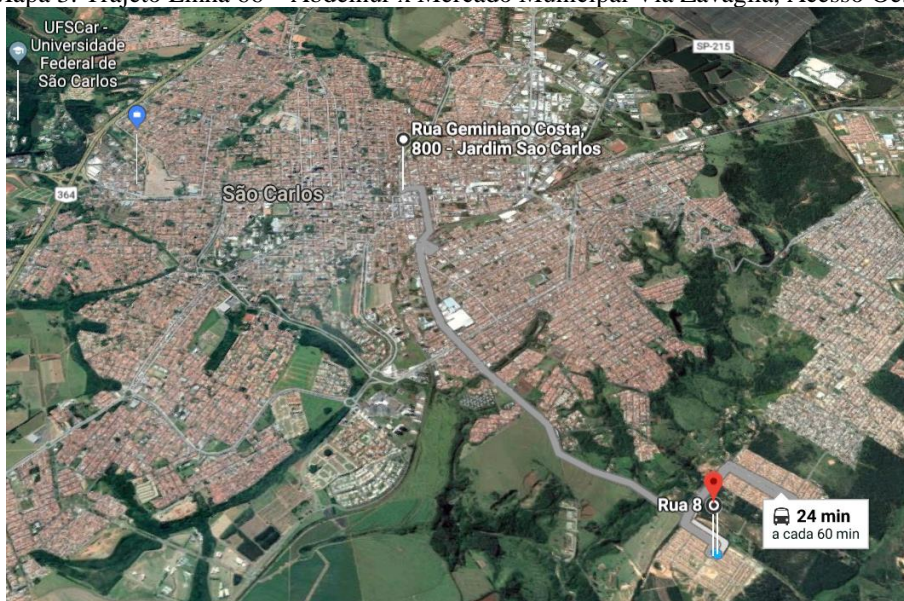
Como já dito, as famílias contempladas pelo PMCMV-1 com as *casinhas* do residencial Eduardo Abdelnur receberam as chaves no dia 26 de abril de 2016. Muitas delas não demoraram a mudar, principalmente porque existe um medo geral de *invasão* das casas. No início de maio, para atender os novos moradores, a prefeitura viabilizou a linha 66 de ônibus (a mesma que está até hoje) que parte do Abdelnur, passa no Jd. Zavaglia e vai até o centro de São Carlos<sup>54</sup>, na volta faz o trajeto inverso. Além desta, os moradores também costumam pegar a linha 60 que já atendia anteriormente o bairro vizinho, o Jd.Zavaglia. O ônibus faz praticamente o mesmo percurso do centro aos bairros pelo acesso oeste - a única diferença é que não entra nas ruas do Abdelnur, apenas passa pela rotatória de entrada do residencial.

---

<sup>54</sup> Mais informações ver matéria: “Confira os horários do transporte coletivo e coleta de lixo do Residencial Eduardo Abdelnur” <http://saocarlosurgente.com/confira-os-horarios-do-transporte-coletivo-e-coleta-de-lixo-do-conjunto-residencial-eduardo-abdelnur/>. Último acesso em: 1/3/2019.

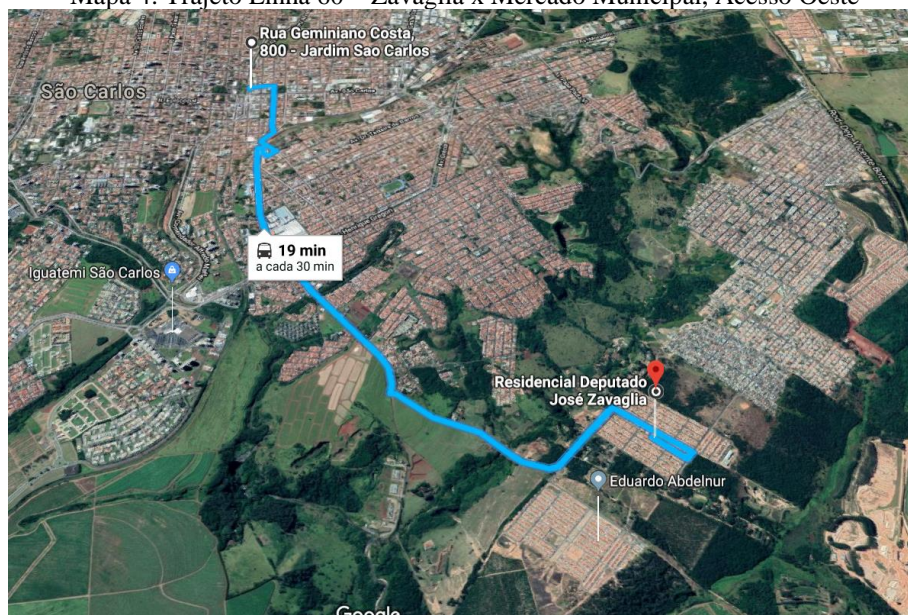


Mapa 3: Trajeto Linha 66 – Abdelnur x Mercado Municipal Via Zavaglia, Acesso Oeste



Fonte: Google Maps (2018)

Mapa 4: Trajeto Linha 60 – Zavaglia x Mercado Municipal, Acesso Oeste



Fonte: Google Maps (2018)

Os trajetos percorridos pelas duas linhas 60 e 66 vão diretamente ao centro da cidade e não passam por outros bairros periféricos da constelação sudoeste de São Carlos como no Antenor Garcia, Cidade Aracy I e II, Planalto Verde, Presidente Color, Jardim Gonzaga, etc. Não existe, portanto, uma linha que ligue diretamente o Abdelnur a eles. Para chegar a tais bairros com a utilização do transporte público é necessário pegar dois ônibus: um do Abdelnur até o Jd.Zavaglia e de lá pegar outra linha, a 55 (Zavaglia x Arnon de Mello – Via Shopping). Nesse sentido, é importante mencionar alguns pontos: a região da “Grande Aracy” atualmente possui cerca de 80 mil habitantes, ou seja, quase

um terço da população total da cidade; existe todo um comércio local que emprega e atende moradores da região, além dos equipamentos públicos como UBS, CRAS, escolas e creches<sup>55</sup>.

Sendo assim, muitas famílias que se mudaram para o Abdelnur residiam, trabalhavam ou frequentavam anteriormente esses bairros. Em parte, algumas ainda frequentam, porém agora o deslocamento ficou maior e mais difícil e, para muitos, inviável. Quando necessário, os moradores fazem o trajeto a pé, percorrendo uma distância de mais de quatro quilômetros. Além do trânsito territorial, as famílias precisaram fazer rearranjos nos *postinhos* de saúde que frequentavam - agora a UBS que os atende é a do Botafogo, há cerca de 2,5 quilômetros.

Mapa 5 – Trajeto a pé Abdelnur para UBS Botafogo



Fonte: Google Maps (2018)

Também foi necessário para a maioria das famílias mudar as creches e escolas que as crianças e adolescentes estudavam. Vale lembrar que estes estavam no meio do período

<sup>55</sup> Conhecida como Grande Aracy, a região “abrange os bairros Parque Novo Mundo, Antenor Garcia, Jardim Zavaglia, Eduardo Abdelnur, Presidente Color, Planalto Verde, Ceat, além dos bairros Cidade Aracy 1 e 2.” A fins de curiosidade, a Câmara dos vereadores de São Carlos abriu recentemente (em junho de 2018) uma consulta pública online para saber a opinião da população sobre uma possível “emancipação” da região, para transformá-la em município independente. Mais informações ver link: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/camara-de-sao-carlos-abre-consulta-online-sobre-emancipacao-do-cidade-aracy.ghtml>. Último acesso em: 1/8/2018.

letivo – fato que ocorreu antes de haver qualquer instalação de equipamento público<sup>56</sup> no bairro. As escolas de regiões mais próximas não tinham vagas para receber os novos alunos do Abdelnur. Duas notícias de jornais locais demonstram tal fato: “Crianças caminham 11,6 km para ir à escola em novo bairro de São Carlos” e “Falta de vagas deixa 158 crianças fora da escola em São Carlos, SP”<sup>57</sup>. Em uma delas, o secretário municipal de Educação na época, Douglas Marangoni, admitiu que faltam escolas, afirmou que os bairros “Cidade Aracy, Jardim Zavaglia, Antenor Garcia, Eduardo Abdelnur necessitam o dobro de escolas. Hoje, tenho de quatro a cinco escolas entre infantil e fundamental, teria que ter no mínimo dez para atender a região”.

Logo em seguida à entrega das chaves, no início de maio de 2016, foi inaugurada no bairro vizinho a escola estadual Jardim Zavaglia que atende os alunos do ciclo II do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e Ensino Médio<sup>58</sup>. Algumas crianças e adolescentes moradores do Abdelnur foram transferidos de outras regiões para lá, no entanto a prefeitura até hoje não concede transporte para tal escola. Por isso, a solução encontrada é ir caminhando por aproximadamente dois quilômetros, como o mapa 6 abaixo nos mostra. Outra escola que possui Ensino Fundamental ciclo II e Ensino Médio é a Gabriel Félix do Amaral. Alguns pagam ônibus (meia de estudante), outros percorrem a pé a distância de 2,6 quilômetros conforme mapa 7 a seguir.

---

<sup>56</sup> O que vai contra o Artigo 6º do decreto nº 7.499 de 16 de junho de 2011, “Para a implantação de empreendimentos no âmbito do PNHU deverão ser respeitados os seguintes requisitos, observada a regulamentação do Ministério das Cidades: IV - a existência ou compromisso do poder público local de instalação ou de ampliação dos equipamentos e serviços relacionados à educação, à saúde, ao lazer e ao transporte público.” Mais informações ver link: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/decreto/d7499.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7499.htm). Último acesso em: 1/8/2018.

<sup>57</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/05/falta-de-vagas-deixa-158-criancas-fora-da-escola-em-sao-carlos-sp.html> e <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/05/criancas-caminham-116-km-para-ir-escola-em-novo-bairro-de-sao-carlos.html> Último acesso em: 1/8/2018.

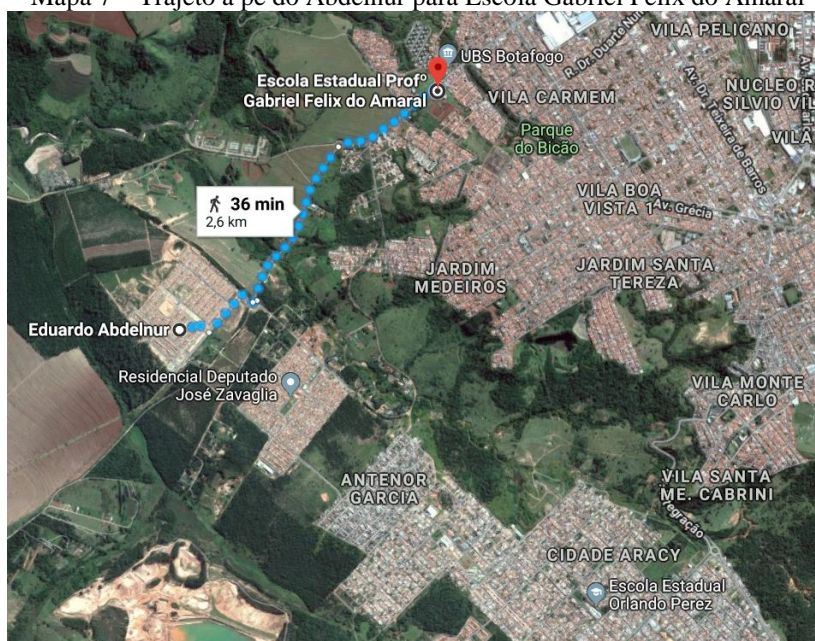
<sup>58</sup> Disponível em: “Governo do Estado inaugura escola no Jardim Zavaglia”, <http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/governo-do-estado-inaugura-escola-no-jardim-zavaglia/74143/> Último acesso em: 1/8/2018.

Mapa 6 – Trajeto a pé do Abdelnur para a Escola Jd.Zavaglia



Fonte: Google Maps (2018)

Mapa 7 – Trajeto a pé do Abdelnur para Escola Gabriel Felix do Amaral



Fonte: Google Maps (2018)

No dia 19 de maio de 2016, a prefeitura passou a disponibilizar transporte escolar gratuito<sup>59</sup>, mas somente para algumas escolas – todas elas localizadas na região do Cidade

<sup>59</sup> Disponível em: “Prefeitura disponibiliza ônibus para atender os estudantes do Conjunto Residencial Eduardo Abdelnur”, <http://saocarlosurgente.com/prefeitura-disponibiliza-onibus-para-atender-os-estudantes-do-conjunto-residencial-eduardo-abdelnur/> e “Prefeitura de São Carlos disponibiliza transporte

Aracy ou Antenor Garcia. E, além disso, tal transporte só é disponibilizado para alunos do ensino fundamental ciclo I (1º ao 5º ano) e para as crianças da educação infantil (0 a 5 anos de idade). No primeiro caso, as crianças vão sem os responsáveis<sup>60</sup> e o ônibus leva para quatro escolas: EMEB Arthur Natalino Deriggi, EMEB Afonso Fioca Vitali (CAIC), Escola Estadual Cidade Aracy IV e EMEB Névio Dias. Todas elas estão localizadas no bairro Cidade Aracy e atendem somente alunos do 1º ao 5º ano. Os horários são: no período da manhã, a saída dos ônibus está prevista para 7h e o retorno, para 12h15; no período da tarde, a saída é 12h30 e o retorno, 17h20. A última das escolas mencionadas foi inaugurada em fevereiro de 2017 pela prefeitura<sup>61</sup>.

Já para as crianças da educação infantil, é obrigatória a presença de algum responsável no transporte escolar. Nesse caso, são dois ônibus com horários e trajetos distintos. O primeiro vai para as creches: Casa da Infância Estrela da Manhã, Escola Espírita Anália Franco e CEMEI Maria Consuelo Brandão Tolentino. Todas elas ficam no bairro Antenor Garcia e atendem em período integral. Os horários de saída do Abdelnur são: 7h05 e 16h. Esse ônibus é muito mais vazio que o outro, mencionado abaixo. No mapa 8 a seguir é possível visualizar o trajeto.

---

para estudantes de conjunto habitacional”, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5034979/>. Último acesso em: 1/8/2018.

<sup>60</sup> Em notícia, o secretário de educação Douglas Marangoni lembrou que: “é de responsabilidade dos pais levar e buscar os filhos de até 12 anos no ponto de partida dos ônibus.” Disponível em: <http://saocarlosurgente.com/prefeitura-disponibiliza-onibus-para-atender-os-estudantes-do-conjunto-residencial-eduardo-abdelnur/>. Último acesso em: 1/8/2018.

<sup>61</sup> Disponível em: “População prestigia inauguração da Escola Névio Dias” <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2017/170721-populacao-prestigia-inauguracao-da-escola-nevio-dias.html>. Último acesso em: 1/8/2018.

Mapa 8 – Trajeto do transporte escolar 7h05 e 16h



Fonte: Google Maps. Elaboração própria (2018).

O segundo sai em dois horários diferentes: parte do Abdelnur às 12h50 e às 16h45. O trajeto que ele segue é: ONG Nave Sal da Terra no bairro Jardim Zavaglia, CEMEI Maria Consuelo Brandão Tolentino no Antenor Garcia e, por fim, no CEMEI Enedina M. Blanco (Casa Azul) no bairro Cidade Aracy II, como o mapa 9 ilustra. Este último trajeto geralmente demora mais tempo - aproximadamente uma hora ao todo para ir e voltar.

Mapa 9 – Trajeto do transporte escolar 12h50 e 16h50



Fonte: Google Maps. Elaboração própria (2018).

No início de maio, a prefeitura disponibilizou mais um ônibus nos trajetos mais lotados - quando juntava as mães e os filhos na ida 12h50 e na volta 16h50. Dessa forma, todos conseguiriam assentos e nenhuma criança ou responsável ficaria em pé no corredor. Acompanhei esses trajetos dos ônibus durante a pesquisa com a Bela, Ana, Laura e Patrícia, como falarei mais adiante no texto. Era comum que saíssem discussões entre as mães, brigas entre as crianças e, também, com o motorista que exigia que as crianças fossem sentadas durante todo o trajeto (pelo menos no chão do corredor). Quando colocaram outro ônibus melhorou um pouco a situação, pois todos conseguiam ir sentados e havia menos barulho. Além das escolas mencionadas acima, há crianças e adolescentes do bairro que participam de projetos, como na ONG Nave Sal da Terra no residencial Jardim Zavaglia e no *Salesianos* no bairro Vila Nery. Também existem ônibus que saem do Abdelnur e vão para os dois locais.

Em setembro de 2017, a prefeitura de São Carlos conseguiu liberação do FNDE para a construção de uma creche no Eduardo Abdelnur<sup>62</sup>, cujo nome será CEMEI Carminda Nogueira de Castro Ferreira e terá capacidade para atender cerca de 200 alunos na educação infantil da faixa etária de 0 a 6 anos. No dia 21 deste mesmo mês<sup>63</sup>, ocorreu um evento para inaugurar a pedra fundamental de início das obras (ver foto 4 abaixo). No entanto, somente após oito meses, no dia 4 de junho de 2018, o prefeito Airton Garcia assinou ordem de serviço para início das obras<sup>64</sup> (ver foto 5 quando a obra não havia começado). A partir de junho, percebeu-se no terreno que ela de fato se iniciou.

---

<sup>62</sup> Disponível em: “Prefeitura consegue liberação do FNDE para construção de creche no Eduardo Abdelnur”, <http://saocarlosurgente.com/prefeitura-consegue-liberacao-do-fnde-para-construcao-de-creche-no-eduardo-abdelnur/> Último acesso em: 1/8/2018.

<sup>63</sup> Disponível em: “PMDB de São Carlos recebe visita de Marta Suplicy”. <http://www.saocarlosagora.com.br/politica/pmdb-de-sao-carlos-recebe-visita-de-marta-suplicy/92251/> Último acesso em: 1/8/2018.

<sup>64</sup> Disponível em: “Prefeito assina ordem de serviço para início das obras de construção de creche no Eduardo Abdelnur”, <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2018/172110-prefeito-assina-ordem-de-servico-para-inicio-das-obras-de-construcao-de-creche-no-eduardo-abdelnur.html> Último acesso em: 1/8/2018.

Foto 4 - Pedra Inaugural do CEMEI Carminda Nogueira de Castro Ferreira



Fonte: autoria própria (21/09/2017).

Foto 5 - Pedra Inaugural do CEMEI Carminda Nogueira de Castro Ferreira após oito meses



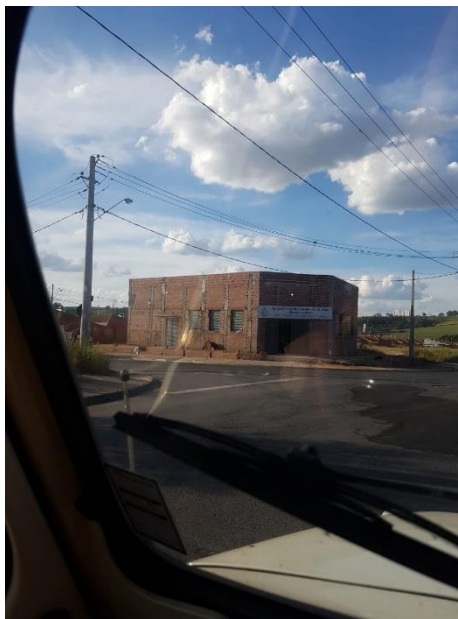
Fonte: autoria própria (9/5/2018)

Quando visitei o bairro no final de 2018, uma obra da escola de educação básica – para alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental<sup>65</sup> - finalmente se iniciava. A creche também está em fase de construção em outro terreno em frente, a proposta do governo é de finalizar tanto a creche quanto a EMEB ainda em 2019. Após três anos da entrega das chaves das *casinhas do Abdelnur*, portanto, o bairro provavelmente contará com estes espaços para crianças e adolescentes - exceto os alunos do ensino médio terão que obrigatoriamente se locomover do bairro para estudar. Os únicos espaços de sociabilização do bairro são as próprias ruas, a igreja Assembleia de Deus e o campo de futebol. Existem também as igrejas dentro das próprias casas, bem como os pequenos mercados informais, como bares, lanchonetes, padarias, pet shop, salão de beleza, barbearias e comércio de pipas. O mercado mais próximo ao bairro é o supermercado Dia no Jd. Zavaglia - bairro vizinho que também conta com um “parquinho” para as crianças.

<sup>65</sup> Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2019/172924-emeb-do-eduardo-abdelnur-vai-atender-780-alunos-no-ensino-fundamental-.html>. Último acesso em: 22/2/2019.

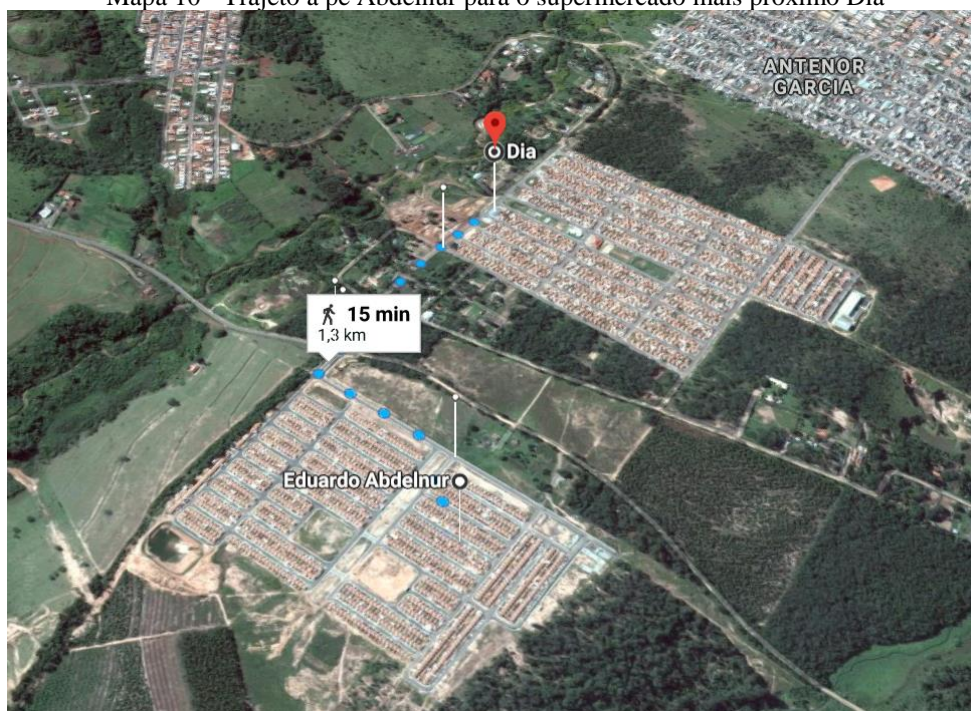


Foto 6 - Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Residencial Eduardo Abdelnur



Fonte: autoria própria (2018).

Mapa 10 - Trajeto a pé Abdelnur para o supermercado mais próximo Dia



Fonte: Google Maps (2018)

### 3.2 A questão social brasileira, o PBF e o PMCMV-1

Além de titulares do Programa Minha Casa, Minha Vida Faixa 1, Maria, Bela, Ana e Rosa são (ou foram em algum momento) titulares do Programa Bolsa Família. Como já

mencionado, as duas políticas são reconhecidas como grandes realizações dos governos petistas. Por enquanto interessa apresentar uma breve reconstrução histórica desse ‘pano de fundo’ no qual as titulares e suas famílias estão inseridas, ou seja, interessa perceber qual o contexto da questão social brasileira nas últimas décadas, em que momento as duas políticas foram implementadas no país, o que está por traz da construção das *casinhas do Abdelnur* e do fato de *receber o Bolsa Família*.

Referente a questão social que marcava o conflito urbano brasileiro entre a década de sessenta e oitenta, há relativo consenso na literatura de que ela estava relacionada principalmente à “integração” das classes trabalhadoras das periferias urbanas. A lógica era integrar os pobres e trabalhadores por meio do trabalho e acesso a direitos. O trabalhador era a figura central por meio da qual se pensava o problema social e suas tentativas de solução (FELTRAN, 2014; MOTTA, 2017). As políticas de assistência estavam, até o fim dos anos 1980, vinculadas principalmente ao universo do acesso ao mercado assalariado (GEORGES, RIZEK e CEBALLOS, 2014).

Lautier (2014) sustenta que desde 1980 opera-se uma mudança do “regime de governabilidade” no que diz respeito às políticas públicas latino-americanas. Tal mudança possui diversas facetas sendo, a mais importante e visível, a focalização ou as políticas de luta contra a pobreza que se dirigem a públicos-alvo. Ainda segundo o autor, no final dos anos noventa e início dos anos dois mil, as críticas das “políticas ultra-focalizadas” desenvolvidas anteriormente, levaram a uma mudança de “tática de governo dos pobres” em muitos países latino-americanos. Substituiu-se a “luta contra a pobreza” pela “luta pela vulnerabilidade”<sup>66</sup>. “Essas críticas, todavia, não levaram a um questionamento da estratégia fundada sobre o tríptico moralização, tecnicização e despolitização da questão da pobreza, mas conduziram a uma mudança profunda dos encaminhamentos práticos das políticas públicas dessa luta” (LAUTIER, 2014, p. 468). O elemento mais significativo dessa mudança foi, em sua visão, a invenção, multiplicação e popularização dos Programas de Transferência Condicionada de Renda. Como exemplos entre outros, tem-se o Oportunidades no México, Chile Solidário no Chile e o Bolsa Família no Brasil.

Posteriormente, então, entre o final dos anos noventa e início dos anos dois mil, a recuperação da questão social como horizonte e demanda marcou um novo cenário na América Latina e esses países começavam, portanto, a se configurar como um laboratório de políticas

---

<sup>66</sup> Para o autor, nessa passagem à retórica da vulnerabilidade não há nenhum sinal de não moralização ou re-politização, na realidade passa da compaixão vitimizadora (o pobre que recebe ajuda) à atenção paternal (o vulnerável que é ajudado a se ajudar e que é protegido enquanto continua frágil).

sociais. Dessa forma, a partir da década de noventa, observa-se a emergência de uma nova agenda, que constitui um novo modelo de proteção social voltado ao enfrentamento e combate à pobreza, tendo como proposta principal os Programas de Transferência de Renda (GEORGES, RIZEK E CEBALLOS, 2014; LAUTIER, 2014; SANTOS, 2014; JACCOUD, 2013).

A conquista de direitos políticos no período de redemocratização não produziu o mesmo resultado do ponto de vista dos direitos sociais. O cenário de grave crise econômica, a adoção de medidas voltadas à estabilização monetária, a eficiência macroeconômica e a restrição dos gastos públicos, sobretudo a partir da segunda metade dos anos noventa no Brasil, restringiram as possibilidades de desenvolvimento de políticas sociais mais abrangentes e universais, dando espaço à implantação de ações mais focalizadas.

Apesar de sua análise estar muito imersa no contexto francês, Castel (1998) ajuda a pensar o debate brasileiro sobre a “questão social”. O autor busca entender o novo cenário, sobretudo na França a partir de 1980, marcado pela reestruturação produtiva no âmbito do trabalho; transformações econômicas, políticas e sociais e reforma neoliberal do estado. Afrouxavam-se as mediações públicas e estatais que anteriormente buscavam amenizar os efeitos desiguais da acumulação capitalista e garantir a efetivação e extensão dos direitos. Dessa forma, a relação salarial com o estado, antes vista como a chave para a obtenção de proteção e segurança e na qual se articulou toda uma parcela de direitos, desmanchava-se. O ponto central na sua análise é, portanto, o desmonte da sociedade salarial e um retorno dos patamares de insegurança anteriores a essa. Com a ascensão dos mercados informais e a precarização, os trabalhadores formais deixaram de ser a figura principal da “questão social”, passando aos “vulneráveis” as oscilações do mercado, aos desempregados.

Sobre a questão social contemporânea brasileira, Georges, Rizek e Ceballos (2014) sustentam que os lugares da produção do reconhecimento e de encontro “simbólico” - antes vinculado ao trabalho, sindicatos, proteção social e igreja católica -, parecem ter sido transferidos, nas últimas décadas, para as práticas e nichos de mercado, em um sistema concorrencial. O que se produz é uma sociedade meritocrática, individualizada e terceirizada, construída por uma moral da propriedade e não dos direitos.

A partir dos anos 1990 e, sobretudo, dos anos 2000, a grade de inteligibilidade do problema social se desloca da questão social ao problema da violência. A questão social do conflito urbano passa a ser a contenção do conflito violento; o conflito social se traduz em conflito criminal. Não se trata de extensão universal dos direitos da cidadania, tampouco da validade universal das garantias democráticas; a violência passa a ser o cerne do problema da

pobreza urbana. Nas últimas três décadas, esse deslocamento implica na representação dos pobres enquanto sinônimos de violência, marginalidade e criminalidade. O conflito se plasma agora em torno da ameaça à ordem pública, subjetivada em corpos, territórios e palavras. Trata-se de equacionar a vulnerabilidade ao potencial risco que eles representam (FELTRAN, 2014; MOTTA, 2017).

Nesse sentido, a depender da performance moral de cada sujeito ou grupo, oferecem-se doses da mistura paradoxal de proteção social e controle, expandindo direitos e privações, atendimentos e disciplinarização, etc. A partir dos anos 2000, observa-se um cenário contraditório do conflito: proliferação dos serviços sociais, sempre focalizados; vigilância e militarização dos territórios urbanos, igualmente focalizados. Esse mosaico de modos de gerir os pobres é radicalmente distinto daquela integração ou extensão regulada dos direitos sociais aos excluídos. No Brasil configuram-se atualmente duas figurações da pobreza que compõem um mesmo dispositivo, esse produz a “questão social” contemporânea: a do consumidor a integrar e a do bandido a encarcerar. Há, portanto, a lógica do mercado no solo urbano através dos recortes de “nicho de mercado” e das populações, “públicos-alvo” de marqueteiros e programas sociais (FELTRAN, 2014).

Os programas voltados para as populações pobres distribuem essa equação a partir de um continuum imagético que tem dois polos: em um a figura do “perigo” que deve ser rigidamente controlado, no outro a do consumidor, do empreendedor que deve ser “integrado” seja via crédito, seja pelo aumento da renda. Entre os dois polos, existem níveis distintos de “vulnerabilidades” que indicam diferentes “complexidades” de casos. Dessa forma, a gestão estatal do conflito urbano nos territórios e populações pobres tem sido feita nos últimos anos a partir de um continuum que vai das políticas assistenciais às políticas repressivas – todas elas concebidas e implementadas pela lógica da prevenção, combate e/ou gestão da violência (FELTRAN, 2014b; MOTTA, 2017). Ademais, para Feltran (2014) há um “repertório de regimes normativos” – estatal, do “crime” e religioso - que coexistem nas periferias urbanas e que ordenam a vida social. Embora os três sejam distintos e vivam em tensão entre si, eles encontram coesão no fato de regularem mercados monetarizados - o dinheiro que passa a mediar centralmente à relação entre os grupos recortados.

Na visão de Santos (2014a; 2014b), as intervenções do estado por meio dos novos programas de proteção social voltados para as famílias – estas vistas como solução humanizada para a resolução dos problemas de acesso à saúde, renda e proteção social da população considerada como socialmente vulnerável - têm se constituído nos países da América Latina em geral, como método dominante de combate à pobreza e de proteção social. Eles possuem,

na sua visão, um duplo sentido para a população, entre o cuidado e o controle. De um lado, um estado mais presente; de outro, trata-se de atingir a população em nível capilar e detectar quem se enquadra ou não nos critérios de receptividade dos benefícios.

Sob essa perspectiva e pensando especificamente no caso brasileiro, o programa Bolsa Família e o programa Minha Casa, Minha Vida são casos emblemáticos desse deslocamento da questão social. O primeiro é um programa de transferência condicionada de renda instituído em 2003 pelo governo federal que possui três eixos principais: transferência de renda, condicionalidades e programas complementares. Buscando responder problemas referentes ao caráter fragmentado e pouco eficaz dos programas anteriormente existentes desse mesmo formato, três deles - Bolsa Escola, Bolsa Alimentação e Auxílio Gás – foram unificados no desenho do PBF e formaram o que hoje o constitui (MONNERAT et al., 2007; BICHIR, 2010). A inovação do PBF frente a outros programas de transferência condicionada de renda está na superação de um modelo limitado de proteção focado na inatividade, ele se diferenciou com uma perspectiva de complementação e não de substituição de renda, o que acaba por responsabilizar o poder público para além de situações de não trabalho. O critério de elegibilidade do PBF encontra-se, portanto, na insuficiência de renda e não na inserção no mundo do trabalho (JACCOUD, 2013; BICHIR, 2016).

Ainda neste contexto, o segundo programa social – O PMCMV - se insere em 2009 como um novo modelo de crédito imobiliário, apresentado para enfrentar a crise internacional e equacionar o déficit habitacional no país. Tal política coloca em diálogo o setor imobiliário, da construção civil e entidades empresariais. Revelam-se fortes vínculos entre capital financeiro e setor imobiliário e, paulatinamente, a política pública se transforma em um negócio altamente rentável (AMORE, C. S.; SHIMBO, L. Z.; RUFINO, M. B. C., 2015; BONDUKI, 2014; RIZEK et al., 2014; SHIMBO, 2010).

Fica evidente em São Carlos o caráter de mercado da política de moradia, bem como a pobreza como nicho de negócios, na contramão dos pressupostos do programa e dos direitos à moradia e à cidade como foram historicamente reivindicados. Eles configuram “modos de governo e procedimentos contábeis que ancoram as formas de triagem. Dessa perspectiva são dispositivos que criam sujeitos e objetos (os públicos-alvo) segmentados, vinculados a um universo de mínimos sociais fortemente assinalados por instituições e agências multilaterais” (RIZEK, 2016, p.11). Para finalizar este capítulo, a seguir apresento uma breve discussão crítica sobre os programas sociais latino-americanos e as relações de gênero.

### 3.3 Os “novos” programas sociais e as relações de gênero

Os “novos” programas sociais latino-americanos implementados a partir dos anos noventa podem ser considerados, na visão de Santos (2016), como pontos de convergência entre dois campos distintos: o da proteção social em âmbito nacional e o do desenvolvimento social em âmbito internacional. A autora defende que existe uma base comum entre esses, essencial na efetivação de tais programas: a existência de uma gestão sexuada, fundamentada principalmente na “divisão sexual do trabalho” e na disposição feminina para o cuidado. O aspecto que aproxima esses dois campos, portanto, é a emergência de políticas “sensíveis” às relações de gênero.

Com referência às novas iniciativas brasileiras e latino-americanas que visam o combate à reprodução da pobreza e, mais especificamente, das políticas de assistência social e saúde, a família se constitui como porta de entrada e referência de gestão (MIOTO, 2010; SARTI, 2010; SANTOS, 2016). A família é a unidade de intervenção e a mulher, na condição de mãe, a responsável familiar. Dessa forma, os “novos” programas sociais foram desenhados com base na mediação feminina, as mulheres cumprem um papel “pivô” (SANTOS, 2016).

Georges e Santos (2013), através da análise de uma política específica de assistência social no município de São Paulo, demonstram a existência de uma gestão social fortemente caracterizada pela presença feminina, com trabalhos voltados aos “cuidados”, além de serem elas as responsabilizadas pela interface entre as esferas pública e privadas. Essas mulheres assistidas são, ao mesmo tempo, alvo da atividade de moralização e transformação social. Sempre na condição de mães ou esposas, nunca como indivíduos independentes, elas seguem as orientações dadas pelos programas e serviços para o fortalecimento de vínculos familiares e cumprimento do dever parental de garantir a educação e saúde das crianças. Ainda segundo as autoras, existe certa forma de operacionalização de uma gestão sexuada do social e da pobreza nas políticas assistenciais contemporâneas voltadas às famílias, essa que produz novas formas de desigualdade, especialmente entre as mulheres. Isso faz com que se ofusque, na visão das autoras, a escassez de medidas reais como, por exemplo, o acesso à qualificação, trabalho e creches.

Seguindo a discussão de gênero e políticas sociais, através de pesquisa com um survey aplicado na cidade do Recife, Lavinhas et al. (2012) buscou analisar os efeitos do PBF na autonomia de mulheres, essas que vivem nos estratos mais pobres da população, com graus de escolaridades incompletos e prevalência de famílias monoparentais. Para a autora, embora haja

um real e indiscutível ganho de bem-estar às famílias beneficiárias, no que se refere às melhoras nas relações intrafamiliares e na qualidade de vida, o PBF não tem efeito direto sobre o empoderamento de gênero.

Já a autora Molyneaux (2006) analisa o Programa mexicano de Transferência Condicionada de Renda criado em 1997, nomeado como “Oportunidades”. Em sua visão, ele exemplifica o princípio da “maternagem”, questão central dos novos programas de combate à pobreza na América Latina. As crianças são o foco central e as mulheres estão incorporadas dentro de seu desenho, porém, de uma forma que o sucesso desses depende em grande medida à divisão de gênero. Embora exista um empoderamento referente ao subsídio financeiro, a autora argumenta que o programa reforça a divisão social que reproduz as assimetrias de gênero.

Finalizando essa breve discussão, na visão de Sorj (2014) não é novidade no Brasil a focalização das políticas sociais nas mulheres, elas frequentemente foram o alvo de programas sociais de alívio à pobreza. Esses que, em sua visão, são baseados em premissas sobre a posição assimétrica de gênero (mães como dependentes e homens como provedores da família). Porém, a partir dos anos 2000, o lugar das mulheres em tais programas se amplia e se modifica. Segundo ela, esse novo modelo dá ênfase a mecanismos participatórios de provisão do bem-estar, noções de empoderamento dos pobres e de co-responsabilidade das comunidades no desenvolvimento social local. Tal modelo é contrário ao anterior de cidadania, onde os pobres eram vistos em situação de passividade e dependência do estado. Ainda segundo Sorj (2014), esses novos programas baseiam-se na mobilização de mulheres e de normas culturais de feminilidade e maternidade, seja como operadoras ou beneficiárias. Há um paradoxo nessas políticas: ao mesmo tempo em que promovem uma reforma da subjetividade ancorada no desenvolvimento de self ativo e individualizado das mulheres, essas se chocam com as normas tradicionais de gênero que colocam as mulheres como “cuidadoras dos outros”.

Embora o projeto desta dissertação tenha se originado do interesse nas políticas dos governos petistas, sobretudo no PBF e no PMCMV-1, aos poucos a etnografia tornou essa temática mais secundária. Na realidade, os programas paulatinamente tornaram-se contextuais, como um ‘pano de fundo’ no qual as interlocutoras estão inseridas e não mais como o objeto central de análise. Isso não quer dizer que as políticas não sejam importantes no cotidiano de Maria, Bela, Ana e Rosa e de suas famílias, mas constituem um entre outros universos de possíveis pelos quais elas se movem. Ou seja, o PMCMV-1, o PBF e a condicionalidade da educação são uns dos eixos de sentido em suas vidas entre tantos outros, como veremos na parte II a seguir.

**PARTE II – CASA DE MULHER**



## CAPÍTULO 4 – CIRCUITOS DE DINHEIRO

Este capítulo e os próximos se referem aos cotidianos das *casinhas* de Maria, Bela, Ana e Rosa e de outras inter-relacionadas. Ao olhar atentamente para elas e a partir delas, três conjuntos de questões centrais emergiram e serão apresentadas aqui: o “*dinheiro da casa*”, o cuidado e a violência. No cotidiano, elas evidentemente coexistem e estão conectadas, porém como forma organizativa serão agrupadas em três universos. Interessa demonstrar ‘como’ esses três eixos de sentido se conectam e se conjugam na conformação do mundo social. Tal como Motta (2014, p.122), “desloca-se assim a questão sobre ‘se’ a moralidade, os afetos, o parentesco, por exemplo, estão envolvidos nas práticas econômicas, para o esforço em se compreender ‘como’ se conjugam na conformação de um mundo social”.

Como categorias de análise – dinheiro, cuidado e violência - são capazes de oferecer inteligibilidade a toda uma imensidão de relações sociais cotidianas que envolvem interdependências, assimetrias, solidariedades, cooperações, afetos e conflitos. Cada um dos três eixos de sentido engloba as trocas e circulações de dinheiros, objetos, alimentos; de pessoas, crianças, cuidados e maternidades; de conflitos e violências. Em suma, a partir dos cotidianos de cada uma das casas de Maria, Bela, Ana e Rosa, estes três últimos capítulos da dissertação exemplificarão as trocas e circulações entre casas que constituem uma configuração de *casinhas do Abdelnur*. Evidentemente que por ter uma aliança maior e por acompanhar mais os cotidianos de Maria, Bela e Ana, trouxe para o texto mais elementos empíricos de suas casas e menos da de Rosa, como se verá a seguir.

Neste capítulo 4 em específico, três referências foram fundamentais: Viviana Zelizer (2009), Eugênia Motta (2014, 2015) e Marcella Araujo Silva (2017). A primeira delas nos mostra que nos cotidianos existem intersecções entre dinheiro e intimidade, isto é, há uma ampla variedade de relações interpessoais que envolvem atividades econômicas. Supõe-se muitas vezes que existam “esferas separadas”, como dois domínios distintos da vida social – o econômico e o sexual - que operam sob princípios diferentes: racionalidade, eficiência e planejamento, de um lado; solidariedade, sentimento e impulso, de outro. Por outro lado, Zelizer (2009) evidencia que no cotidiano as pessoas fazem combinações diversas que intersectam relações íntimas e transações econômicas; isto é, elas coexistem no cotidiano. Posteriormente, Motta (2014, 2015) também demonstra com sua pesquisa que a economia e a vida não são esferas separadas, no cotidiano de Aliança no Complexo do Alemão elas se relacionam a todo momento. Com o objetivo de compreender as práticas econômicas cotidianas de trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro, Araujo Silva (2017) propõe a análise dos “problemas domésticos”,

rompendo com a dicotomia casa e trabalho. As duas últimas autoras partem de uma casa específica para analisar outras inter-relacionadas.

A partir do cotidiano da casa de Maria, Bela, Ana e Rosa e com base nas referências acima mencionadas, argumento neste capítulo que as esferas não são separadas, sobretudo quando analisamos as circulações de dinheiros, objetos e alimentos que ocorrem a todo instante no interior da casa e entre elas. Como objeto de análise, ‘casa de mulher’ nos permite enxergar as conexões *entre* o universo público e privado, bem como as intersecções dos domínios econômicos e simbólicos. Começando pela casa de Maria, os exemplos empíricos a seguir demonstram tais conexões.

#### **4.1 As trocas de objetos, alimentos e dinheiro**

Maria trabalha na república de segunda à sexta-feira das sete da manhã até às três horas da tarde, após deixar a cozinha limpa do almoço. Para ir e voltar ao serviço, é necessário pegar dois ônibus. Nesse percurso demora aproximadamente uma hora. Às quatro da tarde está em casa. Apesar de ficar grande parte do dia fora de casa, foram muitos os momentos que nos encontramos durante esse período de abril a julho. Depois continuei a visitá-la de julho até o fim do ano passado e com ela mantenho uma relação próxima, principalmente pela internet. No início, eu ia ao bairro de ônibus por volta do meio-dia e tentava passar na casa de Maria quando ela chegava. Nos dias que não passava, era porque pegava o ônibus junto com as mulheres para buscar as crianças na escola, ou porque estava na casa de alguém e por lá ficava até ir embora. Em várias situações, descia do ônibus, ia direto para a rua da Bela e Verônica e ficávamos durante toda a tarde. No fim do dia íamos para a casa de Maria, depois de termos buscado de ônibus juntas as duas filhas de Bela, netas de Maria, na escola.

No entanto, a partir de junho comecei a ir de carro para o Abdelnur. Quando eu saía de casa um pouco mais tarde que o habitual, ou seja, por volta das duas ou três horas da tarde, eu a avisava pelo celular e perguntava se gostaria de carona. Geralmente era esse o horário que saía do serviço e podia aproveitar para ir comigo. Fizemos isso algumas vezes: eu a buscava na república e íamos a caminho de sua casa. Em duas dessas situações, Maria me pediu, envergonhada, que levássemos dentro do fusca sacos de lixo cheios de latinhas amassadas de cerveja. Ela as juntava e aguardava alguma carona para levá-las. Disse-me que no ano passado conseguiu R\$120 com as latinhas, “paga um churrasco no fim do ano, né, Isabela?”. Em um

desses dias me agradeceu muitas vezes e me presenteou com um tapete de crochê, da cor que ela sabia que eu mais gostava.

Além dos dias da semana que nos víamos depois de seu serviço, eu e Maria combinávamos de nos encontrarmos em sua casa aos domingos, sobretudo nas comemorações de aniversários ou nos churrascos que faziam. Nós também assistimos juntas três jogos do Brasil na copa do mundo. Eu pude, então, acompanhar o cotidiano de Maria e me aproximar de alguns membros da família, especialmente da Bela. Um dos assuntos que mais conversávamos durante minhas visitas à sua casa era sobre o trabalho na república, até porque era esse o seu cotidiano por pelo menos quarenta horas semanais. Por eu conhecer parte dos *meninos*, facilitava a compreensão das novidades e das histórias que compartilhava comigo. Ela me contava, por exemplo, quando algum deles começava a namorar ou, então, quando terminavam o relacionamento; me dizia qual das namoradas ela gostava mais; falava sobre o valor alto da conta de água; dos ‘bichos’ (calouros) que carpiram a grama para não gastar mais com jardineiro; da reunião entre os moradores que decidiu que Maria parasse de passar roupas; das festas que aconteciam; dos empregos ou estágios que eles arranjavam; das mudanças de moradores, quem saía, quem entrava; das comidas que fazia; dos cachorros...

Na república atualmente residem cerca de quinze universitários homens e dois cachorros. Maria possui carteira assinada e realiza os serviços domésticos como cozinhar o almoço de todos os dias para os moradores (além de outros meninos que apenas almoçam lá e não moram), lavar roupas, arrumar e fazer a limpeza de todos os cômodos. Ela começou com um salário de R\$ 650 por mês; hoje disse receber R\$ 1300 para trabalhar diariamente das 7 horas da manhã até às 15 horas. Além do salário, Maria recebe esporadicamente cestas básicas de um dos antigos moradores que ganha da empresa que trabalha. Segundo ela, a última vez que recebeu foi há seis meses, em janeiro de 2018, quando ele trouxe quatro cestas que Maria compartilhou com todos os filhos e noras. Aos sábados pela manhã, recebe R\$60 para fazer faxina em um escritório. O comércio de pipas no quintal da casa ficava na responsabilidade de seu filho mais novo até o momento que ele se mudou com a esposa para outro bairro. Depois disso, notei que as mercadorias não estavam mais lá por uns três meses, no entanto em dezembro quando fui visitar Maria, seu marido retomou a venda das pipas. Outra fonte de renda são os tapetes de crochê que, na realidade, faz mais pelo prazer do que propriamente para obter alguma fonte de renda extra. Contudo, os tapetes são frequentemente dados como presentes ou trocados por outros objetos.

Não foram poucas as vezes que cheguei na casa de Maria e ela fazia seu crochê, principalmente no fim do dia após o *serviço*. “No crochê eu descanso a cabeça” era uma das

frases que frequentemente me dizia. Em algumas situações, ela quis me ensinar e eu tentava aprender sem muito sucesso. Nós ríamos de como eu tinha dificuldade e do quanto eu era sem jeito, mas Maria continuava a me estimular: “É fácil, Isabela, está indo bem”. Em segundos se formavam em suas mãos vários pontos perfeitos e complexos, e eu no máximo fazia o mais básico sem qualquer regularidade: era um ponto completamente frouxo, outro muito apertado. Logo eu me distraía com alguém que chegava na casa, desistia e ficava apenas a observando fazer enquanto conversávamos. Aos poucos eu fui entendendo um pouco mais sobre crochê, mas a prática ficou realmente a desejar. Ela me apresentava vídeos no *youtube* com diferentes tipos de pontos e tapetes; víamos na internet os preços de barbantes e agulhas; quase sempre quando eu chegava em sua casa, mostrava-me qual tapete estava fazendo ou qual havia terminado.

No dia a dia a circulação de pessoas (e animais) na casa geralmente é alta, sobretudo aos finais de semana. Cláudio gosta de ficar sentado numa cadeira na calçada da casa. Sempre que está ali, o portão fica aberto - este que possui uma pequena placa indicando que ali “vende-se pipas”. Então é comum observar pessoas entrando na casa para comprar pipas, principalmente meninos mais jovens. Ademais, é frequente ver as vizinhas (e seus filhos) que entram e saem da casa de Maria, principalmente Neide, Leia e a mãe de Leia, uma senhora. Isso sem falar de todos os filhos e netos que não moram na casa, mas estão sempre ali.

A casa de Maria e Cláudio é o espaço que agrega a família toda e amigos. No domingo, por exemplo, é dia de juntar todos, de beber cerveja ou pinga, almoçar junto e fazer churrasco quando o dinheiro dá. Geralmente se serve algum almoço comum preparado pelas mulheres para todos. Os churrascos são mais raros porque se gasta mais. Nem sempre tem cerveja suficiente, então é comum que eles bebam batida com alguma pinga mais barata ou vodca. Cláudio está sempre com um corote por perto e uma latinha de cerveja, mas isso causa conflitos na família, de permitir ou não que ele beba, pois, sua saúde estava debilitada. Maria também gostava de beber, mas se controlava porque me disse já ter sido parecida com o marido em alguma época de sua vida. Ela, então, só se permitia aos domingos e me implorava que eu bebesse junto.

Fui percebendo, aos poucos, os afetos e desafetos, as proximidades e distanciamentos dentro da família. Com Luciana, nora de Maria, era praticamente um consenso: quase ninguém gostava dela. Cláudio, Fabi e Gabi não falavam com ela desde quando comecei a frequentar a casa; Maria tinha suas críticas, mas ainda conversava até certo momento que discutiram e hoje diz “não querer mais saber dela morando lá”. Essa última briga causou a saída de Rafael e Luciana da casa. Nesse sentido, é interessante perceber o quanto a decisão de Maria que é a

mais decisiva. A Bela era a única na família que ainda falava com Luciana, apesar de concordar com as críticas que faziam. Com isso, a nora é motivo de discussão entre Rafael e toda a família. As opiniões sobre ela eram: de que não fazia nada, não trabalhava no momento (*não botava dinheiro dentro de casa*), não ajudava nos cuidados da casa, não fazia os serviços domésticos, não limpava, não cozinhava e não auxiliava nos cuidados com o sogro, marido de Maria.

Fábio foi o filho de Maria que menos encontrei; na realidade foram somente dois momentos muito breves que o vi. Como o casal mora mais distante e não possui carro, foram poucas as vezes que visitaram Maria durante o período que frequentei o bairro com maior intensidade. Ademais, tal período coincidiu com o fim da gestação e nascimento dos gêmeos, portanto Jéssica saía bem pouco de casa. Além de ter visto o Fábio somente duas vezes, eu sempre soube muito pouco sobre ele. O que eu ouvia sobre o casal era, geralmente, através das novidades que chegavam via mensagens que Maria e sua nora trocavam pelo *whatsapp* e das ligações ao telefone. Eu sentia que Maria falava mais abertamente comigo sobre os outros filhos e noras, já sobre o Fábio era diferente. Não está claro para mim, ainda, se sua preocupação ou proximidade com ele é menor ou se ela evitava falar dele para mim. Mas acredito que esse silêncio soava como um segredo que provavelmente se justificasse por uma suposta ligação dele com o tráfico de drogas. Maria não me dizia claramente sobre esse assunto e não sei se ela tinha conhecimento, mas ouvi de outras pessoas.

Certo dia, enquanto dava carona para ela do *serviço* para a casa, lembro de ter me falado que considerava o Fábio e a Fabi – seus enteados - como seus próprios filhos, mas que os dois acabaram não seguindo a educação que ela gostaria de lhes ter dado e como conseguira com os filhos de sangue. Em seguida explicou: os dois não terminaram a escola, o Fábio acabou sendo preso e na cadeia ficou por muito tempo e a Fabi está na situação que está, desempregada e com quatro filhas para criar sozinha. O envolvimento com o *mundo do crime* era mencionado bem rapidamente por Maria como algo extremamente negativo, vergonhoso e preocupante. Ela já me disse algumas vezes que tanto Fábio como Fabi *aprontavam* no passado. Certa vez me disse que Fabi *teve uma biqueira* com o ex-marido em São Paulo e, logo em seguida, completou dizendo o quanto ela era terrível.

O dinheiro de Fabi atualmente advém dos 400 reais (aproximadamente) do programa Bolsa Família, dos *bicos* de faxina que consegue esporadicamente e da ajuda de Maria. Não recebe pensões dos dois ex-maridos, pais de suas quatro filhas. Atualmente está solteira e gosta de sair com as amigas, o que gera comentários e discussões na família. Foram muitas situações que ouvi Maria dizer sobre a preocupação com as netas e sobre o incômodo que Fabi saísse, bebesse, namorasse e deixasse as filhas em casa sozinhas ou na casa de alguma amiga. Ela

própria se negava a cuidar das netas quando Fabi queria sair - só ficava com elas enquanto estivesse *fazendo algum bico*. Maria também reclamava do quanto estava difícil ter que ajudá-la financeiramente. Como possui um carro, Fabi e suas filhas frequentemente estavam na casa de Maria e nos encontramos diversas vezes. O carro também facilitava nos deslocamentos quando necessário: nas compras semanais de alimentos e utensílios domésticos no atacadão, por exemplo, ou nas idas ao hospital quando Cláudio caiu e abriu a cabeça, depois quando foi internado, também na ida à maternidade quando Jéssica teve os gêmeos e Bela teve seu filho. Como Fabi estava desempregada, foi ela quem cuidou do pai logo após sua queda enquanto Maria trabalhava. Nessa época a família estava com medo que acontecesse novamente e negociava quem ficaria com ele para não o deixar sozinho. Durante esses dias, nos encontramos na casa de Maria e Fabi se queixava de ter de estar lá olhando o pai sem poder procurar emprego, por exemplo, enquanto sua cunhada Luciana estava em casa e não se responsabilizava e nem ajudava o sogro.

A primeira filha de sangue de Maria, Gabi, trabalha em um restaurante vegano no centro de São Carlos. Por ter ensino médio completo, ser casada, possuir a casa própria (uma *casinha do Abdelnur*), *trabalhar com registro* e não ter *filhos para criar sozinha*, Maria a exalta como o exemplo a ser seguido. É raro ouvir qualquer reclamação da família sobre ela; é mais comum ouvir elogios, pois Gabi ajuda nos cuidados com as sobrinhas, dá presentes, faz os bolos de aniversário, etc. Fabi também já trabalhou no mesmo restaurante que Gabi, mas foi demitida em março de 2018. Como Rafael está afastado, ele geralmente fica em casa, vende as pipas no quintal e praticamente só sai para a fisioterapia ou vai com a sua moto comprar algo necessário para a casa. Também é muito frequente encontrá-lo na rua com os amigos. Empinar pipa é uma das coisas que ele mais gosta de fazer, tanto que já participou de mais de um evento de pipas nesse tempo que estive lá. Acompanhei durante esses meses as formas que Bruno encontrou de conseguir alguma fonte de renda enquanto estava desempregado, falarei especificamente sobre ele e Bela mais para frente no texto.

Maria geralmente ajuda financeiramente os membros da família. Além de dar presentes, comprar objetos que seus netos, filhos ou noras estão necessitando, compartilhar comidas ou dar dinheiro em espécie quando precisam, Maria também os auxilia de outra forma interessante. Ela faz uma espécie de empréstimo: compra em seu nome e os filhos vão pagando (ou não) as parcelas. Nesses casos, os valores geralmente são mais altos. Ela não dá o valor total em dinheiro, mas *empresta seu nome* aos filhos ou às noras para fazer crediários ou financiamento de objetos nas lojas. A moto de Rafael e os móveis das lojas Casas Bahia que estão no seu quarto e de Luciana, por exemplo, foram financiados no nome de Maria, mas quem pagou as

parcelas mês a mês foi seu filho. *Tirar no nome de Maria* era a expressão que utilizavam. E isso era negociado entre Maria e todos da família.

Outras duas situações ilustram isso. A primeira delas quando Bela quis comprar sapatos para suas filhas Belly e Dani. Então, Maria, o filho, a nora e as netas foram até uma loja no centro e parcelaram dois chinelos e dois tênis iguais para as duas. As meninas sempre exigiam que tivessem tudo igual, o que poderia gerar briga se a mãe comprasse diferente. Bela pagava mensalmente o valor de \$30 para a sogra, não me lembro quantas foram as parcelas. A segunda situação foi quando sua outra nora, a Luciana, comprou uma calça jeans também no nome de Maria, o que gerou conflitos na família. Bela, por exemplo, não gostou, disse-me que só pede quando é algo para as filhas e que Luciana só pensa em comprar coisas para ela.

Ao acompanhar o cotidiano de Maria é perceptível que a busca de todos os filhos e noras pelo emprego formal ou *por bicos* é constante e as formas de se ganhar dinheiro são diversas e dinâmicas, as formas de habitar também. Nesse período, mesmo que estivesse com a carteira de trabalho assinada, Gabi se sentia insegura porque seus *patrões* disseram que o restaurante estava falindo e, portanto, fechariam em agosto; porém, quando voltei ao bairro em dezembro ela ainda continuava nesse emprego. Rafael voltou ao trabalho no fim do ano passado depois de meses afastado e segue trabalhando na empresa de radiadores de carros com a carteira de trabalho assinada. Ele e sua esposa Luciana se mudaram para uma quitinete após uma briga de Maria com Luciana e, portanto, ocorreu uma re-configuração de casas (Araujo Silva, 2018). Bruno chegou a trabalhar na Electrolux, mas ficou por no máximo quatro meses. Durante os meses que estava desempregado, buscou várias outras formas de conseguir dinheiro, como descreverei adiante na seção que falarei do cotidiano de Bela. Mesmo com carteira assinada, os trabalhos não são estáveis, é difícil permanecer nos empregos que estão. A situação dos enteados de Maria é diversa: Fabi segue desempregada e conta somente com o benefício do PBF, mora com suas quatro filhas em *área de risco*; encontra-se, portanto, na luta por moradia e emprego; Cássio também está desempregado, paga aluguel por moradia e sua mulher também é titular do PBF.

Ao olharmos para o cotidiano de Maria, fica difícil circunscrever todos os agentes familiares em uma unidade doméstica específica. Ela e seus familiares não se pensam e nem pensam suas vidas domésticas a não ser no contexto das redes dentro das quais interagem. E ao olharmos para a casa de Maria e Cláudio e a partir dela, observamos outras casas vinculadas por diversos circuitos - um deles refere-se às circulações de dinheiro, objetos e alimentos.

É possível observar vários exemplos empíricos dessas circulações no cotidiano. Quando eu ia da casa de Maria até a de Bela, por exemplo, era comum que me desse alguma fruta,

pedaço de bolo ou qualquer alimento para levar para as *meninas*, suas netas. Ela presenteia pessoas com seus tapetes de crochê, os troca por outros objetos e, também, os vende ou faz fiado. Em algumas situações não recebeu o dinheiro – o que era motivo de romper os laços com as vizinhas. Maria compartilha as cestas básicas que ganha dos *meninos* da república com suas filhas e noras, empresta seu cartão de lojas ou *empresta seu nome* para que eles comprem roupas ou móveis, como vimos acima. Também presenciei outras cenas de empréstimos como o dia em que dois amigos de Rafael que trabalham na barbearia do bairro foram até sua casa pedir uma agulha de crochê para puxar fios de cabelo e fazer luzes. Em outra ocasião, sua vizinha Neide emprestou um colchão para uma de suas netas dormirem na casa de Maria e depois reclamou de ter emprestado porque disse estar com cheiro de xixi - o que causou um pequeno conflito entre elas. As latinhas de cerveja são outro exemplo de objetos que circulam entre a república que trabalha e a sua casa.

O conceito de “*dinheiro da casa*” de Motta (2014, 2015) é interessante para pensarmos nos diversos usos do dinheiro, como ele é separado para usos específicos e quais são as lógicas por trás de ‘como ganhar’ e ‘como gastar’, questões que promovem circuitos de objetos e dinheiro que são considerados na visão da autora como relativamente autônomos. Como observou Araujo Silva (2017, p.113), o “*dinheiro da casa*” possui a “capacidade de expressar o imperativo da casa sobre o uso de dinheiros provenientes das mais diversas fontes. Nesse sentido, ela é uma categoria nativa que organiza uma série de práticas econômicas”. Na perspectiva de Motta, o “*dinheiro da casa*” é o que garante o pagamento das despesas permanentes como as contas fixas, a comida, produtos de limpeza e de higiene pessoal; ele está destinado a manter uma unidade que não apenas serve à manutenção da vida dos moradores da casa, como também está relacionada às outras casas, nas quais outras pessoas vão fazer refeições e consomem comida comprada com este dinheiro.

Com o dinheiro de seu salário do trabalho na república e do *bico da faxina*, Maria geralmente compra os alimentos e utensílios domésticos básicos para a sua casa. Quando falta algum alimento essencial para seus filhos, ela também os ajuda. As bebidas, carnes para o churrasco e comidas servidas nos almoços aos domingos para amigos e familiares são quase inteiramente bancados por Maria. Quando Rafael morava lá, ele também a ajudava contribuindo com o “*dinheiro da casa*”. Era muito comum que Bela, Bruno e seus filhos jantassem nos dias de semana na casa de Maria. Isso demonstra que o “*dinheiro da casa*” não é utilizado somente para a manutenção da vida dos moradores, como também de pessoas que cotidianamente se relacionam com Maria – seja com laço sanguíneo ou não. Esse é mais um exemplo da relação entre as casas que conformam uma configuração, exemplo que também demonstra as



interdependências e assimetrias entre as casas relativamente autônomas, além de evidenciar que o laço de parentesco é construído no cotidiano. É comum que Maria ajude financeiramente a casa de Fabi e eventualmente também empresta ou dá algum dinheiro aos outros filhos. A casa de Gabi é mais autônoma quando comparada a de seus irmãos, ou seja, menos dependente da de seus pais, mas isso não quer dizer que as duas não estejam inter-relacionadas, pois ligações de sentidos variados as conectam como de ordem afetiva, familiar e do cuidado. Como Luciana - esposa de seu filho mais novo - não contribuía nem com o “*dinheiro da casa*”, nem com as tarefas domésticas e tampouco com os cuidados de Cláudio, Maria não tolerou mais que morasse em sua casa e, conseqüentemente, seu filho mais novo também saiu. As linhas são muito tênues entre a dependência e o abuso, entre as dependências aceitas e toleradas e elas são negociadas no cotidiano, como afirma Araujo Silva:

O que está em jogo é quanto cada casa tem à sua disposição para se *manter* como uma unidade razoavelmente autônoma, como uma casa que não *depende* nem *abusa* das outras. As fronteiras entre a manutenção da autonomia, as dependências aceitas, as dependências toleradas e os *abusos* são muito tênues. Em cada situação, elas são negociadas e justificadas segundo avaliações sobre o que conta e com que se pode contar para dar conta da vida. Os vínculos de sangue contam, mas nem sempre. Se não vierem acompanhados de formas de *contribuição*, eles podem ser reduzidos ou desfeitos. O cotidiano de cuidados, as tarefas domésticas, o provimento de comida, os gastos e os investimentos financeiros e afetivos criam os laços que contam (ARAUJO SILVA, 2017, p. 113).

As formas de ‘como ganhar’ e ‘como gastar’ dinheiro são carregadas de normatividades e moralidades. O dinheiro do tráfico, por exemplo, geralmente não é visto com ‘bons olhos’ por Maria. O dinheiro que Fabi pagou o conserto de seu carro, cerca de 300 ou 400 reais, foi questionado com desconfiança por Maria e Bela. O que Motta nos mostra é que existem lógicas por trás dos usos do dinheiro, como também existem obrigações e proibições. Quando Luciana comprou roupas para ela própria com o cartão de Maria, por exemplo, ocorreram comentários de Bela a respeito da atitude da nora. Bela considerava que o dinheiro de Maria só deveria ser gasto com as crianças, suas netas, não com a nora. Os exemplos de Motta e os que apresento aqui demonstram que o orçamento doméstico não é calculado apenas por uma suposta entrada e saída do dinheiro, há vários fatores que são levados em consideração, “não é possível ver racionalidade instrumental no uso dos recursos, tampouco ele é caótico”. E as negociações sobre seus usos são feitas no cotidiano.

Hoje Maria possui certa ‘segurança’ e ‘estabilidade’ (com muitas aspas) quando comparada as outras interlocutoras, talvez justificadas porque atualmente dispõe de trabalho

formal, casa própria, não possui filhos menores de idade e nenhum deles depende totalmente de sua renda; sua trajetória, porém, nos mostra que nem sempre foi assim. Maria recebeu por muitos anos o benefício do PBF e sua família migrou em várias situações até conseguir a casa própria pelo PMCMV-1. Já sua filha Fabi e suas noras Bela e Jéssica recebem o benefício do programa e dependem muito desse dinheiro.

Aqui, tratarei especificamente sobre o cotidiano da casa de Bela. Esta que convive muito com a família de seu marido Bruno e, por outro lado, mantém poucas relações com a sua. Quando perguntei a ela se hoje mantinha contato com algum de seus irmãos, a resposta que me deu foi: “Eu hein, nem quero”, em seguida disse que somente com dois deles. O irmão mais velho por parte de mãe foi assassinado com 13 tiros; o segundo não tem contato, mora em Descalvado e disse que nem o reconheceria caso o encontrasse na rua. Sua irmã Cris faleceu há três anos devido à anemia falciforme e com o caçula perdeu o contato, como já mencionado. A irmã mais velha que ainda mantém contato, vive no Abdelnur em uma *casinha* bem próxima, mais de uma vez Bela a apontou de seu quintal para mim. Como trabalha há anos na fábrica da Faber Castell, *é sozinha* e não tem *filho para criar*, sua situação financeira é mais confortável comparada a de Bela que, quando as coisas apertam, recorre a ela e pede alguma ajuda em dinheiro ou em comida. Sua irmã de vez em quando pede pizza e coca cola e a convida com suas sobrinhas para jantar. O outro irmão que mantém relações, apesar de não o ver com frequência, é o filho mais velho de sua madrasta com o pai. Em suas falas, diz gostar dele e é perceptível que tem um carinho diferente por este. Por coincidência, uma cunhada dele também mora no Abdelnur e, quando vai até lá, ele e Bela se veem. Em dezembro, na última vez que vi Bela pessoalmente quando fui me despedir antes das festas de final de ano, ela comentou que estava chateada. O motivo foi que este irmão foi visitá-la e ocorreu uma briga entre seus vizinhos, logo em frente à sua casa. Bruno e outros vizinhos precisaram intervir, pois um dos envolvidos na briga segurava uma faca. Após avistar essa cena, o irmão de Bela disse que não voltaria lá tão cedo. Além desse episódio, ele a visitou na maternidade quando *ganhou* seu último filho. Eu cheguei a vê-lo de longe com a mãe, madrasta de Bela.

Desde abril até dezembro do ano passado, portanto, acompanhei a rotina de Bela e Bruno *correndo atrás para manter a casa*. Quando os conheci em abril, Bela estava com quase sete meses de gestação e Bruno estava desempregado, pois havia discutido com seu tio com quem trabalhava. Para a felicidade e alívio de Bela, dias antes do nascimento do filho do casal em junho, Bruno conseguiu um serviço com carteira assinada para carregar eletrodomésticos na Electrolux. Antes disso, acompanhei as diferentes formas que Bruno foi atrás para conseguir o

“*dinheiro da casa*”. No começo, ele ficava *na responsa*<sup>67</sup>, depois comprou uma máquina de tatuar. Tatou Bela, seus irmãos, amigos e conhecidos do bairro, fez alguns bicos esporádicos e quando o dinheiro apertava fazia *alguns rolos* com objetos: vendeu a bicicleta, a *mobilete* e até o celular que tanto usava. Para a felicidade e alívio de Bela e toda a família, Bruno foi contratado em junho, no dia em que eu estava em sua casa e Bela me contou feliz.

Como estava nos últimos meses de gestação, Bela não trabalhava e nem fazia bicos. O único dinheiro que recebia era do PBF, na qual era titular há aproximadamente quatro anos, desde quando estava grávida da segunda filha, a Belly. Quando a situação financeira está muito ruim, ela recorre à irmã que também vive no bairro, como já dito. É interessante pontuar que Bela se refere sempre ao dinheiro do Bolsa Família, cerca de 420 reais mensais, como *o dinheiro das meninas*, ou seja, de suas filhas. Ela diz que somente o utiliza para comprar objetos ou alimentos específicos para elas, como cobertores, calcinhas, sapatos, roupas ou, então, alimentos como Danoninho ou o bolo e o pão do Sebastião (vendedor que passa toda semana de carro no bairro). Existe uma diferenciação nítida entre este dinheiro e o de seu marido e seus usos também são específicos - o que demonstra a existência de circuitos de objetos e dinheiros relativamente autônomos e que contraria a característica da moeda enquanto supostamente homogeneizadora no que diz respeito a práticas de gestão da casa (Motta, 2014, 2015; Zelizer, 2009).

Sobre os usos do dinheiro do PBF, surgem comentários e comparações: por exemplo, quando Bela menciona na entrevista que Fabi, sua cunhada, compra coisas para ela com o benefício do programa, o que não deveria acontecer em sua visão, já que esse dinheiro deve ser utilizado somente com os filhos. A fala de Bela demonstra que o uso do dinheiro também pode envolver obrigações e restrições.

A Fabi também. Se ela for pegar Bolsa Família, deixa de comprar as coisas para as crianças para comprar coisas para ela. Eu não. Eu penso assim, eu pago o pão e o bolo do Sebastião, mas é para elas. Tipo a gente come, mas todos comem, sabe? [...] A Fabi fala que pega o Bolsa Família para pegar coisas para ela, eu já falo: "Eu não". Eu fui na Jéssica da escola... Essas cobertinhas que elas têm, blusa que elas têm, eu pego da Jéssica para pagar tudo com o Bolsa Família. Antes também quando o Bruno estava desempregado, eu tirava para pagar as coisas para elas. O dinheiro não é meu, é delas. Mesmo que esteja o nosso nome, é delas. O que a gente recebe dali? 30 reais cada. O resto não é nosso. Mercado a gente tira assim, eu pego 427, pago o que eu tenho que pagar, a gente vai no mercado, quando eu vou no centro assim, eu sempre pego coisa para elas. Agora o Fabi compra roupa para ela. Eu não, o que é das meninas, é das meninas. A Fabi ontem: "Você faz o que com o Bolsa Família?", eu compro coisas para elas, que nem calcinha tem que comprar todo mês. Eu compro para as três todo

---

<sup>67</sup> Era essa a frase que os meninos utilizavam para se referir a quem estava responsável no momento por vender as drogas. As pessoas que chegavam por ali também perguntavam: “Quem está *na responsa*?”.

mês porque calcinha desgasta, né? [...] A Fabi: "Eu compro as coisas para mim", eu falo que não compro, o dinheiro não é para mim [Bela].

No início de dezembro de 2018, fui ao Abdelnur em um domingo à tarde visitar Maria, Bela e toda a família. Era comum que iniciássemos a conversa contando as novidades, principalmente quando estávamos bastante tempo sem nos ver - o que era o caso neste dia. Não demorou para Bela dizer com a feição triste que Bruno foi mandado embora da Electrolux e, além disso, ela estava com o benefício do PBF bloqueado, pois a carteira de trabalho do Bruno havia sido registrada durante os três meses que ficou na empresa. Em dezembro, então, Bela me contou o quanto estava difícil, pois estavam dependendo somente do benefício do Bolsa Família (quando voltasse a receber), dos bicos que Bruno arruma (cada vez mais difíceis) e de ajudas da família, principalmente de Maria. Naquele momento percebi o quanto a situação financeira havia piorado, o quanto comprar fraldas para seu filho estava cada vez mais difícil. Por mais que Bruno tenha passado boa parte do tempo desempregado, ele *corria atrás* de diversas formas para tentar manter a casa. É perceptível que o fato de Bela contar com ele, diferencia e muito seu cotidiano do de Ana e de Rosa, por exemplo.

Bela também se relacionava muito com as vizinhas, as trocas entre suas casas eram constantes: uma emprestava para a outra os mais variados objetos, elas trocavam alimentos que faltavam, vendiam e compravam coisas, faziam dívidas umas com as outras. Como vimos, ao olhar para o cotidiano da casa de Bela, sobressaem diversos exemplos de trocas de dinheiros, objetos e alimentos.

As trocas de objetos entre as casas de Bela e Ana já aconteceram no passado, contudo hoje em dia elas praticamente não se falam porque, segundo Ana, Bela não lhe pagou um dinheiro que devia e, segundo Bela, Ana lhe cobrou antes do combinado e, devido a isso, não quis lhe pagar. No entanto, como veremos adiante, elas não deixam de se relacionar, pois moram na mesma rua e todos os dias Bela e Laura (filha mais velha de Ana) pegam os mesmos ônibus para levar a buscar as crianças na escola. Quando Ana não está trabalhando, ela também busca os filhos junto com Laura e, inevitavelmente, encontra Bela. Em diversas situações ouvi comentários e fofocas por cada uma delas, como falarei adiante, e elas não deixam de ser formas de circulações entre suas casas. Nesse momento do texto, interessa mostrar sobre o "*dinheiro da casa*" de Ana.

Tanto as narrativas sobre trabalho na entrevista que fiz com Ana quanto a observação de seu cotidiano evidenciam a instabilidade dos empregos formais e informais na sua trajetória.

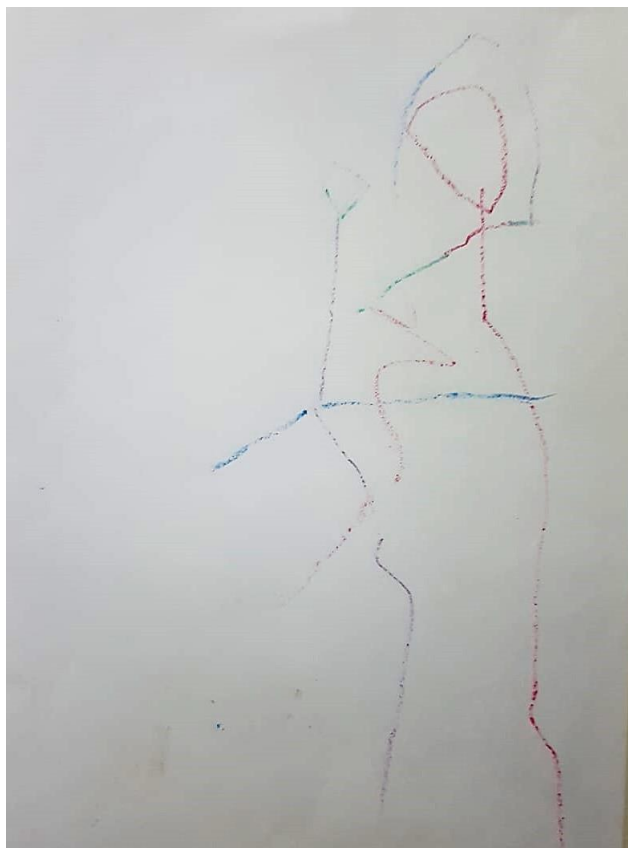
Não só na sua como na de Maurício, pai de seus filhos. Diferentemente da avó e mãe que permaneceram por muitos anos no mesmo trabalho, ela e seu ex-marido percorreram – e ainda percorrem – por diferentes empregos. Ana já foi funcionária de limpeza no SAMU; trabalhou na CooperLimp<sup>68</sup>; com confecção de roupas; em cooperativa de reciclagem e em outras empresas de limpeza. Também fez *bicos* como cuidadora de idosos e de crianças; como auxiliar de cozinha e de enfermagem; como garçoneiro em festas. Trabalhou em pastelaria, bar, salão de beleza. Ademais, já fez salgados fritos para vender no bairro e pensa em retomar porque, segundo ela, “vendia tudo rapidinho”.

Quando a conheci seu benefício do PBF estava cancelado e, então, a única fonte de renda era do *bico* em um salão de beleza. Tendo realizado alguns cursos, ela fazia de tudo: progressiva, escova, chapinha, tintura, pé e mão, sobrancelha... No início de maio o salão fechou e Ana passou a fazer os serviços à domicílio. Quando o contato das clientes era mediado por *sua patroa*, era preciso dividir o valor recebido; quando ela própria arrumava a cliente, ficava com o valor total. No entanto, não demorou a perceber que não compensaria continuar, pois precisava pagar o transporte e, além disso, não tinha os materiais necessários, teria que comprá-los. Acompanhei esse momento em que Ana buscava outra fonte de renda, já que o dinheiro obtido dos *bicos de cabelo* não era suficiente para ela e seus quatro filhos.

Há dez dias que não ia à casa de Ana. No dia 19 de junho, uma terça-feira, fui de fusca para o Abdelnur por volta de duas horas da tarde. Ao passar por sua rua, vi que a porta de sua sala estava aberta e resolvi estacionar. Imediatamente Laura apareceu na janela sorrindo, Lucas e uma menina da mesma idade que eu não conhecia vieram em minha direção. Enquanto pegava minha mochila e fechava o fusca, com seu lindo e grande sorriso no rosto, Lucas disse: “Vamos desenhar!”. Entrei na casa, tirei folhas, lápis de cor e giz de cera para os dois que sentaram no sofá e logo começaram seus rabiscos. Lucas gostava de me pedir que desenhasse algo para ele pintar. Carro e avião eram os seus preferidos para colorir. Já quando ele próprio desenhava, geralmente fazia pessoas, como seus pais e sua irmã. Nesse dia ele desenhou eu e ele:

---

<sup>68</sup> Segundo o site do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI EcoSol-UFSCar), “o grupo surgiu no Jardim Gonzaga em meados de 2010, pela iniciativa de oito mulheres provenientes da extinta cooperativa de prestação de serviços de limpeza, Cooperlimp, também assessorada pelo NuMI EcoSol, mas que por uma decisão judicial, foi obrigada a encerrar suas atividades.” Disponível em: <http://www.numiecosol.ufscar.br/empreendimentos/limpsol>. Último acesso em: 10/8/2018.



Autor: Lucas (2018), 4 anos.

Perguntei à Laura quem era a menina que cuidava, respondeu que estava há quatro dias em sua casa e emendou a fala dizendo que seu pai estava preso, a avó morava na Bahia e a mãe (amiga da Ana) ficava na biqueira. Foi com essas palavras que me respondeu. Fiquei em silêncio, pois não esperava por tal resposta. Olhei para a menina que estava também na sala, próxima a nós, provavelmente ouvindo o que dizíamos. Como fazia dez dias que não os via, Laura foi me contando as novidades. Com um sorriso estampado no rosto, disse que sua mãe provavelmente estava no centro comprando materiais de construção para erguer o muro da casa. Segundo ela, “conseguiu um dinheiro” com seu avô (padrasto de Ana) e finalmente o construiria. Ademais, falou que na sexta-feira foi viajar para Ibitinga com a mãe para comprar (também com o dinheiro que recebeu) cobertores, edredons e cortinas para revender e, dessa forma, obter algum lucro. Enquanto conversávamos, Laura organizava e limpava a casa, jogava *varex* (cloro) direto no chão e passava um pano. Não demorei a ir embora depois de aproximadamente uma hora com eles.

Já era noite quando retornei à casa de Ana no dia seguinte ao relatado acima. Fazia tempo que não nos víamos e ela estava nitidamente feliz. Agradeceu o papel que deixei com as informações da prova do ENCCEJA (Exame Nacional para Certificação de Competências de

Jovens e Adultos)<sup>69</sup> e logo falou que teria uma entrevista de emprego em Araraquara no dia seguinte pela manhã. Como sabia que eu geralmente ia para esta cidade, perguntou como fazia e eu expliquei. Uma empresa terceirizada da UNIMED ligou para ela à tarde e marcou a entrevista para uma vaga com limpeza hospitalar - função que já tinha exercido em experiências anteriores -, por esse motivo estava ansiosa e animada.

Ana seguia na busca constante por outras fontes de renda. Mais para frente quando fui à sua casa, contou-me que não demorou a vender todos os produtos comprados em Ibitinga. Ser comunicativa, simpática, conhecer e conviver com diferentes pessoas são características e fatores que evidentemente ajudam na venda de produtos e, da mesma forma, facilitam a circulação constante de alimentos e objetos entre sua casa e outras. Ver vizinhos próximos doando alimentos e emprestando objetos é algo recorrente. A família recebe alguma ajuda financeira de familiares, principalmente de seu padrasto e da madrinha de Laura, mas não são fixas e nem tão frequentes.

No dia da entrevista, contou-me que, na realidade, o dinheiro utilizado para a construção do muro e para comprar os produtos em Ibitinga provinha da casa vendida de sua avó no Jardim Gonzaga e não da ajuda de seu padrasto – como Laura havia me contado.

Eu estou falando isso para todo mundo porque eu não quero que ninguém fique sabendo da minha vida. A casa lá de cima foi vendida. [I: É verdade, você me falou.] Nós pegamos a metade. Cinco mil reais. Eu comprei as coisas e inventei isso do meu pai, se não... [I: Você vendeu a casa que era da sua mãe, do Gonzaga né?] É. [I: E foi dinheiro para você e para quem mais?] Para as minhas duas tias. Ficou cinco para cada uma, na hora de sair o inventário vai sair mais cinco para cada uma. Nós vendemos por 30 mil, dá 10 mil para cada uma. Agora com a minha casa fechada, quando eu pegar aquele dinheiro, eu quero ver se eu cubro aqui... Eu queria abrir um negócio, sabe? Uma pastelaria. Sempre foi meu sonho, sempre foi meu sonho. Eu queria uma pastelaria com um negócio de açaí, com uns freezers para colocar açaí, sabe? [I: Que legal.] Porque aqui eu fecho a minha casa, entendeu? Eu deixo a porta trancada. Ali eu quero fazer uma “paredinha”. O acesso da minha casa vai ser daqui para lá, entendeu? Vai ser só para o fundo. Aqui na frente eu ia fazer um comércio, fazer dois banheiros lá no canto, dois banheirinhos, encher de mesa e cadeira, por enquanto está no contrapiso.... Você vai ver, eu vou realizar meu sonho. [I: Vai sim.] Porque aqui eu posso trabalhar dentro de casa, com os meus filhos aqui. De final de semana eu mando para a casa do pai. [...] Eu vou abrir o meu negócio [Ana].

---

<sup>69</sup> Como estudou até a sexta série e estava inscrita no exame que ocorreria em agosto de 2018, ela disse que gostaria de se preparar para conseguir a nota mínima - dessa forma teria o certificado do ensino fundamental completo. Havia me pedido ajuda para olhar na internet qual seria o conteúdo da prova. Lembro-me que anotei as informações como o endereço do site, o formato da prova, quantas questões, etc. Conseguir terminar os estudos era um dos sonhos de Ana. Não foram poucas as vezes que conversamos sobre isso. Ela frequentou o EJA por um tempo, levava seus filhos junto, mas não conseguiu dar continuidade. Agora residindo no Abdelnur era ainda mais difícil - dadas as condições já descritas do bairro - teria que pagar ônibus todas as noites para ir e voltar, por exemplo. A aprovação na prova era uma esperança também de conseguir um emprego, cada vez mais difícil com o ensino fundamental incompleto.

É interessante perceber na fala acima que Ana almeja construir um negócio em seu quintal - o que possibilitaria ficar próxima aos seus filhos. Suas estratégias de como ganhar dinheiro, de como empreender envolvem também as responsabilidades relativas às casas e à configuração de casas a qual pertence; nesse caso, Ana pondera a atividade do cuidado com os filhos. Esse é mais um exemplo empírico que evidencia que a esfera econômica não é discreta e isolada de outras como a do cuidado, do afeto, da casa, etc. No cotidiano elas estão emaranhadas. Motta (2015) analisa esse processo de mutabilidade das construções no seu campo em Aliança e afirma:

A mutabilidade das construções é uma das condições que torna possível a combinação tanto simultânea quanto sucessiva de diferentes atividades conectadas a estratégias que envolvem responsabilidades e possibilidades relativas às casas e à configuração de casas à qual a sua pertence, entre as quais, o cuidado das mulheres com os filhos (MOTTA, 2015, p. 453).

Era comum que Ana tivesse novidades relacionadas à trabalho ou dinheiro cada vez que eu ia à sua casa. A frequência que a via era menor quando comparada à Bela e Maria, porque Ana geralmente saía para seguir *na luta* pelo “*dinheiro da casa*”, deste que *corria atrás* praticamente sozinha. Ela cobrava o ex-marido que a ajudasse com as crianças, mas ele encontrava-se desempregado e, ademais, sua relação com ele era difícil, como descreverei mais para frente no texto.

No começo de julho, Ana contou-me que o emprego na UNIMED não havia dado certo, eles não deram retorno. No entanto, para sua tranquilidade o benefício do PBF no valor de 495 reais havia voltado após seis meses sem receber. Ela foi até a Caixa Econômica no fim de junho e conseguiu sacar o dinheiro.

[I: E de benefício social tipo Bolsa Família? Você ainda pega?] Pego. Voltei a pegar, graças a Deus. [I: Você voltou agora esse mês?] É, espero que não cortem, se cortar eu estou “pega”. [I: Você já recebia antes?] Já, sempre recebi, era da minha mãe, na verdade era meu, né? Minha mãe pegava, ela morreu e eu continuei pegando. Quando a Laura nasceu, eu registrei ela, então ficou no meu nome. [I: Então faz muito tempo que você tem.] Muitos anos. Agora eu estou pegando bem, 495 reais. [...] [I: E você recebe mais alguma coisa aqui de benefício?] Não. [I: Cesta básica ou outra coisa? Nunca recebeu? Ou já?] Nunca recebi nada não. É uma coisa só né, esses negócios de benefício. Se eu pegar a cesta, eu não pego o Bolsa Família. Mas eu me viro, “oxi”. Me viro nos trinta Isabela, até eu desacredito em como eu me viro sozinha, cara. Eu não me conformo, tem horas que eu falo “meu Deus”. Sozinha cara, sozinha. Não deixo faltar nada, não deixo a peteca cair, raramente fico sem mistura, raramente, e se não tem mistura, tem uma salada, tem um repolho, tem um tomate, sempre tem alguma



coisa. Nunca fica sem nada. Acaba uma coisa, Deus envia outra. Deus é muito fiel na minha vida, isso eu não posso reclamar. Eu só peço a Deus para ele abrir uma porta de emprego para mim, para eu poder sustentar os meus filhos, sabe? Eu creio que Deus tem o poder de me abençoar, que Deus não deixa faltar nada, mas é bom você trabalhar, você ser independente, eu não aguento mais ficar em casa, eu quero ser independente, eu sempre fui independente, comprar as minhas coisas, pagar as minhas contas. A casa está atrasada, levaram o relógio da água, está tudo no gato, tudo no gato. Tudo. E eu tenho o desejo de colocar as minhas contas em ordem. Sem Bolsa Família, sem ele, ele não me ajuda, o que ele me ajudava você acha que de 400 reais, eu ia tirar 200 reais para pagar de conta? Vou nada, vou comprar as coisas para dentro de casa, são quatro crianças pequenas, não é uma só. Todo mundo fala “Ai, eu tenho dois” e eu falo “você tem dois e com dois você se vira muito bem, agora vai pedir quatro...”. Esses dias eu estava com dois reais, eu pensei: “Vão morrer de fome”. Comprei quatro pães, um pão para cada um. Às vezes eu deixo de comer, eu! Até um leite, hoje mesmo eu falei para a minha vizinha “pelo amor de Deus, me dá um pouquinho de leite?” Porque eu estava com fome e queria tomar alguma coisa. Ela respondeu “tem leite e tem uma bolacha”. Peguei um pouquinho de leite, dei um pouquinho para cada um, que foi o que a Fernanda estava tomando agora. Então sempre é mais eles do que eu, sabe? [Ana]

Ao partir o olhar através da casa de Ana, percebe-se que esta mantém muitas relações cotidianas com outras casas, entre as quais faz trocas, circulam-se objetos e alimentos. Ademais, recorre à ajuda financeira quando a situação *aperta*, seja do ex-marido, do padrasto, da madrinha de Laura, das amigas e vizinhas. Como vimos, as trocas e circulações cotidianas são dinâmicas, estão em movimento, elas permitem que vejamos as relações de interdependência, de afetos e conflitos. Sem essas trocas que fluíam entre a casa de Ana e outras, muito provavelmente sua casa não se sustentaria. Além das trocas de dinheiros, objetos e alimentos, a circulação e o cuidado das crianças é outro elemento significativo que compõem esse arranjo complexo, como veremos no próximo capítulo.

É evidente que o benefício do PBF ajuda - e muito - nas casas de Maria, Fabi, Jéssica, Neide, Bela, Ana, Rosa e de milhares de mulheres brasileiras. Cada uma delas ao seu modo, *correm atrás* das formas possíveis de ganhar dinheiro e de sustentar a casa. O Bolsa Família acaba sendo uma das possibilidades e a depender da situação, ele se torna a única forma possível de obtenção de renda, como é o caso de Rosa que não consegue trabalhar, como veremos agora.

A sala de Rosa tem três sofás e uma estante grande que dá suporte à pequena e antiga televisão - tão importante para ela - que sempre permanecia ligada em algum canal de filmes ou desenhos, com a imagem distorcida. Rosa me apontava e dizia a história dos objetos, todos doados: a geladeira e o fogão foram doados pelos *Vicentinos*; as camas e sofás também conseguiu com a ajuda de conhecidos; a máquina de lavar foi comprada a duras penas. Contou-me que quebraram seu *tanquinho* e precisou comprar a máquina *no nome da avó* e, então, pagava com dificuldade as parcelas mês a mês.

Além da pequena televisão na estante, havia somente um pote de vidro que materializava a pobreza; nele, moedas eram colocadas e rapidamente eram gastas. No interior da casa, não existia bagunça porque a sala não tem nada além dos móveis e dos eletrodomésticos. Não há enfeite, brinquedo, quadro, roupa ou sapato jogado, nada.

Para Marta, vizinha de Rosa, era plausível me apresentá-la porque ela “só depende do Bolsa Família” - como me disse na primeira vez que fui à sua casa. A importância do benefício no cotidiano de Rosa era realmente diferente quando comparado às outras interlocutoras. As impossibilidades de trabalhar e todas as condições já expostas da sua vida faziam com que o sustento de sua casa dependesse quase inteiramente desse dinheiro, um valor de 426 reais. Além dele, Rosa e seus cinco filhos recebiam algumas ajudas.

Sua avó materna dá uma quantia de 250 a 300 reais por mês. Esporadicamente a família ganha cesta básica do padrasto de Rosa que trabalha na prefeitura. Marcus ajuda com algumas comidas para as crianças. Dessa maneira, a circulação de dinheiro, objetos e alimentos entre sua casa, a de sua avó, mãe, padrasto e ex-marido demonstra as interdependências materiais e imateriais, as assimetrias do cuidado ainda existentes e as relações de poder. Por mais que Rosa agora tenha a sua própria casa, por mais que seja distante fisicamente da de seus familiares, ela não é nada autônoma; a casa enquanto um organismo vivo não sobrevive sem as ajudas. Quando comparada às casas de Maria, Bela e Ana, com certeza a sua possui menor autonomia.

Nos processos de vida de Rosa, vimos que quando a situação ficou mais difícil, contou com as redes de casas que possuía, como de vizinhas, conhecidos e familiares. Também era comum que comentasse as ajudas de professoras, diretoras das escolas de seus filhos, do *Salesianos* e dos *Vicentinos*. Embora nessa troca de objetos e alimentos entre a casa de Rosa e outras, a dela recebesse mais do que doasse, observei uma situação em que Marta lhe pediu café durante uma das entrevistas que gravava com Rosa. Ela não havia recebido o café da cesta básica do padrasto, mas tinha grãos de café do ex-marido, como afirma a seguir.

Diz que deu um problema lá, diz que não deu a cesta. Por isso eu falei para Dona Marta que eu não tinha café. Eu tinha o café do meu ex. Eu falei "tem". É que eu não gosto de usar as coisas dele, eu falo que é só para crianças, eu não quero nada dele para mim. Só me dá das crianças só. Porque ele já me humilhou demais. Já me humilhou, de brinde levei uma facada [Rosa].

Em outra fala Rosa relatou que emprestava objetos ou doava à uma vizinha que era sua amiga, mas hoje em dia não conversa mais: “Eu fiquei tão decepcionada. Era minha amiga. Tudo que ela pedia, eu dava para ela... arroz, feijão. Um dia ela pediu um isqueiro para mim,

eu não recusei, mas quando eu soube que ela era assim, meu coração partiu no meio. Que amiga é essa?”.

Apesar de Ana e Rosa morarem próximas uma da outra, elas não mantêm muita relação. A Laura estuda na mesma escola que o Miguel e o Leo, os dois filhos mais novos de Rosa e, então, eles pegam juntos o mesmo ônibus todos os dias pela manhã. Certo dia quando estava conversando com Laura, ela comentou o quanto a situação deles era difícil e que frequentemente pediam comida aos vizinhos. Os comentários a respeito de Rosa e seus filhos giravam em torno disso - eles eram vistos como *coitados*, as pessoas geralmente diziam sentir dó.

A respeito do uso do “*dinheiro da casa*” de Rosa, as despesas fixas atualmente são: parcela da caixa referente à casa, conta de luz, água, IPTU, SKY (internet e televisão). Rosa também paga a parcela da máquina de lavar que é aproximadamente 200 reais por mês. Ela aguarda ansiosamente o mês de maio de 2019, quando pagaria a última. Era comum que dissesse o quanto esse valor pesava, mas que não tinha o que fazer, pois quebraram seu *tanquinho*. É interessante perceber que a todo momento Rosa apresentava justificações do uso do dinheiro, ela parecia estar habituada a explicar-se. Chegou a me contar da vez que assistente social a questionou com o gasto dos canais da SKY, já que recebia tão pouco. Ela se defendeu para mim dizendo que era a única coisa que tinha, a única diversão e distração, o único momento que conseguia juntar seus filhos com ela.

Ao olhar para a casa de Rosa e a partir dela, é notável que as dificuldades aumentam na medida em que esses fluxos entre sua casa e outras vão se fechando. Quanto menores as circulações e as trocas, pior fica a situação de Rosa e de seus cinco filhos. Ao observar um pouco de seu cotidiano, era nítido que possuía menos recursos materiais e simbólicos quando comparada às outras mulheres. Por mais que Ana tivesse uma situação financeira parecida, por exemplo, ela conseguia *correr atrás* de outras fontes de renda, ela mantinha suas redes de casas, conseguia mobilizar diferentes pessoas e, caso necessário, buscava também auxílio estatal. A configuração da casa de Rosa possuía menor dinamismo, as trocas e circulações não são tão frequentes quando comparadas às outras. Suas formas de habitar e de viver parecem mais limitadas ao interior da casa, as janelas que se mantinham fechadas e tampadas com cobertores escuros simbolizam isso.

## CAPÍTULO 5 - CIRCUITOS DE CUIDADO

Ao olhar para as casas de Maria, Bela, Ana e Rosa aos poucos fui me dando conta da centralidade do cuidado em seus cotidianos. Como no capítulo anterior, descrevo situações empíricas de suas casas e outras inter-relacionadas, agora dando enfoque à categoria analítica do cuidado. Este é mais um circuito que constitui (e é constituído por) ao que nomeio aqui como ‘casa de mulher’ em configuração.

Apesar de ser um campo mais consolidado em outros países, sobretudo na França, já existem esforços dentro da sociologia no Brasil para se pensar o trabalho do “*care*”<sup>70</sup>. Vale mencionar de início que este não é um termo homogêneo, sim polissêmico. As autoras Helena Hirata e Nadya Guimarães (2012) nos atentam às similitudes entre as várias situações do “*care*”, mas também a diversidade dos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais em que se realiza o “*care*”. Isto é, existem as diferenças de raça, classe, gênero e etnia, por exemplo, que não devem ser desconsideradas ao analisarmos as práticas do cuidado. Segundo as sociólogas (idem, 2012, p.1), “cuidar do outro, preocupar-se, estar atento às suas necessidades, todos esses diferentes significados, relacionados tanto à atitude quanto à ação, estão presentes na definição do *care*”.

Na introdução do livro, elas chamam atenção para alguns pontos que interessam aqui. O primeiro deles que gostaria de salientar e que não é novidade: são as mulheres as que tradicionalmente são confiadas o encargo do cuidado domiciliar das pessoas idosas, das crianças, dos deficientes e dos doentes. Também não é novidade que recai com maior peso sobre os corpos e subjetividades das mulheres o cuidado com os filhos; a luta para levá-los e buscá-los todos os dias nas escolas e pela permanência deles nos estudos, bem como por mantê-los ‘saudáveis’. No entanto, para as autoras, com as mudanças no decorrer do tempo, as mulheres inseridas no mercado de trabalho encontraram dificuldades para cuidar dos membros da família. Em suas visões, tanto a profissionalização desse tipo de trabalho, quanto a sua remuneração permitem que questionemos o “*care*” como aspecto “natural” ou “inato” das mulheres. O que considero interessante é quando Hirata e Guimarães (2012, p. 2) afirmam que: “Somos todos vulneráveis e somos, portanto, e ao mesmo tempo, provedores e beneficiários de

---

<sup>70</sup> Embora fosse interessante, não trabalharei analiticamente essa categoria tanto quanto que eu gostaria, espero olhar com mais atenção a questão do cuidado em trabalhos futuros. Apesar disso, algumas referências foram fundamentais na escrita deste capítulo sobre os circuitos do cuidado: o livro organizado por Helena Hirata e Nadya Araújo Guimarães (2012) intitulado como “Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care”; o Dossiê Gênero e Cuidado da revista *Cadernos Pagu* (2016); a dissertação e a tese de Fernandes (2011, 2017); o capítulo 4 da tese de Bumachar (2016) e o capítulo 3 da tese de Pierobon (2018).

*care*, ao longo da história de nossas vidas. No entanto, o trabalho do *care*, embora diga respeito a toda a sociedade, tem sido efetuado principalmente pelas mulheres”. Talvez seja possível acrescentar, tal como Pierobon (2018) alerta, a pensar que o cuidado engloba também o cuidado de si.

Outro aspecto que Hirata e Guimarães pontuam é a falta de reconhecimento simbólico e monetário deste trabalho e sua desvalorização na sociedade. Ademais, o quanto são tênues as fronteiras entre o “*care*” remunerado e o não remunerado (o cuidado dos membros da família, por exemplo). Dessa forma, deve-se olhar com atenção para tais fronteiras, já que “o amor, o afeto, as emoções não parecem ser do domínio exclusivo das famílias, do mesmo modo que o cuidado, o fazer, a técnica não parecem ser do domínio exclusivo das ‘cuidadoras’, das ‘acompanhantes’, das ‘auxiliares’ remuneradas” (idem, 2012, p. 3). Como afirmam as autoras, o trabalho do “*care*” é, ao mesmo tempo, emocional, material e técnico. Nesse sentido, é possível questionar por exemplo se Maria - cujo trabalho na república é também o de cuidar do bem-estar (inclusive material) dos *meninos* - é considerada ou não como uma provedora do “*care*”.

Argumento neste capítulo que a partir da análise do cuidado nos cotidianos é possível questionar novamente as supostas esferas separadas, ou seja, as dicotomias tão discutidas nas ciências sociais. O cuidado possui valor analítico porque também permite ver as intersecções entre a vida e a economia e, portanto, permite que se renove o campo de estudos da sociologia econômica.

Na introdução da dissertação, mencionei os autores que partiram de análises das casas para compreender o parentesco. Da mesma forma, através da análise do trabalho do “*care*”, das redes de solidariedade que envolvem o cuidado e das circulações de crianças, é plausível dizer que no cotidiano o idioma do parentesco se reinventa, se atualiza. Ao criar relacionamentos, o cuidado ressignifica o parentesco “*dado*”, ou seja, “o cuidar se constitui como um eixo crucial na transformação das relações” (FERNANDES, 2011, p.27).

Ademais, as mobilidades das crianças nos fazem repensar as ideias de infância (no singular) e de autonomia tal como são idealizadas e como estão apresentadas na chamada perspectiva “moderna”. Também argumento neste capítulo que as crianças no contexto estudado, como no caso de Laura e de Bia, não são apenas as que recebem cuidados, mas também quem atua nos cuidados das casas e das crianças.

## 5.1 Os fluxos de crianças, pessoas e cuidados

Outro conjunto de articulações dentro da casa de Maria e entre sua casa e outras diz respeito às circulações de pessoas e a gestão dos cuidados. É extremamente notória a presença cotidiana de seus filhos, noras, genro e netos em sua casa. O comércio de pipas faz com que pessoas, sobretudo jovens, circulem no quintal, mas não é só o comércio que movimentava o fluxo na casa, as vizinhas cotidianamente entram e saem, ocupam o quintal, a sala e a cozinha.

No interior da casa de Maria era muito comum encontrar a Neide, por exemplo, que mora na casa ao lado. Ela possui duas filhas gêmeas de aproximadamente dez anos de idade que geralmente brincam na calçada com outras crianças que moram por ali e com as netas de Maria. Neide tem ataques epiléticos e suas filhas ou marido geralmente a socorrem, porém fica sozinha durante as tardes nos dias de semana – o que causa grande preocupação em Maria que já precisou ajudá-la e em uma das situações eu estava presente. Nem todos os familiares gostavam da presença constante de Neide em sua casa: era comum que suas netas reclamassem; Bela também a achava *folgada* e se incomodava que pegasse seu bebê no colo sem pedir. Sua presença, portanto, gerava conflitos na família, mas como já mencionado, Maria possui um jeito acolhedor. A Leia, vizinha da frente, seu filho Davi de quatro anos e sua mãe - já senhora - também frequentavam a casa de Maria. Em muitas situações via Davi com Cláudio na calçada ou no quintal e ele também brincava com as meninas, suas netas, quando elas estavam. Depois de seus familiares, eram essas as vizinhas e seus respectivos filhos os que mais circulavam pela casa de Maria, cujo portão geralmente se mantinha aberto.

Como foi mostrado nos processos de vida de Maria, seus enteados Fabi e Fábio desde muito pequenos cresceram sob seus cuidados e de Cláudio. Mais para frente em sua trajetória, suas primeiras netas também viveram na sua casa por anos. É indubitável que questões referentes aos cuidados, seja com os filhos, netos ou pessoas próximas, sejam centrais em seus processos de vida e em seu cotidiano. Diversos exemplos podem ser vistos a partir da casa de Maria, citarei rapidamente alguns.

Por mais que seus filhos sejam todos adultos, a preocupação com eles é constante, e com os netos também. O Rafael, por exemplo, sofreu um acidente de moto no fim de 2017, ficou internado, precisou de pinos nas pernas e nesse tempo que estive lá usava muletas e fazia tratamento com fisioterapia. Quando o conheci estava nesse momento de recuperação, mas Maria me contou do dia do acidente, de seu desespero e de seu medo que acontecesse novamente. Mencionou também o período no hospital e a fase que estava “de cama” em casa.

Aqui, vale mencionar também que acompanhei as discussões a respeito da gestão do cuidado com o marido, Cláudio, e as diversas negociações sobre os cuidados dos netos. Quase sempre essas conversas giravam em torno das mulheres e as cobranças recaíam nelas; era discutido quem ficaria com o Cláudio, as tarefas de *olhá-lo*, ajudá-lo a levantar e sentar, fazer o almoço e janta para ele, deixar a casa em ordem, etc. Por mais que Luciana não trabalhasse e ficasse todo o tempo em casa, com ela não contavam.

Maria também aconselhava e auxiliava suas noras e filhas nos cuidados dos netos: frequentemente ficava com alguma das *meninas* em casa, preparava refeições, dava banhos, trocava de roupas. Era comum ver Bela recorrendo à Maria para saber, por exemplo, o que poderia ou não comer após a cesárea ou enquanto amamentava o bebê recém-nascido, o que dar às crianças quando estavam doentes, etc. Sobre a gestão dos cuidados, ela também se dava muito entre mulheres, exemplo quando presenciei uma conversa sobre quem ficaria com a filha mais nova de Fabi em uma noite. Na sala da casa, gerou-se um conflito porque Maria, Bela e Gabi achavam que Fabi queria sair e, portanto, pretendia deixar a filha com alguém. Como não concordavam que saísse e deixasse as outras meninas sozinhas, elas se recusaram a ficar com a criança e Fabi foi embora brava. E isso teve consequências para Bela que contava com a ajuda de Bia – segunda filha de Fabi – pois, desde o dia que saiu da maternidade, ela a ajudava com os afazeres da casa e com o cuidado com os filhos de Bela. Por ter se recusado a *olhar* a menina mais nova de Fabi, Bia foi embora a pedido da mãe e Bela ficou sem a ajuda da sobrinha.

É interessante observar que Maria realiza atividades domésticas na república que trabalha. Além dos serviços pesados de limpeza, ela cozinha o almoço de todos os dias, organiza e lava as roupas dos *meninos*. Suas tarefas no trabalho se assemelham às atividades domésticas no interior de sua casa. Ademais, é comum que leve os dois cachorros da república para sua casa e cuide deles no período das férias universitárias.

Em suma, Maria é provedora de dinheiros, afetos e cuidados. E como se percebe, o cuidado é mais uma categoria analítica que permite visualizar a configuração de casas: ela exemplifica as relações entre as casas, os laços de cooperação e solidariedade, mas também de moralidades, obrigações e proibições.

Nos processos de vida de Bela, vimos que dedicou boa parte de sua vida aos cuidados da irmã Cris: desde criança se preocupava, frequentemente a levava ao hospital, a protegia. Em seu cotidiano, também é bastante notória a centralidade do cuidado e da maternidade, os exemplos empíricos são muitos. A vizinha mais próxima de Bela tem um filho pequeno, Ícaro, que em abril possuía setes meses. Era muito comum que Verônica o deixasse com Bela enquanto saía ao centro da cidade para comprar algo ou resolver algum problema. Como Bela

o adorava, pegava Ícaro mesmo que Verônica estivesse em casa. Não era só a ele quem *olhava*: em dezembro cheguei a sua casa, por exemplo, e estavam três meninas brincando com suas três filhas. Como elas estavam em período de férias, sua vizinha não tinha onde deixá-las e pediu para Bela *olhá-las* enquanto trabalhava. Ou seja, ao todo sete crianças estavam sob os cuidados de Bela naquela tarde. *Olhar* era o verbo que sempre utilizou para se referir a este momento que ficava com os filhos de outras mulheres, seja recebendo algum dinheiro ou não por isso.

A circulação de crianças em sua casa era constante, sobretudo no quintal. Como ela ainda não possui o tão sonhado e desejado muro, era comum que ficassem diferentes pessoas em frente sua casa, como as vizinhas, as crianças e os conhecidos e amigos de Bruno. Embora estivesse frequentemente rodeada de pessoas, Bela também gostava de ficar sozinha em casa com os filhos, sem ser incomodada. Então a circulação constante de pessoas em frente à sua casa a deixava bastante irritada. Era habitual que reclamasse e discutisse com os vizinhos por motivos diversos, seja porque deixaram alguma sujeira em frente sua casa ou porque pediram algo e não devolveram.

Todos os dias da semana, Bela leva e busca na escola suas duas filhas de 3 e 4 anos de idade, Dani e Belly. Raramente o Bruno ia, mesmo quando Bela estava nos últimos meses da gestação. Ela avaliou como positivo o bebê ter nascido no final de junho, porque não precisou contar com outra pessoa, já que as meninas estavam de férias e quando retornaram às aulas, Bela já estava recuperada para levá-las com o bebê no colo. O ônibus parte do Abdelnur às 12h50 para levá-las e às 16h45 para buscá-las. Este último trajeto geralmente demora mais tempo (aproximadamente uma hora ao todo para ir e voltar). Fiz junto com ela esse caminho algumas vezes, sobretudo quando Bela estava no fim da gestação. Eu de certa forma a ajudava pegando a filha mais nova no colo ou segurando alguma delas durante o trajeto no ônibus, este que passa primeiro na ONG onde Bela não precisa descer; depois vai em direção à escola de Dani e posteriormente segue para a de Belly.

São duas as amigas do ônibus mais próximas de Bela (fora todas as conhecidas), uma delas é mãe da melhor amiga de sala da Belly. Para facilitar, enquanto estava gestante ficou combinado entre elas que Bela não desceria na terceira parada do ônibus, pois sua amiga pegava a Belly na sala de aula. Ademais, já era subentendido entre as mulheres do ônibus que se alguma mãe a perdesse, elas trariam a criança para o Abdelnur e a levariam até sua respectiva casa. Era comum que uma mãe pedisse à outra que pegasse alguma das crianças quando não pudesse ir. É evidente que o ônibus era quase inteiramente composto por mulheres, com exceção de um ou outro homem ou menino que ajudava a mãe e pegava os irmãos. Existiam formas diversas para



gerir a circulação das crianças na ida e volta às escolas - o caso da Patrícia é um deles, mas falarei sobre ela mais adiante.

A maternidade é outra categoria analítica que oferece inteligibilidade ao cotidiano da casa de Bela e de outras inter-relacionadas. Era habitual que eu chegasse ao bairro, me dirigisse à sua casa e ficássemos na calçada conversando com suas vizinhas. As falas permeavam assuntos como: gravidez, cesárea, parto normal, ginecologistas, enfermeiras, postinhos de saúde, hospital, exames, amamentação, leite, peito, dores, pontos e cicatrizes, alimentação, laqueadura e fraldas. As mulheres trocavam experiências e muitos objetos. Aliás, é possível observar todo um circuito de objetos entre as casas que envolvem a maternidade. Bela me mostrava cada presente que ganhava para o bebê que esperava ansiosamente nascer: as roupas e sapatos doados, as mantas que Maria bordou, o carrinho de bebê que arrumou, a banheira, o berço, a cômoda... Verônica, por exemplo, dava as roupas que ficavam pequenas de seu filho Ícaro ao Davi. Acompanhei esses momentos que Bela e Maria articulavam as redes de casas para conseguir os objetos necessários aos bebês (os gêmeos filhos de Fábio e Jéssica também nasceram no mesmo mês que Davi). Bela mobilizava diferentes pessoas, principalmente mulheres. Ela me dizia o que faltava, depois me contava e mostrava o que havia conseguido. Quando o bebê nasceu, ele tinha tudo que era essencial e a maioria das coisas foram fruto dessa articulação entre as casas. Os papéis dentro da casa eram divididos, o Bruno era encarregado de buscar o mais pesado, de desmontar e montar os móveis, de carregá-los até a casa.

Os bebês também circulavam a todo momento pelos colos e casas. Nessa questão, a alteridade entre mim e elas surgia de forma explícita: inúmeras vezes me perguntavam se eu namorava, se era casada, se tinha filhos ou se gostaria de ter. Laura, Bia e outras meninas mais novas, sobretudo, estranhavam que minha idade era tão aproximada à de suas mães e eu não tinha filhos e nem sequer tinha pretensão breve de ter. Elas observavam, estranhavam e achavam graça o quanto eu era sem jeito para pegar os bebês no colo, por exemplo. Bem aos poucos aproximava-me – dentro das possibilidades que me cabiam - desse universo da maternidade, me apropriando dos assuntos e de algumas formas do cuidar como, por exemplo, as diferenças de segurar um bebê recém-nascido e outro com tempo de vida maior que o “pescoço já está mais durinho”, como dar banho, trocar fralda, etc.

No dia que entrevistei Bela em sua casa, Verônica foi até lá, pegou Davi no colo e o levou até sua casa. Ficou com ele por aproximadamente dez minutos, depois retornou dizendo que ele queria mamar. Segundo ela, Davi estava “procurando o peito desesperadamente”. Nesse momento, Bela e Verônica comparam a quantidade de leite de cada uma, conforme o diálogo abaixo:

Bela: você não tem, eu tenho...

Verônica: como que eu não tenho?

Bela: tem bastante? Vai esguichar assim? Ele gosta...

Verônica: Eu não vou dar do meu para ele porque na hora que começa a encher, filha. Tenho medo dele afogar.

Bela: Ah, e aqui então?

Verônica: Com o meu, saí não sei, menina. Saía um tanto... e esse aqui, ó. Só se eu der para mamar para ele nesse aqui, nesse aqui sai pouquinho, nesse sai muito, muito mesmo.

Bela: O meu ele esguicha assim, ele fica "oooh", se afogando [risadas]. É, e quando sai pouco assim ele começa a chorar.

[Bela e Verônica]

Como Bela queria fazer a laqueadura (procedimento de esterilização feminina) no mesmo momento da cesárea, ela precisou *correr atrás* da única ginecologista que, segundo ela, aceitava fazer. Para tanto, foi ao postinho de saúde diversas vezes, passou por consultas, conversou com enfermeiras, fez exames e *correu atrás* do documento escrito da médica que formalizava os dois procedimentos. Bela me disse que sua gravidez era considerada de risco por ser a quarta cesárea e por ter pressão alta. Durante esse período, as cirurgias foram remarcadas pelo menos duas vezes, o que a deixava cada dia mais ansiosa e apreensiva. Finalmente ela conseguiu o *papel da laqueadura* e no final de junho teve seu quarto filho e realizou a esterilização sem maiores problemas.

Quando Davi nasceu, Maria me atualizava a cada novidade e me enviava fotos pelo *whatsapp*. No dia seguinte, fui até a maternidade e os visitei. Chegando lá, fiquei impressionada que Bela veio caminhando para me receber na porta que dava acesso aos corredores do quarto. Ela e o Davi estavam ótimos e logo tiveram alta do hospital.

É interessante observar a gestão dos cuidados como, por exemplo, a negociação para decidir quem ficaria com Bela no quarto da maternidade e quem a ajudaria nos próximos dias. Como Maria, Gabi e Bruno trabalhavam na época, foi Luciana quem dormiu no hospital e Fabi ajudou no transporte com seu carro e na faxina que fez na casa de Bela. Todos da família ajudaram um pouco, porém Bia, sua sobrinha de dez anos, passou quase duas semanas dormindo na casa de Bela, dando auxílio nos afazeres da casa e nos cuidados de seus filhos.

Todas essas formas de administrar os cuidados eram negociadas no cotidiano e durante essas negociações ocorriam conflitos na família. Como se percebe, o cuidado e a maternidade oferecem inteligibilidade às práticas sociais do cotidiano da casa de Bela e de outras inter-relacionadas a ela. Ao captar esses circuitos de pessoas, crianças, bebês, cuidados e

maternidades vemos que as casas só existem em relação, numa configuração. E as formas de habitar a vida são constituídas por essas relações dentro das casas e entre elas.

O cotidiano de Ana e de sua filha Laura também trazem muitos elementos para pensarmos na gestão dos cuidados e nos circuitos entre as casas de mulheres em configuração. Nesse momento do texto, detenho o olhar para elas e, também, para Patrícia. Como já relatado, no dia que a conheci, Ana me disse que recebeu o benefício do PBF por muito tempo, mas naquele momento estava cancelado pelo motivo de, segundo ela, “falta de filho na escola, né?”. Na entrevista, por sua vez, falou que o cancelamento ocorreu por não ter pesado as crianças.

Pelo que já observei no cadastro único e nas conversas que tive com a Flávia e Daniela (funcionárias da Prefeitura) são muito raros os casos de cancelamento pela condicionalidade da saúde. Provavelmente o cancelamento do benefício de Ana estava relacionado à questão de falta escolar de seus filhos. Ao acompanhar seu cotidiano, observei que vez ou outra as crianças faltavam e Ana não conseguia controlar isso sozinha, até porque passava horas fora de casa fazendo *bicos*. Sem esse dinheiro do PBF, nos quatro meses que frequentei sua casa era perceptível que se virou para encontrar outras fontes de renda para sustentar a casa.

Dadas as condições já expostas do bairro (não ter escola e creche por exemplo) e por trabalhar a tarde no salão de beleza, naquele momento Ana não conseguia levar e buscar os três filhos menores na escola - quem a ajuda com isso é sua filha Laura de dez anos. Lembro-me que quando tocamos nesse assunto, Ana logo disse que conhecia “todo mundo”, tanto do Conselho Tutelar, como da assistência social, pois já foram na sua casa mais de uma vez. Segundo ela, a solução que encontrou foi essa: sua filha a ajudava.

Nessa conversa inicial que tivemos, Ana me apresentava a situação dos transportes escolares, quais ônibus iam em quais escolas, em quais horários, em quais itinerários. Também disse que eu poderia conversar com a sua filha Laura quando quisesse e que Patrícia - conhecida por levar e buscar muitas crianças nas creches, *parquinhos* e escolas – talvez pudesse me ajudar. Explicou-me onde era sua casa, apenas duas ruas para trás e, então, segui para a rua de Patrícia naquele mesmo dia, uma vez que estava curiosa para conhecê-la. Não foi fácil encontrar a casa porque na mesma rua moravam três mulheres com o mesmo nome.

Parei uma moça na rua e perguntei se ela conhecia a Patrícia. “Olha, eu estou indo para casa de uma amiga que se chama Patrícia, não sei se é ela que você está procurando.” Não era, expliquei que era a que levava e buscava as crianças na escola e logo entendeu que não era sua amiga. Perguntei a outras pessoas que estavam na rua se elas conheciam. “Ah, mas que Patrícia?”, a própria moça que fez essa pergunta também tinha o mesmo nome. Eu expliquei: “A Patrícia que leva e busca as crianças na escola”. Então é ali, aquela que mora ali. Agradei e fui em direção à casa, esta que não tinha muro, mas alguns paletes faziam um protótipo de muro que não me permitia

entrar no quintal e tocar a campainha. De fora conseguia ver na lateral da casa pelo menos três mulheres e algumas crianças. Gritei: “Patrícia!”. Ela saiu, eu me apresentei e comecei a explicar a pesquisa. Parecia ter muita criança na casa, duas ou três saíram e vieram até nós. Patrícia me explicou que cobra R\$ 50 por mês por cada criança, mas se além de levar também cuidar e olhar o filho meio período é R\$ 100. [...] A Patrícia também terceiriza. O dinheiro que ela recebe, paga um pouco às irmãs, ela falou: “Eu acerto um pouco com as minhas irmãs”. Às vezes a irmã fica olhando as crianças enquanto ela vai buscar os outros, então não vai só para ela os R\$ 100 [diário de campo, ditado ao gravador, 15/5/2018].

Patrícia também me explicou dos ônibus e escolas e disse para eu acompanhá-la, que conhecia todos os motoristas e podia me apresentar. Já estava quase no horário do próximo, mas por estar cansada combinei de ir na próxima quinta-feira. Apesar de estar extremamente entusiasmada, não foi simples conhecer e conversar com Patrícia. Primeiro porque nesse momento o cansaço já me atingia, havia passado mais de duas horas embaixo do sol forte, fazia grande esforço para assimilar tudo que dizia. Além disso, tive dificuldade em compreender suas falas, talvez por seu sotaque carregado. Ademais, a lateral da casa de Patrícia, o quintal, a calçada, tudo estava tomado de mulheres e crianças que a solicitavam. Algumas olhavam-me curiosas. Ela parecia tímida ou, talvez, estivesse distraída. Apesar disso tudo, ainda conseguimos conversar sobre alguns assuntos em pé na calçada de sua casa. Essa foi a única vez que nós conversamos sobre sua vida. Patrícia tem um filho, e disse que havia se separado há menos de um mês. Ao reparar que o vidro da janela de sua casa estava quebrado, logo remeti ao que Lara havia me contado horas antes.

Quando falamos sobre a questão de briga no bairro, se tinha bastante, ela falou “ih, tem bastante, teve esses dias mesmo, o homem quebrou a janela da mulher aqui na rua de atrás”. Quando eu cheguei na casa da Patrícia, vi que tinham umas janelas quebradas e eu fiquei me perguntando se tal fato tinha ocorrido na casa dela. Quando eu perguntei para Patrícia se ela era casada, disse que era há nove anos, “eu me separei agora, menos de um mês... quatro finais de semana, algo assim.” Perguntei: “Por que você se separou?” e ela respondeu: “Ele começou a me bater aí me separei. Começou a cismar com traição. Então está bom, pode ir.” Eles se separaram, só que eu não sei, ela não me contou mais nada. Eu não sei se é o caso da janela ou não [diário de campo, ditado ao gravador, 15/5/2018].

Esse foi mais um motivo que dificultou nossa conversa, eu também estava pensativa e distante. Quando vi um rapaz dentro de sua casa, senti um desconforto e decidi me sentar do outro lado da calçada, próxima a duas mulheres e uma criança que conversavam. Uma delas era a outra Patrícia, aquela que me apontou a casa logo que cheguei na rua. Falei meu nome rapidamente, peguei um pacote de bolachas dentro da mochila, abri e ofereci; elas negaram e eu comecei a comer, pois sentia fome. Logo em seguida elas continuaram falando e, aos poucos,

entrei na conversa, junto com Patrícia que se aproximou. Ficamos na rua conversando por cerca de quarenta minutos até dar o horário de buscar as crianças, às 16h45. Conforme vai se aproximando desse horário, as mulheres começam a seguir em direção ao ponto que o ônibus passa. Além da Patrícia, conheci sua irmã e sua amiga - as duas a ajudam nessa função de levar e trazer as crianças. Fui caminhando junto com elas em direção ao ponto. Reparei que o celular dela não parava, até recebeu um áudio dizendo: “Patrícia, pega meu filho?” e ela respondeu que sim. Quando cheguei no ponto, avistei Bela de longe e me dirigi a ela, nos cumprimentamos e conversamos rapidamente, porque o ônibus chegou. Fui para o outro ponto aguardar o ônibus que iria ao centro da cidade.

Ao olhar para a casa de Ana, aos poucos fui compreendendo a gestão dos cuidados. O cotidiano de seus filhos para ir e voltar às escolas e creches era frequentemente negociado, mas seguiu certos padrões durante os últimos meses. Às sete da manhã, o Ismael e a Laura caminhavam uma quadra até o ponto na avenida principal onde passa o ônibus para suas respectivas escolas: EMEB Arthur Natalino Deriggi e EMEB Afonso Fiocca Vitali (conhecida como CAIC). O Ismael está no primeiro ano do ensino fundamental e Laura, no quinto. Quando a aula termina, ele segue direto com outro transporte escolar da escola Deriggi para a ONG Nave Sal da Terra, local em que participa de projeto e passa a tarde; já Laura retorna para casa por volta de 12h15.

Em outro ponto também na avenida, duas quadras distante da casa, passa o ônibus que Ana leva sua filha mais nova, a Fernanda. Tal transporte faz o seguinte itinerário: primeiro vai ao bairro e pega as mães e crianças às 7h05; segue para a Casa da Infância Estrela da Manhã e aguarda as mães deixarem seus filhos e retornarem ao ônibus. Dessa forma segue sucessivamente para a Escola Espírita Anália Franco e, por fim, para a CEMEI Maria Consuelo Brandão Tolentino<sup>71</sup>. Todas essas escolas ficam no bairro Antenor Garcia e atendem em período integral. Ana deixa a Fernanda na última creche e imediatamente retorna para casa porque Lucas fica sozinho dormindo. Esse trajeto demora no máximo trinta minutos para ir e voltar.

Ana espera Laura retornar da escola para poder sair. Como fica em casa de manhã com seu filho Lucas, durante as tardes geralmente consegue resolver burocracias, procurar empregos, fazer *bicos*; enfim, *correr atrás*. Laura chega, deixa suas coisas, prepara o irmão Lucas e os dois saem para pegar o outro ônibus que passa às 12h50 em direção à ONG Nave Sal da Terra no bairro Jardim Zavaglia, depois segue para a CEMEI Maria Consuelo Brandão Tolentino no Antenor Garcia e, por fim, para a CEMEI Enedina M. Blanco no bairro Cidade

---

<sup>71</sup> Mapa 8 na seção 3.1 - O Residencial Eduardo Abdelnur.

Aracy II<sup>72</sup>. Lucas estuda na última, conhecida como Casa Azul. Esse ônibus é o mesmo que Bela pega para levar suas filhas, este costuma ser mais cheio e demora mais que o outro que leva Fernanda à creche. Em no máximo uma hora Laura retorna novamente para casa. Era geralmente nesse horário que eu chegava no Abdelnur: entre uma e duas horas da tarde. Em algumas situações, Laura estava sozinha; em outras, Ana se arrumava para trabalhar ou, então, não havia saído por não ter arrumado serviço.

No dia 8 de maio, desci do ônibus e segui caminhando sem rumo. Conseguia avistar de longe um grupo grande de meninos na frente da casa da Bela e Verônica. O porta-malas aberto tocando um funk alto e a fumaça indicava que possivelmente acontecia um churrasco. Resolvi não ir até lá e fui direto para a casa de Ana. Toquei a campainha e ela me convidou para entrar, essa foi a primeira vez que fui à sua casa. Laura também estava e sabia quem eu era, pois tínhamos nos visto duas vezes: no dia em que conheci Ana e quando fui a primeira vez no ônibus com a Patrícia. Quando cheguei, elas tiraram o colchão da sala e tudo que estivesse no caminho. Sentei-me no sofá e conversamos por aproximadamente uma hora até que Ana falou: “Isabela, desculpa, eu vou tomar banho, mas pode ficar aí”. Precisava sair antes das 16 horas porque faria *um cabelo* na casa de uma conhecida. Laura me fez companhia, nós falamos sobre quais escolas cada um de seus irmãos estudava, conversamos sobre o bairro, os ônibus, horários, trajetos... ela sabia tudo. Enquanto isso, Ana tomava banho, se arrumava, passava maquiagem, penteava o cabelo e conversava conosco. Então nos despedimos quase na hora do ônibus que Laura pega para buscar a Fernanda – o mesmo que Ana vai todos os dias às sete da manhã.

Já nesse momento, surgia a inquietação que me acompanhou por algum tempo sobre a minha relação com a Laura, especialmente por ela ser uma criança de dez anos. Era inevitável: como conviveria com a Ana sem me relacionar com a sua filha que está a todo momento ali? Eu a encontrava mesmo quando ia em outras casas ou no ônibus quando acompanhava outras mães. Ademais, era comum tocar a campainha, Laura abrir e sua mãe não estar e, dessa forma, eu me pegava no dilema de entrar ou não. No entanto, sentia que ambas faziam questão; tanto a Laura que se sentia mais segura com alguma companhia, quanto a sua mãe que sempre permitiu e incentivou que eu ficasse com ela e que a acompanhasse no ônibus para buscar as crianças.

No tempo que Laura está em casa à tarde (entre o retorno do ônibus que leva Lucas até o outro que busca Fernanda), prepara o almoço se já não estiver pronto, come, limpa e organiza a casa quando necessário. Antes cochilava, até o dia que perdeu a hora para buscar sua irmã e

---

<sup>72</sup> Mapa 9 na seção 3.1 - O Residencial Eduardo Abdelnur.

ficou com medo de acontecer novamente. Além de ter perdido a hora, me contou outro fato que ocorreu quando estava sozinha em casa nesse horário e que a deixou com muito medo. Falarei sobre isso nas considerações finais do texto.

Antes de sair, Ana perguntou se eu não queria ir junto com sua filha buscar a Fernanda. Quase 16 horas fomos, então, para o ponto e fizemos o trajeto que Ana percorre todos os dias de manhã e Laura, à tarde. Conteí apenas sete mulheres dentro do ônibus que pareciam se conhecer, pois todas cumprimentavam-se. Eu sentia olhares curiosos, provavelmente por ser a única desconhecida ali. Pelo caminho o motorista parou e pegou mais duas ou três mães.

Descemos do ônibus na última creche e caminhamos até a porta da sala de Fernanda que assistia na TV algum desenho, junto com outras crianças dentro da sala. A professora a chamou e ela veio sorrindo, era a primeira vez que a conheci. Antes de sairmos da escola, Laura colocou um casaco nela, já que estava um vento gelado. Subimos novamente no ônibus, eu permaneci em pé no corredor, ao lado de Fernanda que se levantava no banco. Eu a segurava, pois não tinha cinto, ela me olhava e sorria a todo momento. Laura se sentou no banco da frente, apoiou a cabeça e fechou os olhos, parecia bem cansada. Descemos no primeiro ponto do Abdelnur, logo que viramos a rua de Ana avistamos Lara conversando com uma moça em frente à sua casa. Nos cumprimentamos e Laura perguntou: “Posso deixar a Fernanda com você?”. Lara respondeu que sim, Laura entrou na casa e a deixou na sala.

Seguimos caminhando rapidamente até a casa de Ana. Lá dentro, Laura começou a arrumar uma mochila com as coisas do seu irmão Ismael e me disse que tentaria deixá-lo com o pai naquela tarde. Eu não compreendi como faria isso, mas depois entenderia. Quis deixá-la sozinha, já que fazia tudo com pressa e eu ali poderia atrapalhar. Despedi-me e segui caminhando pela rua até que encontrei Marta. Nos cumprimentamos, perguntei como estava e, então, contou que havia transferido sua filha Gabi, de 15 anos, da escola Militão Lima para o Gabriel Felix - muito mais próxima ao bairro. Dessa forma, demorava menos no trajeto já que não precisaria mais pegar dois ônibus. “Você foi na Rosa, Isabela?” perguntou-me em seguida. Disse que não e ela respondeu já se direcionando à sua porta: “Vamos lá!”.

Faltava apenas dez minutos para passar o outro transporte escolar que Laura busca seus irmãos. Pensava em ir junto novamente, dessa forma também encontraria Bela e Patrícia. Marta chamou a Rosa que abriu a porta de sua casa para nós. Na sala também estava seu filho mais velho, o João. Eles tentavam ligar do celular para a SKY, porque a conta veio 140 reais e, segundo ela, era para vir 117. “Eu não tenho dinheiro para pagar, estou preocupada de vir novamente esse valor. Estou ligando lá só que ninguém atende”. Rosa aguardava na ligação por algum tempo. Ela pedia nossa ajuda para tentar falar mais rápido na SKY. Em seguida Marta

saiu e eu fiquei ali sem saber o que fazer. Acompanhada de Karina, Laura passou correndo e me perguntou se não iria no ônibus. Falei para Rosa que precisava ir e não conseguiria ajudá-la, mas que naquela semana ainda voltaria em sua casa.

Caminhei em passos rápidos para o ponto. O ônibus já estava lá às 16h50, muito mais cheio que o anterior. Todos os acentos estavam ocupados, em sua grande maioria por mulheres. Dois meninos novos (de cerca de 10 anos) frequentemente iam e um ou outro homem adulto também, acompanhado ou não da companheira. A primeira parada era na ONG que abria o portão às 17 horas. Formava uma fila de pessoas que aguardava para entrar e buscar seus filhos. Patrícia e Bela já haviam me falado da seguinte lógica: mesmo que outros responsáveis chegassem antes e estivessem aguardando o horário para abrir o portão - seja da ONG, das creches ou *escolinhas* -, quando as mães do Abdelnur desciam do ônibus, o portão era aberto preferencialmente para elas. Isso já estava de certa forma regulado: eram os responsáveis do Abdelnur quem entravam primeiro e pegavam seus filhos e, dessa forma, não atrasava o ônibus. Pelo que ouvi, elas tomaram a iniciativa e negociaram com os diretores das escolas.

Fiquei próxima de Laura e Karina e descemos juntas nas escolas. Cumprimentei Patrícia que foi simpática e falou “hoje eu tenho quatro crianças para pegar”. Sua irmã respondeu: “Eu tenho dez, me ajuda a não esquecer ninguém!”. Estranhei porque não vi Bela no ônibus. Na primeira parada, Laura buscou seu irmão Ismael e mais duas crianças que também leva e traz todos os dias para o Abdelnur. Os pais deles os pegam na casa de Ana quando retornam do trabalho e Laura recebe certa quantia por isso, mas não é algo fixo<sup>73</sup>. Ao chegar na porta da sala do Ismael, escutei a professora alertar com tom de voz e feição irritada que algum responsável dele precisava ir urgentemente até a escola, pois mais uma vez bateu nos colegas da ONG. Laura, nitidamente sem graça, respondeu: “Tudo bem, vou avisar”.

O movimento de saída dos alunos é intenso nesse momento: Ismael, as duas crianças, Karina e Laura correram até o ônibus. Eu fui caminhando e observando. Laura está sempre preocupada e atenta atrás deles todos. Era na segunda parada, ou seja, na creche Maria Consuelo localizada no bairro Antenor Garcia que Laura encontraria o pai e, se possível, deixaria Ismael com ele. Era essa sua intenção, já que “estava muito arteiro” e lhe dava trabalho. Quando o ônibus parou, disse a ele que estava com uma cara emburrada: “Pega suas coisas, pega sua mochila que você vai com o pai hoje”. Ela desceu junto com Karina para tentar achar o pai na rua, mas não o encontrou e subiram no ônibus. Então ouvi a Patrícia lhe dar uma bronca: “Por que você está descendo do ônibus?”. Laura respondeu brava: “A minha mãe falou para eu deixar

---

<sup>73</sup> Certa vez presenciei o pai de uma dessas crianças dar vinte reais para ela.



o Ismael com meu pai!” Ela desceu novamente, procurou o pai e dessa vez o encontrou. Ele veio até a porta e imediatamente o Ismael começou a chorar.

Foi uma das únicas vezes que o vi: negro, magro, estava de óculos de sol e camisa do time do São Paulo. Dava broncas no Ismael que, no fim, não foi para a casa do pai. O momento para decidir era muito rápido, pois o ônibus já estava saindo para a próxima escola. Ele subiu chorando e Laura me falou: “Ele não quis ir porque o meu pai bate nele, mas meu pai na verdade já bateu, de qualquer jeito”. Era muito comum ouvir reclamações da Laura e Ana sobre ele, que é *terrível, arteiro*, fica muito na rua e que a escola tem reclamado. Laura também disse a seguinte frase:

Você vai ver, se você chegar comigo no Abdelnur, vai ver que ele vai sair correndo, ele fica na rua e não tem o que eu faça. No sábado eu saí rapidinho de casa, ele saiu correndo 9:30 da manhã e só foi voltar às 19h da noite para casa, eu fiquei desesperada, procurei em todos os amigos, eu não sei para onde ele vai e a gente tem medo dele ficar na rua e acontecer alguma coisa, Conselho Tutelar, essas coisas [Laura. Diário de campo, ditado ao gravador, 8/5/2018].

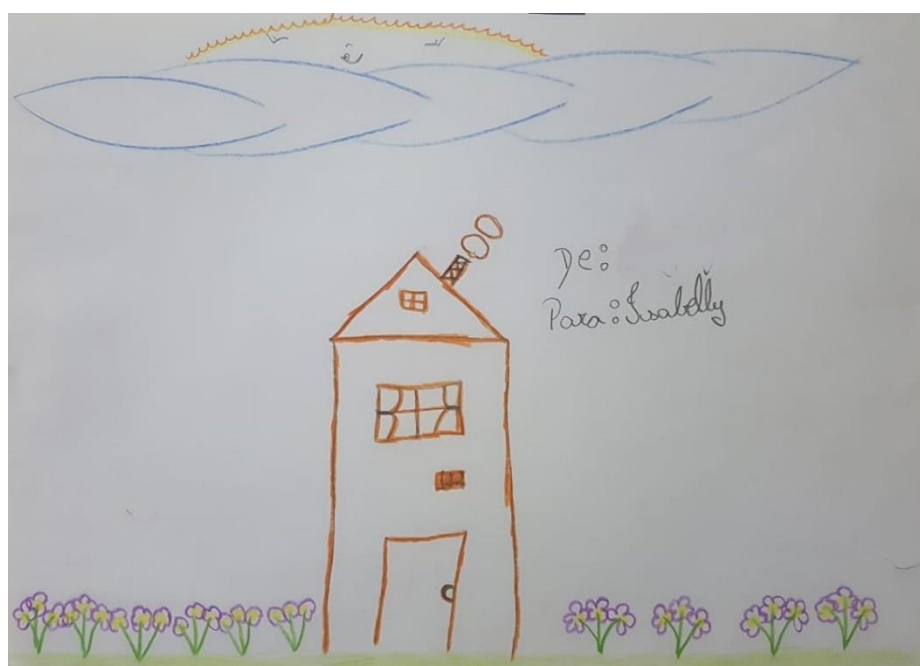
Ainda no caminho, perguntei à Laura quantos anos seu pai tinha e ela respondeu ter 30. Em seguida, elas me perguntaram: “Quantos anos você tem? 18?” Eu dei risada e respondi: “Não, eu sou muito mais velha”. Elas me olharam curiosas e disseram: “Sério? quantos anos você tem?” Quando respondi que tinha 26, ficaram muito surpresas. Laura perguntou e ela própria respondeu antes que eu dissesse: “Quantos anos você acha que a minha mãe tem? Ela tem 27”. Era minha vez de ficar surpresa. Karina disse: “Minha mãe tem 35, não parece, né?!”.

Por fim, o ônibus parou na última creche: a Casa Azul, onde Lucas e Belly (filha da Bela) estudavam. Antes de descermos, Laura disse ao Ismael e às duas crianças: “Fiquem nesse ônibus!” Lá dentro, encontrei a amiga da Bela que buscava sua filha Raíssa e, excepcionalmente neste dia buscou também a Belly. Ela não sabia se tinha acontecido algo com a Bela, ficamos preocupadas porque estava nas últimas semanas da gestação. Neste dia, ela havia dormido sem querer e perdeu a hora do ônibus.

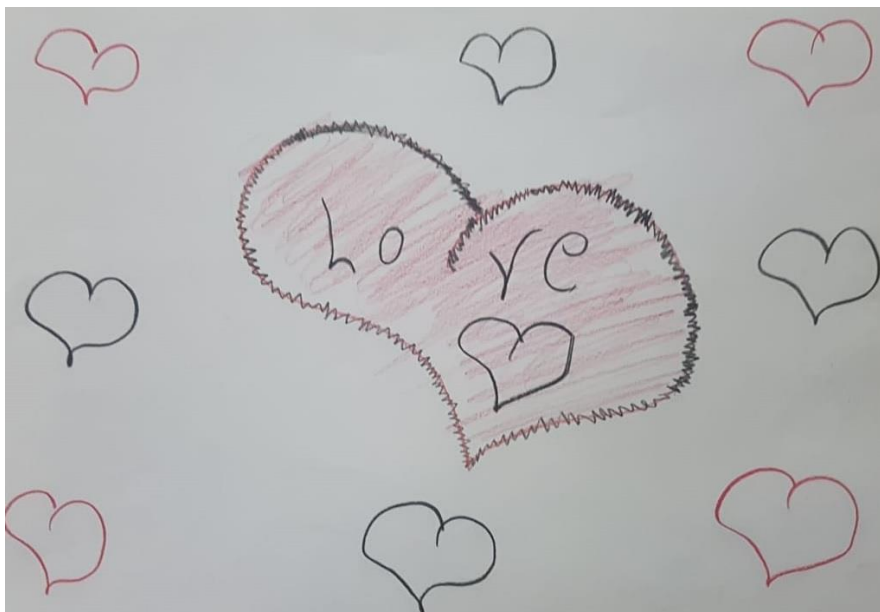
Depois de ir até a sala de Lucas, Laura retornou ao ônibus e Ismael já não estava onde ela pediu que estivesse. Ele já estava a caminho do ônibus novo. Karina foi chamar as duas outras crianças enquanto eu, Laura, Lucas e Ismael fomos nos sentando. No dia anterior a este relatado, a prefeitura havia colocado mais um veículo nesse horário, dada a quantidade de pessoas que lotavam o ônibus. Na semana anterior, quando fiz este mesmo trajeto com a Patrícia, não havia ainda o ônibus a mais, então pude perceber a diferença. Antes não cabiam todos os adultos e crianças sentados. Então, algumas crianças iam sentadas e as mães em pé;

outras os colocavam nos colos; havia, ainda alguns sentados no chão. O barulho dentro dele era muito alto.

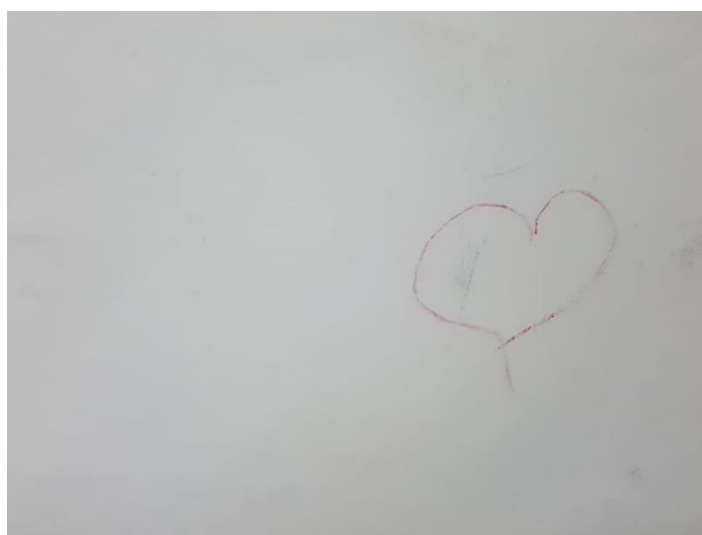
Então, por volta de seis da tarde, Laura retorna com seus irmãos - Ismael e Lucas - e com duas crianças; pega a Fernanda em uma das vizinhas, volta para casa e aguarda sua mãe chegar. Fiz esse trajeto com ela algumas vezes e pude perceber como era seu cotidiano. Frequentemente me dizia de sua vontade de passear; então, no dia 6 de julho combinei com a Ana e encontrei sua filha no ponto de ônibus no centro da cidade. Primeiro passeamos por lá, depois a levei na UFSCar (mostrei o departamento de sociologia, as salas que estudava, o lago, a biblioteca e o restaurante universitário). Era interessante perceber nossas alteridades. Após sairmos da UFSCar, almoçamos em minha casa e Laura estranhava a comida, como o feijão branco. Da mesma forma que eu estranhava os almoços que ela preparava em sua cozinha. Também observou e não lhe fazia sentido o fato de ter tantas caveiras enfeitando nossa sala. Seguimos para uma sorveteria e ao anoitecer a levei novamente para o ponto de ônibus. Abaixo seguem dois dos desenhos que ela me presenteou e um de sua irmã mais nova, Fernanda, de dois anos.



Autora: Laura, filha de Ana, 10 anos (2018).



Autora: Laura, filha de Ana, 10 anos (2018).



Autora: Fernanda, filha de Ana, 2 anos (2018).

No dia 10 de julho quando dava tchau à Bela, segui para Ana por volta de nove horas da noite, pois queria me despedir e entregar uns pacotinhos de bala que havia comprado para Laura e seus irmãos. Gritei seu nome e aguardei alguns minutos até que Laura respondesse. Foi a primeira vez que vi o portão e o muro erguido e pintado de azul. Um vão entre eles permitia-me olhar para dentro do quintal. Conseguia ver Laura com rosto de sono; ela procurou a chave e não a encontrou, disse que sua mãe havia saído e provavelmente a levou. Pedi desculpas pela hora, falei que não precisava abrir, apenas gostaria de dar tchau, pois viajaria na manhã seguinte e ficaria cerca de um mês fora. Passei, então, as balas por cima do portão e fui para casa.

Como se observa, não só o cotidiano de Ana como também o de Laura são repletos de tarefas que envolvem toda uma gestão cotidiana do cuidado, do levar e buscar os filhos (ou irmãos) nas escolas, do cozinhar, ir ao mercado, limpar e organizar a casa, lavar roupas, etc. As atividades que envolvem a gestão da casa também ficam sob responsabilidade de Laura, sobretudo quando Ana está fora. Durante as tardes, é comum encontrá-la fazendo coisas diversas: brinca com suas amigas na rua, conversa com as vizinhas, vai até algum comércio do bairro e vai e volta até o ponto de ônibus.

A circulação de crianças entre as casas de Ana e de suas vizinhas é constante. Para facilitar, Laura por exemplo deixa sua irmã mais nova de dois anos com alguma delas enquanto vai buscar os outros irmãos de quatro e seis anos. Depois ela pega a irmã, retorna para casa e fica até aproximadamente 18 horas *olhando* outras duas crianças enquanto os pais não chegam do trabalho. Laura a todo momento olha o relógio na parede da sala e organiza seu tempo pelos horários dos ônibus. Existe uma administração do tempo e dos fluxos que são negociadas cotidianamente. Há um esquadramento da vida de Ana e de Laura baseado nas tarefas domésticas e nos cuidados das crianças.

A Laura e a Patrícia recebem dinheiro dos pais das crianças por levar e buscar na escola ou por cuidar delas enquanto estes trabalham. Esse exemplo empírico é mais um que demonstra que no cotidiano a esfera econômica se emaranha na esfera do cuidado, da vida, da casa. Ou seja, as diferentes esferas coexistem no cotidiano. Ademais, demonstra que o cuidado não se realiza somente no espaço interior da casa, mas também entre as casas em configuração.

Não só o caso de Laura, como também o de Bia (neta de Maria, sobrinha de Bela) são emblemáticos para pensarmos na questão da infância<sup>74</sup>. Não trabalharei essa categoria em detalhes, mas vale mencionar rapidamente a ideia principal do campo da sociologia da infância. Na oposição à concepção dela como um simples objeto passivo de uma socialização regida por instituições que vão surgir as primeiras sementes desse campo - este que hoje já está de certa forma consolidado. Através de uma releitura crítica, a criança passa a ser considerada enquanto ator, como agente. O historiador Ariès foi o primeiro que adotou a perspectiva da infância como uma construção social, que se modifica conforme o tempo e o espaço. O que significa dizer que há variação da infância ao longo da história e da cultura; ademais, a vivência das crianças é

---

<sup>74</sup> Nomes como Clarice Cohn e Cláudia Fonseca são importantes no campo da antropologia da infância. O livro "História Social da Criança e da Família" de 1973 do historiador Phillipe Ariès é um marco no campo da história da infância. Manuel Jacinto Sarmiento e Anete Abramowicz são outras referências importantes do campo da sociologia da infância.

múltipla, não unívoca; no cotidiano existem infâncias no plural, não apenas ‘uma’ normalizadora e ideal.

Para finalizar a discussão deste capítulo, trato do cotidiano da casa de Rosa. É fato que ela circula pouco pelas ruas e por outros espaços fora de sua casa, o que é justificado por diferentes fatores já expostos. A distância do bairro e a falta de dinheiro para pagar dois ônibus é um deles. No entanto, sua casa não é uma entidade isolada, pois seus filhos circulam cotidianamente, as vizinhas mais próximas vão até sua casa e outras pessoas também, como assistentes sociais, psicólogas, conselheiras tutelares, professores, *os Vicentinos* e *o Salesianos*.

Embora a distância do Abdelnur até o bairro Cidade Aracy tenha dificultado as trocas cotidianas entre a casa de Rosa e a de seus familiares, ela segue vinculada tanto à de sua mãe como à de sua avó - quem lhe criou e dedicou cuidados por anos. Essa ligação não se dá somente pelo dinheiro, objetos e alimentos que circulam, como também pelas relações de cuidado que se estabelecem entre elas. Como afirma Araujo Silva (2017, p.86), “a mudança física de casa não necessariamente promoveria uma alteração na configuração, se os laços entre as casas permanecessem os mesmos”. Dessa maneira, a casa de Rosa permanece em uma configuração com outras.

Como vimos no capítulo dois, os processos de vida de Rosa são repletos de menções aos seus cinco filhos. Enquanto conversávamos, as diversas memórias do passado são reconstruídas no presente e fazem referência aos cuidados dedicados a eles: desde os períodos de gestação, os partos, nascimentos, diversas internações, cirurgias, acidentes, doenças, etc. Seu cotidiano praticamente imerso dentro de casa é organizado pelas atividades domésticas e pelos horários que os meninos vão e voltam da escola e do projeto (como se refere ao *Salesianos*). Há toda uma gestão cotidiana dos cuidados, dos tempos e dos fluxos.

A rotina da casa nos dias de semana é a seguinte: por volta de seis horas da manhã Rosa os acorda, prepara o café enquanto cada um deles entra no banho e a mãe fica em função das demandas dos filhos até partirem. Os três filhos mais velhos estudam atualmente na escola Jardim Zavaglia. Pedro vai para a escola a pé e volta para casa para almoçar. À tarde vai e volta do *Salesianos* de ônibus. O Bruno vai de manhã para o *Salesianos* e parte direto para a escola Jardim Zavaglia à tarde, depois volta a pé sozinho por volta de 18h30. O Miguel e Leo estudam no colégio Afonso Fiocca (CAIC) de manhã, pegam o ônibus às sete horas, voltam para almoçar e à tarde também vão e voltam para o *Salesianos* de ônibus.

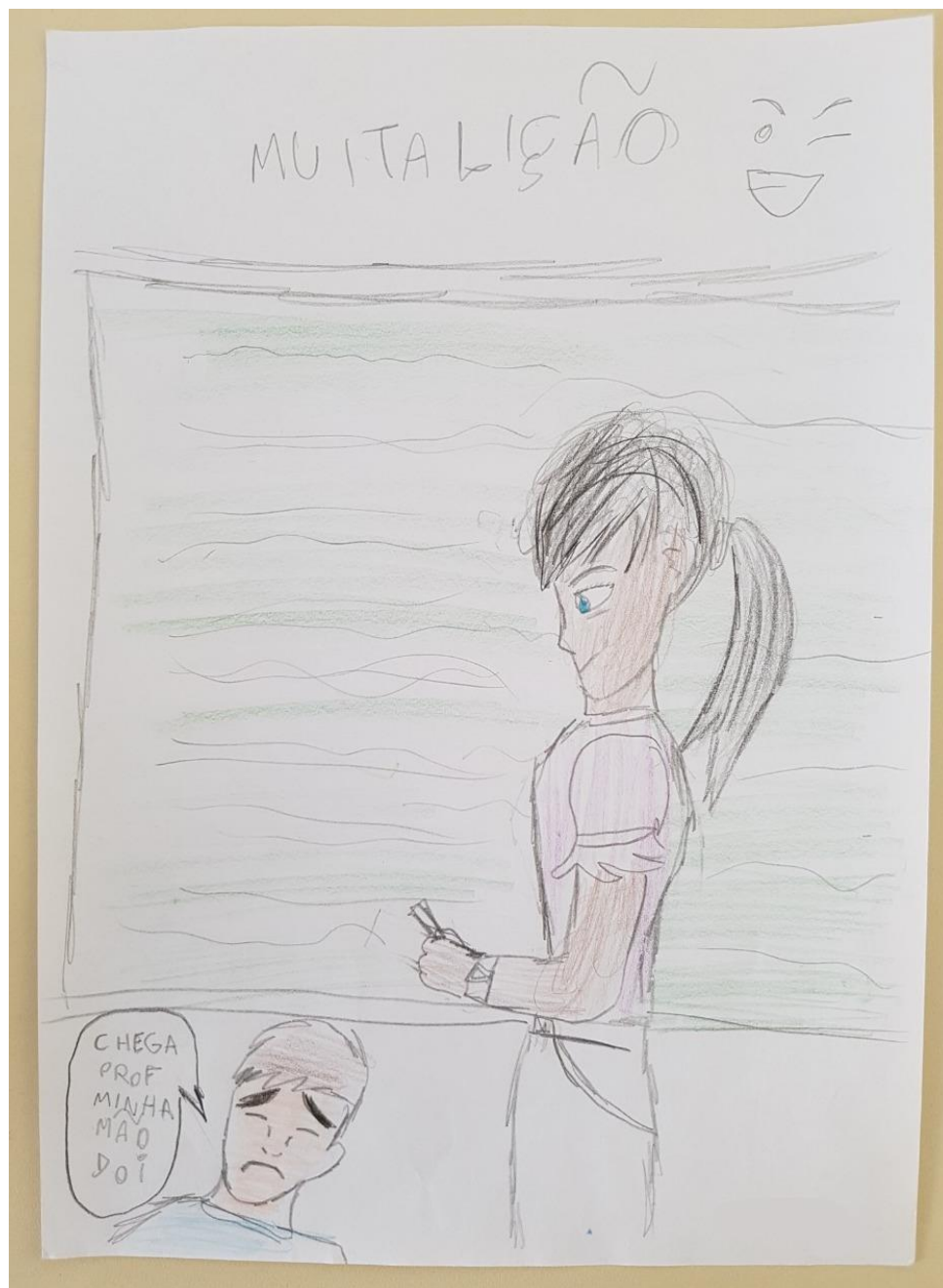
Um dos filhos gêmeos, o João, mora atualmente com o pai, mas no período que frequentei a casa ele estava na mãe por tempo indeterminado. Todos os filhos (exceto João) participam de projetos no *Salesianos* em períodos complementares aos horários das aulas

regulares. Ela dizia que João não ia para o *Salesianos* porque “ele era mais solto, quer ficar mais à vontade”. Em vários momentos Rosa comentou o quanto era difícil ficar longe do filho, pois sentia muita falta e, também, o quanto estava difícil de convencê-lo a ir às aulas. Rosa o transferiu para a escola mais próxima ao Abdelnur e o tirou do Cadastro Único com medo de perder o benefício do Bolsa Família pelas faltas constantes do filho, o que fez com que seu benefício diminuísse de valor. Como dependia muito desse dinheiro, Rosa tinha medo de perdê-lo e fazia o possível para que nenhum dos filhos faltasse nas escolas. Mas nem sempre era fácil, pois cotidianamente precisava negociar com cada um deles.

Quando deixava folhas sulfites em sua casa, Rosa me pedia para mencionar alguns temas para que eles desenhassem e, em um dos dias, citei escola. O resultado está abaixo:



Autor: Miguel, filho de Rosa, 11 anos (2018).

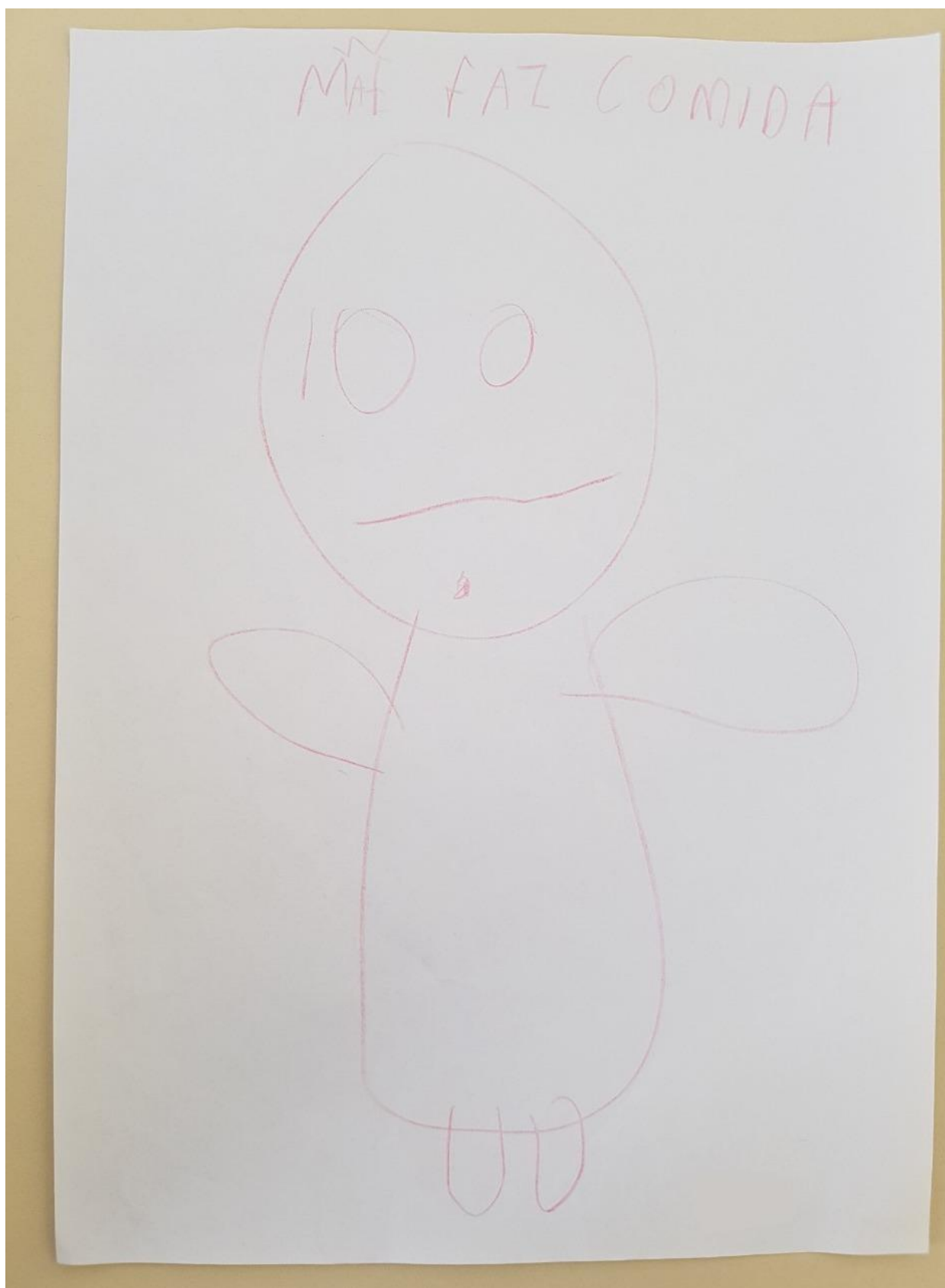


Autor: Bruno, filho de Rosa, 12 anos (2018).

Quando se mudou para o bairro em 2016, os meninos estudavam em escolas no bairro Cidade Aracy e a prefeitura ainda não disponibilizava os ônibus para levá-los. Diante dessa situação, Rosa contou-me histórias do período difícil em que acordavam na madrugada e caminhavam quilômetros no frio ou na chuva logo cedo. Ela aguardava o horário de saída das escolas na casa de sua mãe enquanto a ajudava com a limpeza; depois retornavam caminhando ao bairro e chegavam só à noite em casa.

Nas entrevistas que gravamos, o verbo ‘cuidar’ apareceu inúmeras vezes, além de todas as falas que fazem referência às práticas e atos do cuidado. Rosa colocava seus “filhos sempre em primeiro lugar” e dizia muito, por exemplo, sobre o temperamento de cada um. O Pedro, um dos gêmeos, era considerado por ela o *homem da casa*, porque a ajuda com as atividades domésticas. Segundo Rosa, ele é o mais responsável dos irmãos, limpa a casa, estuda e é *nerd*. O outro gêmeo João, por sua vez, “é mais solto”, “não quer saber de estudar”, Rosa o chama de seu *pititico*. O terceiro filho, Bruno, “tem o gênio forte”, é seu *conselheiro*, isto é, dá conselhos e a escuta. Suas paixões são os jogos no computador, desenhar e o Goku do Dragon Ball. Rosa falava menos de Miguel, seu quarto filho, segundo ela, dava-lhe menos trabalhos, é carinhoso e brincalhão. Esses dois irmãos não se dão bem porque, segundo Rosa, Bruno acha que Miguel “tem um jeito de gay”. Ela se preocupa em deixá-los sozinhos, pois tem medo de Miguel fazer algo com o irmão. O último filho é considerado o seu *xodó*, o *caçulinha*, ele quem fez o desenho abaixo escrito: “Mãe faz comida”.





Autor: Leo, filho de Rosa, 7 anos (2018)

Já o desenho a seguir foi feito por Bruno e é interessante observar a feição do Miguel, à esquerda, com uma nota na mão. Além disso, chama atenção o fato dele se desenhar próximo à Rosa e com a mão dela em sua cabeça.



Autor: Bruno, filho de Rosa, 12 anos (2018).

\*

O tempo emerge como questão importante. É fato que os cotidianos das casas de Maria, Bela, Ana e Rosa nos mostram que são as mulheres as que estão mais associadas às tarefas domésticas e aos cuidados das crianças. Igualmente é notório que o tempo que elas estão comprometidas com todas essas atividades descritas são desiguais ao tempo que os homens se

empenham. Isso implica no aspecto “da mobilidade das mulheres frente à garantia e ao alargamento do *tempo individual*” (FERNANDES, 2011, p.119). Ou seja, no cotidiano ocorrem experiências distintas entre homens e mulheres com o tempo dedicado aos cuidados das casas e das crianças: o tempo, portanto, é generificado.

É o elemento tempo que aparece nas narrativas como a parte desigual no tocante ao gênero. O tempo parece figurar como a marca fundamental da assimetria de gênero nos cuidados. As narrativas acionam a temporalidade feminina como sendo definitivamente mais marcada e comprometida com os cuidados. E este é o grande — “prejuízo” das mulheres; a forma assimétrica que estas se engajam nos cuidados das crianças em relação aos homens (FERNANDES, 2011, p. 118).

O tempo dedicado às tarefas domésticas (que engloba os cuidados) é muitas vezes obscurecido e contrastado com outras tarefas consideradas de fato como trabalho. Atribui-se socialmente que as primeiras se passam ‘dentro’ da casa, elas geralmente não são reconhecidas e são pouco legitimadas; enquanto as últimas frequentemente são atividades exercidas ‘fora’ da casa, possuem maior visibilidade e maior legitimidade (FERNANDES, 2011). Rosa cita diversas situações em que pessoas a questionam por não trabalhar e ela própria se culpa; as atividades domésticas não são valorizadas por ela tanto quanto outras que são remuneradas e, portanto, não são consideradas trabalho.

Nesta dissertação, fiz o esforço de não partir das divisões estanques para compreender o mundo social; por outro lado, pretendi des-reificar e des-naturalizar cada uma das esferas que compõem as divisões e, dessa forma, romper com elas. A configuração de casa nos permite compreender os fenômenos sociais por uma ótica relacional. A estratégia de não partir das antinomias possibilita que se veja a complexidade da vida cotidiana. É fato que os tempos dedicados ao cuidado entre homens e mulheres são desiguais, como já mencionado. Mas não se trata de reificar aqui os papéis de gênero, sim enxergá-los de forma relacional, pois o gênero se atualiza incessantemente e diferentes sentidos são atribuídos no cotidiano.

Como Fernandes (2011) aponta, em um terreno eminentemente feminino, é preciso atentar-se também para o cuidado dos homens, ao encontro das masculinidades com as crianças. A separação de Bela e David transformou a rotina do cuidado, alterou o gênero do cuidado, pois foi ele quem ficou com a filha May. Cláudio, marido de Maria, passa horas com seu vizinho de quatro anos e com suas netas. Bruno, marido de Bela, estava encantado com o primeiro filho homem e, também, dedicava horas de seu dia a ele. O pai também era evocado positivamente no sentido da autoridade com as filhas: Bela as ameaçava quando não obedeciam, dizendo que

chamaria Bruno. Por mais que os tempos dedicados aos cuidados não sejam iguais, a presença do Bruno no cotidiano de Bela faz uma diferença enorme, principalmente quando comparamos com os cotidianos de Ana e Rosa.

De forma relacional, o homem também está sujeito às críticas coletivas; a distância e a ausência do pai são lembradas e cobradas, mas são mais plausíveis nos imaginários e mais toleradas. Por mais que existam expectativas, moralidades e estigmas para os homens e mulheres que se afastam do cuidado, o imaginário coletivo é fortemente impactado quando são as mulheres (sobretudo mães) que se distanciam dos filhos. Segundo Fernandes (2011, p.102) “quando mulheres se afastam dos cuidados, um campo de ideias ora tendenciosas, ora especulativas se aglomera”.

Os casos de Fabi (filha de Maria, cunhada de Bela) e da Ana representam formas como mulheres mobilizam forças para sair do lugar ‘natural’ atribuído aos cuidados e às mulheres quando, por exemplo, deixam seus filhos e saem com as amigas. Seus atos podem ser pensados como gestos de ruptura nos padrões de cuidados hegemônicos que associam mulheres às obrigações com as crianças. No entanto, seus atos são moralizados, culpabilizados por outros e até por elas próprias, “vemos de que modo a moralidade relativa à mulher que se afasta dos cuidados de uma criança se atualiza nos julgamentos das redes expectadoras e participantes da trama” (FERNANDES, 2011, p. 101). Bela, por exemplo, julga as formas que Fabi e Ana cuidam de seus filhos ao me dizer em tom de reprovação que Fabi sai, bebe e deixa as meninas em casa ou com alguém. Da mesma forma, comenta que Ana deixa seus filhos muito sozinhos, além de dizer que Laura tem que fazer todas as tarefas domésticas da casa, tem que buscar os irmãos, etc. Esses exemplos demonstram que o gênero é situacionalmente produzido e se faz na alteridade. Como afirma Feltran (2017), o cotidiano é decisivo na objetificação das categorias, vistas como intervalos de sentido – sempre situados e construídos mutuamente - delineados pelas fronteiras do plausível.

## **CAPÍTULO 6 - CIRCUITOS DE VIOLÊNCIA**

Este último capítulo apresenta outro fio que tece a dissertação. A intenção aqui não é de classificar o que é violência. Através das descrições, pretende-se mostrar como as violências fazem parte das vidas ordinárias, como habitam o dia a dia de Maria, Bela, Ana e Rosa. Ademais, como as memórias passadas de violência estão enredadas nas experiências do presente e nos cotidianos; e como elas têm duração em seus corpos e subjetividades. A partir disso, tento descrever, então, como as mulheres lidam com as violências, como as contornam, com quem contam ou deixam de contar e qual rede acionam. Nas próximas seções, não será só uma forma de violência que aparecerá nas vidas ordinárias, mas sim diversas modalidades de seu uso - desde pequenas e mais habituais como discussões com as vizinhas, violências de estado e do tráfico até estupros do pai contra a filha criança no interior da casa.

Argumento neste capítulo que os circuitos de conflitos e violências: são mais um dos eixos de sentido pelos quais Maria, Bela, Ana e Rosa se movem; dão inteligibilidade às formas pelas quais elas reabitam o mundo; exemplificam as práticas sociais que constituem (e são constituídas pelas) ‘casas de mulheres’ em configuração. Até a banca de qualificação, a violência não era um tema que eu pretendia trabalhar. Porém, com os comentários e posteriormente quando analisei novamente o material empírico, surpreendia-me o quanto a violência está arraigada à vida social e o quanto ela é generificada.

É importante que se diga que a violência não é dada, obviamente que não é algo natural aos indivíduos da pesquisa. Ademais, não procuro assumir uma perspectiva que foca na vitimização das mulheres; por outro lado, faço reflexões acerca das condições de exposição a violência a que estão submetidas, colocando em evidência a posição ativa de suas decisões e suas próprias formas de refletir sobre as situações. Como agentes sociais, elas agem reflexivamente frente aos desafios da vida, frente aos eventos extraordinários que embebem o ordinário. Dessa forma, elas reabitam cotidianamente os mundos possíveis de serem vividos.

### **6.1 As circulações de conflitos e violências**

Ao nos despedirmos de Bela, de suas filhas e de sua vizinha Verônica no primeiro dia que as conheci, eu e Maria seguimos para sua casa conversando. Neste breve caminho de volta, Maria me contou duas situações de abuso sexual que ocorreram no ano passado com a sua neta

mais velha, a Grazi, quando tinha onze anos de idade. O primeiro foi pelo padrasto que está foragido e o segundo pelo próprio pai que foi preso. Segundo ela, na época que aconteceu a primeira vez, sua neta estava “estranha, mudando muito”. Elas desconfiaram até o momento que Fabi viu seu ex-marido, padrasto de Grazi, abusando de sua filha mais velha na sala de sua casa. Fabi pegou as quatro filhas e foi direto com seu carro para a casa da Maria que já morava no Abdelnur. Durante esse tempo ele fugiu.

No fim do ano passado, Fabi voltou com o seu primeiro marido - pai das duas primeiras filhas - que foi morar com elas em sua casa. Aconteceu novamente, mas dessa vez Grazi fugiu, ligou para polícia que prendeu o próprio pai. Maria me contou tudo isso enquanto caminhávamos até sua casa. Minha única reação foi perguntar como sua neta estava. Ela respondeu: “Ah, agora está bem, foi duas vezes em um psicólogo”. Logo chegamos à sua casa, alguns familiares ali estavam e, então, encerramos o assunto.

Retornei ao Abdelnur dois dias depois à tarde. Desci do ônibus e fui direto para a casa da Neide, vizinha de Maria que já estava avisada que eu iria. Logo que cheguei, toquei a campainha, aguardei alguns minutos e ninguém apareceu até que o Rafael e a Mari - filho e neta mais nova de Maria – saíram do portão da casa ao lado. Nos cumprimentamos, perguntei a ele se sabia de Neide e respondeu: “Ela as vezes não escuta a campainha”, então gritou o nome da vizinha que logo apareceu na janela e saiu no quintal. Apresentei-me, porém ela não me entendia e nem eu a ela, pois Neide tinha problemas de audição e de fala. Ao observar essa cena, Rafael chamou sua irmã Fabi para nos ajudar, ela rapidamente apareceu e nos convidou para entrar.

Enquanto Maria trabalhava, Fabi estava ali para cuidar de seu pai que caiu e abriu a cabeça. Ficamos sentadas no quintal por algum tempo até que Neide foi para sua casa e eu e Fabi seguimos conversando por mais de uma hora. Como sua mãe havia lhe contado, ela sabia de minha pesquisa sobre o Bolsa Família e a conversa acabou se iniciando por esse assunto. Fabi me disse que era beneficiária, depois mencionou que não recebia pensão, até que chegou ao assunto das violências sexuais contra sua filha mais velha praticadas pelos ex-maridos. Contou-me em detalhes. Segundo ela, Grazi já havia falado sobre os abusos do padrasto e Fabi não acreditava, até que viu a cena e imediatamente pegou as quatro filhas, foi para a casa de Maria e por lá ficou por duas semanas, pois estava com medo dele voltar. Também disse que recorreu à justiça e aos *irmãos* do PCC, mas ninguém o encontrou até hoje. Decidiu, então, voltar com o primeiro marido por achar que com o próprio pai isso não aconteceria novamente, porém há quatro meses Grazi saiu de casa, ligou para a polícia que prendeu o próprio pai. Quando perguntei a ela como estava com tudo isso, respondeu-me que hoje em dia tem muita

dificuldade em confiar, que não consegue mais *colocar homem dentro de casa*. Falamos de outros assuntos por cerca de uma hora e meia até que resolvi ir embora, pois estava preocupada em atrapalhá-la.

Segui caminhando pelo bairro até a casa de Denise – uma das mulheres que entrevistei durante minha monografia há mais de um ano. Bati em sua porta e por sorte foi ela quem abriu, perguntei se lembrava de mim e ela, então, respondeu: “Sim, assistente social”. Reiterei que não era assistente social, mas acredito que nesse caso minha imagem também era atribuída dessa forma porque Denise me conheceu na SMCAS. Ela me convidou para entrar e sua filha adolescente, Mariele, logo apareceu curiosa para ver quem era.

Eu entrei na garagem, logo a Mariele veio. Eu me assustei, a Mariele está completamente diferente. Ela está com cabelo curtinho, um corte assim mais curto embaixo e em cima mais jogado com um topete. Está com piercing no nariz, dois no nariz, na boca... E muitas tatuagens. Ela estava com um shortinho bem curto e uma blusa sem sutiã preta. Eu fiquei assustada porque ela realmente mudou bastante. [...] A Denise disse: “Eu não recebo mais Bolsa Família”. Eu: “Por que?”. Ela: “Ah, essa aqui desistiu da escola”. Logo a Mariele fez um barulho com a boca, um rosto de tédio e saiu andando de perto da gente. Eu continuei conversando com a Denise, ela disse que estava trabalhando, que conseguiu emprego. Ela disse: “Nossa, quando você veio aqui a situação estava muito ruim, agora melhorou”. Eu falei: “Sério?” Ela: “Ah, eu separei, melhorou, arrumei um emprego. Fábio está estudando lá na escola que eu estou trabalhando”. Ela está trabalhando lá em um colégio particular na parte de limpeza e o filho está estudando lá. A única coisa que ela tem que pagar é lanche para ele que sai caro e a van escolar. Ela disse que melhorou um pouco a situação porque ela agora tem um salário, conseguiu comprar um carro... [diário de campo, ditado ao gravador]

Segundo Denise, na adolescência Mariele começou a mudar seu comportamento, passou a não querer ir à escola, ficava somente no quarto, chegou a cortar os braços até que finalmente contou à mãe que seu padrasto a abusava desde criança. Com isso, Denise se separou, o denunciou e procurou atendimentos psicológicos públicos à filha. Também nessa época, como Mariele faltava às aulas, Denise se preocupou com o benefício do Bolsa Família, foi até o cadastro e nós nos conhecemos. Mais para frente a entrevistei duas vezes em sua casa no Abdelnur. Neste dia em abril de 2018, ela me contava as mudanças em sua vida e de sua filha, como a reprovação no nono ano, o abandono da escola e a homossexualidade. Nós passamos a maior parte do tempo sentadas na calçada em frente sua casa, Mariele se aproximou e ficou conosco, elas fumavam cigarro enquanto conversávamos. Logo outra moradora amiga de Denise também sentou e depois mais uma vizinha entrou na conversa, quando o assunto da violência foi mencionado mais uma vez.

Começou um papo sobre violência doméstica, sobre os homens dali que batem. A Marisa [uma das moradoras do bairro] disse: “Ah, isso sempre fez parte da minha vida, meu avô batia na minha avó, meu pai batia na minha mãe e eu nunca quis isso para mim”. [...] Começaram esses assuntos de bater, de homem, foi pesado, elas contaram umas histórias pesadas de padrasto pegando coisas para bater. A Denise falou que uma vez viu o padrasto quase matando a mãe dela, ela e a irmã conseguiram jogar um sofá nele, parece que ele desmaiou, elas fugiram. Começaram a falar disso, a Denise falou: “Essa moça grávida que estava aqui, esses dias estava brigando com o marido bem feio, ficaram nos tapas, ele bateu nela e ela grávida”. A Marisa falou para mim assim: “Ah, isso está rolando muito aqui, né? A Bela mesmo”. Eu perguntei: “A Bela do Bruno?”. Ela: “É. Ah, mas essa também apronta, viu, ela deve ter feito alguma coisa.” Eu não disse nada, até porque foi muito rápido eu fiquei meio assustada com o negócio de ser o Bruno, né. Fiquei quieta e aí a gente continuou conversando até a hora que deu o meu horário do ônibus para voltar e eu voltei [diário de campo, ditado ao gravador].

Em suma, estes foram o primeiro e o segundo dia de “campo” no Abdelnur. No domingo após voltar para casa e ouvir de Maria sobre sua neta, precisei de algumas horas para conseguir gravar o primeiro áudio. Cheguei, conversei com uma das amigas que mora comigo e chorei. É fato que essas histórias atravessam nossos corpos e subjetividades de forma desigual, mas não deixam de atravessar. Na quinta-feira, terceiro dia, retornei ao Abdelnur e fui direto para a casa de Bela. Passamos a tarde juntas até dar o horário do ônibus que busca suas duas filhas no fim da tarde, depois fui à casa de Maria conforme relato a seguir. Antes de chegar envie uma mensagem para ela:

“Maria, você está em casa?” e ela não respondeu. Resolvi ir até a casa dela mesmo assim. O que eu acho que eu não deveria ter feito, mas fui. Cheguei lá, eu achei que ela estava com um rosto estranho, parecia não estar muito feliz em me receber. [...] A Maria estava em casa com a neta, uma das netas filha da Fabi, a segunda mais velha de dez anos. Estava a nora, a Maria e o marido no quarto. Eu entrei, sentei-me e ficamos conversando. Vi que ela estava aflita porque ela ficava ligando para os filhos e ninguém atendia, ela queria que trouxessem pão. Eu sentei-me na cadeira, percebi que ela estava inquieta. A gente começou a conversar sobre a Neide, a vizinha. Ela perguntou: “Você chegou a conhecer a Neide?” Eu disse que sim e então começou a falar: “Coitada, ela precisa de ajuda, de alguma coisa”. Nós ficamos conversando disso, das convulsões. De repente a Neide aparece. A Maria: “Olha, falando dela”. Percebi que a Neide estava diferente. A nora da Maria estava sentada no sofá mais perto da porta e a Neide começou a bater no ombro dela, na hora a Luciana falou: “Para de me bater Neide!”, Maria disse: “Ela está passando mal!”. Logo Neide desmaiou e nós ficamos nervosas, todas ficamos nervosas tentando ajudar. Maria pegou o vinagre na geladeira. Quando ela desmaia, o vinagre ajuda a acordar. Ela acordou e nós a colocamos no sofá. Ela foi acordando. Logo depois ela começou a chorar e começou a ter convulsão, logo depois. A gente sem saber o que fazer, a Luciana perguntou: “Cadê as filhas dela?” e Maria respondeu: “Elas estão chegando, chegam 17 horas”. A Bia saiu para ver se achava as filhas, eu também saí junto, fomos até a casa dela para ver se tinha alguém, a porta tinha ficado aberta. Ou seja, a Neide foi até a casa da Maria sentindo que estava passando mal e deu tempo de buscar ajuda. A gente estava lá e ajudou. Maria disse que geralmente quando tem uma convulsão



tem mais de uma, não deu outra: passou mal de novo, teve convulsão de novo. Neide começou a chorar, a gente a segurou no sofá para não cair novamente. Até que as filhas dela chegaram, uma delas veio, ficou do lado dela, pegou os remédios. Ela tomou os remédios. Enfim, aquilo começou a virar um caos. Eu fiquei um pouco assustada. O marido da Maria começou a gritar do quarto. Eu acho que ele não sabia que eu estava lá, acho que estava nervoso com a nora porque ela ficou rindo, falando “nossa, ela começou a me bater, não gosto que me bata”. O Cláudio começou a falar alto do quarto: “Se ficar muita gente em cima da Neide vai ser pior, é por isso que ela passa mal”. Começou a ser grosso. A Maria foi até o quarto falar para ele parar de gritar. E ele respondia: “Ah, você está se achando, *está pagando sapo*, o que você está falando?” A Maria só falava para ele parar, ela estava muito sem graça comigo. Eu percebi que era comigo. Eu não sabia o que fazer. Fui lá fora, voltei, ajudei a levantar ela também. Até um momento que ele foi extremamente grosso com a Maria e ela ficou muito sem graça. Ele falou alguma coisa do tipo: “Até a hora que eu te dar um soco no olho!” Eu ouvi aquilo, fiquei muito mexida, não sabia o que fazer. Foi terrível. Ela ficou muito sem graça e ainda estava preocupada em fazer café para mim. Eu falei: “Maria, para com isso!” Ela ainda fez café para mim, depois disso tudo. A Neide estava mal, dava para ver que não estava entendendo as coisas direito. Uma hora ela falou: “Ele está bravo comigo? Por causa de mim?” Ela estava achando que o marido da Maria estava bravo por causa dela. A Maria: “Não, não está”. Depois chegaram os filhos, o Rafael e a Gabi, ela era a filha de Maria que eu ainda não conhecia. [...] O pai quis levantar, ninguém ajudou. Eu vi que ele estava andando torto, não sei se ele tinha bebido. Sentou-se lá fora, depois ele foi grosso novamente com a Maria. O Rafael ia ajudar e falou: “Ah, então também não vou te ajudar, você está sendo ignorante, fica aí sendo ignorante!” Ficou bravo com o pai. Tudo isso acontecendo, eu vi que eles estavam preocupados comigo. O Rafael perguntou para mim: “Você está assustada? Ficou assustada?” Ele perguntou isso por causa das convulsões da Neide. A Maria falando do pão, que eles não trouxeram o pão, que não atenderam o celular. Toda aquela situação. Depois eu comecei a achar que ela estava querendo o pão por minha causa. Já fiquei encanada com isso, pensei “não acredito, ela está preocupada comigo, acontecendo todo esse caos e ela está preocupada comigo”. Levaram a Neide embora, eu já estava querendo ir embora. Fui lá para fora, nisso o marido da Maria me viu e me chamou. Quando ele chamou fiquei com um pouco de medo, tinha acabado de ouvir uma fala muito violenta. Ele falou assim: “Nossa, não sabia que você estava aí, me desculpa, viu, me desculpa por isso!” Eu falei “não, tudo bem”. Fui lá para fora querendo ir embora. A Maria começou a me pedir desculpas. Eu falei várias vezes para ela ficar tranquila. “Nossa, me desculpa por não ter um pão para te dar”. Eu só consegui dizer “Maria, para com isso”. Eu sem graça, mal por essa situação toda, pelo marido dela, enfim... [diário de campo, ditado ao gravador]

Nos relatos acima, por mais que a violência ocorra no interior da casa, ela extrapola os limites desse espaço. O tema da violência também surge como fofoca na calçada das *casinhas* (por exemplo a fala de Marisa sobre Bela) ou surge como lembranças comuns do passado. Como se percebe, a violência – compreendida aqui como o uso da força ou ameaça de utilizá-la – foi uma das questões que mais apareceu no curso da pesquisa de campo e foi também, evidentemente, a mais difícil de ser trabalhada. A violência atravessava os processos de vida e os cotidianos de modo explícito. Muitas das inflexões nas trajetórias e nos cotidianos das moradoras passam por diversas modalidades de violência. Pretendo analisá-las melhor futuramente, por enquanto gostaria de apontar que esta é outra categoria chave para compreendermos as configurações das *casinhas do Abdelnur*, ela exemplifica as relações no

interior e entre as casas numa configuração. As situações de violência praticadas dentro da casa de Fabi contra Grazi e as ações posteriores da mãe evidenciam isso: Fabi mobilizou a sua rede de casas, ou seja, ela foi para sua mãe com as quatro filhas e, também, buscou auxílio via *mundo do crime* e via estado (psicóloga e justiça). Denise também recorreu às soluções via estado. Aqui é interessante pensarmos no “repertório de regimes normativos” – estatal, do crime e religioso - que coexistem nas periferias urbanas e que ordenam a vida social (FELTRAN, 2014)<sup>75</sup>.

Embora Marisa tenha comentado sobre as agressões de Bruno contra Bela, eu nunca presenciei qualquer cena que ele tenha sido agressivo, ela tampouco mencionou qualquer situação de violência para mim. De outro modo, em seus processos de vida diversas modalidades de violência aparecem, como o medo de David matá-la quando quis terminar a relação. Após a ceia de Natal quando conheceu Bruno há cerca de seis anos, todos foram embora, menos Cris e o marido que dormiriam lá. Bela não quis ficar e foi sozinha para a casa vazia da irmã, pois estava com medo de ir para sua própria casa e encontrar David na porta. Durante aquela noite, ele ligou e enviou mensagens sem parar para o seu celular. David havia deixado para ela de Natal e de aniversário alguns presentes e flores na sua casa. Durante a entrevista ela me contava sobre isso descontraída e rindo, mas naquela noite de natal e nos dias seguintes sentiu medo de David fazer algo com ela, “porque a pessoa me dá roupa, sapato, manda flor, está encomendendo meu caixão”.

Nos processos de vida e no cotidiano de Bela, foram muitas as vezes que discutiu, brigou e agrediu fisicamente algumas pessoas, sobretudo mulheres. “Eu sou louca viu, Isabela?” era uma frase que constantemente me dizia. Contava-me muitas histórias de brigas, dizia que batia nas crianças do abrigo, nas meninas da escola, nas vizinhas das diferentes casas que habitou. Mais velha, descobriu que David saiu sozinho e ela, então, pegou um pedaço de madeira e quebrou todo seu carro. Também bateu na vizinha de Maria que se relacionou com Bruno. Todos que a conheciam sabiam e comentavam de seu jeito briguento e ciumento. “A Bela não é fácil”, Maria dizia. Mais de uma vez presenciei cenas em que Bela ficava brava porque algumas mulheres específicas do bairro (que chama de *piriguetes*) passavam por sua casa. Dizia-me que olhavam para seu marido e, então, falava alto para que escutassem: “Está olhando

---

<sup>75</sup> Com certeza as mulheres - em sua maioria de crença evangélica - também evocavam o plano religioso. Embora seja extremamente recorrente e importante este regime normativo que coexiste nos cotidianos das minhas interlocutoras, não o analisarei aqui na dissertação.

o quê? Está passando aqui na minha casa por quê?”. Enfim, em muitas situações recorrer à violência era a forma utilizada por Bela para solucionar os problemas de sua vida.

Da mesma maneira, era corriqueiro que eu chegasse em sua casa e me contasse que não conversava mais com alguma das vizinhas ou com algum de seus familiares. Os laços eram feitos e refeitos a todo momento no cotidiano. As relações no interior das casas e entre elas envolviam obrigações, deveres, proibições e moralidades. Além das trocas cotidianas de objetos, dinheiros, alimentos, pessoas, crianças, cuidados; também é possível captar as dívidas, fofocas e brigas que ocorriam na configuração das *casinhas do Abdelnur*. Agora, como veremos, as memórias de violências de Ana também se embebem em seu cotidiano.

Ana ficou na casa abrigo por quinze dias com seus filhos. Segundo ela, todas as mulheres que já passaram por lá tinham preferência para *ganhar* a casa, sem precisar participar do sorteio. Esse momento foi um entre outros que me dizia das ameaças do ex-marido, Maurício, pai dos seus quatro filhos.

[I: E a *casinha*, quando você *ganhou*?] No caso dele também. [I: Oi?] No caso dele. [I: Como assim?] Ele comprou cinco litros de gasolina para tacar em mim e nas crianças dormindo [risada de Ana]. Tive que fugir para casa abrigo, perdi todas as minhas coisas. Eu saí da casa, ele ficou, eu tinha levado as crianças na escola... E ele falava mesmo: “Eu vou matar você e as crianças dormindo, não vai ficar ninguém, eu vou matar tudo, vai morrer ‘nóis’ tudo, nem meus filhos vão ficar sofrendo não, eu vou matar tudo ‘nóis’”, só que eu não acreditei. Ele ainda falou assim: “Eu já comprei até a gasolina”, eu pensei “comprou nada”, ele não tinha dinheiro. Foi lá e comprou cinco litros de gasolina. [I: Nossa...] Aqueles galões, colocou embaixo da pia. Levei as crianças para a escola, quando deu 7h30, 7h40, eu voltei, fui limpar a casa e não sei, raramente eu mexo embaixo daquela pia porque eu tenho medo de barata, quando fui pegar o ‘varex’ que estava embaixo da pia e vejo cinco litros de gasolina. [I: Nossa, e você fugiu né?] Eu entrei em estado de choque. Entrei no quarto, ele estava lá xingando no banheiro, tomando banho, peguei minha blusa de fininho, peguei as crianças na escola e fui na assistência social porque eu não sabia o que fazer, não sabia para onde correr, minha família nunca me apoiou... [I: E quando foi isso?] Deixa-me pensar em que ano foi... [Laura: nem tinha a Fernanda ainda...] Eu tinha o Lucas, o Lucas tinha seis meses, então há uns três anos atrás? [I: Então você ficou na casa abrigo?] Fiquei na casa abrigo. [I: Com eles?] Com eles. [I: Por quanto tempo?] Fiquei 15 dias, porque teve um dia que eu briguei lá com as mulheres e falei: “Eu quero que ligue para a minha família”, ligaram e minha tia falou assim: “Olha, roubaram todas as suas coisas”. [I: Nossa...] Cheguei lá e não tinha mais nada. [I: Mas ele tinha saído de casa?] Sim. [I: Então você voltou para casa?] Eu voltei para a minha casa. Minha família aguentando, me xingando, “volta com ele, ele fez isso da cabeça para fora”, eu fui e voltei. Aguentei pior. [I: Aguentou pior por quê? Por que depois ele continuou?] Porque depois ele começou a me infernizar, brigava, me xingava, me chutava quando eu estava dormindo, falava que eu estava “dando” para um monte de gente. Aguentei esse homem, hein! Ele só não me bateu porque uma vez ele foi me bater e eu fui para cima dele, ele viu que não ia poder mesmo. Lógico que ele vai poder porque ele tem bem mais força do que eu, mas nunca me bateu assim de... a gente sempre saiu na mão. [I: Ele ia para cima e você ia também?] Uh fia, lógico, mas ele tem mais força né? Mas eu nunca abaixei a cabeça. Teve um dia que eu briguei com ele, a gente largou, aí a moça da casa abrigo me ligou, do CREAS, falando: “Ana, vem aqui que a gente tem que conversar”. Eu fui lá e ela perguntou: “Você voltou?”, eu respondi “voltei”, ela disse: “Então, você ganhou a casa, você não vai participar do

sorteio”. E ele desacreditava, falava “é mentira”. [I: Você tinha algum cadastro lá?] Todas as mulheres que passaram por lá. Ganhei a casa e vim para cá, achando que a minha vida ia melhorar... Só piorou. [I: E ele veio junto? Mas você não queria né?] Sim, ele veio, mas depois de 15 dias ele foi embora. [I: Por quê?] Porque a gente começou a brigar, não queria me ajudar, estava desandando. [I: Ah então vocês foram e voltaram várias vezes.] Ixi, muitas. Só que dessa vez é diferente viu? Dessa vez eu acordei. Parece que eu vivi um sono, um sono tão profundo que até eu desacredito [Ana].

Embora Ana tenha dado andamento no processo de separação, Maurício ainda não assinou o divórcio. Certo dia nos encontramos no ônibus a caminho do Abdelnur e ela disse que estava voltando do advogado que tratava da separação. De dentro do ônibus passamos por Maurício que voltava a pé do escritório do advogado para sua casa. Tal processo não foi simples, já que ele não queria assinar os papeis e a ameaçava. Além das atribuições violentas a ele e de suas traições, contava-me diversas vezes sobre “a maior decepção da sua vida” - não ter a festa de casamento.

Exatamente um ano após Ana e Maurício terem se *casado no papel*, eu estava no Abdelnur. Naquele dia chovia pela manhã, a temperatura havia caído e o céu estava nublado, então poucas pessoas estavam fora de suas casas. Cheguei no bairro, caminhei pela rua da Ana e sua porta estava aberta. Como o quintal ainda não tinha muros, me aproximei da porta da sala e a chamei. Ana se arrumava para trabalhar no salão de beleza, Lucas estava assistindo desenho e Laura dormia no quarto, mas logo foi acordada pela mãe. Sentei-me no sofá ao lado de Lucas e perguntei: “Não foi para escola?”, ele só reagiu com um sorriso malandro. “Não quis ir porque está com o nariz entupido”, Laura respondeu por ele.

Aquele dia e horário traziam as memórias de Ana. Não demorou a tocar no assunto, pegou o convite do casamento em cima da televisão para me mostrar, o papel materializa as lembranças, a decepção, a dor e o sofrimento. Ela reconstruía suas memórias em palavras e eu as escutava. Enquanto isso, não parava: organizava a sala, tirava brinquedos do chão, passava rímel, batom, colocava e tirava coisas da bolsa, esquentava comida, fazia o prato do filho... O dia estava especialmente diferente, eu vi poucos sorrisos e gargalhadas que lhes eram tão comuns, era perceptível que não estava bem, “até hoje eu sofro, hoje por exemplo foi muito difícil de sair da cama, Isabela”.

Dois dias depois, na quinta-feira, começou a chover muito dentro do ônibus. Para minha sorte quanto mais me aproximava do bairro, mais a chuva foi parando. Desci no ponto e fui direto para a casa de Ana. Novamente ela não estava bem, só que dessa vez era ainda mais nítido. A cumprimentei e perguntei como estava, imediatamente respondeu que sentia muitas

dores, com problemas no rim. O assunto se repetiu mais uma vez: seu ex-marido Maurício. No final de semana anterior, ela e sua prima haviam saído juntas, foram *em um funk*. Isso o desagradou: Ana me mostrou conversas com ele no *whatsapp*, com ameaças em palavras e *emotions* com imagens de caixão e fogo. Nós ficamos pouco tempo juntas, logo me pediu desculpas e quis se deitar, pois sentia dores. Na sua narrativa sobre o período que esteve casada, Ana diz muito sobre as traições dele, decepções, brigas, ameaças e humilhações.

Chegava três, quatro, cinco, seis horas da manhã. Mijado, fedido. Teve um dia que ele chegou e vomitou tudo no meu tapete da sala. Aí tive que me levantar lá do quarto. Ele ia lá, ele batia na Laura. Puxava o cabelo dela. Batia no Ismael. Acordava, ia lá me batia. Queria me abusar. Eu lembro disso eu sinto um ódio tão grande mas tão grande, que eu não me conformo o quanto que eu aguentei [Ana].

Diferentemente dela que diz nunca ter sido usuária de nenhum tipo de droga (a não ser o álcool socialmente), há muitos anos Maurício tem outra relação, muito mais frequente, com as drogas e bebidas.

Cocaína, maconha, bebida, fazia de tudo um pouco. [I: Ele cheira ainda, ou não?] Cheira. Um pouco da nossa separação foi por causa disso, porque ele pegava R\$1300, R\$300 ele trazia para dentro de casa, dava para mim e falava: “Toma, paga as contas”, com R\$300 que contas que você vai pagar? Eu não podia comprar uma calcinha, um nada mais, R\$ 300 para dentro de casa, R\$500 ele gastava em um bar, R\$200 no outro e R\$200 e pouco... quase R\$ 300 na biqueira. Para que ele trabalhava? E o que sobrava, ele comprava, olha como ele era bonzinho, comprava um lanche ou uma pizza porque ele sabia que eu gostava. Ai, filha, você acha? Sem futuro. O resto ficava tudo lá no bar. [...] Aqui ele desandou mais. Quando ele morava na favela, quando nós morávamos na favela, era assim olha: aqui era a minha casa, aqui era uma biqueira, aqui era outra, na esquina era outra, do outro lado da rua era outra... Todo lugar que você ia era biqueira e ele conhece todo mundo, o Maurício, se ele chegar ali na biqueira e falar “você me vende um pino?”, vão responder “vendo” porque todo mundo sabe que ele paga, entendeu? Ele fazia conta alta, mas ele pagava. Chegava o dia do pagamento, dia 5, ele estava lá “olha, toma”. Em biqueira e bar? Nunca deveu! Agora as coisas de porta ficavam aí, eu que passava vergonha. [I: Como assim coisas de porta? As pessoas que passavam vendendo?] Um danone que eu comprava, um joguinho de tapete que eu comprava um pouquinho mais caro eu que tinha que me virar para pagar [Ana].

Ana afirma acima que um dos motivos da separação se relaciona com os vícios do marido e, conseqüentemente, com a gestão do “*dinheiro da casa*”. Segundo ela, dos R\$1300 que ele recebia de salário, somente “300 reais ele trazia para dentro de casa”. Sua fala nos mostra que há obrigações e proibições no uso do dinheiro, bem como existem divisões por gênero, como a compra do Danone e do tapete.

Na narrativa de Ana, Maurício utilizou o falecimento do pai como desculpa para não se casar porque, na sua visão, nunca foi a sua vontade. Ela, por sua vez, sempre fez questão e lhe implorou, já que este era seu maior sonho. A festa de casamento que não aconteceu foi, para ela, “a gota d’água, sabe aquele negócio assim, só para transbordar o copo? Foi aquela gota. Eu comecei a acordar, sabe? Ele ficava me xingando, falava que eu era gorda, que eu era louca, que ninguém mais me queria...” Depois desse fato, Ana diz que foi um processo em que foi “desgostando e acordando” até que no fim do ano passado terminaram a relação. Durante nossa conversa gravada, Ana também comentou sobre esses momentos:

Eu acho que eu não vou conseguir voltar para o Maurício, sabe por quê? Porque eu tive uma decepção muito grande com ele. Igual eu falei para você, eu perdi meu casamento, entendeu? É o sonho de qualquer mulher. Se uma mulher falar assim para mim: “Eu não tenho o sonho de casar de noiva”, ela está mentindo. Cara, agora ela pode não ter, mas mais para frente tem, não adianta. E eu ganhei tudo Isabela, eu ganhei tudo. [I: Estava tudo marcado, né?] Estava tudo marcado, tudo planejado. Ele podia muito bem ter casado, ele nunca foi apegado ao pai dele, nunca. [I: E você acha que foi outra coisa? Ele que não quis?] Ele que não quis, ele que não quis. [I: E depois disso você não quis mais continuar com ele?] Depois disso eu meio que desgostei, sabe? Fui desgostando, não sei se foi isso que ajudou a nossa separação. [...] Ele começou a me humilhar, eu também comecei a humilhar ele, a falar: “Vai embora, quero viver a minha vida, eu quero descobrir o mundo”, eu falava para ele: “Não aguento mais”. Ele sempre me traiu Isabela, sempre me traiu. [I: E você descobriu?] Sempre descobri, todas as vezes eu descobri. [I: E você nunca traiu ele?] Nunca, nunca trai ele! Nem com o Beto quando ele saiu da cadeia. Nunca trai ele. Eu sempre fui mulher digna ali, sabe? Hoje eu não falo a mesma coisa, né? Hoje eu já não falo a mesma coisa. Já falei para ele: “Se voltar filho, se voltar você vai ser o maior corno da face da Terra!” [Risadas] [I: Mas ele fica pedindo para você para voltar?] Pedir. [I: Ele não tem ninguém no momento? Ou você não sabe?] Tem. Deve estar se envolvendo com uma garota aí. Fiquei sabendo. Acha que eu sou tonta. Mas eu não quero nem saber, eu quero é que ele seja feliz, e eu penso assim: “Se não foi comigo, se não deu certo comigo, que seja com outra”, é a mesma coisa que eu quero, eu torço para que ele arrume uma pessoa, que se ele arrumar uma pessoa agora, eu vou poder assumir que eu estou com o Alex, porque a gente está sério, eu falo assim zoando, mas a gente está junto. [I: Você está com ele?] Estou. [I: Você queria assumir, mas você tem medo dele fazer alguma coisa?] Não, não é medo, é que ele não vai dar paz [Ana].

Eles já se separaram algumas vezes durante os 12 anos juntos, mas a última delas foi definitiva, como afirma: “Quantas vezes... Só que essa foi a mais séria, a mais forte. As outras vezes eu ficava esperando-o. Pegava ele com mulher... Isabela, se eu te contar, filha. O Maurício teve uma amante durante dois anos e meio. Ele bancava a minha casa e bancava a dela, e eu sabia”. Nessa fala, percebe-se mais uma vez que por traz do “*dinheiro da casa*” existem lógicas, moralidades, proibições e obrigações. Tirar o “*dinheiro da casa*” da família e colocar na da

amante é uma acusação grave, pois um dos papéis sociais mais cobrados de um homem é ser provedor, ou seja, prover o sustento básico da casa, conforme vimos anteriormente.

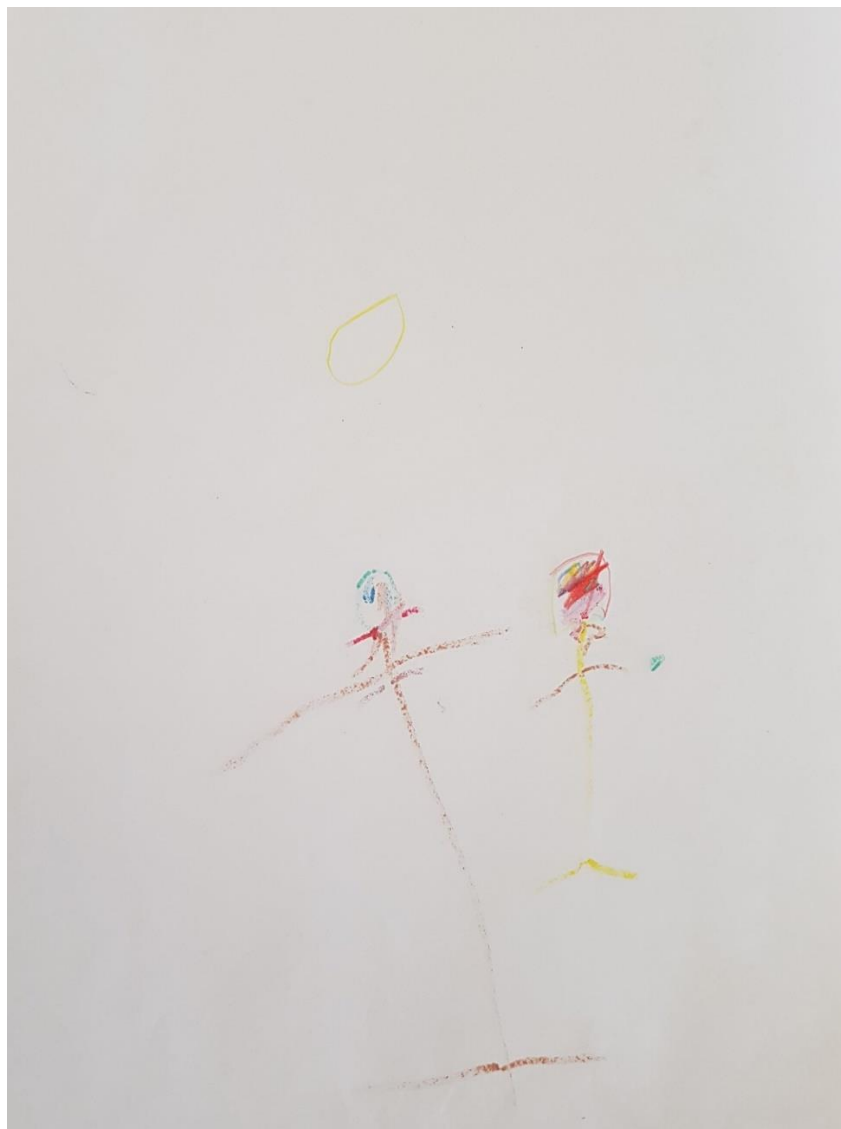
No dia 1 de novembro de 2017, Maurício foi embora “por livre e espontânea vontade”, mudou-se para a casa que os pais deixaram no Antenor Garcia, onde está até hoje. Quando perguntei a ela se também era seu desejo a separação, respondeu:

Eu queria assim, que ele mudasse. Eu sempre tive o sonho que ele mudasse. Porque eu gosto, assim, não é que eu amo, mas eu gosto dele entendeu. Eu sempre lutei para que ele melhorasse, para que a gente vivesse uma vida boa. Eu sempre falei assim: "Quero ficar velhinha do seu lado. Fazer bodas de prata, ouro, tudo que tiver que fazer nós vamos fazer." E com ele não foi desse jeito, ele não quis [Ana].

Após Maurício sair de casa, Ana não foi atrás e seguiu sua vida. Hoje ele pede para voltar e ela não quer, parece decidida e diferente sobre a relação e o sentimento por ele. Seus filhos convivem com o pai, vão para sua casa em quase todos os finais de semana. Dessa forma, Ana consegue sair para se divertir com as amigas ou com seu novo namorado.

Comecei a sair. Saí da igreja, comecei a sair, balada, bebida, conheci homens diferentes. Então eu vi que ele não era nada disso que eu imaginava. Não era aquele homem bom de cama, não era aquele homem carinhoso que eu imaginava, não era aquele pai exemplar que eu imaginava. Não era nada disso. Eu vi que era totalmente diferente. De tudo que eu achava. De todo aquele sonho que eu tinha com ele, era diferente [Ana].

Na terça-feira acima relatada, dia 15 de maio, o assunto conversado foi praticamente sobre o Maurício e o casamento que não aconteceu. Logo Ana precisou sair, despediu-se de mim e de seus filhos e foi trabalhar (no momento ela ainda estava no salão de beleza). Durante todo o tempo que conversamos, seus filhos Laura e Lucas estavam na sala. Quando Ana foi embora, Lucas fez o desenho a seguir e, enquanto desenhava, tivemos o diálogo abaixo.



Autor: Lucas, filho de Ana, 4 anos (2018).

[I: Você gosta de desenhar?], peguei a folha sulfite, lápis de cor e giz de cera. Lucas (quatro anos) começou a desenhar animado. [I: O que você vai desenhar?] Ele pensava, respondia e mudava de ideia, a sequência de suas respostas foi exatamente essa: “Um carro”, “não, o pai”, “não, a mãe”; por fim, falou: “Vou desenhar o pai e a mãe”. Fiquei observando. Primeiro ele desenhou a mãe, usou várias cores, depois desenhou o pai, mais alto que ela. Tudo com giz de cera. E, por fim, desenhou um sol. [I: Quem é?], ele respondeu apontando: “Essa é a mãe e esse o pai”. [I: O pai é grande assim?] Ele: “É grande”. [I: O que que é isso aqui?] e ele disse: “Um sol”. [I: Papai e mamãe juntos?] Ele: “É.” [Diário de campo, ditado ao gravador, 15.5.2018].

A cena abaixo narra o evento extraordinário que, provavelmente, mais está embebido no cotidiano de Rosa. A cicatriz em sua testa é uma das marcas de violência entre outras em seu corpo que me apontava. As memórias da facada que seu ex-marido lhe deu são reconstruídas cotidianamente. Apesar de morar hoje com outra mulher, Fernando ainda está *casado no papel*



com Rosa porque, segundo ela: “Ele falou que se eu entrar no divórcio ele tira a casa e eu saio no caixão”.

Nos processos de vida de Rosa, são várias as situações violentas que relata: com oito anos de idade sofreu abusos sexuais por seu padrasto que se sucederam por anos, depois ele a *espancava* até o momento que Rosa fugiu de casa e foi viver com o Fernando. Sobre os processos vida, mencionou: a morte do avô, a tentativa de suicídio, mais maus tratos da ex-sogra e ex-cunhada, a exploração do trabalho rural, o aborto da primeira filha, as primeiras agressões de Fernando, as traições, outra tentativa de suicídio na frente dos filhos, a expulsão de casa com os filhos, a facada...

Foi o dia que eu marquei a tomografia. A tomografia da cabeça dele [do filho caçula]. Exame de sangue, exame de urina. Quando foi ver, cheguei em casa: "Cadê minhas roupas?", sumiram. Falei: "Fernando, cadê minhas coisas?" Ele disse: "Veio uma irmã aqui e levou tudo embora". Foi na hora que ele me deu a facada na cabeça. Eu falei: "Olha, eu não gosto que você mexa nas minhas coisas, nem gostaria de mexer nas suas". Ele falou assim: "Ah, tá bom", pá! [silêncio]. Ai, Isabelly... ele me mandou embora. Com fome. Cheguei com fome, sede. Eu sabia que ia levar aquilo? Meu filho com a cabeça enfaixada. E eu levei uma facada na cabeça. Levei uma facada. As crianças correram. O Bruno falou para mim assim: "A mãe vai morrer!" Menina, desceu para o chão. E ele com a faca na mão. Chamei ele de anticristo, chamei ele de monstro. [...] Veio essa irmã. "Vamos chamar a polícia". Eu falei: "Não, não chama a polícia". Eu pensei que eu ia morrer na hora. Você vê a faca na mão... Fiquei traumatizada. Eu cheguei, peguei o lençol na cabeça, peguei o lençol. Eu não podia balançar, se balançasse saía sangue. O Bruno falou: "Mãe, vamos no médico". Eu falei: "Bruno, seu pai vai matar!" Ele falou: "Não, mãe, vamos no médico". O pai dele com a faca na porta, menina. Ele enfrentou o pai dele. Ele segurando a minha mão. Ele falava: "Mãe, vai correr tudo certo". Eu com medo, com o coração na mão. O pano, era uma camiseta verde do Tom e Jerry, eu lembro, toda cheia de sangue. Eu tive que mentir para a enfermeira, que eu tinha escorregado no brinquedo e bati a cabeça. E ele falava: "mãe, fala a verdade!" Eu falei: "Não vou falar." Ele enfrentou o pai dele. [I: "E eles não estavam em casa?"] Estava todo mundo. Lembro que o Felipe estava... Eu pensava, tudo que ele me fez, eu pensava que tinha esperança ainda... Eu pensava que ele ia voltar, mas já estava tramando mesmo. [...] Essa é a dor que eu carrego tantos anos. Às vezes eu falo para Deus, quando eu estou triste... O Bruno fala: "Ah, mãe, por que a mãe fica triste?" Mas é porque eu falei para ele, eu não aguento, porque eu era sonhadora... tinha esperança, sabe. Eu tinha sonhos. Eu tinha vontade. [...] Eu estou esperando Deus. [choro] A gente tem vezes que ri. Ri dos problemas, de tudo. Mas não é fácil, menina. Ser tratada que nem cachorro. Ser tratada como uma pessoa que não sabe o que eu estou passando. A pessoa que tem cama, tem marido, tem tudo. Eu queria acordar desse pesadelo, sabe. Eu queria que acabasse. Mas Deus fala: "Suporta, que eu vou te ajudar". Não é fácil, Isabelly. Peço perdão por ter chorado... [Rosa]

Escrever sobre Rosa foi um processo extremamente desafiador e angustiante para mim. Muitas vezes me questionei por não conseguir acompanhar seu cotidiano e cheguei a pensar que não conseguiria escrever sobre suas histórias. Mas ela me pediu para prometer que assim faria; ela adorava o fato de ser entrevistada, de ter páginas escritas sobre sua vida. Por esse

motivo que a deixei aqui, mesmo que eu continue tendo menos fôlego para escrever sobre suas formas de habitar a vida.

Eu me sentia aflita dentro daquela sala por motivos diversos: a dificuldade de compreender todas as suas falas carregadas de forte sotaque, o tom de voz baixo e contínuo, a dicção ruim, a postura curvada que parecia se encolher cada vez mais no sofá. Era angustiante escutar os seus choros, ver as lágrimas caírem pelo rosto maltratado, observar a magreza de seus filhos, sentir odores fortes, ter aflições das cicatrizes e da enorme alergia que me mostrou no peito. Sentia-me sufocada com tudo fechado, sentia repulsa. Ouvir novamente as gravações, transcrevê-las, ler palavra por palavra, analisar suas falas e finalmente escrever sobre Rosa foi desgastante. Eu geralmente deixava para escrever sobre ela por último e, quando notava, estava fazendo qualquer outra coisa que não colocar um ponto final em sua parte.

Por mais que Rosa me recebesse com o maior sorriso, que déssemos risadas de alguma situação eventual, aquele ambiente era extremamente pesado. Eu sentia em meu corpo as suas dores. Se fizesse frio, dizia que a dor de cabeça vinha; na época do calor forte, também. A perna doía, as costas, o braço. Era difícil acordar e sair da cama, era difícil dormir. O cotidiano era extremamente difícil. As violências acumulavam-se em seu corpo, em suas falas. Afligia-me o fato de Rosa não conseguir reabitar a vida a cada novo acontecimento. Ela se fechava ao mundo e quando via Marta ou me via, abria-se. Fiquei feliz ao ver que os dois desenhos que fez e me entregou eram repletos de cores.



Autora: Rosa, 35 anos (2018).

Esse foi eu. Esse eu lembrei de um passeio que eu tive com eles lá no riozinho, veio na minha cabeça as lembranças que eu tive com eles. Eu enchi de mato, tinha flores. Eu falei: "Ah, vou desenhar". O meu sonho é desenhar. O meu sonho assim... Eu sempre vi em quadros assim [Rosa].



Autora: Rosa, 35 anos (2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, as três seções abaixo esboçam as notas finais desta dissertação. Na primeira, discuto brevemente sobre o caráter paradoxal e contraditório do estado nos cotidianos das ‘casas de mulheres’. Em segundo lugar, defendo o potencial da estratégia metodológica de fazer uma etnografia da casa e, mais que isso, a relevância analítica de compreender o objeto ‘casa de mulher’. Por último, discuto as mudanças políticas no país ocorridas nos últimos anos que inevitavelmente impactaram na dissertação.

### Os paradoxos do estado no cotidiano

Maria recebeu o benefício do Bolsa Família por anos e relembra o quanto a ajudava, pois na época *tinha os filhos e netas para criar*. Hoje todos os netos estão no Cadastro Único e são *beneficiários indiretos*, já que suas noras e sua filha Fabi recebem o benefício. Bela é titular há pelo menos quatro anos e no momento esta é a sua única renda ‘fixa’, mas conta também com o marido que *corre atrás para botar dinheiro em casa*. Ana segue *lutando para não faltar nada em casa para os filhos* e, nessa luta diária, o benefício é um dos recursos entre outros que ela *vai atrás*. A casa de Rosa depende totalmente deste dinheiro, mas outras *ajudas* - que chegam da avó, de instituições estatais e de caridade, de conhecidos - e as trocas cotidianas entre casas também contribuem para a sua sobrevivência e de seus cinco filhos.

Quando o programa Bolsa Família é mencionado, é comum que se diga: *é pouco, mas ajuda*. Outras mulheres já mencionam de início que *recebem bem*. É consenso que o dinheiro recebido *ajude*, mas existem variações nos valores e, mais que isso: existem diferenças no quanto cada benefício faz diferença em suas vidas. E isso depende de outros fatores que não são fáceis de serem mensurados. Os usos do dinheiro também não são os mesmos, como vimos ele pode ser utilizado para pagar “uma continha de água ou de luz” até arcar com praticamente todos os gastos da casa incluindo alimentação. As variações dos usos são muitas, o dinheiro pode ser destinado à compra de “calcinhas para as meninas” na maior loja de departamento da cidade; de edredons vendidos no próprio bairro por outra titular do PBF; de pães e bolos do Sebastião que vende fiado toda semana e passa para receber nas datas próximas ao recebimento do benefício. Dessa forma, é evidente que o dinheiro do PBF movimenta os comércios (não) locais, incentiva as trocas cotidianas, produz circuitos entre as casas e dinamiza a economia cotidiana.

Os momentos de cortes do benefício e posteriormente a volta do recebimento são situações emblemáticas para captarmos o quanto as titulares contam com o dinheiro, o quão importante ele é e o quanto o desejam. Também são interessantes para analisarmos as formas de reabitar – questão central desta dissertação. Quando ficam sem o dinheiro, como *correm atrás* e de quem? Em julho o benefício de Ana estava cancelado por falta dos filhos na escola, em dezembro Bela não recebeu porque Bruno teve sua carteira de trabalho assinada. Como vimos nas seções anteriores, nesses momentos elas buscaram formas diversas para sustentar a casa, para conseguir o “*dinheiro da casa*”. Nessas situações, é comum que digam o quanto *faz falta* o benefício.

Em suma, o fato é que a menção ao PBF como recurso, como ajuda - sendo pouco ou muito - já é em si um dado relevante. As titulares o desejam, contam com ele, *correm atrás* para consegui-lo, *lutam* para não perdê-lo, pesam e vacinam as crianças, fazem o pré-natal, preocupam-se com as faltas nas escolas, conversam entre elas, informam-se sobre os calendários do programa, vão até a divisão do cadastro único, aguardam ansiosamente a data do recebimento...

Não é trivial que Maria, Bela, Ana e Rosa mencionem em várias situações e de forma enfática sobre suas casas ou de suas vizinhas. Por mais que as dividam com mais pessoas, suas falas e atos ressaltam que as casas são delas - o que demonstra certa autonomia de ser titular e de ter uma casa própria. Ademais, elas sempre fazem referência as casas do bairro seguidas de algum nome feminino como, por exemplo, a casa da Verônica, Marta, Neide, da minha cunhada, sogra, etc. Por esse motivo escolhi ‘casa de mulher’ como categoria e nomeei a dissertação dessa forma.

Em muitas situações as moradoras comparavam aspectos das habitações anteriores (lembravam-se dos aluguéis caros, das condições precárias, dos riscos) com a que estão agora. Dessa forma refletiam e ponderavam os pontos negativos do bairro e sentiam-se satisfeitas de estarem onde estão. A frase “mas só de ter a minha própria casa” era fácil de ser ouvida logo após todas as críticas que mencionavam sobre as *casinhas do Abdelnur*. Também era habitual que fizessem comparações com aqueles que não conseguiram as casas; Bela, por exemplo, dizia que sua cunhada Fabi e concunhada Jéssica não *correram atrás* e hoje a desejam. Um dos assuntos que circulavam frequentemente pelas ruas do bairro diziam respeito às negociações feitas pelas casas; os moradores comentavam sobre as pessoas que compravam, trocavam ou alugavam. Todos esses fatores contribuía para que desejassem estar onde estão, para que enxergassem positivamente a forma que habitam o cotidiano.

O evento de *ganhar a casinha* é rememorado com muita emoção por Maria, Bela, Ana e Rosa. Cada uma delas me contou sobre o acontecimento de conseguir a casa própria. Maria diz que não precisou participar do sorteio, porque vivia em área de risco e, então, era caso prioritário. Bela conta com orgulho que foi atrás de tudo sozinha e foi sorteada. Ana, por sua vez, recorda-se da ligação que recebeu e menciona o fato de também ser considerada caso prioritário. Como passou pela casa abrigo, diz que não ter precisado participar do sorteio. Já Rosa conta com muita emoção o dia em que ouviu seu nome ser chamado no dia do sorteio no ginásio; os abraços no prefeito e na pessoa que representava a presidente Dilma também compõem as memórias desse dia.

Bela sabia muito bem quais os labirintos estatais que deveria percorrer para conseguir o que desejava: ela mobilizava agentes, negociava e se precisasse discutia. Em seu cotidiano, *corria atrás* tanto das questões de saúde, de assistência social, como de moradia e de educação. Também auxiliava outras mulheres a acessarem os serviços e políticas do governo. Exemplo disso foi *sua luta* para fazer as duas cirurgias - da cesárea e da laqueadura - no mesmo dia. O papel com a assinatura da médica dava materialidade a sua conquista. Ana circulava igualmente pelas instituições, negociava com os agentes e sabia quais caminhos estatais seguir; também possuía conhecimento sobre os ônibus, ONGs, escolas, creches, *postinhos de saúde*, hospitais, CRAS; conhecia as assistentes sociais, conselheiras tutelares e psicólogas.

Bela e Ana são somente duas entre várias mulheres que *correm atrás* e desejam o estado de formas diversas. As moradoras no bairro *lutam* por vagas para seus filhos estudarem nas escolas mais próximas, vão na Secretaria da Educação, conversam com a direção. Pedem por mais um ônibus para levar e buscar as crianças nas escolas, desejam por escola e creche no bairro, como também *postinho* de saúde e CRAS. Buscam psicólogos para os filhos ou para elas próprias. Tentam cesta básica ou passe de ônibus no CRAS, como também insistem pelo leite no *postinho* de saúde ou remédios na UBS.

Esses exemplos empíricos demonstram que no cotidiano o regime normativo estatal não funciona apenas como forma repressiva, de controle e de regulação; as mulheres nem sempre estão em confronto e resistindo a ele. Maria, Bela, Ana e Rosa o desejam sob diversas formas: seja como acesso a direitos, como possibilidade de recursos, pelo benefício do PBF, pela casa própria, por uma cesta básica, por um atendimento de assistentes sociais, psicólogos ou médicos ou por desejar fazer uma laqueadura no mesmo momento da cesárea de nascimento do filho.

Durante o texto, não pretendi perseguir apenas as formas repressivas, de controle e de regulação do estado. Além disso, não quis reavivar as imagens de um estado que nos ronda e vigia nossas corporalidades a todo momento. Acredito ser mais profícuo analisar também as

incitações e excitações que fazem do estado parte integrante dos nossos desejos (VIANNA, A; LOWENKRON, L, 2017b).

Laura me contou do dia que dormia em seu quarto quando foi acordada com barulhos na janela, alguém que batia e gritava: “Abre a porta!”. A janela do quarto dá para o quintal fundo e como ainda não tinha muros altos, facilmente alguém poderia pular da casa de trás para a dela. Levantou assustada, perguntou quem era e responderam: “Polícia, abre!”. Ela foi até a porta lateral da cozinha e abriu. Dois homens armados entraram, fizeram perguntas se tinha mais alguém na casa, com quem morava, onde estavam seus responsáveis. Além disso, olharam e reviraram a casa inteira. Foi isso que me contou, não entrou em muitos detalhes, pois o horário do ônibus estava próximo. Em sua narrativa e feições, era perceptível que sentiu muito medo. Esse episódio não foi a única vez que demonstrou seu pânico com a polícia. Em outra situação, quando andávamos na rua até o ponto de ônibus, levou um susto e eu perguntei o que havia acontecido: “Achei que aqueles homens fossem polícia”, respondeu. Outro dia que a levei na UFSCar, passamos de carro pela delegacia e, então, comentou: “Não gosto desse lugar”.

Seu medo estava relacionado a duas instituições específicas: Polícia e Conselho Tutelar. Quando perguntei a ela sobre tais medos, comentou do dia que me conheceu. Sua amiga Karina, filha da Lara, falou a ela que eu fazia uma pesquisa sobre as escolas. Imediatamente Laura saiu correndo, pois pensou que eu pudesse ser alguém do Conselho Tutelar. Disse-me que tinham ido na sua casa uma única vez e *morria de medo* que a levassem de sua mãe. Sobre o pânico com a polícia, comentou que seu tio é traficante e seu pai mora ao lado de uma biqueira, então já presenciou cenas violentas com eles. Após o fato ocorrido dos policiais em sua casa, Laura passou a ter muito receio de ficar sozinha. Sua rotina mudou: entre duas e quatro horas da tarde, geralmente vai para a casa de suas vizinhas ou fica na rua com alguém.

É interessante perceber que sua própria mãe, a Ana, utiliza-se do Conselho Tutelar para “amedrontar” os filhos. Quando seu filho Ismael *some e fica na rua*, por exemplo, Ana lhe diz que o Conselho Tutelar vai levá-lo dela. Laura também reproduz esse discurso com o irmão, até porque ela própria tem medo disso acontecer. O estado, por vezes, aparece com certa onipresença e com um caráter mágico e fantasmagórico nessa situação e em outras da pesquisa.

Para Das (2004), o estado possui um aspecto paradoxal, uma dupla existência que oscila entre um modo racional de ser e um modo mágico de ser. Enquanto entidade racional, o estado está presente na estrutura de regras e regulações incorporadas na lei e instituições necessárias à sua implementação. Nas margens da vida cotidiana, o estado adquire uma presença através de práticas locais que a autora chama de “mágicas”. O estado institui formas de governança através das tecnologias da escrita e institui, simultaneamente, a possibilidade da fraude, imitação e

encenação mimética de seu poder. Na ilegibilidade da lei e na iterabilidade da escrita – na situacionalidade de enunciações – se faz um modo por meio do qual o poder estatal é produzido e, simultaneamente, no reino da ilegibilidade que é possível ler como o estado reencarna sob novas formas. Este é o paradoxo que a autora alerta.

Rosa, por exemplo, navega pelas lacunas do estado. Ela sabe que se colocar o filho no Cadastro Único terá grandes chances de ter seu benefício ser cortado, já que ele vem faltando na escola. Entre receber menos e correr o risco de não receber mais, ela prefere retirá-lo do cadastro. Por mais que eu falasse que não era psicóloga ou assistente social, sentia que Rosa esperava atitudes minhas como tal e ela própria parecia agir como se eu realmente fosse. Para ela, fazia sentido, era plausível, já que era comum em seu cotidiano que o Conselho Tutelar, diretores da escola, psicólogas e assistentes sociais frequentassem à sua casa. As visitas das assistentes sociais tinham até uma data definida no mês. Rosa constantemente negociava com agentes estatais sobre os cuidados com os filhos, por exemplo. Foram muitas as vezes que mencionou o quanto eles a aconselhavam, falavam-lhe para trabalhar, para não deixar os filhos faltarem na escola, etc. Ela até comentou da situação em que questionaram se era necessário pagar a internet e os canais da televisão. O medo, a ameaça e o controle também aparecem nas falas e nos cotidianos das interlocutoras quando fazem referência ao estado. Por outro lado, a ajuda, o cuidado e o estado como recurso também são mencionados.

Das e Poole (2008) e Das (2004) trazem vários exemplos de como as margens estendem e refazem os limites do estado. Tais exemplos mostram como as práticas de documentação do estado, por um lado, e as enunciações que as corporificam, por outro, adquirem uma vida nas práticas cotidianas. Pensar por essas perspectivas permite observar como o estado gerencia as populações nas margens, mas também como aqueles que vivem nelas navegam pelas lacunas existentes entre as leis e sua implementação, como negociam em torno das linhas tênues entre o legal e o ilegal. É precisamente nas brechas que parecem incoerentes que as pessoas encontram recursos para enxergar o estado simultaneamente como “ameaça e garantia”. No reino da ilegibilidade é possível ler como o estado se reencarna sob novas formas (DAS, 2004).

Defendo que as condicionalidades são um exemplo dos paradoxos constitutivos ao próprio PBF e, mais precisamente, ao próprio estado. Os paradoxos seriam, por exemplo, a coexistência no cotidiano do controle e do cuidado, da autonomia ou da reificação das divisões de gênero no cotidiano das titulares. Além das condicionalidades, outros exemplos empíricos como os relatados acima demonstram as nuances do estado no cotidiano das casas. No tempo e no espaço coexistem a ausência/presença do estado; controle/cuidado; ameaça/garantia; o



desejo/medo. Parece haver contradições do estado nas vidas ordinárias, o que demonstra novamente que este não aparece como uma instituição fria, distante e coesa.

Por fim, a pesquisa mostra que o estado não tem uma forma definida, ele é reformulado e reconstruído sob novas formas a todo o momento, nas interações e negociações da vida social. Nas margens, é possível observar a contínua reformulação da lei, a construção permanente e cotidiana das atividades do governo a partir da negociação. Olhar para o cotidiano das casas de Maria, Bela, Ana e Rosa nos permite visualizar o quanto o estado não é coeso, nem homogêneo; sim uma prática, um processo, um efeito que está sempre em transformação. Defendo que analisar o objeto ‘casa de mulher’ possibilita que se enxergue o estado no ato cotidiano.

### **Os fios que teceram a dissertação**

Nesta seção, recupero os argumentos centrais apresentados no corpo do texto; depois faço uma relação entre eles e mostro qual o fio condutor que teceu todos os capítulos. Na primeira parte da dissertação, defendo que os processos de vida e de casas de Maria, Bela, Ana e Rosa estão emaranhados em seus cotidianos. Isto é, as formas de habitar e de viver se relacionam em suas vidas ordinárias. Além de que as memórias passadas das casas são fundamentais, como vimos, para entendermos as formas de habitar o mundo hoje. Do mesmo modo, o passado se embebe no presente e os eventos extraordinários se embebem no ordinário.

Na segunda parte, esboço as categorias de análise surgidas da etnografia e argumento que os circuitos cotidianos de cuidado, dinheiro e violência dão inteligibilidade às trocas, circulações e fluxos dentro e entre as *casinhas do Abdelnur*. Todo um conjunto de circulações de objetos, alimentos, dinheiros, cuidados, crianças, pessoas, conflitos e violências foram relatados. Como pretendi demonstrar, as relações dentro e entre as casas envolvem redes de solidariedades, cooperação, afeto, interdependências, moralidades, obrigações, reputações, fofocas, etc. Argumento que as categorias analíticas – dinheiro, cuidado e violência – são elementos que compõem a ‘casa de mulher’ em configuração. Elas são eixos de sentido que constituem as tessituras da vida cotidiana e a ‘casa de mulher’ foi o ponto fulcral do cruzamento desses diferentes vetores e feixes de relações.

Como objetivo principal, a pesquisa em tela buscou compreender como Maria, Bela, Ana e Rosa reabitam suas vidas ordinárias. Ao notar que elas não se pensam e não veem suas vidas a não ser nas redes dentro do qual elas interagem, resolvi, portanto, focar a análise nas casas em configuração. Ou seja, as casas só podem ser pensadas e só existem em relação. Desse modo, defendo que uma etnografia de ‘casa de mulher’ tem potencialidade como estratégia

metodológica e analítica para alcançar o objetivo proposto da dissertação. Isto é, ao olhar a partir/para ‘casa de mulher’ em configuração, é possível compreender como as mulheres cuidam dos familiares, mantêm as casas; ganham e gastam dinheiro; planejam o futuro; administram, trocam e negociam objetos e alimentos; e lidam com as violências.

Já são muitas as discussões nas ciências sociais acerca das diversas antinomias entre dentro/fora; privado/público; reprodução/produção; casa/trabalho; vida/economia; cotidiano/estado; indivíduo/sociedade, etc. Argumento aqui que uma etnografia de ‘casa de mulher’ em configuração permite enxergar o ‘entre’; possibilita captar os fenômenos sociológicos e antropológicos de forma relacional. Percebe-se que nos cotidianos das casas as esferas estão emaranhadas, elas se misturam a todo momento. Em suma, a dissertação nos mostra como o estado, gênero, economia, parentesco e família se produzem e se conectam no cotidiano.

Diversos fios foram puxados e teceram a dissertação, mas os modos de habitar a vida ordinária que conduziram todos os capítulos. Enquanto a primeira parte demonstrou que os processos de vida e de casas, bem como as memórias passadas nos dizem sobre os modos de reabitar o mundo; a segunda parte, por sua vez, nos mostrou que as trocas dão visibilidade para compreendermos como as mulheres habitam suas vidas ordinárias.

Para finalizar, argumento que a ‘casa de mulher’ como representação analítica dá inteligibilidade ao cotidiano das casas de Maria, Bela, Ana e Rosa em configuração. A ‘casa de mulher’ não é fixa, isolada, estável e nem discreta. Não é uma realidade concreta, não possui características específicas e inerentes. A casa tem a potencialidade de combinar aspectos físicos e sociais, bens materiais e imateriais. Ela é uma prática, uma produção cotidiana da domesticidade, está em constante transformação e movimento, reconfigura-se a todo momento. A noção de ‘casa de mulher’ é tomada aqui como um arranjo complexo com diferentes elementos, pessoas, objetos e espaços.

### **As mudanças políticas no país e na pesquisa**

Gostaria de finalizar a dissertação mencionando os períodos de inflexão que o Brasil viveu nos últimos anos e que inevitavelmente afetaram o desenvolvimento da pesquisa. Durante a etnografia, senti-me desafiada pelos resultados imprevistos, pela imensidão de relações sociais, pela diversidade de trocas, circulações e circuitos que *a priori* não eram imaginados. Desse modo, a pesquisa passou por alterações significativas. Primeiro pelo próprio fazer

etnográfico que permite esses movimentos, como foi discutido no texto; segundo pelo contexto político brasileiro que se reconfigurou radicalmente nos últimos anos.

Enquanto escrevia o projeto para seleção do mestrado, a ex-presidente Dilma Rousseff sofria o processo de *impeachment*. Em seguida, na época em que iniciei a pós-graduação em 2017, era Michel Temer, seu vice, quem assumia a presidência do Brasil. Ao começar a etnografia em abril de 2018, assistia naquele momento a prisão de Lula. Por fim, enquanto escrevia esta dissertação, vi as eleições se desenrolarem até a posse de Bolsonaro. Inevitavelmente que todo o cenário brasileiro nos últimos anos interferiu – e como – nos cotidianos das interlocutoras e no desenvolvimento desta pesquisa. Se antes vivíamos um período de investimentos nas políticas do PBF e, sobretudo, do PMCMV-1, hoje o cenário se alterou.

Inicialmente eu pretendia olhar - a partir dos cotidianos do público-alvo - para os dois programas analisando-os de forma crítica; depois tal proposta foi, aos poucos, perdendo o sentido e a centralidade. Como já dito, as mudanças se justificam pela própria etnografia e análise dos dados que abriram ‘novas portas’ e, também, porque não deixo de agir politicamente nas escolhas do meu próprio objeto de estudo e no desenrolar da pesquisa. A ciência nunca foi e nem será neutra, como já diria Weber (2006) no clássico “A ‘objetividade’ do conhecimento nas ciências sociais”.

Se atualmente as políticas sociais se encontram cada vez mais ameaçadas, questionava-me durante a escrita se deveria ou não fazer uma espécie de ‘avaliação’ crítica destas. Evidentemente que o que eu observei - tanto na rotina do cadastro único ‘lá atrás’ em 2014-2016 e agora durante a pesquisa de campo no mestrado – demonstra a importância do dinheiro do PBF e da conquista da casa própria nos cotidianos das titulares. Se elas *correm atrás* para conseguir o benefício e a casa, se percorrem os labirintos das instituições estatais, se mobilizam diversos agentes, é porque desejam, querem e precisam de tais políticas.

No entanto, não deixa de ser importante questionar, por exemplo, a necessidade das condicionalidades do PBF quando na prática é difícil - e até inviável – cumpri-las. Se são as mulheres as titulares preferenciais dos programas, serão elas as encarregadas e serão elas as cobradas pelo estado e pela própria sociedade em garantir a educação e a saúde das crianças? Também é de se questionar como as habitações sociais foram construídas nestes últimos anos. Se hoje o bairro completa quase três anos e ainda não possui creches e escolas para as crianças, existe, então, descompassos entre a proposta da política e a implementação desta. Se o estado não facilita o acesso aos direitos sociais básicos, torna-se ainda mais difícil para as titulares cumprirem tais condicionalidades. E serão elas as culpabilizadas?

Longe da pretensão de estabelecer um ponto final a uma discussão tão complexa como essa, fica o questionamento aberto se as condicionalidades não reafirmam os papéis tradicionalmente estabelecidos às mulheres. O que parece é que parte das políticas públicas são concebidas como se as titulares não fizessem parte dos sistemas econômicos complexos, como se não fossem capazes de cuidar dos filhos e das casas. O que vimos aqui é que sim: as mulheres pobres sabem gerir seus dinheiros, cuidar de seus filhos, administrar o tempo, manter as casas e lidar com as violências.

Acredito que o essencial é levarmos a sério o que dizem as titulares, especialmente em momentos como este. Falas como: *é pouco, mas ajuda* ou *mas só de ter a minha própria casa* são emblemáticas para afirmarmos que, no limite, as políticas são extremamente caras às populações pobres brasileiras. Por mais que se caibam críticas, os programas fazem muita diferença nos cotidianos e isso fica ainda mais evidente quando deixam de existir, como se observou na dissertação. É preciso que reafirmemos cada vez mais o quanto as políticas sociais são essenciais nos cotidianos das beneficiárias. Por mais que haja falhas como as descrições do texto evidenciam, hoje não sabemos se elas sequer existirão num futuro próximo. Antes de tudo, é preciso conhecer o público alvo, compreender como essas mulheres e suas famílias habitam as vidas ordinárias. E essa pesquisa se propôs a isso.

O ponto de partida da pesquisa não foi e não deve ser através da vitimização. Com o que as mulheres me transmitiam, procurei colocar em foco suas posições ativas, suas agências frente às decisões que tomam, as reflexões que fazem sobre as condições que estão inseridas e sobre as violências a que estão submetidas. A cada novo acontecimento no cotidiano, elas reabitam o mundo; a cada novo evento extraordinário que embebe o ordinário, elas refletem e agem, como todos nós.

\*

No início de 2019 quando terminava de escrever a dissertação, Bela me enviou uma mensagem pelo celular de Maria dizendo para eu ir até lá que gostaria de conversar comigo. Quando perguntei a ela se estava tudo bem, respondeu que o Bruno foi preso no dia anterior e que, portanto, estava muito mal. Liguei para ela e conversamos por quase uma hora, ao fundo ouvia a voz de Belly pedindo repetidamente: “Mãe, quero o pai”. Com a voz lenta e baixa, nitidamente abalada, Bela me contou como foi: seu filho Davi usava a última fralda que tinha na casa e Bruno lhe disse que sairia para comprar, porém ele só voltou com a viatura da polícia que entrou na casa, revistou tudo e “encontrou mais coisas”. Bruno e um adolescente menor de

idade abordaram uma mulher e roubaram seu celular. A polícia os parou a caminho do Abdelnur, os revistou e encontrou o celular e duas facas. Os dois foram presos e a vítima os reconheceu.

Bela também me contou que havia ido junto com a sogra ao fórum naquele mesmo dia. Troquei mensagens rápidas com Maria que mencionou o quanto estava triste. Bela já sabia para qual prisão ele iria, qual ônibus e em qual horário poderia pegar para visitá-lo, disse que iria na defensoria pública e que Rafael (irmão mais novo de Bruno) já havia buscado um advogado. Para suas filhas dizia que o pai estava trabalhando. Apesar de estar muito triste, de me dizer com a voz trêmula que “é tão ruim ficar sozinha em casa”, Bela já buscava novas formas de reabitar o mundo.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMS, P., 2006. Notes on the Difficulty of Studying the State. In: SHARMA, A.; GUPTA, A. (org.). *The Anthropology of the State: a Reader*. Oxford: Blackwell.
- AMORE, C. S.; SHIMBO, L. Z.; RUFINO, M. B. C. (org.), 2015. *Minha casa...e a cidade?* Avaliação do programa Minha Casa Minha Vida em seis estados brasileiros. Rio de Janeiro: Letra Capital.
- ANDRIOLLI, C., 2006. Do caminhar ao deslizar do lápis: o mapeamento da memória de colonos e colonas de uma antiga fazenda cafeeira. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, v. 49, p. 191-211.
- ARAUJO SILVA, M.C., 2017. *Obras, casas e contas: uma etnografia de problemas domésticos de trabalhadores urbanos, no Rio de Janeiro*. 2017. 292f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- AZEVEDO, A., 2016. Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v.5, n. 2, p. 15-32.
- BANDINI, C. A.; SILVA, M. A. M., 2011. Revelando o indizível na oficina de fuxico: uma experiência de pesquisa sobre gênero, religião e memória. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 61-90.
- BICHIR, R., 2010. Analisando a porta de entrada aos programas de transferência de renda: São Paulo e Salvador. *Revista Bahia Análise & Dados*, Salvador, v. 19, n. 4, p. 993-1007.
- BICHIR, R., 2016. Novas Agendas, Novos Desafios: Reflexões sobre as relações entre transferência de renda e assistência social no Brasil. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 104.
- BRADSHAW, S., 2008. From Structural Adjustment to Social Adjustment. In: *Global Social Policy* 8 (2), p. 188-207.
- BREDA, R., 2013. *Entre recursos e escolhas: limites e possibilidades em torno das rotinas de um CRAS*. Monografia de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Departamento de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- BREDA, R., 2016. *Efeitos da vulnerabilidade social: Notas sobre o cotidiano de trabalho em um CRAS na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- BREDA, T., 2018. *Articulações entre a produção do espaço urbano e a gestão do social: agentes e escalas na produção do PMCMV em São Carlos/SP*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- BUMACHAR, B., 2016. *Nem dentro, nem fora: a experiência prisional de estrangeiras em São Paulo*. Tese (Doutorado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- CAMPELLO, T.; NERI, M. C. (org.), 2013. *Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania*. Brasília: Ipea.
- CARLOTO, C. M.; MARIANO, S. A., 2012. Empoderamento, trabalho e cuidados: mulheres no programa Bolsa Família. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 11, p. 258-27.
- CARSTEN, J.; HUGH-JONES, S., 1995. *About the house: Levi-Strauss and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CASTEL, R., 1998. *As Metamorfoses da Questão Social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes.
- CASTRO, J. A.; MODESTO, L. (org.), 2010a. *Bolsa Família 2003 – 2010: avanços e desafios*, v. 2, Brasília: IPEA.

- CASTRO, J. A.; MODESTO, L. (org.), 2010b. *Bolsa Família 2003 – 2010: avanços e desafios*, v. 1, Brasília: IPEA.
- COHN, A., 2012 *Cartas ao Presidente Lula: Bolsa Família e direitos sociais*. Rio de Janeiro: Pensamento Brasileiro.
- CUNHA, N.; FELTRAN, G. (org.), 2013. *Sobre Periferias. Novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- DAS, V., 2004. *Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press.
- DAS, V., 2015. “What does ordinary ethics look like?” In: LAMBECK, M.; DAS, V.; FASSIN, D.; KEANE, W.; *Four lectures on ethics: anthropological perspectives*. Chicago: HAU Books.
- DAS, V.; POOLE, D., 2008. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. *Cuadernos de Antropología Social*, n. 27, p. 19-52.
- ELIAS, N., 1980. *Introdução à sociologia*. Braga: Edições 70.
- FELTRAN, G. S., 2011. *Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora da Unesp/CEM.
- FELTRAN, G. S., 2014. Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. *Cadernos CRH* [online], Salvador, v. 27, n. 72, p. 495-512.
- FELTRAN, G. S., 2017. A categoria como intervalo – a diferença entre essência e desconstrução. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 51.
- FERNANDES, C., 2011. “*Ficar com*”: *Parentesco, criança e gênero no cotidiano*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia - Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro.
- FERNANDES, C., 2017. *Figuras da causação: sexualidade feminina, reprodução e acusações no discurso popular e nas políticas de Estado*. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- FONSECA, C., 2007. Apresentação: De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 29, p. 9-26.
- FONSECA, C., 2017. Lá onde, cara pálida? Pensando as glórias e os limites do campo etnográfico. *Mundaú*, Maceió, n. 2, p. 96-118.
- FOUCAULT, M., 2000. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- FOUCAULT, M., 2008. *Nascimento da Biopolítica: Curso no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- GEERTZ, C., 1989 [1973]. Descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 3-21.
- GEERTZ, C., 2009. Estar lá – a antropologia e o cenário de escrita. In: GEERTZ, C. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- GEORGES, I.; CEBALLOS, M., 2014. Bolsa familia y la asistencia social en Brasil: de la lucha política a la mercantilización local. *Cad. CRH* [online], Salvador, v. 27, n. 72, p. 513-529.
- GEORGES, I.; RIZEK, C. S., 2016. Práticas e dispositivos: escalas, territórios e atores. In: *Contemporânea*, Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 6, n.1, p. 51-73.
- GEORGES, I.; SANTOS, Y. G., 2013. A produção da demanda: viés institucional e implicações políticas da terceirização do trabalho social na periferia de São Paulo. In: CUNHA, N.; FELTRAN, G. (org.) *Sobre Periferias. Novos conflitos no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 159-177.
- GEORGES, I.; SANTOS, Y. G., 2016. *As novas políticas brasileiras na saúde e na assistência: produção local do serviço e relações de gênero*. Belo Horizonte: Fino Traço.

- GEORGES, I.; RIZEK, C. S.; CEBALLOS, M., 2014. As políticas sociais brasileiras - o que há de novo? *Cad. CRH* [online], Salvador, v. 27 n. 72.
- GUPTA, A.; FERGUSON, J., 1997. 'The field' as site, method, and location in anthropology". In: GUPTA, A.; FERGUSON, J.(Org.). *Anthropological locations: Boundaries and grounds of a field science*. Berkley: University of California Press, p. 1-46.
- HIRATA, D., 2018. *Sobreviver na adversidade: mercados e formas de vida*. São Carlos: EDUFSCar.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D., 2007. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v. 37, n. 132, p. 595-609.
- HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (Org.), 2012. *Cuidado e Cuidadoras. As várias faces do trabalho do care*. 1a. ed. São Paulo: Editora Atlas.
- INGOLD, T. 2011. *Being Alive – Essays on movement, knowledge and description*. London and New York: Routledge.
- JACCOUD, L., 2013. Programa Bolsa Família: proteção social e combate à pobreza no Brasil. *Revista do Serviço Público*, Brasília, v. 64, n. 3, p. 291-307.
- JENSON, J., 2012. Políticas públicas e investimento social: quais as consequências para a cidadania social das mulheres? *Estudos de sociologia*, Araraquara, v. 17, n. 32, p.87-106.
- KUSCHINIR, K., 2016. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 5, p. 5-13.
- LANNA, M., 2005. A noção de 'casa': Considerações a partir de R. Firth e dos Tikopia. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, Recife, n. 1, v. 16. p. 53-86.
- LAUTIER, B., 2014. O governo moral dos pobres e a despolitização das políticas públicas na América Latina. *Cad. CRH* [online], Salvador, v. 27, n. 72, p. 463-477.
- LAVINAS, L.; COBO, B.; VEIGA, A., 2012. Bolsa Família: impacto das transferências de renda sobre a autonomia das mulheres pobres e as relações de gênero. *Revista Latinoamericana de Población*, n. 10, v. 6.
- LÉVI-STRAUSS, C., 1979. A organização social Kwakiutl. In: *A via das máscaras*. Lisboa: Presença/Martins Fontes. p. 143-167.
- LIPSKY, M., 1980. *Street Level Bureaucracy: Dilemmas of Individuals in Public Service*. Nova York: Russel Sage Foundation.
- LOTTA, G. S., 2014. Agentes de implementação: uma forma de análise de políticas públicas. *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, FGV, São Paulo, v. 19, p. 188-208.
- LOTTA, G. S.; PAVEZ, T., 2010. Agentes de implementação: mediação, dinâmicas e estruturas relacionais. *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, FGV, São Paulo, v. 15, p. 173-199.
- MARCELIN, L., 1999. A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 5, p. 31-60.
- MARIANO, S. A., 2010. Cidadania sexuada feminina: a inclusão das mulheres na Política de Assistência Social. In: Márcio Ferreira de Souza. (org.). *Desigualdades de gênero no Brasil: novas ideias e práticas antigas*. 1ed. Belo Horizonte: ARGUMENTVM Editora Ltda., v. 1, p. 41-70.
- MIOTO, R. C. T., 2010. A Família como Referência nas Políticas Públicas: dilemas e tendências. In: Trad, Leny A. Bonfim. (org.). *Família Contemporânea e Saúde: Significados, Práticas e Políticas Públicas*. 1ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, v. 1, p. 51-66.
- MOLYNEUX, M., 2006. Mothers at the Service of the New Poverty Agenda: Progresal/Oportunidades, Mexico's ConditionalTransferProgramme. *Social Policy&Administration*, Nova York, v. 40, n. 4, p. 420-449.
- MONNERAT, G. et al., 2007. Do direito incondicional à condicionalidade do direito: as contrapartidas do Programa Bolsa Família. *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 12, n.6.



- MOTTA, E., 2014. Houses and economy in the favela. *Vibrant*, Florianópolis, v. 11, p. 118-158.
- MOTTA, E., 2015. Economia cotidiana na favela. In: LEAL, C. et al. (org.). *Um olhar territorial para o desenvolvimento*: Sudeste. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, p. 436-461.
- MOTTA, L., 2017. *Fazer estado, produzir ordem*: sobre projetos e práticas na gestão do conflito urbano em favelas cariocas. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos.
- NOVAIS, K. C., 2018. *Gestos de Amor, Gestações de Lutas: Uma etnografia desenhada sobre o movimento Mães Pela Diversidade*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás.
- NOVELLINO, M. S. F., 2004. Os estudos sobre feminização da pobreza e políticas públicas para mulheres. In: XXVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu. *XXVIII Encontro Anual da ANPOCS*, v. 1.
- PIEROBON, C., 2018. *Tempos que duram, lutas que não acabam*: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate. 324 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- PINHO, I. V., 2017. *Estado e Resistências Cotidianas: Zonas de significação movimentadas por beneficiárias do Programa Bolsa Família*. Monografia de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- PULHEZ, M. M., 2012. Plano de habitação, produção de habitação: as fronteiras de conflito da política pública – considerações a partir do caso da cidade de São Carlos (SP). *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 14, n.1, p. 99-117.
- REGO, W. L.; PINZANI, A., 2016. *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*. São Paulo: Editora UNESP.
- RIZEK, C. S.; AMORE, C. S.; CAMARGO, C. M., 2014. Política social, gestão e negócio na produção das cidades: o Programa Minha Casa Minha Vida entidades. *Caderno CRH* [online], Salvador, v. 27, n. 72, p. 531-546.
- RIZEK, C., 2016. Um balanço de pesquisa: 10 anos na zona leste e um social reconfigurado. *Revista Cidades* [online], v.13, n. 22.
- ROSA, T. T., 2008. *Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano: a trajetória do 'Gonzaga' de favela a bairro de periferia*. Dissertação (Mestrado em História). IFCH - UNICAMP, Campinas.
- ROSA, T. T., 2014. *Cidades outras: pobreza, moradia e mediações em trajetórias urbanas liminares*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
- SANTOS, Y. G., 2014a. As mulheres como pilar da construção dos programas sociais. *Caderno CRH* [online], Salvador, v. 27, n. 72, p. 479-494.
- SANTOS, Y. G., 2014b. Família, trabalho e religião das mulheres assistidas em São Paulo. *Cad. Pesqui.* [online], v. 44, n. 152, p. 400-421.
- SANTOS, Y. G., 2016. Gênero e pobreza na proteção social e no desenvolvimento social: convergências de agenda por meio de uma gestão sexuada. In: *As novas políticas brasileiras na saúde e na assistência: produção local do serviço e relações de gênero*. Belo Horizonte: Fino Traço.
- SARTI, C. A., 2011. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 7ª. ed. São Paulo: Cortez.
- SHIMBO, L. Z., 2010. *Habitação Social, Habitação de Mercado: a confluência entre Estado, empresas construtoras e capital financeiro*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

- SILVA, M. A. M., 2005. Das mãos à memória. In: MARTINS, J. S.; ECKERT, C.; NOVAES, S. C. *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUCS. p. 295-315.
- SILVA, M. A. M., 2012. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. *Ruris*. Campinas, v. 4, p. 13-44.
- SILVA, M. A. M.; MELO, B. M., 2009. Desenhos e mapas: uma contribuição aos estudos migratórios. *Revista Espaço Plural*, v. 10, n. 20, p. 41-51.
- SIMSON, O. V.; LEITE, M. L. M., 1992..Imagem e Linguagem: reflexões de pesquisa. In: Alice Beatriz da S. G. Lang. (org.). *Reflexões Sobre a Pesquisa Sociológica*. São Paulo: C.E.R.U., v. 3, p. 117-140.
- SORJ, B., 2014. O care na nova Família, trabalho e religião das mulheres assistidas em São Paulo agenda de combate à pobreza no Brasil. *Document de Travail du Mage*. v. 18, p. 359-365.
- TAUSSIG, M. 2009. "What Do Drawings Want?" *Culture, Theory and Critique*, v. 50, issue 2-3: p. 263-274.
- TAUSSIG, M. 2011. *I swear I saw this. Drawings in fieldwork notebooks, namely my own*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- VIANNA, A., 2014. Violência, Estado e Gênero: Entre corpos e corpus entrecruzados. In: SOUZA LIMA, A. C.; GARCIA-ACOSTA, V. (org.). *Margens da Violência: Subsídios ao estudo do problema da violência nos contextos mexicano e brasileiro*. Brasília, ABA, v. 1, p. 209-237.
- VIANNA, A; LOWENKRON, L., 2017a. Apresentação. *Cadernos Pagu*, v. 1, n. 51.
- VIANNA, A; LOWENKRON, L., 2017b. O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens. *Cadernos Pagu*, v. 1, n. 51, p. 1.
- WEBER, M., 1968. A política como vocação. In: WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. Berlim: Dunker & Humblot.
- WEBER, M., 2006. *A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais*. Tradução de Gabriel Cohn. São Paulo: Ática.
- ZELIZER, V., 2009. Dinheiro, poder e sexo. *Cad. Pagu* [online]. n.32, p. 135-157.